

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
Programa de Pós-Graduação em História

MESTRADO

MARLI APARECIDA CARNEIRO ARABI

**A IMAGEM DO HOMEM PÚBLICO EM TEMPOS
DE GUERRA: Getúlio Vargas e o olhar do estrangeiro
(1940-1945)**

Goiânia

2017

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS
DE TESES E
DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

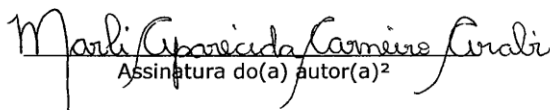
Nome completo do autor: Marli Aparecida Carneiro Arabi.

Título do trabalho: A imagem do homem público em tempos de Guerra: Getúlio Vargas e o olhar do estrangeiro (1940-1945)

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ **SIM** ☐ **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)²

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente
- Submissão de artigo em revista científica
- Publicação como capítulo de livro
- Publicação da dissertação/tese em livro

²A assinatura deve ser escaneada.

MARLI APARECIDA CARNEIRO ARABI

**A IMAGEM DO HOMEM PÚBLICO EM TEMPOS
DE GUERRA: Getúlio Vargas e o olhar do estrangeiro
(1940-1945)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de História, da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em História.

Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: História, Memória e Imaginários Sociais.

Orientadora: Prof. Dr. Noé Freire Sandes

Goiânia

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

ARABI, MARLI APARECIDA CARNEIRO
A IMAGEM DO HOMEM PÚBLICO EM TEMPOS DE GUERRA:
Getúlio Vargas e o olhar do estrangeiro (1940-1945) [manuscrito] /
MARLI APARECIDA CARNEIRO ARABI. - 2017.
228 f.

Orientador: Prof. Dr. Noé Freire Sandes.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História,
Goiânia, 2017.

Inclui siglas, abreviaturas.

1. Getúlio Vargas. 2. Paul Frischuer. 3. Biografia. 4. Guerra
Mundial. I. Freire Sandes, Noé , orient. II. Título.

CDU 94

Ata da Sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Marli Aparecida Carneiro Arabi**. Aos 08 (oito) dias do mês de junho de dois mil e dezessete (2017), com início às 11h, nas dependências da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Marli Aparecida Carneiro Arabi**, cujo título foi “**A IMAGEM DO HOMEM PÚBLICO EM TEMPOS DE GUERRA: GETÚLIO VARGAS E O OLHAR ESTRANGEIRO (1940-1945)**”. A Banca Examinadora foi composta, conforme portaria nº030/17-PPGH, de 05 de junho de 2017, pelos seguintes Professores Doutores, **Noé Freire Sandes (Presidente)**, **Marcia Pereira dos Santos (UFG/CAC)**, **Libertad Borges Bittencourt (UFG)** e, como Suplentes, **José Eustáquio Ribeiro (UFG/CAC)** e **Fabiana de Souza Fredrigo (UFG)**. Os Examinadores arguiram na ordem acima citada. Às 11:55 horas a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta tendo

..... sido a
candidata..... Marli Aparecida Carneiro Arabi

Prof.^ª Dr.^ª **Marcia Pereira dos Santos (UFG/CAC)** Ass.: Marcia Pereira dos Santos

Decisão (..... Aprovada)

Prof.^ª Dr.^ª **Libertad Borges Bittencourt (UFG)** Ass.: Libertad Borges Bittencourt

Decisão (..... Aprovada)

Presidente da Banca Prof. Dr. **Noé Freire Sandes (UFG)**, Ass.: Noé Freire Sandes

Decisão (..... Aprovada)

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou-a, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Cintila Alves Garcia, secretária do Programa de Pós-Graduação em História, e pelos membros da Banca Examinadora.

Subcoordenador:
Prof. Dr. Elias Nazareno

Secretária:
Cintila Alves Garcia

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor meu Deus, meu amado, que me permitiu sonhar, que me possibilitou o início e o término dessa jornada;

Ao meu amado Samir, pelo companheirismo, pela força, por ter tolerado as ausências, por ter me fortalecido nas horas de desânimos e pelo socorro nos arquivamentos das pesquisas;

Aos meus queridos Samuel e Murilo que viram um projeto sair do abstrato e se consolidar;

A meu orientador que me presenteou com a fonte e que para mim sempre foi um referencial de Historiador e de conhecimento;

Aos meus professores da UFG que sempre me incentivaram;

Aos meus amigos de graduação, mas em especial a Fernanda Linhares, amiga pra uma vida inteira;

Aos meus irmãos;

Ao meu pai, ausente materialmente, mas sempre presente em minha memória;

A todos vocês, muito obrigada.

RESUMO

O presente trabalho pretende dissertar sobre a imagem do homem público em tempos de Guerra e busca responder à pergunta: qual a imagem construída para Getúlio Vargas na biografia escrita por um escritor estrangeiro. Para isso, foi necessário buscar quais imagens estavam sendo construídas para o presidente nas literaturas da época, notadamente nos jornais, a fim de perceber as disputas de memórias. A participação do Brasil na Segunda Guerra representou um elemento decisivo para a construção da nova imagem do chefe da nação, pois, o país assumiu uma posição de proeminência histórica jamais desfrutada anteriormente. Além disso, era necessário negar a imagem de fascista que a oposição tentava imprimir ao governo e ao presidente da República. O objetivo deste trabalho é analisar as imagens e a gestão da memória do governo Vargas em tempos de Guerra a partir do estudo da biografia escrita por Paul Frischauer (1942-1945) a partir do diálogo entre a fonte e os principais meios de comunicação, ou seja, os jornais de maior circulação e a literatura livresca.

Palavras-chaves: Getúlio Vargas; Biografia; Paul Frischauer; Segunda Guerra.

ABSTRACT

The present work intends discussing the image of the public man in times of War and seeks to answer the question: what is the image constructed to Getúlio Vargas in the biography written by a foreign writer. For this reason, it was necessary to seek what images were being built for the president in the literatures of the era, notably in the newspapers, in order to realize the disputes of memories. The participation of Brazil in the Second War represented a decisive element for the construction of the new image of the head of the nation, because the country has taken a position of prominence historical never anteriorly has. In addition, it was necessary to deny the fascist image that opposition was tried to print to the government and the President of the Republic. The objective of this study is to analyze the images and the management of the memory of the government Vargas in times of war from the study of the biography written by Paul Frischauer (1942-1945) from the dialog between the source and the main means of communication, i.e., the newspapers of greater circulation and literature.

Keywords: Getúlio Vargas; Biography; Paul Frischauer; Second War.

LISTA DE TURAS E SIGLAS

AIA – Associação Internacional Americana para o Desenvolvimento Econômico e Social

AS – *Sturmabteilung* (Tropas de Assalto)

BBC – *British Broadcasting Corporation* (Corporação Britânica de Radiodifusão)

BERGS – Banco Estadual do Rio Grande do Sul

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda.

EH – Países Hostis

FUG – Frente Única Gaúcha.

IBEC – *International Basic Economy*

JBC – *Joint Broadcasting Committee* (Comissão Mista de Radiodifusão)

MI 5 – Serviço de Inteligência de Segurança Imperial

MI 6 – Serviço Secreto Britânico

MOI – Ministério de Informações

OCIAA – *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PEN Club – Poetas, Ensaístas e Novelistas

PF – Partido Federalista

PL – Partido Libertador

PRD – Partido Republicano Democrático

PRM – Partido Republicano Mineiro

PRP – Partido Republicano Paulista

PRR – Partido Republicano Rio-grandense

PSD – Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

UDN – União Democrática Nacional

RSK – Instituição Cultural controlada pelo III Reich

SS – *Schutzstaffel* (Tropa de Proteção)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – GETÚLIO VARGAS: Consolidando uma Imagem.....	22
1.1. BIOGRAFIA E MEMÓRIA: A escrita biográfica	22
1.2. VARGAS: A construção da imagem do homem na fronteira entre o público e o privado.....	31
1.3. A BIOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA DE DEFESA: Uma resposta aos detratores (1930-1934).....	56
1.4. ESTADO NOVO: Biografia em tempos de Guerra – Uma nova imagem para Getúlio Vargas	80
1.5. RECEPÇÃO DA OBRA GETÚLIO VARGAS: A Biografia na imprensa brasileira e a reação da família Vargas	105
CAPÍTULO II – PAUL FRISCHAUER: O Biógrafo d Getúlio Vargas.....	143
2.1. PAUL FRISCHAUER: vida e obras	143
2.2. PAUL FRISCHAUER: recepção no Brasil.....	152
2.3. PAUL FRISCHAUER: relações sociais no Brasil	158
2.4. PAUL FRISCHAUER: Segundo os jornais brasileiros	167
2.5. De volta à terra natal.....	196
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
REFERÊNCIAS.....	204
FONTE.....	204
BIBLIOGRAFIAS	204
ANEXOS	217
ANEXO I - Perguntas feitas pelo Sr. Paul Frischauer.....	217
ANEXO II - LISTA DOS ENTREVISTADOS POR FRISCHAUER.....	221

INTRODUÇÃO

“Desde o início do conhecimento estamos conhecendo. O mesmo poderia afirmar-se das operações do sentido da vista: mal começamos a ver, temos o visto; mal começo a pensar, tenho o pensado. Pensar, diz Aristóteles, é uma ação que não tem término, como o tem, por exemplo, a ação de construir uma casa. Enquanto construo, não tenho a casa. Ao terminar a construção, a casa está pronta e cessa o construir. Todavia, enquanto penso, já tenho o pensado; e terminado de pensar, o pensado não desaparece” (BONI, 2000, p.276).

“Pensar o pensado” constitui ações, em tempos distintos, interligados no ofício do historiador, que ao pensar, rejeita, afirma ou constrói novos conhecimentos sobre o pensado. Neste ato contínuo, o historiador seleciona, escolhe, separa suas fontes, traça sentidos, une as pontas, preenchendo as lacunas existentes por meio da narrativa. Pensar o pensado sobre o governo de Getúlio Vargas que foi e é um rastro extremamente perseguido é algo desafiador. No entanto, o que nos motiva é a convicção de que por mais que se tenha escrito e pensado sobre este ator histórico, é possível descobrirmos novos caminhos ainda não percorridos. A pesquisa histórica não é como uma casa acabada, mas é uma casa que está em constante construção do conhecimento. Assim sendo, neste processo o historiador acaba por pensar o não pensado, contribuindo para que o que não foi pensado se torne pensado, ou o que era ausência se torne presença, e a presença, ausência.

Getúlio Vargas assumiu a presidência da República, como líder do movimento revolucionário que ficou conhecido na historiografia, como Revolução de 1930 (ABREU, 2001). O Governo Provisório (1930-1934) continha em seu bojo os princípios liberais e o arranjo federalista. Com base nesses princípios, o governo arregimentou apoio de diferentes segmentos sociais, políticos e econômicos, sobretudo, uma grande parte dos intelectuais e dos empresários ligados aos meios de comunicação, notadamente, os jornais. Em 1934, foi promulgada a nova Constituição e Getúlio Vargas, foi eleito indiretamente pela Assembleia Constituinte, presidente do Brasil. Em 1937, fechou o Congresso e implantou uma ditadura que foi nomeada de Estado Novo. No período ditatorial – que coincidiu em parte com os regimes de Hitler, na Alemanha; Mussolini, na Itália; Franco, na Espanha e Salazar em Portugal – deu início à estruturação de um Estado nacionalista, intervencionista e centralista. Neste período buscou-se construir uma

imagem popular ao chefe do governo executivo, através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)¹. A partir daí, Getúlio Vargas passou a ser chamado de “pai dos pobres”, principalmente, devido as suas obras em relação ao trabalhismo (GOMES, 1996). Entretanto, em outubro de 1945, após 15 anos de governo ininterruptos, foi deposto. Em 1946 foi eleito senador e deputado federal. Apoiou o candidato do Partido Social Democrático (PSD), general Eurico Dutra, que foi eleito presidente da República. Getúlio voltou ao poder em 1950, como presidente da República, eleito de forma direta pelos brasileiros, pela legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Iniciou seu segundo governo, em 1951, sob forte oposição dos partidos políticos, liderados pela União Democrática Nacional (UDN)². Perante a exasperação dos conflitos políticos e ideológicos e da probabilidade de ser mais uma vez deposto, pôs fim à própria vida, no dia 24 de agosto de 1954. Deixou uma carta-testamento à nação que causou grande comoção popular (FERREIRA, 2006).

Getúlio Vargas foi um dos homens públicos mais proeminentes e que mais tempo governou a República brasileira, e como tal atuou na constituição de uma memória política em torno de si e de sua gestão pública, para isso investiu em mecanismos que pudessem corroborar nessas construções. Investigamos nesta dissertação de mestrado qual a imagem de Vargas criada por Paul Frischauer na obra: *Presidente Vargas: Biografia* (1944)³, no período de Guerra. Para tal, partiremos do contraponto da imagem que a biografia constrói com as que se dava nos jornais, notadamente o *Correio da Manhã*, *O Globo* e *A Noite*, verificando como o autor se situou no contexto histórico nacional e mundial, e quais os percursos trilhados por ele para se constituir como autor estrangeiro escolhido para escrever uma biografia ao chefe da nação brasileira.

¹ O DIP de acordo com Tânia Regina Luca (2007) foi criado pelo decreto lei 1.915 de 27 de dezembro de 1939 e regulamentado pelo decreto lei 5.077 de 19 de dezembro de 1939. Esse órgão era vinculado diretamente ao Presidente da República. Responsável em controlar a imprensa nacional e internacional. Era um departamento que orientava a produção cultural, exercendo censura sobre todos os meios de comunicação: radiodifusão, teatro, cinema, turismo e Imprensa. Para isso, possuía uma política centralizadora, que além de censurar, controlava a circulação, a produção e distribuição de informações que seriam publicadas. Durante o período da escrita da biografia analisada nesta dissertação de mestrado, o diretor do órgão era Lourival Fontes, ficando no cargo de 1939 a 1942.

² União Democrática Nacional (UDN) foi um partido político criado em 1945, seria o grande opositor ao governo Vargas, principalmente, no período do segundo governo de 1950-1954. Sua composição aglutinava várias tendências políticas, notadamente, àquelas que se vinculavam ao liberalismo. O slogan da UDN na campanha pela democratização foi: “Todo poder ao Judiciário”. Foi o partido político que pressionou as Forças Armadas a deporem o presidente Vargas, mas seu candidato Eduardo Gomes não conseguiu vencer as eleições.

³ A biografia escrita por Paul Frischauer foi publicada em sete de setembro de 1943, nesta dissertação utilizaremos a publicação da segunda edição, publicada em 1944.

A obra intitulada *Presidente Vargas: Biografia* foi publicada pela Companhia Editora Nacional, com primeira edição em 1943 em português. E em 1944 foi lançada a segunda edição, pela mesma editora. Ao longo das 393 páginas que compõe a biografia, Paul Frischauer apresentou inúmeras fontes coletadas ao longo de dois anos de trabalho. Dentre elas: cartas, documentos, depoimentos de amigos, inimigos, antigos colegas, chefes e subalternos os quais, segundo o autor, o auxiliaram a conhecer esse homem que considerou à frente de seu tempo (FRISCHAUER, 1944). Os arquivos e os testemunhos parecem legitimar o perfil de Vargas que o biógrafo intentou imprimir. Também serviam ao mesmo propósito os encontros entre biógrafo e biografado, matérias de jornais, pronunciamentos e discursos provenientes, às vezes, do próprio presidente e de pessoas próximas ou ligadas a ele. Ao ser publicado, não foram poucas nem as críticas e nem os enaltecimentos à obra.

A obra ao ser traduzida para o francês, em 1944, recebeu o título de *Getúlio Vargas: Un portrait Sans retouches*. Essa edição foi publicada em abril, como homenagem ao sexagésimo segundo aniversário do presidente e foi amplamente divulgada pela imprensa nacional. De igual maneira, a biografia teve traduções em espanhol *Presidente Vargas*, publicada em Buenos Aires, em 1943, pelo editor Loureiro; em italiano: *Presidente Vargas: Um ritratto senza ritocchi*, divulgado no Rio de Janeiro pelos Irmãos Pongetti e em inglês: *President Vargas*, pela New York: Randon House, em 1943 (PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997). Com exceção da tradução em francês, as demais publicações foram divulgadas pelos jornais da época ao mesmo tempo em que era divulgada a publicação da edição em português, e mesmo com a censura não ficou isenta de críticas.

No primeiro capítulo dessa dissertação analisamos a biografia escrita pelo austríaco, procurando perceber quais imagens a obra pretendia construir para Getúlio Vargas. A narrativa biográfica ambicionava responder as questões e críticas colocadas pela oposição, que usavam o espaço dos jornais para objetar ao governo. Essas disputas políticas acabaram por formar grupos antagônicos, um deles formado por aqueles ligados à nova ordem revolucionária, portanto, favoráveis a Vargas. O outro, pelos exilados do poder, configurando grupos contrários à gestão pública do chefe da Revolução. Portanto, o que se percebe é a emergência de facções antagônicas que disputavam a memória em torno do processo revolucionário instaurado a partir de 1930. Havia aqueles que procuravam afirmar suas identidades contrárias ao governo Vargasistas, e outros favoráveis vinculados diretamente ou indiretamente ao líder gaúcho. Os grupos

identificados como opositores receberam a alcunha de “carcomidos” ou “decaídos” (SANDES, 2009) e ligavam-se à experiência política do passado da Primeira República, orientados pelas perspectivas políticas e econômicas dos paulistas. Esse grupo foi aliado do poder em decorrência da ação político militar que destituiu o seu representante, ou seja, o presidente Washington Luís e seu sucessor eleito Júlio Prestes, que foi impedido de assumir a presidência e dar continuidade ao governo federal, que até então era controlado pelos paulistas, mineiros e seus aliados políticos. Esse processo gerou nos paulistas e nos grupos a eles ligados, sobretudo, os que foram exilados após 1937, e que do exterior teciam contundentes críticas ao governo brasileiro, um ressentimento político e uma intensa oposição à permanência de Getúlio Vargas no poder.

Na gestão pública, Getúlio Vargas adotou medidas centralizadoras e intervencionistas, que aos poucos retirou dos estados sua autonomia colocando-os sob a tutela da União. Essas medidas são contrárias ao projeto político da Revolução que o levou ao poder. Os homens que o acompanharam nesse movimento passam, depois dessas ações, a combatê-lo. Inclusive consideraram-no como um traidor tanto dos ideais de 1930, quanto do rearranjo do pacto federativo e dos ideais liberais. Assim, constituiu-se outro grupo opositor a Vargas. Ademais, havia outra acusação de traição que pesava contra Vargas, relacionada à sucessão da presidência de 1930. Na campanha sucessória de Washington Luís, Getúlio Vargas insistentemente afiançava sua aprovação às decisões políticas determinadas pelo presidente da República, e, ao mesmo tempo, coordenava uma aliança com Minas Gerais, para que seu nome fosse indicado ao pleito presidencial. Entre as décadas de 1930 e 1937 a imprensa nacional explorou esses acordos e desacordos, e também as atitudes centralizadoras e intervencionistas do governo federal, que acabava por diminuir a autonomia dos estados e, principalmente, a influência política de São Paulo. A partir de então, os paulistas passaram a atribuir uma imagem de “traidor” e insistentemente tentavam fixá-la a Getúlio Vargas. Denegar a imagem de traidor compõe um dos objetivos da biografia encomendada pelo DIP.

Após a instituição do Estado Novo em 1937 as críticas sobre o governo e o Presidente, foram minimizadas devido à censura estabelecida pelo DIP, que passou a controlar todos os meios de comunicação em todas as suas dimensões. Para Maria Helena Capelato (1988) e Silvana Goulart (1990) com a instauração do novo governo houve a montagem de toda uma estrutura de convencimento, difusão e legitimação do regime que foi organizado a fim de dar-lhe suporte e permanência. Um desses instrumentos foi o DIP, que controlava os meios de comunicação.

Embora o DIP detivesse vários dispositivos coercitivos não eram apenas essas forças que operavam, mas também a coesão através da cooperação de muitos. Isso porque havia aqueles que coabitavam, colaborando com o governo e com a propagação de suas ideologias e de seus mecanismos de divulgação, como alguns jornais e outros meios de comunicação financiados pelo governo, conforme afirma Tânia Regina de Luca (2007). Passou-se a partir de então para um projeto de representação pública do presidente, e nesse sentido, todo um arcabouço de medidas foram instituídas a fim de tornar sólida a nova ordem política do Estado Novo e suas diretrizes, que eram assentadas na concepção de unidade nacional com o centralismo, que devia sobrepujar o regionalismo. A afirmação dessa unidade se personificou na figura do presidente da República, Getúlio Vargas, que implantou um governo com forte concentração política. Um governo de vertente centralista, no qual o Estado atuava como agente fundamental na organização pública. Desse modo, era preciso reformar o Brasil negando o sistema federalista, que orientava a ação política até então (GOMES, 1996).

Outra crítica que acompanhava o Presidente era a de que seu governo guardava semelhança com os regimes nazifascistas europeus. A biografia se constituiria um lugar de defesa contra essa analogia. O recurso argumentativo para o desmonte dessas associações e consequentemente o seu silenciamento não se restringiram somente a biografia escrita por Frischauer, mas a um conjunto de medidas adotadas pelo DIP que visava não apenas minimizar as alianças anteriormente firmadas com os países totalitários, mas priorizar o apoio do Brasil aos Estados Unidos na Guerra. No que se refere à biografia escrita por Frischauer convém acrescentarmos que ela teria um papel estratégico em afastar as denúncias, de que o Brasil e seu governo, seguiam modelos dos governos nazifascistas. Essas insinuações vinham de publicações estrangeiras, visto que eram os exilados políticos brasileiros que do exílio registravam tais informações em artigos, em revistas e jornais. Apesar dos jornais serem proibidos de circular no território brasileiro, o presidente tinha conhecimento dessas publicações por meio das embaixadas brasileiras. Entretanto, o posicionamento do Brasil ao lado dos países democráticos⁴ produziu uma imagem positiva do presidente nos jornais, notadamente, no *Correio da Manhã*, o que acabou por transformar o panorama interno e externo em relação ao Brasil. Desse modo, a Guerra transformou o panorama nacional e internacional e se contrapôs nas disputas políticas e nas construções de imagens para o presidente.

⁴ Inglaterra e Estados Unidos da América.

Em 1942 o Brasil entrou na Guerra ao lado dos aliados, liderados pelos EUA. No entanto, havia dois *fronts* de combates. A guerra dividia o mundo entre aqueles que possuíam concepções liberais e fascistas. Essa mesma divisão binária tornou-se comum para classificar o quadro político brasileiro: os partidários de Vargas difundiam a imagem do político ímpoluto, corajoso, magnânimo e defensor do bem-estar dos trabalhadores, que é a imagem confirmada na biografia. Em contrapartida, a oposição procurava vincular a imagem do presidente a de um ditador fascista, e antidemocrático que devia ser destituído do poder. A cisão também se fazia presente na leitura do passado. Para Ângela de Castro Gomes (1996), a Era Vargas instaura uma nova leitura do passado que retirou de cena a experiência política da Primeira República. A vitória sobre os paulistas em 1932 e a centralização fortalecida pelo Estado Novo indicava uma nova etapa da ordenação institucional no Brasil. Vargas buscava ampliar sua base de sustentação alargando a atuação do Estado entre os trabalhadores. Com o fim da Guerra, Vargas sinalizava uma reabertura política, mas alimenta o desejo de coordenar essa mudança.

Na biografia também foi apresentada, em pormenores, a grave situação política que vivia o Brasil, sendo que o contexto de instabilidade decorrente das disputas travadas pelas oligarquias regionais justifica segundo Frischauer, as ações de traços ditatoriais de Getúlio Vargas. Desse modo, o autor inscreve o perfil de Vargas como um lutador pela liberdade contra os nazistas locais e estrangeiros e dedicados aos ideais do pan-americanismo, intentando não só afastar desconfianças quanto à sua simpatia em relação ao Eixo, como também omitir sua colaboração com os mesmos. A entrada do Brasil na Guerra em 1942 representou um novo marco na vida pública de Getúlio Vargas. Tal ação orientou as ações do governo no sentido de coordenar, construir e erigir uma imagem de Vargas como um lutador incansável pela democracia e, conseqüentemente, afirmando a aliança histórica com os Estados Unidos da América ao exaltar o pan-americanismo e a abertura política inaugurada após o término do conflito.

O movimento queremista⁵ alarmou a oposição. As contínuas manifestações de trabalhadores, com o apoio da máquina governamental, insistiam para que Vargas permanecesse no cargo ou mesmo concorresse nas eleições anunciadas. A tensão entre o governo e a oposição,

⁵ Movimento organizado por indivíduos que eram favoráveis à permanência de Vargas no poder: “Queremos Getúlio” era o slogan desse grupo. Esse movimento teve amplo apoio, inclusive do Partido Comunista Brasileiro (PCB) de Luís Carlos Prestes, que havia a pouco retornado do exílio político imposto pelo próprio Vargas. Como também do Partido Social Democrático (PSD), criado por Vargas e que havia lançado a candidatura de Eurico Gaspar Dutra para as eleições presidenciais, mas que devido o crescimento do movimento pressionava para que Dutra desistisse de sua candidatura. E por fim do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), partido também fundado por Vargas que tinha o apoio da maioria dos trabalhadores.

liderada pela UDN, que era coordenada principalmente pelos paulistas levou ao golpe que derrubou o presidente em outubro de 1945. A queda do ex-presidente foi o resultado de um movimento orquestrado no interior do próprio governo. A aposta política da oposição era a de que colocado fora do jogo político e vítima de um golpe, o ex-presidente Vargas seria jogado no calabouço do esquecimento e que seriam eles, seus opositores, os que iriam jogar a última pá de cal sobre a memória política de Vargas. Não obstante, a imagem e a presença de Vargas sobreviveram ao golpe e ao tempo e, certamente, a biografia escrita por Paul Frischauer contribuiu para a permanência dessa lembrança⁶.

O diálogo entre leitor e biografia procurava responder aos detratores do presidente e negar também a imagem de traidor e de ditador fascista que tais grupos embutiam ao chefe da nação. As perspectivas memorialistas e propagandísticas da biografia negociavam tanto para responder tais críticas, como para reafirmar uma visão positiva do presidente e para indicar o conteúdo de verdade que nela habitava. Há, portanto, no interior da biografia um diálogo entre dois campos: da memória e da propaganda. Isto é, em torno das disputas políticas e de representações públicas dos atores históricos contemporâneos dos acontecimentos das décadas de 1930 e 1940, em uma nítida disputa de imagens entre os vários grupos que viveram este período, mas que se colocaram em campos opostos, ou seja, Getúlio Vargas e seus acusadores. Nesse sentido, a biografia foi considerada como um lugar de defesa e uma resposta aos detratores, assim no primeiro capítulo foram analisados as estratégias argumentativas para afastar a imagem de traidor e de ditador que tanto incomodavam o presidente.

A biografia caracterizou-se por ser uma porta-voz e um veículo de expressão da imagem pública do presidente, como também foi uma divulgadora do seu projeto político, sobretudo, pelo fato de reconstruir sua trajetória política, desde a infância até a fase como presidente da república, e divulgadora a todos os brasileiros e estrangeiros desse percurso político do chefe da nação. A narrativa biográfica mostrou-se como uma trama anunciadora de diretrizes, com pretensões de orientar a sociedade. É preciso, portanto, analisar o discurso para encontrar o interdito e o não dito, como nos diz Pêcheux (2009) e Foucault, (1996). A biografia encontrava-se nos limites

⁶ Acreditamos que as biografias foram negligenciadas pela historiografia dos regimes de historicidade anteriores, notadamente as histórias totalizantes representadas pelos marxistas, estruturalistas e dos positivistas, modelos esses que privilegiavam as classes sociais, o meio e as estruturas para explicar um acontecimento. Entretanto, com a crise da epistemologia histórica ocorrida em meados do XX, possibilitou-se a emergência da História Cultural, um novo campo de pesquisa, que ampliou o conceito de fonte e permitindo novas possibilidades para a abordagem biográfica (LORIGA, 1998).

dessa empresa de consolidar a ditadura varguista, enaltecendo os atos do governo com o objetivo de melhorar a imagem de Vargas. Para que a obra atingisse tais objetivos era imprescindível que a escrita fosse consubstanciada em documentos, pesquisa histórica e em verossimilhança com os fatos vivenciados pelos contemporâneos do biografado. Neste sentido, a biografia é um artifício para a construção dessa imagem e se configura nas disputas de memória do passado. Noutra perspectiva, vale ressaltar que a atividade do leitor escapa ao controle de qualquer empreendimento propagandístico. Assim sendo, a recepção da obra possibilitou interpretações variadas pelo público leitor e por vezes forneceu o combustível que alimentava as críticas contra o governo.

Roger Chartier afirma serem as representações “presença de uma coisa ausente” (2002, p.21) essas representações estão imersas em um jogo de interesses dos grupos que as forjam e seus objetivos são sempre carregados de propósitos e como tais são matizes de discursos e de práticas. Nessa perspectiva, essa Dissertação de Mestrado, analisa no primeiro capítulo as imagens e a gestão da memória do governo Vargas, com ênfase no período da Segunda Guerra Mundial, a partir do estudo da obra escrita. Tal obra discutiu, sobretudo, como a Guerra transformou o panorama nacional e internacional e se contrapôs nas disputas políticas, na memória histórica e na construção de uma imagem pública para o presidente Vargas. E por fim ressaltaremos as estratégias narrativas da obra a fim de defender o biografado. Nesse sentido, os conceitos norteadores desta dissertação foram os de imagem e de memória. A memória histórica sobre o Getúlio Vargas ambicionava construir uma imagem ao homem público, e foi insistentemente forjada pelos assessores políticos e pelo próprio Vargas que cuidou da criação dessa memória. Essa solidez da memória foi sendo adquirida, sobretudo, nos acontecimentos cívicos, uma vez que novas datas festivas foram sendo incorporadas, como por exemplo, as comemorações do dia da Revolução de 1930 e 1937; do aniversário de nascimento do Presidente; do dia primeiro de maio, dia do trabalhador, que eram rememorados como dia de manifestação de nacionalidade. Além disso, as publicações de inúmeros livros sobre as realizações administrativas, e também sobre a pessoa do Presidente foram financiadas pelo governo. Essas obras enalteciam a imagem do presidente do Brasil e de sua gestão pública, o qual se tornou o maior anunciante nos jornais, acabando por corroborar na manutenção de muitos jornais à sombra do governo, em um jogo duplo de benefícios e reciprocidades.

Esse tipo de jogo com a imprensa acabou por constituir uma rede de comunicação, que ao ordenar o sentido do passado constituiu uma memória através de matérias contínuas fixadas nas páginas dos jornais, e esses, são capazes de constituir imagens do passado e a formação de identidades políticas, que resultam nos usos da memória mediados pelos demais tipos de mídias (VICTOR, 2013). Mediante estas constatações selecionamos alguns jornais para analisarmos nesta dissertação, os quais obedeceram aos seguintes critérios: primeiro, os jornais que anunciaram a presença de Frischauer no Brasil, a escrita da obra e teceram críticas; segundo, os que noticiaram assuntos referentes ao autor da obra, e por fim, os que publicaram artigos escritos de Frischauer. Esses jornais foram considerados fontes históricas, pois interpretaram o presente vivido pelos contemporâneos, e ao fazê-lo deixaram rastros materiais e vestígios, possibilitando a construção do passado (BLOCH, 2001)⁷. É válido acrescentarmos que os artigos publicados nesses jornais citados nesta dissertação seguem a escrita ortográfica da época da publicação⁸.

No segundo capítulo desta dissertação analisamos o histórico do escritor Paul Frischauer, que nasceu em Viena em 1898 e estudou história em sua cidade natal. Na década de 1920, seus primeiros trabalhos literários foram peças teatrais, novelas históricas, memórias, romances e contos. Foi somente na década de 1930 que se especializou na escrita do gênero de romances históricos e biografias, fato que lhe rendeu uma projeção entre os escritores austríacos. Em 1933 ocorreu o XI Congresso do PEN Internacional⁹, em Ragusa. Esses literatos além de terem sido perseguidos, tiveram seus bens confiscados, alguns foram presos ou até mesmos executados. Essas ações levaram muitos autores a buscarem exílio político fora dos domínios alemães, principalmente, na Inglaterra e nos Estados Unidos, dentre eles estava Paul Frischauer.

Sobre Frischauer, Alzira Alves Abreu (2001) faz uma rápida menção ao seu nome no *Dicionário Biográfico Brasileiro*, com idêntica informação Carneiro (1996) também destacou que o autor consta no catálogo de mais de uma editora e que suas obras eram consideradas muito

⁷ Os jornais citados foram acessados via pesquisa online: CPDOC e Biblioteca Nacional Digital Brasil e acervo *O Globo*.

⁸ Todas as citações diretas ou indiretas retiradas da biografia e dos jornais serão preservadas a escrita original, dado que, entendemos que a despeito das variações linguísticas, elas não comprometem o entendimento da mensagem que desejamos transmitir.

⁹ A sigla PEN é a abreviatura de Poetas, Ensaístas e Novelistas. O PEN Club Internacional surgiu em Londres em 1921, fundado por Catherine Amy Dawson-Scott (1865-1934). No XI Congresso Internacional em Ragusa em 1933, os escritores associados do PEN Internacional condenaram o Totalitarismo em suas várias facetas. O PEN Club Internacional e seus associados têm como ideal a defesa da liberdade de expressão e como objetivo, tornar público as obras de seus associados, protegendo a integridade moral e física dos escritores perseguidos, presos, torturados ou exilados. A Carta de Princípios do PEN orientava as ações de todos os Clubes associados e ainda hoje é reconhecidamente uma associação de proteção aos direitos dos escritores em todo o mundo.

elogiosas ao governo. No *Diário de Vagas*, há a menção da audiência que o presidente concedeu ao escritor: “Paul Frischauer, escritor austríaco exilado em decorrência da guerra, viera ao Brasil, a convite do DIP, para escrever uma biografia autorizada de Getúlio Vargas, a ser editada também em francês e inglês” (VARGAS, 1995, p. 458-546). O livro sobre Vargas foi publicado no Brasil em 1943 pela Cia. Editora Nacional. Kestler (2003) informou que Frischauer emigrou para a Inglaterra em 1934 fugindo da perseguição nazista, trabalhou na BBC e foi membro do Movimento Socialista Jovem Áustria. Informações mais detalhadas sobre o autor foram fornecidas pela historiadora Ursula Prutsch e pelo crítico literário Klaus Zeyringer, no livro *Die Welten Des Paul Frischauer. Ein "literarischer Abenteurer" im historischen Kontext* (1997). O biógrafo chegou ao Brasil em 1940 e cooperou com o jornal *A Noite*¹⁰, dois anos mais tarde. Em 1945, foi para os Estados Unidos onde trabalhou com Nelson Rockefeller na Coordenação dos esforços de Guerra e pós-guerra, e como vice-presidente da Relação de Inter-Ciência entre EUA e Brasil. Em 1962, ao voltar para Áustria, Frischauer recebeu o título acadêmico de professor e em 1973 foi homenageado com a medalha de honra, de ouro, da cidade de Viena.

Ao iniciarmos a pesquisa para esta dissertação, deparamo-nos com enormes fendas nas narrativas acerca de Paul Frischauer, o que muito dificultou a análise sobre o escritor da obra. Acreditamos que isso se deveu principalmente pela dificuldade com o idioma alemão, o que pode ter constituído um obstáculo para o estudo mais aprofundado sobre esse autor por outros pesquisadores. Para Prutsch e Zeyringer¹¹ (1997), autores que publicaram um livro sobre a vida e as obras de Paul Frischauer, as dificuldades de se obter documentos sobre o biógrafo, se devem ao fato de haver poucos documentos disponíveis, visto que, a grande maioria está sob a guarda

¹⁰ Fundado em 1911, por Irineu Marinho, apresentou-se como um jornal de oposição. Durante os seus 46 anos de publicações muito contribuiu para a formação da opinião pública. Em 1930 sob o comando de Geraldo Rocha, o novo proprietário do periódico, apoiou o candidato de Washington Luís, Júlio Prestes, posicionando-se contrário a Aliança Liberal e depois contrária à Revolução de 1930. Com dificuldades financeiras advindas, sobretudo, do não pagamento de dívidas e do “empastelamento” ocorrido devido sua posição ao governo de Getúlio, o jornal acabou por ser incorporado em 1940 ao patrimônio da União, passando a fazer parte das Empresas Incorporadas do Patrimônio Nacional. A partir de então, tornou-se um importante interlocutor entre a sociedade e o comando político do país, constituindo-se como um diário oficial que corroborava para a propaganda ideológica, contrabalançando assim, a oposição que os demais jornais faziam ao poder executivo. O periódico, continha às revistas *Noite Ilustrada*, fundada em 1930, *Vamos Ler* e *Carioca*, com grande aceitação do público. A revista *Carioca* chegou a uma tiragem de 150 mil exemplares por semana, número considerável para a época, as duas últimas foram dirigidas por Raimundo Magalhães Júnior. O jornal era direcionado mais ao público masculino, e em contrapartida, as revistas ampliava o número de leitores, principalmente, o feminino. A emissora de radiodifusão, a Rádio Nacional, criada em 1936, completava os meios de comunicação do grupo que passou também a ser controlado pelo governo e procurava atender aos mais variados públicos (FERREIRA, s/d).

¹¹ O livro citado não foi encontrado no Brasil, sendo adquirido através de compra online no exterior pela pesquisadora. O livro foi escrito em alemão, não existindo exemplar em outra língua. Para a escrita a pesquisadora contratou serviços de tradutores.

dos Arquivos Secretos vinculados ao Ministério das Relações Exteriores da Inglaterra, e só serão colocados à disposição depois de 2017¹². Constatamos por meio das análises sobre a vida de Frischauer, seu engajamento político contra o nacional-socialismo, negando-se a participar do PEN Club austríaco enquanto este esteve sob influência dos literatos nazistas, mesmo após o término da Segunda Guerra. A pesquisa possibilitou-nos enxergarmos um autor complexo, metódico, que planejou o roteiro de escrita, com livre trânsito no alto escalão do governo e estreitando inúmeras relações pessoais e de negócios. As entrevistas realizadas com diversas pessoas ligadas ao Presidente, podem ter-lhe fornecido um conhecimento apurado do biografado, o que lhe possibilitou negociar a escrita, que ora, desafiava a vigilância da família de Getúlio, ora, tornou-o um construtor de uma imagem favorável à Vargas, o que torna a obra, memorialística e propagandística.

Havia em torno do biógrafo uma expectativa em relação à obra, o que é perceptível nas inúmeras publicações a respeito de sua presença no Brasil. Essas publicações em sua grande maioria foram elogiosas. Os elogios deveram-se à formação literária europeia de seu autor e ao fato de que, sendo estrangeiro, corroboraria mais ainda para a imagem que se estava a talhar. As críticas, ao mesmo tempo, estavam relacionadas com a prática atribuída à ditadura de Vargas, de contratar intelectuais em defesa do regime. A biografia de Vargas, escrita por Frischauer, embora compromissada com o DIP e com o próprio biografado, deveria perseguir a verossimilhança entre o personagem e seu tempo, do contrário estaria fadada ao fracasso. Portanto, as estratégias da narrativa deveriam seguir as convenções do gênero, bem como atender aos anseios governamentais.

¹² De acordo com PRUTSCH E ZEYRINGER (1997), os documentos utilizados para a escrita do livro acima citado foram fornecidos de conterrâneos de Frischauer, tais como correspondências, telegramas, cartões postais, recortes de jornais, e de entrevistas orais por eles realizados. Alguns documentos se encontram em arquivos pessoais da filha de Frischauer, e outros, estão sob a tutela dos arquivos da Biblioteca Britânica e no Ministério das Relações Exteriores Inglês.

CAPÍTULO I

GETÚLIO VARGAS: Consolidando uma imagem

1.1. BIOGRAFIA E MEMÓRIA: A escrita biográfica

A escrita biográfica, de um modo geral, está permeada pela finalidade em cultivar ou rescindir certas imagens de personalidades nelas descritas. A biografia é um gênero literário antigo e possui, portanto, uma longa historicidade, podendo ser encontrada em diversas sociedades e em diferentes temporalidades (REVEL 2010). Remontando ao modelo grego, a biografia e a história pertenciam ao mesmo gênero discursivo, seguiam modelos epistemológicos de uma história *magistra vitae*, no qual virtudes ou ignomínia deveriam servir de modelos para ações dos homens no presente e nortear futuras gerações (DOSSE, 2009). Mesmo que o modelo biográfico fosse sobre a vida de um indivíduo ele deveria carregar a representação da coletividade, portanto, podemos dizer que nessa concepção as biografias não comportavam apenas o singular do eu, mas buscava, ainda que por analogia, o plural nós. Para Schmidt (2000) o rompimento com o modelo *magistra vitae* e o surgimento do regime moderno de historicidade, e sua influência sobre o discurso biográfico ocorreu com o surgimento do livro *Confissões* de Rousseau. Esse rompimento não ocorreu apenas na escrita, mas também no gênero caracterizado como autobiografia, haja visto que no livro o autor, ao escrever sobre si, denunciava seus próprios pecados. Contudo, em uma nova concepção temporal no qual caberia ao futuro esclarecer o passado, desaparecendo o modelo exemplar, dando lugar àquilo que não se repetia. Nesse último modelo esvaneceu a concepção de indivíduo e surgem às noções coletivas, como a de “povo” e a de “nação” e assim, a biografia acabou sendo exilada dos domínios da historiografia, passando para o domínio do campo literário. Para Schwarcz (2013) o século XVIII guardou o nascimento da noção de indivíduo com a emergência dos direitos civis, e com ele o surgimento da biografia moderna e novas concepções em suas abordagens. Para Loriga (1998), esse indivíduo emergiu com o surgimento da História Cultural.

O século XIX viu emergir a História e a necessidade da formação do seu campo epistemológico, assim neste momento coube também a discussão a respeito do papel do

indivíduo nessa ciência. À medida que se constituía como uma disciplina autônoma e com pretensões científicas, a História acabou menosprezando o estudo de trajetórias individuais, fato que estigmatizou a biografia como um gênero menor e depreciado pelos historiadores profissionais do século XX, principalmente, na compreensão da *Escola dos Annales* em sua concepção de história-problema e de longa duração. Porém, este tipo de percepção temporal e de História encontrou suas fissuras na década de 1980, e com a crise dos paradigmas historiográficos possibilitou um retorno ao indivíduo, portanto, a biografia teve restaurado o seu papel na construção dos laços sociais (SCHMIDT, 2000). Nesse sentido, a renovação epistemológica da História e as renovações teóricas no campo da historiografia, além de proporcionarem sua preponderância sobre as demais ciências humanas abriu também a possibilidade do surgimento de novas ferramentas de pesquisas e novas metodologias, como a História Cultural¹³ que deu continuidade ao processo de ampliação da noção de documentos e fontes, dentre elas a biografia. Destarte, o diálogo entre as biografias e as produções historiográficas estabeleceu-se de modo a compreender as intencionalidades que atravessam a narrativa biográfica e quais recursos foram utilizados para defender e afirmar o perfil do biografado. A necessidade da crítica dos documentos lança os historiadores no exercício historiográfico que versa sobre as biografias e sobre a valorização do gênero como revelador de contextos históricos para a análise das estruturas sociais e dos comportamentos coletivos.

Ademais, a renovação historiográfica, também contou com a grande contribuição de Pierre Bourdieu (1996) que embora tenha tecido importantes críticas ao gênero, acabou por contribuir para uma discussão generalizada na concepção biográfica e sua interlocução com a historiografia. Para Bourdieu o grande problema era que as concepções biográficas estavam assentadas no senso comum, que consideravam a vida como um conjunto dos acontecimentos de uma existência como um todo, coerente e orientado, descritos cronologicamente, cujo objetivo era dar inteligibilidade e dotar de sentido a história de vida, em uma criação artificial, através da seleção arbitrária do vivido. Buscando assim, narrar a vida de forma lógica direcionada para o final dessa existência, ou seja, toda a estrutura biográfica ambiciona o seu fim. Portanto, a biografia é uma construção de uma estrutura teórica da narrativa, que ao orientar e ordenar uma experiência vivida transforma-a em uma ilusão retórica. A ilusão estaria justamente em conceber que a história de vida ocorreria em sentido linear e cronológico, na qual o indivíduo nasce, cresce

¹³ A ampliação de fontes, documentos e abordagens históricas teve início com *Os Annales* (BLOCH, 2001).

e morre. Como que fadado ao triunfo, como uma vida cheia de coerência, muito diferente do vivido, em uma lógica histórica que escamoteiam os percalços da caminhada, as nuances da existência, os conflitos internos, os desencontros, desamores, frustrações, ou seja, as experiências da existência, que constituem o ser. Assim, para esse sociólogo as biografias modernas deveriam superar o antigo modelo, e revelar os entrecruzamentos das pequeninas ruelas que também constituem a ampla e tortuosa estrada da vida (BOURDIEU, 1996). A biografia analisada nesta dissertação foi escrita enquanto o biografado estava vivo, entretanto, percebemos essa mesma estrutura, criticada por Bourdieu. O biógrafo narrou o caminho percorrido por Getúlio Vargas desde a infância até à presidência. A ilusão biográfica construída por Frischauer foi ao sentido de afirmar que o presidente estava predestinado a assumir o comando do país.

No Brasil o gênero biográfico se tornou comum na década de 1930 acompanhando o modelo francês, e versou principalmente sobre líderes políticos e personalidades do meio intelectual, artístico e da esfera do poder. Geralmente, uma biografia era uma homenagem póstuma (OLIVEIRA, 2012). Entretanto, durante o governo Vargas o gênero ganhou uma nova abordagem, pois, neste período incentivou-se a escrita biográfica de personagens ainda vivos, principalmente de pessoas do alto escalão do governo. Assim, a biografia passou a compor o quadro de publicidade do DIP. Foi nesse contexto que o austríaco Paul Frischauer veio ao Brasil. Foi convidado pelo DIP com a responsabilidade de escrever uma biografia autorizada sobre Getúlio Vargas para o público nacional e estrangeiro. Embora já houvesse algumas escritas sobre o chefe da nação e sobre seu governo:

Da sua personalidade tem-se ocupado, entre outros, os Srs.: André Carrazzoni em “Getúlio Vargas”; Alfredo Pessoa em “Um homem que governa”; Azevedo Amaral, em “Getúlio Vargas Estadista”; Alcides Gentil em “As idéias políticas de Getúlio Vargas”; Almir de Andrada em “Força, Cultura e Liberdade”; Cassiano Ricardo em “Marcha para o Oeste”; Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque em “Getúlio Vargas”; Gilberto Amaral em “Perfil de Getúlio Vargas”; Eloi Pontes em “A ação do presidente Getúlio Vargas”; Francisco Martins Souto em “O facto mortal e o facto social da década getuliana”; Severino Sombra em “Diretrizes da Nova Política do Brasil”; Gil Duarte em “A paisagem legal do Estado Novo; Gastão Pereira da Silva em “Getúlio Vargas e a Psicanálise das Multidões; João Duarte Filho, em “O Sertão e o Centro”; Rubey Wanderley em “Getúlio Vargas, o político e o escritor”; John Gunther em “Insid Latin America”; Jean Gerard Fleury em “Getúlio Vargas President” des Etats Unis Du Bresil”; J. Paulo de Medeiros em “Getúlio Vargas, o reformador social”; Joracy Camargo em “Getúlio Vargas e a inteligência nacional”; Jaime de Barros em “A política do Brasil em América”; Licurgo Costa em “Cidadão do Mundo”; Monte Arrais em “O Estado Novo e suas diretrizes”; Marcondes Filho em “O Presidente Getúlio Vargas”; Pedro Batista

Martins em Getúlio Vargas e a renovação do Direito Nacional”; Rosário Fusco em “Política e Letras” (“Tomará posse hoje na Academia Brasileira de Letras o Sr. Getúlio Vargas”, *Lavoura e Comércio*, 29/12/1943).

A citação destaca as inúmeras biografias escritas sobre Vargas e seu governo por escritores brasileiros. Os inúmeros livros editados nesse período recebiam verbas do DIP e eram enviados ao Palácio do Catete autografados pelos autores com dedicatórias a Getúlio Vargas, (CABRAL, s/d). Em 1941, John Gunther em *Insid Latin America*, e Jean Gerard Fleury em *Getúlio Vargas President des Etats Unis Du Bresil*, em 1939, eram biografias escritas por estrangeiros, entretanto, essas obras não foram traduzidas para o português. Como ressaltou o jornal:

O presidente Getúlio Vargas ainda não foi biografado, até agora, por *um grande escritor estrangeiro*, que nos desse um retrato amplo e de cores vivas do estadista brasileiro, fixando na sua personalidade, sobretudo, os episódios que possam melhor defini-lo e caracterizar-lhe a ação, em face do público de outros países, ignorantes das circunstâncias em que se desenvolveu a sua extraordinária carreira política, e incapacitados, por isso mesmo, de compreender o homem e o meio. Para o leitor brasileiro, já foi realizada essa biografia, no livro de André Carrazoni. Para o leitor do resto do mundo, está sendo escrito, agora, pelo famoso escritor austríaco Paul Frischauer radicado na Inglaterra, desde o advento do hitlerismo na sua pátria e, ultimamente, após a guerra, residindo no Rio (“A biografia do presidente Vargas, por Paul Frischauer”, *A Noite*, 13/01/1942, grifo nosso).

Evidentemente há uma questão vinculada aos objetivos da nota do jornal. Havia obras estrangeiras biográficas sobre Vargas, porém os escritores não eram alguém da “grandeza” do escolhido e talvez não se subordinassem aos termos da encomenda. A escolha de Frischauer para ser o autor da biografia pode estar ligada a sugestão do ex-embaixador Raul Régis de Oliveira, e também ao fato dele atender aos requisitos estabelecidos pelo DIP para essa finalidade. O biógrafo deveria ser estrangeiro, gozar de certo prestígio internacional, ter experiência em assuntos propagandísticos e já possuir livros de caráter biográfico. Frischauer já possuía: *Dürer*, *Prinz Eugen*, *Garibaldi* e *Beaumarchais*, e as outras biografias históricas. Para o biógrafo austríaco a oportunidade seria a garantia de sua saída da Inglaterra e fuga da Europa em guerra. A biografia foi compreendida pelo DIP como um elemento capaz de auxiliar na construção da nova

imagem para o presidente Getúlio Vargas. O gênero era muito apreciado pelos leitores, portanto, acreditava-se que o livro atingiria um grande público.

Inclusive as biografias não eram apreciadas apenas no Brasil, tinha leitores em diversos países e o gênero tinha uma grande predileção, como afirmou Carlyle¹⁴. Segundo esse historiador os leitores tinham desde o século XIX um “apetite biográfico”, que fazia desse gênero um estilo literário muito consumido pelo público (REVEL, 2010). Essa constatação também foi ressaltada por Gay (1999). Em sua concepção havia outras leituras que eram apreciadas, como por exemplo, o romance, as coletâneas de cartas e textos religiosos, mas sem dúvida as biografias encontravam grande apreço no espaço literário. Entretanto, para esses dois historiadores a grande contribuição dessas publicações foram a mudança de comportamento social, proporcionados por esses tipos de leitura, além da busca de erudição, também a leitura silenciosa. As buscas nas aquisições desses exemplares fizeram crescer suas publicações em países da Europa, Estados Unidos e Brasil, constituindo exemplos do grande público alcançado pelas biografias.

No Brasil, desde a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro¹⁵ (IHGB) em 1838, as biografias encontraram espaço cativo. Nas publicações da *Revista* do IHGB, editadas trimestralmente, houve em 1939 uma sessão específica para esse gênero, com o título: *Biographia dos Brasileiros Distintos por Lettras, Armas, Virtudes*, havendo a publicação de inúmeras biografias nesta edição, que continuou sendo divulgada nas demais edições da *Revista*. As biografias na concepção desse instituto visavam homenagear através de publicações póstumas a vida e os grandes feitos de personagens históricos. Mesmo após a proclamação da República em 1889, o IHGB, não só continuou com essa concepção em relação à biografia, passando também a serem compreendidas como instrumento pedagógico e utilizadas como compêndios escolares, distribuídos em escolas públicas, com isso, as biografias intencionam fazer conhecidos os valores do passado através dos exemplos de brasileiros ilustres (OLIVEIRA, 2007). Mesmo

¹⁴ Thomas Carlyle (1795-1881), escritor, crítico e historiador escocês que contribuiu com reflexões sobre a concepção de história, principalmente da História Universal, que na sua concepção era a biografia de grandes homens. Nesse sentido, para esse historiador, a história é a essência de inúmeras biografias, não só de homens como reis e rainhas, mas como o homem simples da sociedade (ANDRADE, 2006).

¹⁵ Os Estatutos aprovados em 1838 vigoraram até 1851, quando outros foram postos em discussão e votados pelo Corpo Social. Posteriormente, novos Estatutos foram elaborados e aprovados em 1872, 1890, 1906, 1912, 1965, 1991, 1996 e 2003. Além das modificações nos Estatutos, o IHGB ampliou seu diálogo com as demais ciências sociais. Na elaboração de seu Estatuto o IHGB estabeleceu como objetivos: “coligir, metodizar, publicar os documentos necessários para a História e a Geografia do Brasil” (IHGB, 1838). Mesmo com suas inúmeras modificações, todas elas visando à atualização dos conceitos teóricos e metodológicos na escrita da história e integrando-os aos conhecimentos e produções históricos e geográficos a nível nacional e internacional, continuou seguindo principalmente o modelo francês (OLIVEIRA, 2012).

após as reformas no ensino, levadas a cabo pelo Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema¹⁶ (1934-1945), as biografias, além de manterem as funções pedagógicas, ganharem destaque. Inseridas no projeto cultural que o Estado Novo estava desempenhando, as biografias também auxiliavam na construção da consciência histórica e no próprio fazer historiográfico, centrado nas histórias de grandes homens e líderes políticos. Nesse sentido, um importante papel foi assumido por elas na construção da ideia de nação e no próprio sentido de nacionalidade, uma vez que foram identificadas com as glórias nacionais, o progresso e a unidade que eram próprios da ideologia do Estado Novo.

Assim, o projeto biográfico que Frischauer iria desempenhar estaria de encontro às concepções biográficas e históricas do IHGB e no propósito do governo e do DIP. Com o novo posicionamento do Brasil pró-países aliados e democráticos percebeu-se a necessidade da construção de uma nova imagem pública para o presidente Vargas. Chegou-se à conclusão de que seria fundamental divulgar por meio desse gênero, com circulação no Brasil e no exterior, a nova imagem do presidente. O órgão buscava refutar a propaganda oposicionista que insistia em associar Vargas à Hitler. Publicamente a opção do autor estrangeiro deveria transparecer que um olhar estrangeiro sobre o Brasil poderia soar como neutro. Essa suposta isenção daria maior veracidade ao relato (STEFFENS, 2008). Todavia, a escolha do autor nada tinha de neutralidade, pois, ao escolher um escritor de fama internacional, de um gênero com boa aceitação pelo público leitor no mercado editorial, demonstrava os cuidados do DIP na escolha do biógrafo, sua

¹⁶ O mineiro Gustavo Capanema (1900-1985) foi vereador em 1927 em Pitangui, sua cidade natal. Apoiou a Aliança Liberal e posteriormente a Revolução de 1930. No Governo Provisório (1930-1934), Capanema assumiu o cargo de oficial do gabinete e posteriormente nomeado secretário do Interior e Justiça do governo de Minas Gerais que era governado por Olegário Maciel. Em 1934, Capanema foi nomeado por Getúlio Vargas como Ministro da Educação e Saúde, permanecendo à frente do ministério até 1945. Em sua gestão como ministro, promoveu a nacionalização de aproximadamente duas mil escolas de fala alemã no sul do Brasil, medidas que se tornaram efetivas principalmente após a declaração de guerra contra a Alemanha em 1942. Incentivou a educação profissional com a fundação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Entre os anos de 1959 e 1961 exerceu o posto de ministro do Tribunal de Contas da União (TCU) e em 1964 foi eleito deputado federal (ABREU, 2001).

reputação e fama daria maior peso à escrita. O autor ao vir para o Brasil contribuiu com sua obra, na construção de uma imagem pública e de uma memória acerca do governo e de Getúlio Vargas.

Quais memórias estavam sendo construídas sobre o governo Vargas? Para tentarmos uma possível resposta precisaremos passar pela velha aporia. Quem lembra? De quem é a memória? A memória é primordialmente pessoal ou coletiva?

Entendemos por memória, a experiência vivida e narrada pelo indivíduo. A memória permite ao homem um vínculo entre o passado e o presente constituindo-se como suporte da percepção temporal. Possibilita um repertório de mecanismos mnemônicos que lhe consente compreender os símbolos externos interpretando-os, resignificando-os e dando-lhes a cada nova experiência, outras possibilidades de sentido. Memória é entendida como o laço mais forte e vital da experiência passada, e busca-se sempre a sua preservação. Na contemporaneidade a memória se estabeleceu como uma das reivindicações culturais da lembrança. A capacidade da lembrança enlaça presente e passado, além de atualizar a experiência do passado no presente (ARÓSTEGUI, 2004). A memória é viva, está em permanente evolução, aberta a dialética das lembranças e do esquecimento, é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, afetiva e mágica, instala a lembrança no sagrado, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada, se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto, é absoluta (NORA, 1993).

Para Aristóteles a memória é do passado. É o presente do passado. É interioridade e anterioridade (RICOEUR, 2010). É ela que retém o esquecimento, impedindo que este sepulte as lembranças. Nesse sentido, esse passado é meu passado, minhas impressões. Assim, nesta concepção, a memória é para Ricoeur um modelo de “minhadade”, de posse privada, individual, singular, experiências vivenciadas pelo sujeito, permitindo-lhe o sentido da orientação na passagem do tempo. Essas concepções são as balizas do olhar interior que têm em Santo Agostinho o seu alvorecer. A tradição do olhar interior se constrói como um impasse em direção à memória coletiva, que foram transpostas com reflexões sobre a memória individual, ou seja, o olhar interior e a memória coletiva (RICOEUR, 2010).

A memória é primordialmente individual ou coletiva? Como passamos do ‘eu’ ao ‘nós’? Do individual para o social? (RICOEUR, 2010). Quem lembra? Os antigos gregos não se colocaram essa questão, pois ter ou buscar uma lembrança implicava no reconhecimento deles como membros da *pólis*, portanto, uma percepção coletiva. A oposição entre memória individual e memória coletiva ocorreu em um momento em que se opõem uma tradição antiga de

reflexibilidade a uma tradição mais recente de objetividade. E esse impasse é levado à baila com as reflexões sociológicas de Maurice Halbwachs, que estabeleceu a memória como entidade coletiva, do grupo ou da sociedade. Memória individual, na sua concepção é singular, já a memória coletiva é plural. Para Halbwachs (1990) a memória deriva do coletivo para o individual, mas como essa última se constitui? A partir do grupo. Para lembrarmos precisamos dos outros. É da análise da memória individual de pertencimento a um grupo e por meio dos ensinamentos do grupo que a memória individual toma posse de si mesma. Portanto, para esse sociólogo, a passagem do eu ao nós, da transição da memória individual para a memória coletiva, só pode se dar por analogia entre a memória individual e a que é reconhecida pelo grupo. É no caminho da recordação e do reconhecimento que são dois fenômenos mnemônicos da tipologia da lembrança, que é uma ação individual, que permite nos recolocarmos na perspectiva de uma memória reconhecida no grupo. Para Ricoeur (2010) a memória individual foi despojada de sentido, destituindo os sujeitos sociais da apreensão de suas próprias vivências quando a História e as Ciências Sociais elegerem a objetividade científica como campo epistemológico, tornando a memória coletiva como objeto de reflexão para o pensamento histórico. Nas percepções desse filósofo, a memória coletiva deriva de uma negociação que se dá entre a memória individual e a memória reconhecida pelo grupo. Portanto para Ricoeur, quem lembra é o indivíduo e não o grupo, a minhadade, que são inseridas no grupo.

Os grupos que foram contemporâneos de Getúlio Vargas estavam inseridos dentro de uma experiência coletiva compartilhada e ao externarem essas vivências passaram a concorrer uma representação pública através de uma memória artificial¹⁷. Esses indivíduos ao rememorarem suas experiências passadas tornando-as públicas em diferentes espaços e suportes escritos, transgrediram a experiência vivida, pois, a memória é a experiência habitada e uma atribuição humana, que ordena o tempo, é quem me permite recorrer ao passado, enquanto à memória artificial é o produto da técnica de memorização, sem vínculos com o tempo, portanto com o passado. Esses indivíduos passaram a projetar suas imagens em diferentes espaços de memórias, como por exemplo, os meios de comunicação, dentre eles os jornais e uma literatura

¹⁷ Para Ricoeur (2010), a memória artificial é uma memória construída a partir da técnica da memorização, técnica pedagógica do aprendizado, é uma prática no ato de fazer memória e não possuindo profundidade temporal. Esse conceito foi construído a partir das reflexões de Bergson, que compreendia a memória artificial como memória agida, que é correspondente a memória hábito. A memória artificial como técnica constitui uma economia de esforço, e objetivam produzir um aprendizado. Mas além da memorização, a memória artificial também é rememoração, que é o trabalho de retorno à consciência de algo que aconteceu, e nessa busca há a associação de imagem a lugares.

memorialística e com isso, disputarem representações públicas, muitas vezes divergentes e concorrentes. Esses jornais e as obras literárias passaram a ser um lugar de memória, que produziam e arquivavam algumas memórias indesejáveis.

No entanto, os jornais e as obras literárias não lembram, mas sim as pessoas que participam da sua elaboração: no caso do primeiro, os redatores, editores, jornalistas, seus leitores, enfim, todos que se vincularam a ele de forma direta ou indireta, no segundo, os literatos, que além de serem escritores muitas vezes exerciam funções jornalísticas. Os jornais e as obras literárias, ao ordenarem o sentido ao passado produzem memória, entretanto, não se pode atribuir o sentido de vivência a esses meios de comunicação como é sempre atribuído à memória. Não há, portanto, a presença da memória coletiva como expressão das vivências do grupo nesses locais de memória, porém, são produtores de memória de comunicação na interação com os leitores e com grupos políticos. As identidades políticas resultam, assim, dos usos da memória mediada pela literatura, e por outros tipos de mídias. Essa memória de comunicação passa a constituir discursividade capaz de ordenar o sentido das representações do passado, que estão imersas em jogos de interesses dos grupos que as forjam, e seus objetivos são sempre carregados de propósitos e como tais são matizes de discursos e de práticas (CAPELATO, 1988).

Os discursos produzidos pela escrita consentem a memória individual, possibilitando a constituição de uma identidade narrativa e que podem ser transpostos para a memória do grupo permitindo ainda registrar e acumular experiências, mais do que poderiam ser evocadas pelo modo mnemônico da recordação, potencializando a acumulação de informações, para além de seus portadores vivos. A escrita, portanto, potencializa e acumula informações das vivências humanas ao longo do tempo. Por isso, os lugares de memória de comunicação escrita, são acumuladores de informações que independem da memória humana e criam condições para a formação de arquivos culturais (ASSMANN, 2011). Assim sendo, as narrativas construídas nesses lugares permitem articulações entre as lembranças no plural e a memória no singular e sofrem ações dos diversos níveis da operação da ideologia. Ao escolherem os personagens, os fatos e o que deve ser lembrado ou esquecido acabam modelando a identidade dos atores históricos e os limites da própria ação desses atores: “Contudo, é no nível em que a ideologia opera como discurso justificador do poder, da dominação, que se veem mobilizados os recursos de manipulação que a narrativa oferece” (RICOEUR, 2010, p. 98). Portanto, se a escrita preserva o discurso em forma de texto consentindo que um arquivo se constitua, permitindo que ocorra a

produção de memória individual e coletiva, esses arquivos estarão sujeitos às leituras e interpretações. Esse processo é possível, pois o texto não é fechado em si mesmo, mas aberto possibilitando novas explicações e interpretações (RICOEUR, 1999).

Assim, a literatura de periódicos e livreiros são produtores de memória presente nas discussões acerca não só dos acontecimentos, mas nas análises e interpretações dos fatos contemporâneos, bem como dos vários sujeitos envolvidos nas ações sociais que se transformavam em história e memória. A literatura acerca do governo Vargas é muito abundante. Entrementes, o nosso objetivo nesta dissertação de mestrado é analisar a imagem de Getúlio Vargas construída a partir da biografia escrita por Paul Frischauer, publicada em 1943. A obra dialogou com as inúmeras literaturas produzidas, notadamente os jornais que já vinham construindo uma imagem de Getúlio Vargas, portanto, era necessário rebater essas imagens. Os assuntos eleitos para serem abordados na biografia visavam responder as críticas postas e reordenar a imagem do chefe da nação.

1.2. VARGAS: A construção da imagem do homem na fronteira entre o público e o privado

Abriu uma gaveta enorme, cheia de jornais, e me perguntou com ar constrangido, que lhe era peculiar quando precisava pedir o esforço de alguém: “Será que isso não pode ser encadernado também?”. Passei a cuidar de seus recortes de jornais, até a criação do DIP, que tomou a si a tarefa. Depois, com jeito de quem esta sendo apanhado em falta, abriu outra gaveta. Não estava fechada a chave, como a primeira. Dentro, um monte de documentos da máxima importância: cartas, telegramas, notas, projetos, bilhetes com e sem assinaturas, todos identificáveis pela caligrafia. [...] Era seu arquivo. (PEIXOTO, 1960, p. 100).

O fragmento acima se refere a um diálogo entre Getúlio Vargas e sua filha, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, que havia sido encarregada de restaurar os livros da biblioteca particular do pai. A partir daí adveio à responsabilidade de zelar também dos seus arquivos pessoais, cuidadosamente guardados sob a proteção da chave. É notória a preocupação do presidente com o arquivamento da memória. O variado repertório documental apontado por Alzira, no livro *Getúlio Vargas, meu pai* (1960) são indícios que mesmo antes de assumir a presidência, Getúlio

Vargas cultivava o hábito de armazenar suas lembranças. Também com uma preocupação da construção de uma imagem pública. Era preciso legitimar o novo regime, nascido a partir da Revolução de 1930. Para tal, a primeira iniciativa foi criar mecanismos especializados que proferissem aos meios de comunicações, as iniciativas do governo, articulando propaganda e informações, além do silenciando das vozes discordantes, oriundas da imprensa que apoiava o governo deposto. Para atingir esses objetivos, em 1931 foi criado o Departamento Oficial de Publicidade (DOP) ¹⁸, que foi reestruturado em 1934, passando a ser denominado Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), atuando junto à Imprensa Nacional. Essa reestruturação objetivava verificar novas técnicas de comunicação, notadamente o cinema, e sua utilização na divulgação e propagação da ideologia do governo, e posteriormente, incentivar a produção de filmes educativos e propagandísticos (GOULART, 1990).

Após o advento do Estado Novo, o DPDC ¹⁹, passou a ser denominado Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que dominou toda a propaganda política do novo regime em todas as esferas: publicidade, radiodifusão, imprensa escrita, cinema, teatro e turismo, monopolizando todos os meios de comunicação no Brasil. O DIP teve importante papel na construção da imagem de Getúlio Vargas (1930-1945). Coube a este órgão, a elaboração e execução de um amplo projeto político, no qual justificaria e legitimaria as ações de um governo estabelecido por meio de um golpe de Estado. A partir do Estado Novo e sua Constituição (1937), os meios de comunicação passaram a ser censurados ²⁰ e a propaganda teria um importante papel ideológico de popularização e convencimento junto à sociedade (GOULART, 1990). Essa legitimação caracterizada na pessoa de Vargas, representando o líder carismático, ou seja, um modelo de Estado, assentado na figura do presidente, e no estabelecimento de uma relação pessoal direta entre o governo e a sociedade, bem como a nação personificação em seu líder, no qual concatenava a figura individual e particular do presidente às grandezas do governo, do país e dos

¹⁸ Neste período os principais meios de comunicação eram a imprensa escrita e o rádio. O DOP passou a fornecer informações para a imprensa escrita e privilegiou o rádio como meio de comunicação. Foi nesse período que surgiu o programa radiofônico, *Hora do Brasil*. O DOP era dirigido pelo jornalista Salles Filho (GOULART, 1990).

¹⁹ O DPDC passou a ser dirigido pelo escritor e jornalista sergipano Lourival Fontes, que também dirigiu o DIP. Ainda em 1938 surgiu o Departamento Nacional de Propaganda (DNP). Esse órgão era responsável pelas informações no território nacional e internacional. Lourival Fontes foi substituído em 1942, pelo major Coelho dos Reis, e em 1943, o órgão passou para a direção do capitão Amílcar Dutra, até 1945, quando foi extinto (GOULART, 1990).

²⁰ Isso não significa que não houvesse censura antes de 1937, entretanto, durante os primeiros anos o governo conseguiu contornar as oposições. Com o novo regime surgido de um golpe de Estado era necessário que as vozes discordantes, oriundas entre os anos de 1934 e 1937, fossem enquadradas dentro dos interesses do governo.

brasileiros (SENNETT, 2014). Nessa direção, Ângela de Castro Gomes (1996) situa o governo Vargas na fronteira entre o público e o privado.

Percebemos, portanto, que desde o início do Governo Provisório (1930-1934), houve um entendimento da necessidade do uso dos meios de comunicação como formadora de opinião e importante instrumento de representação pública. Essa imagem de homem público é o resultado de uma fabricação de inúmeros artefatos destinados à leitura da passagem do tempo. Nessa direção, nosso objeto de pesquisa envolve a apreciação da formação de um corpo de representações sobre o homem que marcou a história do Brasil republicano. Para análise das imagens de Getúlio Vargas, partiremos do contrapondo entre a imagem criada a partir da obra *Getúlio Vargas: Biografia* (1944) de Paul Frischauer, com as imagens construídas pelos jornais, notadamente, *Correio da Manhã*, *O Globo* e *A Noite*, e a literatura, principalmente dos ideólogos do regime, que de certa forma concorriam na formação do imaginário político e social.

A biografia escrita por Frischauer foi publicada durante o Estado Novo (1937-1945), implantado por um golpe de Estado apoiado pelas Forças Armadas. Era necessário consolidar o novo governo, por isso a propaganda política ideológica foi considerada de vital importância. Era preciso difundir seus princípios, seus ideais e finalidades, unificando Estado e sociedade em um sentimento de coesão social. Durante este período era recorrente o apoio à publicação e distribuição de inúmeras obras, principalmente referentes às realizações do governo, classificadas na maioria das vezes como laudatórias. Segundo Luca (2011) 331 títulos foram publicados entre os anos de 1936 a 1943, alguns desses versaram sobre o presidente²¹, possivelmente editados com verbas do DIP. Essas publicações em sua grande maioria eram destinadas ao público brasileiro, todavia, havia publicações destinadas ao público estrangeiro²². Gauz (2015) apresenta outra seleção de autores e que não foram catalogados por Luca (2011) que tiveram seus nomes e obras associadas ao DIP, dentre eles: Gilberto Freyre²³: *Nordeste – Aspectos da influência da canna*

²¹ Alguns títulos foram noticiados no jornal *Lavoura e Comércio*, dia 29/12/1943. E já foram citados nesta dissertação de mestrado.

²² A revista *Travel in Brazil* (1941-1942), depois reeditada com o nome *This is Brazil* (1942-1944) era um exemplo de literatura destinada ao público estrangeiro. O que mais chama a atenção, entretanto, era a lista de seus colaboradores, como por exemplo, Cecília Meireles – que era extremamente antivarguista, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Tasso da Silva, José Lins do Rego, Paulo Rónai e Sérgio Buarque de Holanda (LUCA, 2011).

²³ O pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987) foi sociólogo, antropólogo e professor. Após 1930 buscou exílio político nos Estados Unidos, voltando em 1933, devido à lei de anistia. Em 1933 publicou seu livro *Casa Grande & Senzala*. Em 1937 com o Estado Novo, assumiu um cargo público de consultor técnico do Patrimônio Nacional, exercendo tal função até 1957 (GAUZ, 2015).

sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil (1937); Manuel Bandeira²⁴: *Noções de História das Literaturas* (1942). O que nos leva a interrogação. Por que encomendar uma biografia sobre Getúlio Vargas a um estrangeiro?

Após 1937, as concepções políticas e a reordenação do Estado levaram o governo a compreender a necessidade de uma biografia que divulgasse e redefinisse a imagem do presidente nacionalmente e internacionalmente. Essa constatação nos leva a crer que existia uma representação pública de Vargas, e certamente a compreensão por parte dos grupos ligados ao governo e pelo próprio presidente, de que essa imagem, era considerada inadequada e negativamente representativa. A biografia foi publicada em 1943, Vargas encontrava-se a frente da presidência da República havia treze anos, portanto, a biografia é tardia em relação à construção da imagem nos textos dos jornais e das obras literárias. Com o posicionamento do Brasil na Segunda Guerra ao lado dos aliados se redefiniu a situação política, reordenando-se as ações políticas internas, por isso, era necessária uma nova imagem para o presidente, que combatesse a construção da imagem nas literaturas, notadamente nos jornais e demais meios de comunicações, principalmente aquelas que circulavam no exterior.

Inicialmente, logo após as primeiras mudanças políticas assumidas pelo Governo Provisório, houve um entusiasmo generalizado. A imprensa, em sua grande maioria apoiaram os candidatos da Aliança Liberal²⁵. As expectativas apontavam para mudanças. Embora houvesse uma heterogeneidade dos grupos políticos que conduziram Vargas ao poder, havia diálogos, propostas, pactos e alianças que no tempo oportuno seriam postas em prática. As discussões sobre as ações governamentais e a natureza do Estado marcaram a década de 1930. Havia alguns grupos que entendia a necessidade da permanência de um Estado Liberal descentralizado, outros, defendiam um Estado interventor e centralista. Apesar das divergências, todos os grupos se percebiam dentro do processo revolucionário. Portanto, há um tempo que se estabeleceu como

²⁴ O pernambucano Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho (1886-1968) foi professor, poeta, crítico de Arte e de Literatura, foi membro da Academia Brasileira de letras e primeiro presidente da Associação Brasileira de Escritores (GAUZ, 2015).

²⁵ União das oposições políticas que pretendiam concorrer às eleições presidenciais contra Júlio Prestes, candidato do Partido Republicano Paulista (PRP) que contava com apoio dos dezessete estados da federação, os candidatos a presidente e a vice-presidente eram Getúlio Vargas e João Pessoa, presidentes do Rio Grande do Sul e Paraíba respectivamente, além desses estados, Minas Gerais também participava da coligação. Faziam parte da Aliança Liberal o antigo Partido Republicano Mineiro (PRM); a Frente Única Gaúcha (FUG), esta última formada pelo Partido Libertador (PL) e o Partido Republicano Riograndense (PRR); e o Partido Democrático (PD) de São Paulo e do Distrito Federal. As eleições ocorreram no dia 1º de maio de 1930. Júlio Prestes e Vital Soares foram eleitos com 57,7% dos votos (ABREU, 2001).

um tempo revolucionário, tendo a sua frente à presença de Getúlio e tudo o que ele significava enquanto ordenação política que permaneceu até 1937, quando surge uma nova configuração política que exigiu mudanças na forma de ordenação do mundo político. (GOMES, 1996).

Entre os anos de 1930 e 1937, com as ações políticas em relação aos trabalhadores, buscou-se associar a imagem de Getúlio a uma imagem de pai, entretanto, foi após 1937, que o DIP tratou de consolidar a imagem de Getúlio Vargas como “Pai dos Pobres” (CAPELATO, 1998). No discurso de posse como chefe do governo provisório, pronunciado em 03 de novembro de 1930, o presidente, anunciava as novas concepções do governo em relação à questão social, para a defesa e amparo ao operário urbano e rural (D’ ARAUJO, 2011). Para intermediar a relação entre capital e trabalho, Vargas criou em 26 de novembro de 1930 o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, tendo a frente da pasta, o gaúcho Lindolfo Collor. Com o novo Ministério, antigas reivindicações trabalhistas passaram a ser incorporadas na política do governo, que passou a reger as relações entre patrões e empregados. Neste primeiro momento, as discussões ficaram assentadas na criação de uma legislação trabalhista, principalmente no que se referia à organização sindical e aos direitos dos trabalhadores. Com a Lei de Sindicalização, o governo determinava que os sindicatos das classes patronal e operária passariam a serem órgãos consultivos e colaboradores do poder público, subordinados ao Ministério do Trabalho (ABREU, 2001). A nova legislação foi acompanhada pela imprensa:

Agradecemos mais esta distinção que lhes é prestada os operários e trabalhadores do Brasil guardarão sempre em seus corações os nomes daquele a quem, em tão boa hora, foi entregue a nova Republica, principalmente ao dr. Lindolfo Collor – organizador incansável da pasta do Trabalho – e de v. ex. Sr. presidente Getúlio Vargas, o defensor supremo dos ideais da revolução” (“A legislação sobre as caixas de pensão e aposentadorias”, *Correio da Manhã*, 2/10/1931, 1º p.).

E também,

O governo provisório representado na pessoa d exmo. Sr. Getulio Vargas, e que merecem dos trabalhadores do Brasil os maiores e os mais elevados louvores, pelo acto que acabam de praticar, implantando definitivamente às 8 horas de trabalho no Paíz (“Os empregados no comercio de Nictheroy ao ministro do Trabalho”, *A Noite*, 12/11/ 1932, p. 7).

Para os jornais, até 1931 as leis trabalhistas eram vinculadas a Lindolfo Collor²⁶, e os ideais da Revolução a Vargas. Collor afastou-se do governo em 1932, e as leis trabalhistas foram sendo elaboradas ao longo do governo Vargas, para serem finalmente agrupadas em 1943, com a promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), consagrando esforços iniciados em 1930. Mesmo assim, alguns jornais da época em seus editoriais continuavam a conceder os créditos da legislação trabalhista ao Ministro Collor, afirmando que toda a legislação já havia sido planejada pelo primeiro Ministro da Pasta. Posteriormente Alzira, confessava o desconforto de tal assimilação:

Tem sido fartamente propalado que toda a legislação do Governo de Getúlio Vargas é obra de seu primeiro Ministro do Trabalho, Lindolfo Collor. Sem dúvida, a inteligência, a cultura e o espírito social desse ilustre político gaúcho, prematuramente roubado à vida, foram de inestimável valia. Parecem esquecer, no entanto, os eternos desmemoriados, que Collor foi Ministro por pouco mais de um ano. Nomeado em novembro de 1930, pedira exoneração em começos de 1932, juntamente com Maurício Cardoso, da Justiça e Baptista Luzardo da Chefia da Polícia. E a legislação trabalhista continuou durante todo o “curto período”. Mas, ao “Ditador” foram credenciados somente os erros e desacertos: as obras construtivas tiveram sempre outros donos (PEIXOTO, 1960, p. 151).

²⁶ A relação entre os gaúchos Lindolfo Leopoldo Boekel Collor e Getúlio Vargas iniciou-se ainda em Porto Alegre, ambos eram árdus defensores da política do PRR, eram fieis a liderança castilhistas de Borges de Medeiros. Collor, foi um importante aliado de Getúlio na Revolução de 1930, contribuiu intensamente na campanha da Aliança Liberal, redigindo seus manifestos e dirigindo o seu principal órgão publicitário, o jornal *A Pátria*. Collor, como jornalista era um árduo defensor da liberdade de imprensa, e o ato dos tenentes contra o jornal *Diário Carioca* foi por ele repudiado. Após a demissão, Collor viajou para Porto Alegre e no *A Federação* passou a atacar abertamente o governo de Getúlio, exigindo a volta da constitucionalização do Brasil, passando a denominar Vargas, como ditador. Sua participação ao lado de São Paulo na Revolução Constitucionalista, ocorrida entre 9 de julho a 28 de setembro de 1932, marcou a separação momentânea entre os antigos aliados. Com a derrota do movimento, procurou refugiar-se em Rivera e depois na Argentina. No exílio, Collor, escreveu artigos para os *Diários Associados*, cobrindo o conflito militar entre Paraguai e Bolívia na região do Chaco, e no *La Prensa*, periódico argentino, que publicou artigos ofensivos ao governo brasileiro, chamando Flores da Cunha e Getúlio Vargas de traidores. Regressou ao Brasil, em 1934, com a Lei de Anistia. Aliou-se aos paulistas na candidatura de Armando Sales Oliveira e por ter sido acusado de participar da Ação Integralista foi obrigado a buscar novamente o exílio, na França e em Portugal. Durante todo esse período escreveu artigos sobre o governo Vargas, para o *Diário de Notícias*, que não eram publicados no Brasil, devido à censura do DIP, mas que foram divulgados em alguns países europeus, como França, Espanha e Portugal. Seus escritos no exílio foram reunidos em livros e publicados, na Europa 1939, pela editora Pan-Americana e Sinais dos Tempos em 1942. Voltou ao Brasil em 1941, pela intervenção de João Daudt d'Oliveira que ficou responsável por controlar o escritor e antigo colaborador, mas, que, por escrever contra o Estado Novo, acabou sendo preso durante algumas semanas (LEMES, 1984).

Portanto, havia uma disputa de memória a cerca da legislação trabalhista. As publicações das memórias de Alzira Vargas (1960) revelam uma preocupação em torno do desejo de assegurar que essas leis fossem celebradas como um ato político de Getúlio Vargas. As linhas do livro revelam os anseios de uma filha zelosa em fazer justiça à memória do ex-presidente. Na biografia, Frischauer também ressaltou que a memória que o biografado desejava deixar como seu grande legado, era a do legislador social do Brasil.

O dia 1º de maio, dia do trabalhador, foi também um importante dia festivo, comemorado com grandes passeatas e homenagens:

Operários do Brasil, no momento em que se festeja o Dia do Trabalho, não desejaram que esta comemoração se limitasse as palavras, mas que fosse traduzida em fatos e atos que constituíssem marcos imperecível, assinalando pontos luminosos na marcha e na evolução das leis sociais do Brasil. Nenhum governo, nos dias presentes, pode desempenhar a sua função sem satisfazer as justas aspirações das massas trabalhadoras. O trabalho é o maior fator da elevação da dignidade humana! Ninguém pode viver sem trabalhar; e o operário não pode viver ganhando apenas o indispensável para não morrer de fome! O trabalho justamente remunerado eleva-o na dignidade social. Além dessas condições, é forçoso observar que, num país como o nosso, onde em alguns casos há excesso de produção, desde que o operário seja melhor remunerado, poderá, elevando o seu padrão de vida, aumentar o consumo, adquirir mais dos produtores e, portanto, melhorar as condições do mercado interno. Após a série de leis sociais com que tem sido amparado e beneficiado o trabalhador brasileiro, a partir da organização sindical, da Lei dos Dois Terços, que terá de ser cumprida e que está sendo cumprida, das férias remuneradas, das caixas de aposentadoria e pensões, que asseguraram a tranquilidade do trabalhador na invalidez e a dos seus filhos na orfandade, a Lei do Salário Mínimo virá assinalar, sem dúvida, um marco de grande relevância na evolução da legislação social brasileira (D'ARAUJO, 2011, p. 373 e 274).

A citação acima foi um pronunciamento de Getúlio Vargas no dia 1º de maio de 1938. Importante dizermos que os discursos do presidente foram incorporados à literatura da época, no livro *A nova política do Brasil*, publicados pela Livraria José Olympio Editora (D'ARAUJO, 2011). Os trabalhadores a partir de 1930 foram compreendidos como cidadãos brasileiros. Entretanto, a concepção de cidadão, adquiriu características próprias no Brasil, ou seja, cidadão era o indivíduo que estava inserido ao mundo do trabalho e da produção, sem necessariamente desfrutar dos direitos políticos e civis, mas, aquele que tinha como identidade a Carteira de Trabalho, passando a desfrutar as benesses de ser cidadão e ser amparado pelas leis trabalhistas

(GOMES, 2005). O discurso em torno dessa política corroboraria na consolidação da imagem de Vargas como “pai dos pobres”. No discurso, Vargas, evidenciou as conquistas adquiridas pelos trabalhadores, confirmando uma imagem paternalista. A narrativa biográfica teria um papel importante na construção da memória em torno da legislação trabalhista. Collor havia sido entrevistado por Frischauer em 1941, nesse encontro seu testemunho confirmou à chefia da Revolução de 1930 a Getúlio Vargas (FRISCHAUER, 1944, p. 257 e 258). Liderança que havia sido contestada por João Neves da Fontoura. Entretanto, Collor morreu em setembro de 1942, buscou-se talvez por isso na biografia minimizar as desavenças entre os dois importantes personagens políticos. Sua imagem na biografia conferiu-lhe uma fidelidade partidária e como um amigo devotado de Getúlio Vargas, e que por isso o presidente lhe confiara à pasta do Trabalho (FRISCHAUER, 1944, p. 278). Estava resguardada sua memória de incansável contribuinte da Revolução de 1930 e de Republicano. Contudo, a narrativa biográfica, lhe negou a imagem consagrada nos jornais, de criador da legislação trabalhista, sendo atribuídas à Vargas. Além disso, foi ocultado na biografia, que Collor era um opositor contumaz ao Estado Novo. A sua morte, anteriormente à publicação da obra, pode ter aplacado o desejo de ser associado aos inimigos de Vargas e, portanto, sua imagem foi apaziguada, reservando sua importante contribuição no período revolucionário. Na biografia, a legislação foi assim compreendida:

O grande título histórico que o Dr. Getúlio Vargas podia principalmente reivindicar para si, acrescentara, é o de “Reformador social do Brasil”. “É preciso não esquecer”, explicara o Dr. Lourival Fontes, “antes da chegada ao governo do Presidente, o operário fosse da indústria, fosse rural – era considerado um pária, e como tal tratado”. O antecessor de Getúlio Vargas no governo sintetizara os conceitos acumulados, sobre a questão social, pelas gerações anteriores, nesta frase: A questão social é apenas um problema de polícia. Não se encontrava na legislação uma só lei de amparo e proteção ao trabalhador, de previdência ou de assistência social. Foi o Presidente Vargas quem criou a lei de oito horas de trabalho, a do salário mínimo, a da sindicalização, a das férias remuneradas, a da estabilidade no emprego, a da justiça do trabalho; devem-se a ele as comissões de conciliação e de arbitragem, as escolas e os restaurantes de fábricas, as casas populares, as leis de proteção à família do trabalhador. Getúlio Vargas fez da política um instrumento ao serviço do povo, no interesse do seu bem-estar e da sua felicidade (FRISCHAUER, 1944, p. 386 e 387).

Com essa política trabalhista, na gestão de Vargas, a questão social, deixou de ser “caso de polícia” passando a ser “caso de política”. Assim a narrativa biográfica não deixava dúvidas sobre a memória que Getúlio Vargas ambicionava para si, a de: “Reformulador social do Brasil”.

A biografia assim assimilava dois ideários construídos na política varguista, a legislação trabalhista e a valorização do trabalho como importante elemento identitário da sociedade brasileira e a sindicalização importante instrumento do Estado como intermediário entre as questões relacionadas ao capital e ao trabalho:

A juventude e aos trabalhadores destinam-se os benefícios da legislação social, cujos fundamentos são: educação sadia, condições de trabalho higiênicas, garantia de salário mínimo. Num país onde a libertação dos escravos só remonta há pouco mais de cinquenta anos, e inexplorado ainda em algumas partes do seu imenso território, o combate ao analfabetismo tinha de acompanhar a obra de educação social, e para incrementá-la, o meio mais seguro e adequado é a criação de condições de existência favoráveis. Durante o governo de Getúlio Vargas, ascende a 12.808.931 o número dos trabalhadores inscritos nos 1.049 sindicatos registrados. As instituições de previdência social para a velhice... 2.124.714 membros, distribuídos em 6 institutos e 76 caixas de aposentadoria e pensões. O princípio fundamental da assistência social é: “Ninguém, no Brasil, deve passar fome, e todo o trabalhador deve gozar do amparo social que lhe cabe de direito” (FRISCHAUER, 1944, p. 375).

Assim, a imagem de pai é novamente associada a Vargas, a do pai provedor. Além de garantir que os filhos da nação não passassem fome, providenciaria também amparo, educação e a condição do sustento. Mais ainda, a legislação social beneficiaria todos os grupos sociais, transmitindo um sentido de compartilhamento. Também do pai que protege: Getúlio, desde criança, guardião de rebanhos²⁷ (FRISCHAUER, 1944, p. 33), assim como projeto de nação proposto em 1930 e consolidado em 1937, precisava amadurecer, também o seu povo, considerado inepto e imaturo precisavam atingir uma maioria para o exercício pleno de sua cidadania, visão compartilhada de alguns ideólogos do governo. Portanto, o pai, precisava criar as condições estruturais para assegurar o crescimento e maturidade, guardando, protegendo e garantindo aos filhos do Brasil, todos os direitos e benefícios proporcionados pelo responsável legal da nação, ou seja, o Presidente da República.

Além do 1º de maio, a partir de 1940, o DIP, integrou o aniversário do presidente, comemorado no dia 19 de abril, como data de celebração de festividade nacional, com realizações de passeatas e programas de rádio que enalteciam as qualidades pessoais do presidente, tais como coragem, magnanimidade e singeleza. Nesta ocasião houve a publicação de uma coleção literária intitulada *Uma grande data* (1941), além de publicações de obras, como *O*

²⁷ Possivelmente uma referência ao povo.

Sorriso do Presidente Vargas de Paulo Roberto (1940) e *Getúlio Vargas e sua vida*²⁸, foram distribuídas a inúmeras escolas e repartições públicas, que também passaram a pendurar em suas paredes, a fotografia oficial do presidente, de casaco e meio sorriso – a *Mona Lisa*, segundo o escritor Osvald de Andrade (LUCA, 2011), assim como a pintura de Leonardo da Vinci, o presidente possuía também um sorriso enigmático e indecifrável. O sorriso do presidente na biografia recebeu um espaço destacado:

Mas, em toda a cerimônia, o que me parece mais singular é o sorriso do Presidente. Já tinha ouvido falar dele. Existe até um livrinho que, contando anedotas tiradas de sua vida, mostra o senso de humor de Getúlio Vargas. Mas o sorriso que vejo não é do homem que antecipa, com um movimento de lábios, a graça de uma boa piada. Não é, tão pouco, um sorriso melífluo e obsequioso, nem exprime desejo de se pôr em mais íntima relação com o interlocutor. Dá-nos a impressão de provir da boa disposição do homem a cujos lábios aflora; da plenitude duma natureza disposta a dar ao mundo que a rodeia o que de bom ele possui (FRISCHAUER, 1944, p. 21).

O sorriso de Getúlio Vargas foi uma das suas marcas registradas. Possivelmente essa imagem sorridente objetivava dissimular os sentimentos. Alzira Vargas, em suas memórias relata uma instrução que dava aos irmãos para afastar os curiosos e dissuadir aos que procurassem saber como estava o governo por intermédios deles: “sorri, Maneco” (PEIXOTO, 1960, p. 92). O enigmatismo do sorriso do presidente pode se explicar exatamente da dificuldade de decifrá-lo. No seu acervo fotográfico, sua imagem geralmente é estampada com o sorriso nos lábios, ladeados de crianças, portando bandeirolas do Brasil, ou mesmo em fotografias oficiais, há a insinuação de um sorriso. Carrazzoni (1939), também ressaltou a imagem sorridente de Vargas:

O deputado Getúlio Vargas, frequentando as primeiras sessões da Câmara, proferia observar a agir, escutar a falar. Os que o tratam, nos corredores ou nas mesas do café, louvam-lhe a ausência de gesticulação, uma modéstia sem constrangimento, na sua atraente naturalidade. Aquele homem afável fala com absoluto domínio dos nervos e se movimenta sem pressa, com a tranquilidade de quem sabe por onde marcha e para onde marcha. Às vezes, no decurso de uma conversação, semi-cerrava as pálpebras, deixando filtrar um olhar fulgurante, que tanto podia ser de malícia, de aprovação ou desacordo. Outras vezes, se acabava de ouvir um comentário chistoso ou de narrar uma pilhéria, ria alto, atirando a cabeça para trás e fechando os olhos, num riso que borbulhava como um

²⁸ Essas obras não aparecem os autores indicando que possivelmente eram obras elaboradas por funcionários do DIP (LUCA, 2011).

jato quente de alegria, a irromper-lhe das entranhas do ser (CARRAZZONI, 1939, p. 107).

As obras literárias, além do sorriso, também ressaltavam a generosidade do presidente, que é semelhante à de um pai. Essa generosidade consistia na forma como o Estado Novo concebia os trabalhadores, até então ignorados pelos regimes anteriores, passando a ser englobados na política social. Essa imagem paternalista foi muito discutida pelos historiadores. Muitos compreendem que é inegável a ação do governo Vargas na legislação trabalhista e que a imagem de “Pai dos Pobres” permanece até os dias atuais, devido principalmente a incorporação dos trabalhadores na política. Essa relação trabalhista, intermediada por um Estado forte e corporativo era considerada positiva, até a década de 1970. Entretanto, após esse período, o passado varguista foi batizado de populismo²⁹, por Francisco Weffort, captado por uma visão paulista sobre o governo Vargas. Ao ser assim denominado, essa experiência passou a ser negativa. Essa interpretação de Weffort vai ser contraposta por Ângela de Castro Gomes (2005). De acordo com essa historiadora, o trabalhismo brasileiro, representou a inserção do trabalhador na política nacional, em um projeto estruturado e estabelecido pelo Estado, com direitos sociais sancionados por legislação social. Essa regulamentação trabalhista era inexistente no Brasil e necessária para sua modernização, consolidação do capitalismo e do industrialismo, se constituindo uma das maiores heranças do período varguista, portanto, com essa historiadora temos outra leitura do passado.

Para Maria Helena Capelato (2007), o Estado no governo Vargas ao assumir as funções de interlocutor entre as classes trabalhadoras e o capital, transformando-se em elo das reivindicações do primeiro, ocorreu devido a uma emergência histórica. O surgimento de um Estado forte e centralizador foram necessários para a transição de uma economia agrária para uma economia industrial e também devido à crise do sistema liberal, ocorrido principalmente no período do entre guerras. A crise do liberalismo se fez sentir em vários países, sucedidos de grandes conflitos sociais. Diante da incapacidade desse sistema, neste período, de resolver os conflitos sociais, permitiu o surgimento de novas formas de controle das massas, sob o comando

²⁹ Conceito utilizado para definir a relação entre Estado e trabalhadores, o primeiro representando um governo que estabelece uma relação direta com o segundo, sem intermediários, como por exemplo, partidos políticos. Os governantes passaram a englobar as divergentes camadas populares em suas políticas de massa que abrangia e ampliava as reivindicações de direitos sociais (CAPELATO, 1998).

de um líder carismático, que conduziria o progresso material da nação dentro da ordem social. Assim, a relação entre o Estado e os trabalhadores na gestão Vargas, vai possibilitar a construção pública da imagem de Vargas, associando-o ao legislador providencial, que ‘salva’ os trabalhadores por meio de uma legislação; e também internamente o Brasil da autonomia administrativa que colocava em risco a unidade territorial devido ao sistema liberal, e externamente, das ameaças do comunismo e do nazismo.

As inúmeras biografias escritas sobre Getúlio Vargas, como por exemplo, *Getúlio Vargas, esboço de biografia* (1938), de Eptácio Pessoa Cavalcanti Albuquerque³⁰; *Getúlio Vargas*, de André Carrazzoni (1939) e *Getúlio Vargas, estadista*, de Antônio José Azevedo do Amaral³¹ (1941), foram classificadas como hagiografias. Nessas biografias, Vargas foi apresentado como salvador do Brasil e como homem predestinado:

Os medíocres naufragam no mar belo e terrível: porque não se adaptam aos acontecimentos, não têm o dom de prevê-los ou a energia para atravessá-los, ficam irremediavelmente perdidos. Há uma sabedoria suprema, que consiste em descobrir e fixar, na confusão dos fatos, as correntes profundas da inspiração e vontade de um povo. Quem as revela e, ao mesmo passo, as conduz, possui a alma de chefe, de grande chefe. A predestinação de Getúlio Vargas está nessa sabedoria suprema. Elegeu-o o destino (CARRAZZONI, 1939, p. 8).

A biografia de Getúlio Vargas, escrita por Carrazzoni (1939) e por Frischauer (1943), corroboram para uma imagem de homem escolhido pelo destino, capaz de prever os infortúnios e solucioná-los antes mesmo de sua emergência. Para os biógrafos a predestinação de Vargas estaria ligada à sua capacidade de conhecer os homens:

³⁰ O carioca Eptácio Pessoa Cavalcante Albuquerque (1911-1951), era filho de Eptácio Pessoa, candidato a vice-presidência nas eleições em 1930 da Aliança Liberal, após sua morte foi publicado o livro de sua autoria: *João Pessoa: o sentido de uma vida e de uma época*. Era conhecido como “Eptacinho”, combateu a Revolução Constitucionalista de São Paulo em 1932 e em 1937 formou-se em Direito. Em 1941, na comemoração do quarto aniversário do Estado Novo, proferiu um discurso intitulado “Getúlio Vargas e o Brasil de após 1930”, no Teatro Santa Isabel, em Recife.

³¹ Azevedo do Amaral (1881-1942), embora formado em medicina, não exerceu a profissão, dedicou-se ao exercício do jornalismo político. Entre os anos de 1906-1916, foi correspondente dos jornais *Correio da Manhã*, *A Notícia*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Comércio* e redator-chefe de *O País*. Em 1930 publicou o livro, *Ensaio Brasileiro*, no qual propunha a instituição de um Estado autoritário, corporativista, em substituição ao Estado liberal, que, na sua visão era incompatível à realidade do Brasil, da mesma forma, era contrário ao Estado fascista e Totalitário. Foi um dos teóricos do regime do Estado Novo. Defensor da industrialização do Brasil com investimento do capital estrangeiro. Além de artigos em revistas foram publicados: *Patogenia do edema* (1902); *O Brasil na crise atual* (1934); *A aventura política no Brasil* (1935); *Renovação nacional* (1936); *O Estado autoritário e a realidade nacional* (1938); *A verdade sobre a Espanha* (1938) (CHAVES, S/D).

[...] seu êxito pessoal, que, de uma remota fazenda na fronteira sul-ocidental do Brasil, o conduziu à mais alta função que a República podia confiar-lhe e à significação política que tem sua pessoa além das fronteiras do seu gigantesco país. A explicação dessa carreira extraordinária está no conhecimento dos homens, e na capacidade de lidar com eles, que Getúlio Vargas adquiriu no transcurso de uma luta pela vida, dura e cheia de alternativas (FRISCHAUER, 1944, p. 23).

A determinação antecipada do destino de Vargas estaria estabelecida a priori, e foram profetizadas por D. Carmelita Xavier³² e Pinheiro Machado³³, este último em conversa com o velho Vargas, teria proferido: “Vargas: este menino irá muito longe! Talvez, mesmo, à presidência da República” (CARRAZZONI, 1939, p. 17 e FRISCHAUER, 1944, p. 47), e D. Carmelita Xavier: “Getúlio: qualquer coisa me assegura que você será ainda um grande homem. Quem sabe presidente do Estado? [...] Getúlio, respondeu: – Aumenta a escala, d. Carmelita: presidente da República...” (CARRAZZONI, 1939, p.30). O diálogo estabelecido entre d. Carmelita e Getúlio Vargas foi durante o período de estudante, provavelmente em 1904, em Porto Alegre. Esse diálogo aproxima Vargas a uma visão de homem do povo, de convívio com pessoas simpáticas, como dona Carmelita, uma simples dona de casa. Frischauer, também ressaltou essa singularidade de Vargas:

Getúlio queria ter a própria vida, ser independente, senhor de si mesmo. Mas não era a situação de recruta sumamente difícil, no quartel de São Borja, entre gente de condição tão diversa, para o filho de um general, para descendente de uma família que desfrutava de tanta consideração? Respondeu-me: Para Getúlio? A convivência com a rapaziada de todas as camadas sociais, mesmo das mais baixas, não o incomodava; ao contrário: era um dos nossos. É verdade que não falava muito, mas fazia-nos falar. Creio que se divertisse muitíssimo. Que camarada! O Senhor não imagina como eu e os outros recrutas de então, mesmo mais tarde, ficamos ligados a ele! (FRISCHAUER, 1944, p. 67).

³² Esposa de Perciliano Bento de Xavier, oficial da Brigada Militar do Estado (CARRAZZONI, 1939, p. 30).

³³ O senador Pinheiro Machado era amigo do general Vargas. Nas eleições de 1907, enquanto Getúlio fazia propaganda em prol de Carlo Barbosa, em São Borja, o general Vargas, Também cerrava fileira ao candidato do PRR. Após o término da disputa em consequência de sua amizade com Pinheiro Machado e dos serviços prestados, o general Manuel do Nascimento Vargas receberia a Intendência e a liderança do PRR são-borjense.

O testemunho acima foi obtido de Godofredo Camargo Bandeira, companheiro de caserna de na Escola de Tática do Rio Pardo. O depoimento afirmava a simplicidade e o ideário construído de que o presidente era gente do povo e de homem predestinado a assumir a liderança da nação. A mesma visão dos biógrafos foi endossada por Alzira Vargas: “Vieram para ele às primeiras campanhas políticas, os primeiros discursos de fôlego e sua revelação como líder nato, sem que o buscasse, como numa predestinação” (PEIXOTO, 1960). Essas construções idealizadas são criações artificiais, essas abordagens biográficas foram problematizadas por Bourdieu (1996). A escrita biográfica entrelaçava o percurso político de Vargas com os problemas enfrentados nessa jornada. Ao dar-lhe sentido, construíram uma narrativa que potencializava a trajetória do presidente, para que se assemelhasse ao real vivido e a um fato unilateral. Independentemente dos percalços, seu destino estava já pré-estabelecido. De acordo com essa criação, Vargas nascera para ser presidente da república, e todos os caminhos o conduziria a isso.

Outro aspecto interessante foi o vínculo que as biografias fazem entre Getúlio Vargas, Júlio de Castilhos e Pinheiro Machado. Quais seriam as intenções dos biógrafos? Possivelmente legitimar Getúlio Vargas e não Borges de Medeiros³⁴, como herdeiro político de Júlio de Castilhos e de Pinheiro Machado, ou seja, do republicanismo e do PRR e também como tentativa de silenciamento e apagamento da memória política de Borges de Medeiros, que após 1932 foi exilado em Cachoeira, devido sua adesão ao movimento Constitucionalista ao lado de São Paulo. Concomitantemente, enquanto Júlio de Castilhos assumia a presidência do Rio Grande do Sul, Pinheiro Machado assumia a cadeira do senado federal no Rio de Janeiro. No Rio Grande do Sul, o grande líder republicano fora Júlio de Castilhos³⁵, embora sua influência política tenha se

³⁴ Na narrativa, Frischauer deixa bem claro que após a morte de Pinheiro Machado, houve um estremecimento dos vínculos políticos entre Borges de Medeiros e os Vargas, principalmente entre os anos de 1913 a 1917, e posteriormente em 1932.

³⁵ Júlio Prates de Castilhos (1859-1903). Desde o início de sua formação acadêmica participou intensamente da campanha republicana, em suas atividades enquanto estudante de Direito, esteve sempre ligada a Assis Brasil. Em 1879, Castilhos, Joaquim Francisco Assis Brasil e outros estudantes fundaram o jornal *A Evolução*, de cunho republicano. Em 23 de fevereiro de 1882, juntamente com Assis Brasil, Pinheiro Machado e outros participaram da fundação, em Porto Alegre, do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), onde intensificou as campanhas republicana e abolicionista. Assis Brasil tornou-se cunhado de Júlio de Castilhos, após se casar com Cecília Prates de Castilhos. Júlio de Castilhos e Assis Brasil tornaram-se os grandes líderes do PRR, que tinha como um dos seus princípios o federalismo. Fundou o jornal *A Federação* em 1884, que se tornou porta voz do PRR. Castilhos desde o tempo de estudante adotou a doutrina positivista de Augusto Comte (1798-1857), como orientação política. Com a proclamação da República, elegeu-se deputado pelo Rio Grande do Sul em 1890 e contribuiu para a elaboração da carta Constitucional Republicana de 1891, que depois de promulgada estabelecia eleições indiretas, pelo colégio eleitoral, para o primeiro presidente da República. Havia dois candidatos, Marechal Deodoro da Fonseca e Prudente de Moraes. Assis Brasil, Manuel da Rocha Osório, Alcides Lima e Vitorino Monteiro votaram em Prudente de Moraes e Júlio de Castilhos e outros gaúchos votaram em Deodoro da Fonseca. Portanto, a primeira eleição à

constituído somente a nível regional, foi considerado o “grande patriarca”, pai da Constituição gaúcha e do republicanismo no Rio Grande do Sul. Era o líder mais reverenciado pelos acadêmicos e pelos Republicanos Históricos gaúchos. Após sua morte, houve uma disputa entre os fundadores do PRR e os seus antigos correligionários, pelo legado Castilhistas. Dentre eles Borges de Medeiros, Assis Brasil, Fernando Abbott e Pinheiro Machado³⁶. Esses gaúchos haviam participado da fundação do PRR e se julgavam herdeiros da legenda republicana e tudo o que ela

presidência da República marcou uma dissidência no PRR, pois, Júlio de Castilho líder da bancada gaúcha havia orientado que todos os gaúchos devessem votar em Deodoro. No Rio Grande do Sul, o governo era assumido por Fernando Abbott, que deveria conduzir a eleição para o Congresso Constituinte gaúcho, marcada para 5 de maio, esse Congresso teria a responsabilidade de apreciar e votar o projeto da Constituição estadual, que havia sido elaborado por Assis Brasil, Ramiro Barcelos e Júlio de Castilhos, sendo que este último foi o responsável quase que exclusivo pelo texto constitucional. A Constituição rio-grandense assume uma característica peculiar, pois, nela o Presidente do estado, representante do executivo estadual, seria investido de uma autoridade legal, no qual estariam submetidos o poder legislativo e o judiciário. A constituição riograndense, mais conhecida como castilhista, foi aprovada em 14 de julho de 1891 e Júlio de Castilhos foi eleito presidente do Rio Grande do Sul. Deodoro enfrentou problemas políticos e Júlio de Castilhos posicionou-se a seu favor e Assis Brasil, posicionou-se contrário a Castilhos, que renunciou a presidência do Estado no dia 12 de novembro, assim como Deodoro renunciou a presidência da República, no dia 23 de novembro de 1891. Ao assumir a presidência da República o Marechal Floriano Peixoto devolveu a presidência do estado a Júlio de Castilhos, que renunciou em seguida, passando o cargo ao vice-presidente do estado, que deveria convocar novas eleições. Em 26 de janeiro de 1893, Júlio de Castilhos foi reconduzido ao cargo, após vencer as eleições, mantendo-se à frente da presidência do Rio Grande do Sul até 1898, e líder do PRR até sua morte em 1903. Em 1898 Augusto Borges de Medeiros com a interferência de Júlio de Castilhos foi eleito seu sucessor. Entretanto, Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, mantiveram seu prestígio restrito ao Rio Grande do Sul. Castilhos foi considerado “Patriarca do Rio Grande do Sul” (SILVA, s/d).

³⁶ O gaúcho José Gomes Pinheiro Machado (1851-1915), participou voluntariamente da Guerra do Paraguai (1864-1870). Desistiu a carreira militar para cuidar da propriedade da família. Em 1872 partiu para São Paulo para concluir os estudos, e em 1878 formou-se Bacharel pela Faculdade de Direito. Durante sua vida acadêmica participou ativamente das campanhas republicanas, organizando um Clube Republicano e um periódico *A Renascença*. Após formar-se em Direito voltou para o município de São Luís Gonzaga no Rio Grande do Sul, onde fundou o Clube Republicano de São Luís Gonzaga em 1880. Juntamente com Joaquim Francisco de Assis Brasil e Júlio de Castilhos e outros gaúchos fundou em 1882 o PRR. Com a República e com as eleições para o Congresso Nacional em 1890, Pinheiro Machado foi eleito senador pelo Rio Grande do Sul. Participou da elaboração da Constituição Republicana de 1891. Com a Revolução Federalista, Pinheiro Machado deixou o Rio de Janeiro e partiu para o Rio Grande do Sul, para dar apoio a Júlio de Castilhos. Com a pacificação do sul por tropas de Júlio de Castilhos e com auxílio do presidente da República Marechal Floriano Peixoto, Pinheiro Machado voltou ao Rio de Janeiro para concluir seu mandato de senador. Foi senador eleito em 1897, 1906 e 1915, pelo PRR. Para a sucessão de Prudente de Moraes (1894-1898), Pinheiro Machado defendeu o nome de Júlio de Castilhos, mas não encontrou apoio pela maioria dos republicanos históricos. Pinheiro Machado era contrário à política hegemônica dos paulistas e mineiros no cenário nacional, mesmo assim, foi cortejado pelos presidentes da república eleitos pela política dos governadores. Tornou-se presidente do Partido Republicano Conservador (PRC). Mesmo se opondo a eleição de Campos Sales (1898-1902) para a presidência da República, o presidente paulista adotou uma política de aproximação com o senador gaúcho, o que lhe garantiu destaque no cenário da política nacional, referendado nos governos de Rodrigues Alves (1902-1906) e Nilo Peçanha (1909-1910). Sua influência e atuação política foram extremamente importantes para as eleições de Hermes da Fonseca (1910-1914) e de Venceslau Brás (1914-1918). Pinheiro Machado controlou a Comissão Verificadora de Poderes do Congresso Nacional, responsável em diplomar os deputados federais. Esse controle lhe garantia um poder: negar ou aprovar a diplomação de um deputado. Esse poder de decisão lhe garantiu um lugar de destaque pessoal e do Rio Grande do Sul, nunca antes alcançado. Foi assassinado em 1915, em frente ao Hotel dos Estrangeiros, no Rio de Janeiro, por Francisco Manso de Paiva Coimbra. Foi enterrado no Rio Grande do Sul ao lado de Júlio de Castilhos. Ficou conhecido como *Senador de Ferro*, ou *Fiel da Balança* (SILVA, s/d).

simbolizava. Todavia, Assis Brasil afastou-se da liderança de Júlio de Castilhos, líder da bancada gaúcha no Congresso Nacional, desobedecendo à orientação gaúcha de votarem em Deodoro. Assis Brasil votou em Prudente de Moraes, colocando em cheque a liderança de Castilhos. Enquanto no cenário nacional o presidente da República encontrava obstáculo para governar, Castilhos, que havia pronunciado apoio ao presidente Deodoro da Fonseca foi obrigado a renunciar o governo do Rio Grande do Sul, entregando o poder a uma junta governativa, composta por Assis Brasil, João de Barros Cassal e o general Domingos Barreto Leite (MOREIRA, s/d).

A junta governativa gaúcha, assim que assumiu a presidência do estado, declara anulada a Constituição Castilhista e determina o fechamento do porto de Rio Grande. À frente da junta governativa, Assis Brasil tentou arregimentar apoio dos republicanos para derrubar Júlio de Castilhos do poder, porém esses se mantiveram fieis a Castilhos. Ao tomar posse, o novo presidente da República Marechal Floriano Peixoto apoiou os republicanos e devolveu a presidência do estado do Rio Grande a Júlio de Castilhos, e, Assis Brasil, voltou para sua carreira diplomática, declarando na imprensa um manifesto: *Assis Brasil aos seus concidadãos*, no qual tecia contundentes crítica a Júlio de Castilhos, a Constituição castilhista e aos seus princípios constitucionais, considerando-se rompido com o líder do PRR. Como diplomata em Portugal, Assis Brasil entra em contato com o presidente da República Campos Sales, solicitando seu apoio para depor Júlio de Castilhos. Todavia, neste momento a participação de Pinheiro Machado como senador da República foi decisiva para a manutenção de Castilhos à frente do Rio Grande do Sul (MOREIRA, s/d).

Em 1904, após a morte de Castilhos, o diplomata Assis Brasil voltou ao Rio Grande do Sul, declarando publicamente que pretendia voltar ao PRR, e tornar posse dos espórios do partido, fundado também por ele. As intenções de Assis Brasil eram claras. Cômico de que para se tornar presidente do estado gaúcho, seria necessário estar inserido no sistema político, por isso seria, imprescindível ter apoio do partido republicano. Contudo, Borges de Medeiros, já havia sido ungido por Júlio de Castilhos e referendado por Pinheiro Machado, como seu sucessor, o que garantiu a Medeiros a liderança regional do PRR no Rio Grande do Sul. Essas disputas evidenciam uma divisão interna das forças políticas no Rio Grande do Sul, o que levava constantemente a conflitos armados em guerras civis, o que era muito criticado a nível nacional. Essas disputas foram evidenciadas nos pleitos eleitorais de 1907. Diante das dificuldades

enfrentadas dentro do PRR, Assis Brasil fundou o Partido Republicano Democrático (PRD) em 1908, coligando antigas forças opositoras contrárias a Júlio de Castilhos e de sua concepção de gestão pública.

No Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, manteve-se fiel à política do partido, mas, na narrativa biográfica, o herdeiro político de Júlio de Castilhos e de Pinheiro Machado era Getúlio Vargas. As biografias de Carrazzoni (1939) e Frischauer (1944) acabaram por cristalizar essa herança, que tem a marca do ressentimento de Getúlio Vargas contra Borges de Medeiros. A projeção política de Borges de Medeiros esteve amparada na estrutura de poder estabelecida na Primeira República. Depois da morte de Pinheiro Machado, Borges de Medeiros tornou-se o líder do PRR, e com isso passou a minimizar as forças políticas dos municípios gaúchos. Em São Borja, o general Manuel do Nascimento Vargas, era castilhista e pinheirista. Sua liderança neste município enfrentou grandes obstáculos sob a liderança de Medeiros. A relação entre Borges de Medeiros e Getúlio Vargas recebeu especial atenção no enredo da biográfica, principalmente devido ao seu posicionamento político no comando do PRR e da ascensão de Vargas à presidência da República. Os dois líderes políticos, teriam um relacionamento de tensão, marcados por aproximações e afastamentos até o rompimento definitivo em 1932.

Frischauer deu ênfase na trajetória política de Getúlio Vargas destacando sua infância: “O de Getúlio, na meninice, segundo seus colegas e irmãos mais velhos, que interroguei, era “calmo”. É o traço mais marcante da sua infância, era a calma precoce, qual fosse à situação” (FRISCHAUER, 1944, p. 34). A entrevista com os inúmeros conterrâneos permitiu, ao biógrafo, confirmar a consolidação da personalidade de Getúlio, formada ainda na meninice. Aos amigos de infância³⁷ coube a contribuição de afirmar que o caráter atual que do presidente como uma pessoa calma, sorridente e apaziguadora, eram características inatas, e foram sendo aperfeiçoadas ao longo dos anos. A oratória, adquirida desde os primeiros anos escolares, confirmava que Getúlio estava propenso à carreira política. O conhecimento sobre os homens garantiria a Vargas a habilidade para conduzi-los. Novamente a imagem de homem predestinado é ressaltada na biografia. Frischauer (1944) destacou os antecedentes políticos. Getúlio Vargas nascera em um lar, castilhista e pinheirista por parte de pai, que era chefe do partido republicano em São Borja;

³⁷ Os principais testemunhos da infância de Getúlio Vargas, além dos irmãos Protásio e Viriato Vargas, foram Perinado Mota, Cipriano de Aragão, Negro Amaro, Gedeão do Nascimento, Vicente Goulart, Genaro Bejarano, Ademar de Melo, Paulino Moraes, Manuel do Nascimento Vargas. Nas entrevistas, de acordo com os entrevistados os adjetivos de Getúlio era de um menino calmo, calado, bem humorado com um sorriso espontâneo.

e, liberal e federalista por parte de mãe, Cândida Dornelles Vargas, e ainda: “A história da carreira de Getúlio Vargas é mais difícil de compreender quando não se conhece a de Júlio de Castilho e de suas experiências políticas, porque Getúlio, de certo modo, desde criança era castilhista, como digno filho de seu pai” (FRISCHAUER, 1944, p. 36). Assim a estratégia de vincular Getúlio a Castilhos objetivava associar o passado de luta da família Vargas à história de luta ao republicanismo, à absolvição da escravidão, e também a constituição castilhista à do Estado Novo, semelhantes nas formas de concepção do Estado. Além disso: “As tréguas relativas das hostilidades deviam ser atribuídas, antes de mais nada, ao fato de se ter firmado, em todo o Rio Grande do Sul, o poder de Júlio de Castilhos” (FRISCHAUER, 1944, p. 83). Além disso:

Quando Modesto Dornelles – o tio de Getúlio e irmão do irreconciliável e implacável Dinarte – que tomara parte, ativamente, na guerra civil de 1923-1926, adoeceu e sentiu a morte próxima, reuniu à sua cabeceira de agonizante todos os seus partidários, que, por tradição de família e convicção, haviam sido inimigos dos republicanos, do velho Vargas e seus filhos, para dar-lhes a conhecer quais eram suas últimas vontades. A guerra entre irmãos precisava acabar! Todos os que o haviam seguido, deviam colocar-se, agora, sob a chefia de Getúlio. “Não se briga mais com os Vargas. Sigam o Getúlio!” (FRISCHAUER, 1944, p. 225).

A analogia ganhou relevo, pois assim como Júlio de Castilhos, Getúlio Vargas também pôs fim às disputas partidárias em São Borja e no Brasil. Getúlio uniria em torno de si, duas forças históricas antagônicas, os Federalistas e os Republicanos, e mais tarde como presidente, a paz estabelecida em todo o território nacional, devido à extinção dos partidos políticos que traziam desassossego com as disputas partidárias. Enquanto que a imagem de Borges de Medeiros vai ser vinculada a dissidência do PRR e a intensa campanha eleitoral que eram uma demonstração do seu desgaste político. Portanto, há um contraponto entre as imagens de Vargas e Medeiros. Enquanto o primeiro era o símbolo da unidade, o segundo era a imagem da desordem.

Ao mesmo tempo, a narrativa biográfica ligava Pinheiro Machado a Getúlio Vargas, através de sua primeira atuação política, nas eleições de 1907. Desde 1898, Borges de Medeiros mantinha-se à frente da presidência do estado do Rio Grande do Sul, porém para nessas eleições, Assis Brasil deixava de ser diplomata em Portugal e vinha para o Rio Grande do Sul para as disputas eleitorais. Medeiros lançou a candidatura do médico republicano Carlo Barbosa

Gonçalves, e a oposição lançou Fernando Abbott³⁸, representante da coligação dos dissidentes do Partido Republicano Rio-grandense, coligados aos Federalistas. Diante da dissidência do PRR, Pinheiro Machado sugeriu o ingresso dos acadêmicos castilhistas na campanha em favor de Carlo Barbosa Gonçalves. Para tal atividade política houve a formação do Bloco Acadêmico Castilhista, grupo composto por estudantes dos cursos de Direito, Medicina e Engenharia da Faculdade de Porto Alegre e da Escola Militar. Era composto, principalmente, por Paim Filho, João Neves da Fontoura, Lindolfo Collor, Maurício Cardoso, Oswaldo Aranha, Flores da Cunha e Eurico Gaspar Dutra, dentre outros, passando a constituir uma ala jovem dentro do Partido Republicano Rio-grandense. Era preciso uma coligação de forças para a manutenção do comando regional, ameaçado pela campanha oposicionista, que colocava em cheque não só a manutenção do poder local, mas também a memória política de Júlio de Castilhos. Esse processo político de disputas internas e a intensa reorganização partidária, ideológica e de concorrência do mando local, será um marco extremamente importante na estrutura política do Rio Grande do Sul. Nessa eleição surgirão lideranças políticas que marcarão a política nacional e estadual, a chamada “Geração de 1907”. Seu principal veículo de expressão ideológica foi o jornal, *O Debate* (MOREIRA, s/d).

O Bloco Acadêmico Castilhista foi indicado como o início da vida pública de Getúlio, que, junto aos colegas da faculdade de Direito se organizavam em torno da propagação e conservação da doutrina de Júlio de Castilhos. Portanto a campanha de 1907, não podia ficar de fora dos registros políticos das biografias, Carrazzoni (1939), Frischauer (1944) e posteriormente Alzira Vargas (1960) apontaram essa campanha, como ponto inicial na carreira política de Vargas.

Desse período, Frischauer destacou o seguinte trecho do discurso efetuado em uma manifestação dos estudantes que formavam o Bloco, no qual são reveladas as aspirações do jovem político em defesa do partido: “A democracia é a aspiração comum dos povos civilizados, quanto à sua regulamentação política”, mas, “só pela educação poderemos ter um povo verdadeiramente capaz de um governo democrático” (FRISCHAUER, 1944, p. 97). Percebemos

³⁸ O gaúcho Fernando Abbott (1857-1924) havia participado da fundação do PRR, eleito deputado federal em 1891-1892 e em 1893-1894, assumiu interinamente a presidência do Estado em duas ocasiões de 16 de março a 15 de julho de 1891, devido a renúncia de Júlio de Castilhos. E novamente em 27 de setembro de 1892 conduzindo as eleições para a presidência do estado e em 27 de setembro de 1892 empossando Júlio de Castilhos como Presidente do estado. Participou da elaboração da Constituição federal de 1891 e da Castilhista. Foi embaixador brasileiro na Argentina entre os anos de 1894-1897 (NOLL, s/d).

neste discurso uma concepção corrente entre alguns grupos, a visão de incapacidade eleitoral do povo brasileiro. Esse argumento justificaria a intervenção do Estado, pois, o governo deveria propor as condições básicas para o preparo ao exercício da cidadania. Dentre os inúmeros discursos, textos e passagens em que ressaltou a formação política de Vargas rumo a um destino já previsto pelo próprio Pinheiro Machado, o biógrafo, esforçou-se por caracterizar traços da personalidade que perdurariam até sua ascensão à presidência. A menção ao período do Bloco Acadêmico foi à indicação da valorização do início político dos juízes do futuro e o primeiro importante passo de Getúlio para a vida pública. A narrativa da campanha eleitoral para a presidência do Rio Grande do Sul em 1907 anunciava a expectativa futura dos líderes da Revolução de 1930.

No espaço jornalístico de *O Debate*, além da propaganda em prol do candidato representante do grupo castilhista, os acadêmicos desfilavam os novos conceitos adquiridos no ambiente acadêmico, e projetavam-se diante dos seus pares. Nas páginas do jornal criticavam o grupo oponente, ao qual chamavam de charlatões da ciência (ABREU, 1996), pois, não tinham doutrina política própria para a condução do Estado, enquanto o PRR se configurava em um grupo coeso, com uma organização doutrinária castilhista, capaz de manter unificado sob sua gestão a administração pública, atrelando o progresso econômico e social à permanência do partido no comando do estado riograndense. A campanha eleitoral de 1907 serviu como oportunidade aos novos correligionários de se inserirem definitivamente no rol dos membros do PRR, uma vez que, esses acadêmicos viajavam ao interior do estado, distribuindo o periódico *O Debate* e fazendo discursos. Nesse sentido, a disputa eleitoral, a distribuição do jornal e as viagens ao interior gaúcho foram às oportunidades de conhecer os principais líderes locais, ampliando a rede social e se fazendo conhecidos, e, ao mesmo tempo, adquirindo experiência política.

Frischauer (1944) argumenta que Getúlio construiu as bases para a vitória eleitoral tão desejada pelos acadêmicos e demais correligionários republicanos:

Em nome da Faculdade de Direito, dirigiu um manifesto não só à classe acadêmica, mas a todo o Estado. O tom objetivo, o conteúdo claro e o conhecimento da psicologia do riograndense eram garantia da eliminação de equívocos, da difusão – e do êxito. Os fatos que Getúlio Vargas levou ao conhecimento dos eleitores, são os seguintes: O médico-político, na manhã do dia em que concluiu, com os federalistas, seu “pacto imoral contra os bons mores republicanos”, como o denominou Getúlio, tinha declarado ao

senador Pinheiro Machado que nunca dissentiria dele, de que se considerava soldado e amigo. Seis horas mais tarde, o Dr. Abbott, aliara-se aos adversários do Partido Republicano. “Dentro de que partido se achava o Dr. Abbott, às duas horas da tarde”? Perguntava Getúlio, e prosseguia: “Não temos predileções pessoais em relação ao homem que deverá dirigir os destinos do Estado; a alta confiança que nos inspiram Borges de Medeiros e Pinheiro Machado, leva-nos a esperar que a escolha do candidato recairá em alguém que, fiel ao programa que Júlio de Castilhos tracejou, num rasgo de clarividência genial, será um continuador digno de obra política que defendemos” (FRISCHAUER, 1944, p. 114).

A estratégia articulada em torno da infidelidade partidária de Abbott foi um dos argumentos contundentes dos seus opositores. No entanto, ressaltou outra fragilidade na candidatura do oponente, ele não era mais fiel à política partidária de Júlio de Castilhos e ao se tornar candidato de uma coligação tão heterogênea, - pois os federalistas eram favoráveis ao parlamentarismo e os republicanos, ao presidencialismo - certamente provocaria muitas dificuldades na administração do estado (ABREU, 1996). Portanto, Abbott era uma ameaça à boa gestão pública, pois não teria apoio necessário para manter-se no poder e conseguir suporte político necessário para administrar o estado. O manifesto, ainda recorre para o que era mais caro aos gaúchos, a honra partidária:

E o que mais tortura a alma riograndense... É ver que o Dr. Fernando Abbott não repugna subir as escadas do palácio numa onda cédulas multicores, lançadas às urnas por mãos inimigas, pintalgadas ainda de sangue da luta recente, empenhadas contra o partido de que ele era um dos generais. Essa aliança híbrida com o federalismo é visceralmente contrária aos princípios da sã política, assume aos olhos do Rio Grande do Sul as proporções de um monstruoso concubinato político (FRISCHAUER, 1944, p. 114-115).

Segundo o autor, o manifesto atingiu os objetivos, pois realizado o pleito no dia 27 de novembro de 1907, a vitória foi do PRR, ou ainda, de Getúlio, que: “durante a campanha eleitoral, Getúlio falara bastante e tinha feito falar de si. Seu nome ficara em evidência” (FRISCHAUER, 1944, p. 123), assim contribuindo para que assumisse a vaga de segundo promotor público, e que ainda em 1909 seria lançado como candidato ao legislativo pela mesma sigla partidária. Não podemos deixar de notar a semelhança entre a estratégia utilizada por

Getúlio em 1907, contra o Dr. Abbott, com a de 1930, de Washington Luís contra Getúlio. Na ocasião, o presidente da República também se utilizou do expediente dos jornais para desmoralizar Getúlio Vargas, que era membro do PRR, e jurava fidelidade ao PRP e ao amigo Washington Luís, mas, ao contrário da promessa, tornava-se candidato da Aliança Liberal. A prática da desmoralização pessoal na política era um recurso utilizado pelos homens do poder. Além do mais, as acusações de Getúlio contra Abbott era devido aos apoios heterogêneos, alertando sobre a dificuldade administrativa que tal candidato iria enfrentar para governar o estado, alianças essas denominadas em 1907, de “monstruoso concubinato político”. Não seriam também apoios de grupos divergentes que levaria Vargas ao poder em 1930?

Outra fonte importante que o biógrafo destacou na tarefa de biografar Vargas, advém das conversas que manteve com o professor de psiquiatria Jacinto Godoy, primo de João Neves da Fontoura, e que era muito próximo dos círculos de convivência de Getúlio, participando inclusive do Bloco Acadêmico Castilhistas e das discussões para a redação do jornal *O Debate*. Nessas ocasiões o médico, pôde observá-lo de perto e, portanto, diagnosticá-lo. Segundo Godoy, o presidente possuía desde a mocidade uma natureza já formada. Para tal diagnóstico, o psiquiatra associou a conservação de sua caligrafia e assinatura, mantidas durante todas as etapas de formação, e, por não terem se alterado ao longo dos anos era uma demonstração que também o caráter de Getúlio não sofreu alterações, permanecendo sempre firmes seus princípios e ideais políticos. Mais uma vez está em questão, à construção o ideário de que Getúlio permaneceu íntegro durante toda a vida, sem vacilar, cultivando desde a infância uma personalidade equilibrada, tranquila, preparada para momentos difíceis, que em situações de ânimos exaltados mantinha sem esforço o domínio de si, estando perfeitamente preparado para agir e tomar decisões.

Consubstanciado nas informações obtidas pelas entrevistas, Frischauer afirmou que Getúlio, desde quando era defensor dos ideais castilhistas como membro do Bloco, e exímio orador entre os colegas, e redator do jornal *O Debate* e posteriormente bacharel em Direito, o presidente, conservou as características que o auxiliaram durante toda a trajetória pública, iniciadas como promotor público e advogado. Através do contato com a população como promotor em Porto Alegre, com seus clientes durante a advocacia e nas experiências vividas em São Borja possibilitou o conhecimento dos homens, o que lhe permitiu o exercício de suas qualidades de conciliador; não distante nem ignoto dos acontecimentos, punha-se a par dos

problemas sociológicos, econômicos e políticos que acometiam não somente as questões políticas, mas também o Brasil. Na biografia escrita pelo austríaco, além da relação entre seu biografado com Júlio de Castilhos, propunha também outra analogia, entre Vargas e Pinheiro Machado:

[...] Afonso Pena, era sem dúvida o Presidente da República, mas de sua cadeira, relativamente modesta, de senador, Pinheiro Machado, dominava o país. [...] Pinheiro, aliás, surpreendia, continuamente, adversários e correligionários, pelo conhecimento objetivo e pormenorizado dos mais difíceis problemas de administração. Seu grande mérito era a rápida compreensão, a boa memória e a faculdade de expor com clareza. A atitude ativa de Pinheiro Machado gerou ódios, mas seus próprios inimigos, que, certa vez, chegaram a organizar um motim popular contra ele, admiravam-no (FRISCHAUER, 1944, p. 145).

Assim, Pinheiro Machado e Getúlio Vargas eram profundos conhecedores dos problemas sociais e econômicos do Brasil, esses conhecimentos, lhe garantiam capacidade de governo, no entanto, também despertavam admiração e ódio:

Quando, mais tarde, vim conhecer pessoalmente Getúlio e seus “inimigos”, compreendi inteiramente o sentido da expressão. Ódio e inimizade são sempre correspondidos com igual veemência. Mas Getúlio Vargas demonstrou ser uma das poucas exceções dessa regra. Não é possível a um estranho averiguar a brandura do seu coração, o “perdão cristão”, ou ao reconhecimento humano e político de que responder com ódio ao ódio só pode aprofundar ainda mais os abismos existentes e dificultar qualquer reconciliação futura. Certo é, porém, que o construtor do Brasil Novo já declarara, quando jovem deputado à Assembleia do Rio Grande do Sul: “Só há uma força permanente e capaz de construir: é o amor” (FRISCHAUER, 1944, p. 368).

No passado, Getúlio teria posto fim nas divergências internas entre os grupos que se debatiam pelo poder no Rio Grande do Sul e assim como Pinheiro Machado era um grande conciliador. Quem é mais conciliador do que o patriarca da família? Ou seja, na argumentação, Getúlio cumpria o papel de pai conciliador. Essa identidade era uma projeção para o futuro, isto é, se o presidente havia posto fim, em rixas internas no passado, o mesmo podia fazer agora, no

Estado Novo. Os “inimigos” podem se tornarem “amigos”, em uma modalidade de “amor” que constituía a personalidade do presidente. Porém, Vargas diferentemente do senador, não sucumbiria ante aos inimigos:

Todas as medidas do governo encontraram partidários e impugnadores. A habilidade de Getúlio em lidar com os homens, nascida do seu temperamento ou fruto de sua educação, consistiu também em prestar informações sobre o porque das suas medidas de governo, isto é, em esclarecer os motivos inspiradores aos adversários bem-intencionados, cuja oposição não provinha de razões pessoais (ambição contrariada, vaidade ofendida, etc.). Desse modo, mesmo aqueles que por suas convicções não podiam aceitar os motivos alegados, criam que Getúlio estava persuadido das razões da medida. Graças a isso, e ao êxito de suas providências de governo, que confirmavam não só as razões, mas, também, a justiça do modo de pensar de Getúlio, foram rareando as fileiras dos adversários, muitos dos quais se transformaram em colaboradores (FRISCHAUER, 1944, p. 370).

A imagem de Getúlio Vargas construída na biografia estava afinada à literatura e aos jornais no período do Estado Novo, mesmo que durante este período a imprensa estivesse censurada proibindo a divulgação de qualquer notícia que manifestassem descontentamento, e, que muitos jornalistas não tenham se inclinado às pressões do poder: “o autoritarismo do Estado Novo explica a adesão e o silêncio de jornalistas, por outro lado, não se pode deixar de considerar que a política conciliatória de Getúlio Vargas aliada a “troca de favores” também surtiu efeito entre os “homens de imprensa”” (CAPELATO, 1998, p. 76). Assim, os mecanismos utilizados para a fabricação da imagem do presidente Getúlio Vargas, como homem público envolveu um conjunto de representações construídas, no qual lhe foram afixados atributos singulares, como seu sorriso, seu espírito de liderança, seu conhecimento sobre a natureza humana, sua afabilidade, seu caráter pacificador, sua predestinação. Qualidades ressaltadas por seus amigos: “O que lhe dava relevo entre os discípulos era à sua maneira de ser, com o esmalte de certa autoridade natural, o ar acolhedor, o humor invariável, a boa palestra, a cultura das letras, o equilíbrio precocemente revelado” (FONTOURA, 1958, p. 44), e mesmo os inimigos do presidente, como o comunista Mário Lago, que na época do Estado Novo reconhecia seus atributos:

O Getúlio tinha a admiração dos artistas por uma razão muito simples. Foi autor da lei que praticamente regulamentou a profissão; do direito autoral, que deu uma estrutura ao recebimento desse direito – a lei Getúlio Vargas. Razão por que havia uma aura de ternura, de agradecimento, de gratidão do artista à sua figura... Todo o 31 dezembro, havia uma serenata no jardim do Palácio da Guanabara e o pessoal ia voluntariamente (...) (CAPELATO, 1998, p. 119).

Essas imagens contribuíram para a construção do mito político varguista (GOMES, s/d). Embora sua construção tenha atingido um ápice no Estado Novo (1937-1945), começou a ser talhado ainda durante o Governo Provisório (1930-1934), e os seus pilares foram à relação do presidente com os trabalhadores e o emolduramento, lhe fixou a imagem de pai, e principalmente dos pobres trabalhadores e da nação. Nesse sentido, a biografia escrita por Frischauer sobre o presidente Vargas contribuiu para a consolidação da imagem pretendida pelo biografado. A construção do passado do presidente, que visava elucidar o presente, objetivava uma projeção mais positiva para o futuro, e refutava algumas acusações que pesavam sobre a imagem do presidente, acabando por construir uma cultura de getulização (LENHARO, 1986), processo esse construído dentro do arcabouço ideológico do governo.

A biografia de Frischauer corrobora nesse processo de getulização de uma cultura da imagem, que visava à representação pública do presidente da república brasileira. Essas representações estão inseridas em um jogo de interesses que canalizavam a atuação de toda a máquina governamental, abrindo a possibilidade de releitura do passado, resignificando-o, dotando de novos sentidos (RÜSEN, 2001). O novo sentido pretendido em 1943, com a publicação da obra era consolidar a imagem de Getúlio Vargas como pai dos trabalhadores e da nova nação brasileira. Ao dar relevo aos atributos de homem público acabam por consolidar outras imagens. De líder generoso, pacífico, sorridente, amoroso, protetor e abnegado. Mesmo que essas imagens tenham sofrido novas leituras na passagem do tempo, algumas continuam vivas e inalteradas, o que nos permite dizer que a biografia escrita pelo austríaco, atingiu seus objetivos.

1. 3. A BIOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA DE DEFESA: Uma resposta aos detratores (1930-1934)

Na política as alianças são tênues e transitórias. As alianças hoje, podem se constituir em desacordos amanhã. Ao se encomendar a biografia, essa deveria se constituir como “lugar de defesa”. Os argumentos de Frischauer estão assentados na necessidade de responder as questões colocadas pela oposição. Quais seriam? Quais demandas seriam consideradas relevantes e necessárias de serem respondidas por meio da biografia?

A Revolução de 1930 foi um dos acontecimentos mais importantes envolvendo Getúlio Vargas e seus contemporâneos, que deixaram suas memórias fixadas em obras literárias³⁹, assim igualmente, Vargas atuou sobremaneira para guardar e preservar uma memória desse acontecimento histórico. Posteriormente, a historiografia consagrou esse movimento como um marco de grande importância para a história nacional. Foi, e ainda é, um rastro muito perseguido e esmiuçado, acompanhado de perto por grande parte dos historiadores brasileiros. Não pretendemos discutir profundamente a Revolução de 1930, embora entendamos a grande importância desse movimento, compreendemos como bem apontou Borges (1998) como um movimento de ruptura institucional, terminada com uma nova ruptura com um golpe estabelecendo o Estado Novo em 1937. O que se pretende neste momento é analisar a disputa de imagens e da memória desse acontecimento entre os vários atores históricos.

A memória sobre a Revolução de 1930 é uma reivindicação dos grupos que dela participaram. Aos derrotados coube o ressentimento político, e aos vitoriosos, um jogo de forças dentro do novo governo, que trouxe à baila novas disputas políticas e para todos, memórias partilhadas, no qual uns insistiam em guardar, outros, esquecer. Foi entre o período de 1930 a 1934 que a imagem de traidor, foi sujeitada a Vargas. O político gaúcho rejeitou de todas as maneiras essas acusações e tratou de rechaçar seus efeitos de forma que tais inculpações não lhe manchasse a imagem que pretendia facultar à história. Responder silenciando essa memória era certamente um dos grandes objetivos da escrita biográfica. Mas a quem Getúlio teria traído?

³⁹ Uma das obras memorialística desse período foi o livro de Barbosa Lima Sobrinho, *A verdade sobre a revolução de 24 de outubro* – Publicado em 1933. Em seu *Diário* o Presidente destacou a conversa que teve com Oswaldo Aranha: “Disse-me que o livro de Barbosa Lima Sobrinho atacando-me foi inspirado por João Neves” (VARGAS, 1995, p. 243). A menção ao livro revela uma preocupação por parte do presidente, e que pode ajudar a explicar a necessidade de apagamento dessas memórias em relação à Revolução de 1930, através da biografia.

Para os detratores do presidente, os depostos do poder, os carcomidos políticos, Getúlio Vargas teria traído Washington Luís, os aliados gaúchos, os ideais federalistas e o sistema liberal. A biografia tinha que afastar essas acusações que pesavam sobre Getúlio. Para entendermos as denúncias de traição que incidiam contra Vargas, precisamos discutir sobre o passado que antecederam a Revolução de 1930.

O presidente Washington Luís⁴⁰ assumiu a presidência da República e ficaria a frente do executivo federal entre os anos de 1926 a 1930. Ao montar seu ministério reservou a pasta do Ministério da Fazenda para o Rio Grande do Sul. A reserva de um Ministério aos rio-grandenses segundo Abreu (2001) era indício do desejo de reaproximação do novo presidente do Brasil, com os estados de Minas Gerais e São Paulo, estremecidos nos governos anteriores⁴¹, além disso, Washington Luís era simpático à política de austeridade econômica que Borges de Medeiros, à época presidente do Rio Grande do Sul, praticava no seu estado. A mesma austeridade econômica, Washington Luís pretendia implantar no Brasil. Embora a aposta fosse que, a escolha recaísse sobre Lindolfo Collor, pois além de integrar a Comissão de Diplomacia e Tratados de Finanças, publicava constantemente nas páginas de *O Paiz*, artigos sobre as necessidades de mudanças financeiras no governo federal, e era muito próximo de Borges de Medeiros. A escolha do nome de Getúlio Vargas para a pasta tornou-se um espanto na Câmara. Seus companheiros diziam que ele já havia recusado convites anteriores para participar da Comissão de Finanças: “Nem Nostradamus apostaria em Getúlio para a pasta”, era o desabafo de Gilberto de Lima Azevedo Souza Amado. A explicação da rejeição do nome de Collor deveu-se ao fato de que, este, era opositor do presidente de São Paulo, Carlos Campos, que fora articulador político da eleição de Washington Luís, que escolheu então, o líder da bancada gaúcha, o então deputado, Getúlio Vargas (AMADO, 1960).

⁴⁰ Washington Luís Pereira de Souza (1869-1957). Embora carioca de nascença, exerceu sua carreira política em São Paulo no PRP. Foi deputado estadual (1904-1906) e presidente do estado de São Paulo (1920-1924), por reprimir com veemência o movimento operário, cujos problemas dizia "interessar mais à ordem pública do que à ordem social", os jornais afirmavam que este teria dito que a “questão social era um problema de polícia”. Foi também Senador por São Paulo. Em março de 1926, concorrendo como candidato único, elegeu-se presidente da República (ABREU, 2001).

⁴¹ O estremecimento deveu-se pela cisão da Política dos Governadores na eleição de 1922. Na ocasião São Paulo e Minas Gerais apoiaram Arthur Bernardes e Rio de Janeiro, Distrito Federal, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul apoiaram Nilo Peçanha. Com a vitória de Arthur Bernardes houve uma tensão nas relações entre os presidentes e os estados que apoiaram Nilo Peçanha. Ao assumir a presidência, Washington Luís reservou alguns ministérios para os estados opositores, provavelmente com a intenção de aproximar esses estados do governo central (ABREU, 2001).

Ao saber da escolha de seu nome, Getúlio, telegrafou a Medeiros dizendo que não tinha tarimba para o exercício na pasta da Fazenda. O líder gaúcho o aconselha a aceitar (ABREU, 2001). O telegrama de Getúlio Vargas a Borges de Medeiros era uma forma de mostrar submissão partidária e respeito ao líder gaúcho. O interesse de sua aprovação para o exercício do Ministério seria um pedido de permissão, pois, certamente Getúlio sabia das preferências do líder gaúcho. Com o seu aval mostrava-se sujeito à liderança e ao mesmo tempo reivindicava a indicação do PRR e do líder gaúcho ao cargo, projetando ainda mais sua imagem dentro do partido. Na biografia, Frischauer (1944) destacou o apoio de Borges de Medeiros para que Vargas assumisse o Ministério, reforçado com a entrevista com o Dr. Otelo Rosa, que apresentou uma carta do futuro Ministro da Fazenda: “Tenho que fazer primeiro um esforço de reincorporação e reunir os pedaços esparsos de mim mesmo, nesta labuta do ministério, em que eu tenho ao mesmo tempo de aprender, ensinar, administrar e dirigir” (FRISCHAUER, 1944, p. 217). Em toda obra biográfica a imagem de Getúlio, deveria orbitar em um desinteresse pessoal em ocupar cargos públicos, aparecendo sempre sujeito ao sistema político. Enquanto publicamente criava uma aparência de desinteresse, posição confirmada na narrativa biográfica, no particular, articulava com todas as tendências, conforme constam nos inúmeros telegramas enviados a Medeiros e apresentados por Otelo Rosa.

Posteriormente, em suas memórias, Getúlio silencia-se sobre o período em que foi Ministro da Fazenda. A lembrança do período coube a Darcy Vargas, “Surpreendera-se quando em 1926, Getúlio confessara na Câmara não entender nada de finanças. E mais ainda surpresa ficara quando Washington Luís, quatro dias depois, nomeava-o ministro da Fazenda” (ARAÚJO, 1985, p. 55), também foi ressaltado pelo biógrafo: “Era-lhe difícil ser ministro da Fazenda. Não lhe agradava o cargo” (FRISCHAUER, 1944, p. 218). Não era segredo nos corredores do Catete, que Getúlio não tinha experiência para o exercício das finanças o que logo se tornou público, pois a partir de abril o *Correio da Manhã* (1927), passou a divulgar notícias do afastamento de Getúlio. Do Rio de Janeiro, Vargas tentou ganhar a confiança de Borges de Medeiros, pois tinha ciência que só assim teria chances de ser seu sucessor na política do PRR.

Getúlio, não era o preferido de Medeiros para sucedê-lo na presidência do estado. Oswaldo Aranha, Flores da Cunha e Paim Filho, eram os nomes mais indicados pelo próprio Borges para a administração do estado riograndense, os dois últimos eram assim como Getúlio, deputados e haviam auxiliado na pacificação do estado em 1923, lutando a favor da legalidade,

que resultou no Pacto de Pedras Altas⁴², e no combate da Coluna Prestes, em 1924. O biógrafo apontou que Borges de Medeiros tinha a intenção de que Sérgio de Oliveira fosse o indicado para a sua sucessão. Na argumentação biográfica, o nome de Oliveira caíra em desgraça porque chegara aos ouvidos de Medeiros, que o seu escolhido frequentava o Clube dos Caçadores, que segundo o biógrafo, era um lugar frequentado pela: “maioria dos deputados, políticos, advogados e médicos de Porto Alegre” e, “era um passatempo inocente” (FRISCHAUER, 1944, p. 218). Essas informações devem ter sido fornecidas ao biógrafo por João Neves da Fontoura, pois em suas memórias relatou a conversa que teve com o austero Medeiros, que tratou de se informar melhor sobre a conduta moral de seu possível sucessor, sondando seu secretário Protásio Alves, que lhe afirmou: “Doutor Borges de Medeiros, para ser sincero, eu acho que somente existem dois homens em Porto Alegre que não frequentam aquele cabaré: o senhor e eu. Assim mesmo, só posso garantir por mim” (FONTOURA, 1957, p. 372).

Frischauer, ainda apontou uma possível disputa na indicação do nome para a sucessão no Rio Grande do Sul, entre Oswaldo Aranha e Flores da Cunha. Este último era um jogador: “E um jogador não podia entrar nas cogitações do Dr. Borges de Medeiros” (FRISCHAUER, 1944, p. 219). A abordagem depreciativa em relação a Flores da Cunha irá percorrer toda a obra, em uma nítida intenção de desmoralizar o antigo aliado. Além disso, é possível perceber o ressentimento de Getúlio Vargas em relação a Flores da Cunha, que no momento da escrita da obra estava exilado no Uruguai, tornando-se um dos seus maiores opositores. Entenderemos melhor esse ressentimento quando formos discutir o golpe de 1937, no próximo tópico dessa dissertação. Em relação a Borges de Medeiros, o biógrafo afirma: “Não consegui encontrar nenhum homem de confiança do Dr. Borges de Medeiros que me explicasse como e por que – após tantas oscilações – sua escolha recaiu no ministro da Fazenda” (FRISCHAUER, 1944, p. 219).

No Rio, enquanto estive à frente da pasta da Fazenda, Vargas, ampliava os diálogos com todas as tendências partidárias, estreitando as relações políticas com Assis Brasil, recém-eleito

⁴² Pacto firmado em 14 de dezembro de 1923, entre os líderes do PRR, Antônio Augusto de Borges de Medeiros e Joaquim Francisco de Assis Brasil, líder dos Federalistas, após 11 meses de luta armada entre os gaúchos. Os Federalistas se recusavam a aceitar os resultados das eleições realizadas em 1923, que davam vitória à Medeiros. A luta armada teve fim quando se estabeleceu que Medeiros fosse diplomado presidente do estado, entretanto, ficava impedido de se candidatar novamente para o cargo de presidente do estado. Esse acordo significou uma alteração na Constituição Castilhistas. O nome do pacto foi uma referência ao local de assinatura, na estância de Assis Brasil em Pedras Altas, no Rio Grande do Sul (MOREIRA, s/d). A biografia assinala a assinatura do acordo, em sua concepção foi neste episódio que se inicia a derrocada de Borges de Medeiros (FRISCHAUER, 1944, p. 207).

deputado pelo Rio Grande do Sul, e interpolando junto à Câmara para que esse assumisse a representação da minoria. Com essa estratégia, Assis Brasil ficaria no Rio de Janeiro e seria afastado do pleito eleitoral no Rio Grande do Sul. Getúlio apontava para Borges de Medeiros, a importância de apartar o antigo desafeto do Rio Grande do Sul. E em junho, Getúlio, recebeu uma carta de Borges de Medeiros:

Ministro Getúlio Vargas – Rio - Depois de reflectir maduramente, assentei propor à convocação partidária, que provavelmente se reunirá aqui em 25 de setembro, o vosso nome e o de João Neves para candidatos à presidência e vice-presidência do estado, na próxima eleição de 25 de novembro. É a única fórmula binária que vae corresponder inteiramente à expectativa pública e receber a consagração unânime e entusiasmática do nosso partido, além de satisfazer a todas as exigências de ordem administrativa e política. Si, por um lado, é lamentável afetar-vos desse posto, que exerceis com proveito e realce, por outro lado não serão menores os serviços que vireis prestar a nossa terra e indiretamente à União. Afetuosamente saudações, Borges de Medeiros. 12-7-1927 (“Correspondência expedida e recebida pelo dr. Borges de Medeiros”, *A Federação*, 09/10/1927).

Getúlio enviou a resposta ao líder. Novamente o usual “nada querendo, mas tudo desejando”, é ressaltado na missiva:

Official – Dr. Borges de Medeiros – Porto Alegre.
Rio – 15 – 7 – 27. Nunca aspirei nem desejo a presidência do Rio Grande, pois compreendo a dificuldade de suceder ao governo de V. Exa, que como político e como administrador tem presidido ao maravilhoso progresso do nosso Estado. Nos termos em que meu presado chefe collocou a questão não me é licito recusar serviço de mim solicitados. (“Correspondência expedida e recebida pelo dr. Borges de Medeiros” *A Federação*, 09/10/1927).

As correspondências que foram veiculadas nas páginas de *A Federação* deixavam, portanto, o espaço privado e tornando público a escolha do nome de Getúlio Vargas e João Neves da Fontoura, para a presidência do Rio Grande do Sul. Borges de Medeiros, de acordo com o Pacto de Pedras Altas estava impossibilitado de se reeleger. Os republicanos históricos gaúchos tinham algumas reticências em relação à ala jovem do PRR, mas, Getúlio enquanto Ministro, havia adquirido respeito desse grupo, por ter concedido inúmeros empréstimos aos pecuaristas do

Sul, por sua vez, a ala jovem não aceitava a escolha de Protásio Alves, secretário do Interior, inicialmente pretendido por Medeiros. Portanto, o PRR estava dividido. Getúlio tinha dois importantes cabos eleitorais, João Neves da Fontoura e Washington Luís. Fontoura, sabedor dos rumores de uma possível quebra na aliança entre São Paulo e Minas Gerais, no próximo pleito presidencial, articulou a intervenção de Washington Luís junto a Borges de Medeiros, para que esse escolhesse Getúlio Vargas, para sucedê-lo no comando do Rio Grande do Sul. Por sua vez, Washington Luís acreditava que seu antigo Ministro, poderia ser um importante aliado para a sucessão presidencial de seu candidato. Era, portanto, uma troca de favores, o presidente influenciaria Borges de Medeiros, e em troca, teria o apoio de Getúlio como representante do estado do Rio Grande do Sul, na sucessão presidencial.

O silenciamento, a respeito dessas informações na biografia, está inclusa na defesa contra os que insistiam em acusar Getúlio de traidor, principalmente em relação a Washington Luís. Ao ser eleito presidente do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas e João Neves da Fontoura, passam a articular acordos para a sucessão à presidência da República, frustrando os antigos acordos firmados e o cancelamento do prometido apoio à sucessão. A disputa política acaba por transformar Washington Luís em mais um opositor ao governo e inimigo de Getúlio Vargas.

Após se tornar presidente do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros mandou entregar a Getúlio Vargas, uma lista com os nomes para as secretarias estaduais, assim como ele fizera com Carlo Barbosa Gonçalves em 1908. Getúlio avisou ao líder por meio de uma missiva expondo que todos os seus colaboradores já haviam sido convidados e já tinham acolhido a solicitação para participar do seu governo. Frischauer ressaltou em entrevista as impressões de Borges de Medeiros, sobre esse episódio: “viu claro, segundo me contou, que Getúlio havia decidido governar por si próprio o Estado” (FRISCHAUER, 1944, p. 222). Getúlio consultava Medeiros, apenas para manter o velho líder sobre controle e possivelmente para não o ter como obstáculo político, pois, Medeiros ainda se mantinha como líder do PRR. Essa política rompia com as antigas práticas de Medeiros, que não aceitava ceder espaço dentro do partido, mas, Getúlio, cuidava de ampliar sua base de sustentação para além do PRR, pois tinha ambições fora das fronteiras do estado, para isso, era imperativo garantir a coesão interna, entre as várias forças locais e o beneplácito de Medeiros era vital para seus planos futuros.

À frente do executivo gaúcho, Vargas tentava manter boas relações com o governo federal de Washington Luís. Objetivava apoiar a produção interna, principalmente a pecuária e a

lavou o arroz, concedendo empréstimos a prazos mais dilatados aos produtores gaúchos. Para isso, precisava do apoio do Banco do Brasil para subsidiar o Banco Estadual do Rio Grande do Sul (BERGS), recém-criado em 1928. Getúlio temia que, boatos sobre seu possível interesse em disputar a presidência, colocasse em risco a administração do Estado. Para afastar qualquer suspeita sobre isso, continuava a encaminhar cartas ao presidente da República reafirmando o antigo acordo de apoio ao candidato à sucessão presidencial. A correspondência mais explorada pela imprensa foi a do dia dez de maio de 1929: “Pode V. Excia. ficar tranquilo, que o Partido Republicano do Rio Grande do Sul, não lhe faltará com seu apoio... Não pleiteamos situações pessoais” (FRISCHAUER, 1944, p. 235). Na biografia foi ocultado: “no momento oportuno”, com o claro interesse de deixar no esquecimento o fato de que na campanha eleitoral, Getúlio, havia penhorado a palavra. A carta do dia dez de maio, também foi destacada por Carrazzoni (1939), o que testificava que a estratégia de Washington Luís foi realmente incômoda.

Entretanto, o biógrafo brasileiro argumentou que algumas linhas da correspondência foram suprimidas pelos jornais e que elas eram a prova incontestável da desambição de Vargas: “Tenho permanecido fechado a qualquer manifestação sobre a sucessão presidencial, pelo desejo de não contribuir para perturbar o ambiente, para deixar à livre manifestação de V. Excia. As “*démarches*”⁴³ sobre o assunto quando julgar oportuno” (CARRAZZONI, 1939, p. 135). Para Carrazzoni, o trecho da carta extinguido nas notas dos jornais era a prova do desinteresse de Getúlio na sucessão, e que não se envolveu, mas acatou as ordens superiores, pois, como era “homem de partido, tive que me submeter à decisão deste, à voz do seu chefe” (CARRAZZONI, 1939, p. 132). Ao se assumir como homem de partido, Getúlio declarava-se dentro do sistema político da Primeira República, e mais: “nunca pretendi nem me insinuei a tão alta investidura” (CARRAZZONI, 1939, p. 132). Portanto, a biografia de Carrazzoni, absolvía Vargas das acusações de traidor, pois:

Governando o seu Estado, com raro tato psicológico e integral compreensão dos seus problemas administrativos, o sr. Getúlio não desejava, em absoluto, contribuir para criar, dentro do país, um ambiente de perturbação que já havia eliminado dentro da própria política do Rio Grande do Sul. Às suas intenções sem refolhos, claras e objetivas, o presidente da República respondia com o silêncio de sua conspiração palaciana, em benefício de um amigo do peito (CARRAZZONI, 1939, p. 135 e 136).

⁴³ Palavra francesa, que significa diligência.

Novamente, o que estava em jogo era consolidar uma imagem de homem sem ambições políticas, que se sujeitava a ordens externas à sua vontade, por patriotismo e por abnegação de suas vontades individuais, se colocando à disposição da nação. Ademais, a partir do fragmento acima é possível perceber a insinuação de que o pleito presidencial traria perturbação da ordem, ou seja, possivelmente conflito armado, assim, o nome de Vargas, que, por experiência já havia suplantado as discórdias internas no seu estado, poderia ser a solução para as demandas anunciadas. Concomitantemente, João Neves se entendia com Minas Gerais a respeito de uma candidatura rio-grandense (ABREU, 2001). Vargas ganhava tempo em relação ao presidente Washington Luís. Temia que caso abrisse a guarda antes da aliança ser consolidada, correria o risco de perder o apoio de Minas e ficaria a ver as verdes pradarias gaúchas ao invés das ondas de Copacabana. Ademais, havia muito em jogo. Antônio Carlos de Andrada, presidente de Minas Gerais e preterido na sucessão presidencial publicou na imprensa seu descontentamento em relação à sucessão. A veiculação dessas notícias poderia reverter o jogo a favor dos mineiros, visto que, Washington Luís poderia retroceder e apoiar o pacto político que norteou a experiência política da Primeira República, e, Getúlio se veria em uma situação difícil, visto que, faltavam alguns anos de mandato na presidência do estado gaúcho e necessitava de subsídios financeiros do governo federal. Portanto, era imprescindível que fosse assegurada a aliança entre Minas e o Rio Grande do Sul. Publicamente o acordo deveria transparecer sugestão dos preteridos, no caso Minas Gerais. Por isso Getúlio, ora, acenava com a fidelidade partidária ao senhor Barbado, assegurando que a madeira ficasse longe do seu lombo⁴⁴! Ora, orientava as ações de João Neves, no referido pacto, garantindo o seu desconhecimento do arranjo político:

João Neves contou-me: Em meados de maio de 1929, fui procurado por Francisco Campos, que eu ainda não conhecia pessoalmente. Era secretário da Justiça em Minas Gerais. Expô-me a situação de seu Estado, que não poderia concordar com a candidatura já transparente do senhor Júlio Prestes. O dr. Washington Luiz desejava quebrar a alternativa Minas-São Paulo e, em lugar de ceder a presidência a um mineiro, pretendia entregá-lo a outro paulista. Minas ao saber e verificar que era logrado pelos paulistas, tratou de reagir. Isso explicava a visita de Campos, que falava em nome de Antônio

⁴⁴ Senhor Barbado, era a tratamento dispensado pelo *O Malho* e a imprensa em geral ao presidente Washington Luís. E também a expressão: “Comigo é na madeira!” (A Manhã). Era nítida a campanha difamatória nos jornais, que objetivava ridicularizar a figura do Presidente.

Carlos, então governador de Minas e que se julgava candidato nato à sucessão de Washington. Campos expôs as intenções de Minas de não concordar com o nome de Prestes. Dispunha-se a reagir, mas só o faria se contasse com o apoio do Rio Grande e, por isso, sondava-me sobre a possibilidade de levantar Minas uma candidatura riograndense (FRISCHAUER, 1944, p. 232).

A estratégia biográfica era inverter as acusações, assim, a partir da biografia, o traidor passaria a ser Washington Luís, pois fora ele quem havia rompido antigas alianças, partindo o pacto entre Minas Gerais e São Paulo, possibilitando outras coligações. Washington Luís foi eleito com o apoio dos mineiros, embora fosse carioca, se fez politicamente no PRP e teria sido eleito como representante dos interesses desse grupo político. Entretanto, se a política café com leite⁴⁵ fosse respeitada, a escolha deveria recair sobre o mineiro Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, ao invés do paulista Júlio Prestes. Ademais, de acordo com a biografia, o Rio Grande do Sul não encabeçava o dissídio, mas fora convidado a fazer parte da coligação, uma vez que Minas Gerais sentia-se traída por Washington Luís. Aos gaúchos, competia à comunicação da decisão do partido PRR, ao presidente da República. A tarefa da decisão coube a Flores da Cunha⁴⁶: “Sei das suas íntimas ligações com os políticos paulista” (FRISCHAUER, 1944, p. 236). Porém, o que foi ocultado na narrativa é que simultaneamente, Washington Luís, havia autorizado Flores da Cunha a negociar secretamente com o Getúlio, uma possível indicação de seu nome a Minas, caso este estado rejeitasse o nome de Júlio Prestes (ABREU, 2001). Flores da Cunha, ao ser escolhido por Getúlio Vargas, como porta voz e ao ser vinculado aos paulistas, não se tratava de um elogio. O objetivo da narrativa é paulatinamente, ir desenhando o caráter de Cunha: “Que atitude assumiria o general Flores da Cunha, nomeado, por Getúlio, seu sucessor, na presidência do Rio Grande do Sul? Em qual dos campos se alistaria esse homem, levado sempre por seu coração?” (FRISCHAUER, 1944, p. 282). A afirmativa de que as ações de Flores da Cunha eram guiadas pelo coração, equivalia a dizer que era um homem guiado pela emoção e

⁴⁵ Nome popular da política da Política dos Governadores, estabelecido pelo presidente Campos Sales (1898-1902). Foi um arranjo político que estabelecia um acordo entre as esferas federal, estadual e municipal. De acordo com essa política, a oligarquia dominante minimizou a oposição possibilitando a manutenção de seus interesses políticos e econômicos. Esse controle se manifestou na supremacia política dos estados de São Paulo e o PRP e Minas Gerais, maior colégio eleitoral na Primeira República, e o PRM a maior bancada na Câmara dos Deputados, que se alternaram à frente da presidência da República. Esse arranjo perdurou até a Revolução de 1930 (ABREU, 2001).

⁴⁶ As insinuações das ligações entre Washington Luís e Flores da Cunha deveram-se ao fato do gaúcho ter prometido apoio a São Paulo na Revolução Constitucionalista em 1932 (ABREU, 2001).

não pela razão, princípio necessário ao equilíbrio de um homem público. A biografia ainda explora o desequilíbrio de outro gestor, representado como um gênio explosivo:

A leitura da carta de Getúlio Vargas fez Washington Luiz perder, de tal maneira, as estribeiras, que Flores da Cunha ficou seriamente apreensivo quanto à sanidade mental do Presidente da República. “Não pode ser, não pode ser!” Repetia o Dr. Washington Luiz, e acrescentou: “Guarde reserva sobre esta carta. Vou submeter o assunto à apreciação das várias correntes políticas” (FRISCHAUER, 1944, p. 237).

Mesmo que a intenção tenha sido colocar sobre Washington Luís uma atitude que todos reconheceriam como verdadeira, pois, era recorrente na imprensa, a exploração do seu caráter impetuoso, irritadiço, de uma pessoa que não gostava de ser contrariado. Esta seria, portanto, a imagem de Washington Luís legada pela biografia. Na abordagem, poucos teriam dificuldades em enxergar no testemunho de Cunha, um exasperado e genioso Presidente, disposto a todo custo, impor sua vontade. A nova carta endereçada no dia 11 de julho de 1929, dizia: “O meu nome não será obstáculo para que V. Excia. possa dar uma solução pacífica ao problema da sucessão presidencial” (FRISCHAUER, 1944, p. 236-237). As linhas da missiva que foram ressaltadas na biografia demonstravam que elas produziram um sentimento de perplexidade no presidente. Pois, a nova missiva além de informar que seu nome constava na lista dos presidenciáveis, negando tudo o que havia sido firmado anteriormente, ainda, sugeria um impasse político devido à imposição do nome de Júlio Prestes à sucessão. Dito de outra maneira, ou, apoiava Getúlio Vargas, tido como nome de consenso no dissídio, ou, voltava atrás na palavra publicamente penhorada a Antônio Carlos, e isto significaria romper com São Paulo. Segundo ainda a missiva, uma coisa, porém, era certo, o impasse sinalizava um conflito que poderia ser resolvido com a utilização das armas, ou, com o recuo do presidente paulista. Getúlio criara uma situação extremamente delicada ao amigo do Catete.

No entanto, não podemos negar que, a surpresa também era evidente, o presidente confiava em Getúlio, ou acreditava em demasia nas suas próprias articulações, que ambicionava fazer de Getúlio candidato a vice-presidente. Isso pode ajudar a explicar sua inércia em combater Vargas, nos primeiros rumores de uma coligação entre Minas Gerais e o Rio Grande do Sul, descreditando nos boatos, que insistentemente chegava aos seus ouvidos, ou, considerando-os

apenas como intriga da oposição, as quais tentavam indispor-los, e caso tomasse alguma atitude contra o gaúcho, acabaria forçando sua aliança com Minas Gerais. A carta de Getúlio, também irritaria Washington Luís, pois, este, havia determinado que as discussões em torno da sucessão só deveriam se iniciar em setembro, e já em junho, antes do tempo determinado, Getúlio se apresentava como candidato à indicação do PRR, concorrendo com Júlio Prestes do PRP à homologação como candidato oficial (ABREU, 2001).

Washington Luís usara seu prestígio junto aos outros estados, e em setembro, o nome de Júlio Prestes era confirmado como candidato à presidência da república pelo Partido Republicano e o presidente usaria o expediente dos jornais para divulgar os inúmeros estados que engrossavam as fileiras à indicação de Júlio Prestes à sucessão presidencial. O Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba não foram consultados. Não restando a Getúlio outra saída, a não ser a organização de outra legenda partidária que lhe possibilitasse a candidatura. Washington Luís acionou novamente a imprensa. Enviava-lhes cópias das cartas expedidas anteriormente pelo gaúcho. Os jornais de maiores circulações exploraram as intrigas, fomentando-as:

Quanto à política federal, a nossa attitude e as nossas disposições são as mesmas exaradas na carta que escrevi a V. Ex. em dezembro do ano passado e que agora reafirmo, com o mesmo sigillo que o caso exige. Nenhuma alteração houve. Tenho permanecido fechado a qualquer manifestação sobre sucessão presidencial, pelo desejo de não contribuir para perturbar o ambiente, para deixar à livre iniciativa de V. Ex. as “démarches” sobre o assumpto, quando julgar opportuno, e para evitar as intrusões dos mestres de obras feitas, farejadores de candidatos ou pretendidos precursores que queiram jogar com o nome e prestígio do Rio Grande, inculcando-se mais tarde ao premio das recompensas pessoais.

Para evitar precipitações ou imprudências, nenhum representante do Rio Grande tem autorização para precipitações ou imprudências, nenhum representante do Rio Grande tem autorização para tratar do caso, em nome da situação dominante do Estado. Penso que este deve, de preferência, ser encaminhado directamente entre nós, com a confiança e franqueza necessárias, quando V. Ex. entender. Por mim não julgo que se deva apressar.

E pode V. Ex. ficar tranquillo que o Partido Republicano do Rio Grande lhe não faltará com o seu apoio no momento preciso.

Internamente, só desejamos a solução dos nossos problemas locais. Quanto à política geral do país, aspiramos à continuidade feliz duma administração verdadeiramente patriótica e inspirada nos reais interesses do Brasil.

Não pleiteamos situações pessoais.

È este, pelo menos, o meu pensamento.

Creia-me seu att°. am°. E admo.

(a) Getúlio Vargas. (“Como o Sr. Getúlio Vargas pensavam em 10 de Maio”, *Correio da Manhã*, 08/09/1929).

E ainda:

Como o SR. Getúlio Vargas pensava em 10 de Maio:

1º) que ao presidente cabia A INICIATIVA, isto é, a intervenção em primeiro lugar, antes de qualquer outro, na questão da sucessão;

2º) que para “evitar as intrusões dos mestres de obra feita, farejadores de candidatos ou pretendidos precursores que queriam jogar com o nome do Rio Grande” (a quem cabe a carapuça?...), ficaria “fechado” até que o presidente quizesse ter a INICIATIVA”;

3º) que nenhum representante do Rio Grande TINHA AUTORIZAÇÃO PARA TRATAR DO CASO, “para evitar precipitações ou imprudencias”;

4º) que o assumpto devia ser tratado DIRECTAMENTE ENTRE NÓS, isto é, entre elle e o presidente fresco liberalismo!...;

5º) que o presidente podia FICAR TRANQUILO DO APOIO DO RIO GRANDE, “no momento preciso”. Getúlio Vargas.

O que está escripto acima, para o julgamento da nação, é o resumo fiel da seguinte carta: P. Alegre. (“Como o Sr. Getúlio Vargas pensava em 10 de Maio”, *O Globo*, 10/5/1929).

O *Correio da Manhã* publicou a reportagem editada também no *O Globo*, em sua matéria escrita, intitulada: *Edições Especiais*, explicando que o espaço reservado se deve exclusivamente a matéria remunerada, pagas linha por linha, rigorosamente pela tabela comercial. A nota explicativa é reveladora. A grande maioria da imprensa apoiou a campanha da Aliança Liberal, reflexo da oposição que a imprensa encampou contra o presidente, pois, Washington Luís, em 1929, passou a enfrentar problemas econômicos devido à crise mundial, a desestabilização do câmbio e a inflação, o que acabou indispondo o presidente junto à grande mídia. Entretanto, *O Malho*⁴⁷, órgão do governo, impingiu em suas folhas a imagem de Getúlio, que foi cuidadosamente retratada como traidor:

1) O VISSITANTE – Trago-lhe, aqui, esta carta, da parte do Dr. Getúlio Vargas.

CARTA:

Meu delicioso amigo.

1) Tenho infinito prazer de recomendar-lhe o Sr. Cartolino Reboque para o qual peço sua valiosa protecção. Ao muito seu Getúlio Vargas.

2) Antônio Carlos: - Muito bem!

3)... levando um “banho liberal!”

⁴⁷ De acordo com Getúlio, *O Malho* era uma revista que havia sido comprado por Washington Luís (ARAUJO, 1985, p. 107). Entretanto não foi possível nesta dissertação confirmar tal informação. *O Malho* de acordo com a Encic. Larrouse Cultural foi uma Revista ilustrada de sátira política, publicada semanalmente entre os anos de 1902 a 1954. Suas charges e caricaturas ironizam a política nacional. Durante os cinquenta e dois anos de publicação foram seus colaboradores: J. Carlos, que participou de sua direção, Raul, Gil (Carlos Leoni), J. Ramos Lobão, Alfredo Storni, Yantok, Cícero Valadares, Ângelo Agostini, Seth, Alfredo Cândido, Vasco Lima, Augusto Rocha, Ariosto, Loureiro, Luís Peixoto, Nássara, Téó, Enrique Figueiroa, Del Pino, Andres, Guevara, João do Rio, Lindolfo Collor, Batista Jor, Miranda Rosa, Elói Pontes, Hildebrando Martins, Claudinei Martins e Raul de Azevedo (SODRÉ, s/d)

4) O visitante – Mas, “seu” doutor, houve um equívoco. Sou reomendado do Dr. Getúlio.

Antônio Carlos: – Idiota! Você fique sabendo desta: as cartas do Getúlio, se lêem pelo avesso... (“Como elles se endentem”, *O Malho*, 24/08/1929).

A linguagem bem-humorada das publicações de *O Malho*, na edição do dia 24 de agosto de 1929, que foi inteiramente dedicada ao caso das chamadas “Cartas Falsas”. E nos meses seguintes lembravam aos brasileiros todos os passos assumidos por Getúlio Vargas e Antônio Carlos, na articulação para a sucessão presidencial. Em todas as reportagens e charges pesquisadas para essa dissertação, os membros da Aliança Liberal, foram retratados, como traiçoeiros. Em 1950, Vargas dissera ao jornalista Rubéns Vidal:

Algumas pessoas mal informadas acreditam até hoje que eu fazia este jogo duplo visando tirar vantagens pessoais da situação. Em suma: pensam que eu esgrimia um punhal de dois gumes pronto a apunhalar pelas costas tanto o presidente da República como os revolucionários. Chegaram a afirmar que enquanto preparava a revolução eu negociava a minha candidatura para as eleições seguintes com o Washington Luís. Outros diziam que eu possuía uma carta assinada por Oswaldo Aranha eximindo-me de compromissos com a revolução para que, no caso do movimento fracassar, pudesse apresentar ao Washington Luís como prova de minha lealdade. Não é verdade. De fato, se vamos levar em conta os deveres que me assistiam como autoridade, eu só iludi o governo central (ARAUJO, 1985, p. 88).

As memórias ditadas por Getúlio Vargas a Araújo⁴⁸ (1985), reforçam o peso do processo eleitoral de 1930. As interpretações destacadas por Getúlio sobre esse período demonstravam que a memória da Revolução se mantinha latente, ainda na década de 1950, quiçá em 1943. As acusações eram vistas pelo presidente como um passado incômodo, e Getúlio, percebeu a necessidade de minimizá-las, utilizando-se da biografia para tal defesa. Entretanto, em 1950, era possível confirmar que iludira o governo central, ou seja, Washington Luís, embora, tenha havido uma ocultação ao seu nome. No *Diário* do presidente e nas memórias ditadas a Araújo (1985) o

⁴⁸ Rubéns Vidal de Araújo era repórter do *O Globo* e conseguiu entrevistas com Getúlio Vargas quando este se encontrava em Itu no Rio Grande do Sul, após ter sido afastado do poder em 1945. Na época, Vargas concedeu oito entrevistas que foram editadas na Revista do *O Globo* em 1950. Essas publicações receberam o nome de: “Subsídios para as memórias de Getúlio Vargas”. Mais tarde, em 1985, essas entrevistas foram publicadas em formato de livro.

que se percebe é uma tentativa de esquecimentos das lembranças que se relacionavam ao presidente Washington Luís (SANDES, 2009). As memórias nesse período assumiram outra dimensão no tempo. Todavia, entre 1940 e 1942, ficou claro aos gestores da imagem do presidente, a necessidade de reordenar a leitura do passado de 1930. A biografia seria assim compreendida, com essa dimensão.

Outra questão referente a 1930 foi exatamente a liderança do movimento revolucionário. Quais eram as críticas? Por quem eram orquestradas? As críticas sobre a liderança e as indecisões de Vargas foram realizadas, sobretudo, por um dos principais personagens políticos dos eventos ocorridos entre 1929 e 1930, João Neves da Fontoura. Após o empastelamento do *Diário Carioca*, Fontoura, viajou ao Rio Grande do Sul, e mais tarde apoiou a Revolução Constitucionalista de 1932. Com o fim da pacificação do movimento foi obrigado a se exilar na Argentina, onde permaneceu por dois anos. Ressentido desde a Revolução de 1930, o presidente registrava em seu *Diário*: “João Neves está zangado – queria ser ministro do Interior” (VARGAS, 1995, p. 22). Mas a mágoa do amigo gaúcho vinha de acontecimentos anteriores. Quando era vice-presidente do Rio Grande do Sul, Fontoura, que era vice de Getúlio Vargas na presidência do Rio Grande do Sul foi preterido em favor de Oswaldo Aranha, nomeado por Getúlio Vargas ao cargo. Após a vitória da Revolução, João Neves da Fontoura rejeitou, posteriormente, todas as ofertas de participar do primeiro escalão do governo recusando a interventoria no Rio Grande do Sul e o Ministério da Justiça, aceitando apenas a consultoria jurídica do Banco do Brasil.

No exílio, Fontoura escreveu *Accuso!* O livro foi publicado em Lisboa, em 1933, pela livraria Avelar Machado. Escreveu sobre o caso paulista, criticou os tenentes, e de acordo com suas memórias a imagem de indecisão foi aludida a Getúlio Vargas: “Provarei a nação, sem reservas, quantas vezes fui compelido a detê-lo, pela aba do jaquetão para que não desertasse o bom combate e se não acarneirasse tímido e arrependido, na grei oficial do passado” (FONTOURA, 1933, p. 8, Apud, SANDES, 2012, p. 35). As críticas pretendiam materializar a imagem de um homem inseguro e temeroso na condução da Revolução de 1930. Em seu *Diário*, o presidente assinalava: “Passei a noite com insônia. Com frequência, vieram-se ao pensamento as ameaças de um antigo amigo, hoje rancoroso e despeitado inimigo, prometendo escrever um livro contra mim, divulgando correspondência secreta” (VARGAS, 1995, p. 209). A preocupação

de Vargas em ter as divulgações de suas correspondências tinha sentido, conforme nos relatou Abreu (2001), Vargas pretendeu retroceder diante das reticências de Minas Gerais.

Após a derrota da Aliança Liberal e a decisão da não aceitação do resultado das urnas, na eminência de um combate armado, houve o recuo de alguns. Luís Carlos Prestes⁴⁹ pretendia uma radicalização do movimento e ao perceber que se tratava apenas de uma deposição de uma oligarquia por outra, retirou seu apoio. Antônio Carlos recuou diante da possibilidade de derrota do movimento o que também levou Vargas a declinar da tentativa de movimento armado (ABREU, 2001). Essas hesitações podiam agora no livro de João Neves da Fontoura vir à tona, daí a preocupação de Vargas em suas anotações em seu *Diário*. Na biografia, os temores de Vargas deveriam ser indicados como precauções de um homem que tinha o conhecimento necessário para não conduzir o país a um movimento sem que antes tivesse a garantia de seu bom êxito: “não escapou nenhum pormenor dos preparativos da revolução, apesar de não decidir, mesmo quando estes estavam em sua fase avançada, a fixar-lhe a data em que devia irromper” (FRISCHAUER, 1944, p. 254). E ainda:

A grande relação estabelecida por Getúlio, entre ele e o tempo, a compreensão, exercitada desde cedo, de que as coisas precisavam amadurecer, a capacidade de esperar, pacientemente, determinou o ritmo das semanas do Presidente do Rio Grande do Sul, que se seguiram. Queria prever e julgar os acontecimentos imediatos, que seriam a consequência de suas ordens, mas também os que estavam em um futuro distante. A matemática dos chefes do Estado Maior, cujos planos examinava, em Palácio, não bastava. A matemática mais elevada da visão do futuro devia ampliar o quadro dos planos. Não era suficiente saber o que aconteceria em determinado lugar e momento; precisava imaginar-se o que poderia, deveria ou iria suceder em outros lugares e outros momentos. Tornava-se necessário manter em evidência o conhecimento dos homens – que viriam a ser os atores ativos e passivos, - para não dar aos órgãos executivos tarefas superiores às suas capacidades, afim de que os fios da revolução não se amaranhassem. E a ele próprio cabia, sem melindrar as vaidades de seus colaboradores, segurar todos os fios, com mãos férreas (FRISCHAUER, 1944, p.263 e 264).

⁴⁹ Prestes recebera 800 contos de réis para organizar o corpo militar em Montevideu, mas rompera com os planos do revolucionário. Para tentar persuadi-lo a cumprir a palavra penhorada ou devolver o dinheiro, João Alberto e Siqueira Campos foram até o exterior para dissuadi-lo a manter-se fiel aos primeiros planos. Fracassaram no objetivo. Na volta para o Brasil, o avião que transportava os emissários da revolução caiu ao mar. João Alberto conseguiu salvar-se, mas Siqueira Campos morreu afogado (ARAÚJO, 1985).

A biografia deixava claro quem foi o grande líder da Revolução. Novamente Getúlio teria uma imagem de sua capacidade de conhecimento sobre os homens e por isso cabendo-lhe indicar o papel de cada um no processo revolucionário, para que essa, não fosse colocada em perigo. Ficando reforçada a imagem de homem providencial e predestinado, que se colocava ante aos perigos e aos infortúnios, como ressaltou o biógrafo, que nas entrevistas com os amigos, afirmavam que Getúlio Vargas fora “colocando à frente destes para guiá-los” (FRISCHAUER, 1944, p. 254).

A percepção de Frischauer foi consagrada pela historiografia sobre a Revolução de 1930: “A história da revolução brasileira de 1930 foi escrita e contada em todas as suas fases e pormenores, por vários contemporâneos, em grossos volumes, brochuras, artigos de jornais, entrevistas e discursos” (FRISCHAUER, 1944, p. 253). E também muitos historiadores apontam a inércia de Washington Luís diante aos preparativos da Revolução. Firmado no passado, o Presidente tinha a seu favor toda a experiência política da história do Brasil. Até então, não houve nenhum modelo histórico que lhe pudesse tragar o sono, ou, dissolver as suas convicções. Todos os antecedentes de rebeliões monárquicas, ou mesmo republicanas consagravam as certezas solidificadas nas experiências políticas da inoperância de grupos fora da estrutura de poder. Mesmo que Getúlio e seus aliados viessem a conspirar, a história estava a seu favor. A ordem seria mantida. Mais uma vez, deixava-se levar pelas certezas insólitas do terreno político. Entretanto, o mesmo passado, alertava Getúlio. Cômico dos malogros de todos os movimentos contrários à ordenação política, mesmo os de cunho militar, como de 1922, no Forte de Copacabana em, 1924, tenentismo de Isidoro Dias Lopes e Coluna Prestes em 1926 e mesmos os movimentos oposicionistas em seu estado natal, forneciam-lhe o substrato necessário para projetar as expectativas de uma ação com sucesso.

Essas constatações de acordo com a biografia visavam fortalecer a imagem de predestinação e de homem providencial e prudente em relação a Vargas. Na data da publicação da biografia, muitos dos que vivenciaram o movimento revolucionário gozavam de boa saúde. Suas lembranças eram avivadas pelas evocações dos acontecimentos, a cada lançamento literário. Por isso, a biografia teria que buscar a verossimilhança com os acontecimentos compartilhados por inúmeros grupos. O passado presente tornava-se cada vez mais distendido, o que acabava por concorrer para uma disputa de memória, que ainda fervilhava nas mentes e nos corações dos contemporâneos, e cada alma que a experienciou, redimensionava suas próprias lembranças. Ao

lerem a biografia, poderiam negar-lhe a veracidade, impugnando-a ao declarar, não foi bem assim. Por isso, a obra deveria se apresentar ao leitor como um testemunho de veracidade, caso contrário estaria fadada à rejeição e ao esquecimento (RICOEUR, 2010). Assim, o biógrafo confirmava a liderança de Getúlio no movimento:

Através do estudo imparcial da personalidade de Getúlio e da análise dos fatos e documentos, cheguei à conclusão de que não lhe escapou nenhum pormenor dos preparativos da revolução, apesar de não decidir, mesmo quando estes estavam em sua fase avançada, a fixar-lhe a data em que devia irromper (FRISCHAUER, 1944, p. 254).

A pretensa imparcialidade das análises é o lugar de fala como historiador (CERTEAU, 1982). A sentença demonstrava o desejo do biógrafo de assegurar sua obra como histórica e escrita dentro do regime de historicidade da época. Em 1930, Getúlio assumiu a presidência da República, como líder do movimento revolucionário que depôs Washington Luís, este último, garantiu ao cardeal do Rio de Janeiro, D. Sebastião Lemes, que intercedeu que renunciasse, para evitar derramamento de sangue. Ao sair, Washington Luís sentenciaria: “Enquanto esse tipo lá do Rio Grande, que se diz chefe de uma revolução, mandar no Brasil, eu não porei os pés aqui. Fique Vossa Excelência sabendo disso” (ARAUJO, 1958, p. 106). Cumprira a promessa, mesmo com a anistia, recusou-se a voltar ao Brasil, enquanto Vargas permaneceu no Palácio do Catete. Vargas assumira o comando da nação, como chefe do Governo Provisório (1930-1934). Ao tornar-se representante do executivo federal, viu-se comprometido com diferentes tendências que apoiaram o movimento vitorioso. Grupos heterogêneos em composição, interesses e expectativas. Segundo Abreu: “A crise econômica e a heterogeneidade das forças vitoriosas, determinaram os rumos da revolução e a ação de Vargas à frente do Governo Provisório” (2001, p. 19).

Outra imagem de traidor que pesava sobre Vargas era referente ao federalismo e ao sistema liberal. Os pilares da estrutura da Primeira República se estabeleceram na Constituição de 1891⁵⁰. De acordo com a nova carta magna republicana o país passaria a ser denominada

⁵⁰ A Constituição de 1891 criou 20 estados e um distrito federal e aboliu as principais instituições monárquicas, como o Poder Moderador, o Conselho de Estado e a vitaliciedade do Senado. A partir dela o Brasil passou a adotar o sistema presidencialista. O presidente da República passou a ser eleito pelo voto direto para um mandato de quatro

República dos Estados Unidos do Brasil o que denotava a influência do modelo norte-americano. A principal inovação da Constituição de 1891 era o princípio federalista de inspiração liberal, que estabelecia uma descentralização federativa, permitindo uma autonomia administrativa dos estados, que passaram a lhes garantir partes dos impostos de exportações e a possibilidade de contrair empréstimos no exterior. Além de permitir que cada estado elaborasse sua própria constituição e a organização de seus Poderes Legislativo e Judiciário, seu sistema eleitoral e a organização das forças militares (DIAS, s/d). Essa estrutura político-administrativa vigorou até a Revolução de 1930.

Depois que tomou posse, por meio de um decreto lei, assinado em 11 de novembro de 1930, Vargas dissolveu o Congresso Nacional, as assembleias estaduais e câmaras municipais, como também tornou nulo o efeito da Constituição de 1891. O governo assumia assim, uma característica de excepcionalidade, que teria fim com a eleição de uma assembleia constituinte, responsável por preparar uma nova carta magna ao país e o seu retorno à constitucionalidade. Vargas se constituiu como árbitro de inúmeras questões que eram colocadas. Essas divergências construíram fossos entre os segmentos que disputavam o poder naquele período, ou seja, os liberais, os tenentes, intelectuais e os opositores a Washington Luís. Embora houvesse inúmeros grupos, as disputas acabaram por constituir uma posição binária. Havia o grupo dos liberais que exigiam o fim do estado de excepcionalidade e a convocação imediata das eleições para a composição da Assembleia Nacional Constituinte e conseqüentemente o fim do período de excepcionalidade. E havia aqueles como os tenentes, que eram contrários à convocação das eleições, pois, consideravam que os eleitores voltariam a ser meros instrumentos nas mãos dos mandantes do poder municipal. Essa concepção de que o povo era inepto para as escolhas políticas por meio do voto foi defendida pelos ideólogos do Estado Novo e foi incorporado à justificativa biográfica para a sua instauração. Ademais, os tenentes consideravam que as estruturas para o novo governo proposto pelos revolucionários, ainda, não estavam consolidados e as eleições colocariam em risco a nova ordem instituída pela Revolução.

Assim, enquanto os liberais se ligavam as experiências políticas do passado republicano, os tenentes negavam essa experiência. Enquanto para o primeiro grupo, a Revolução de 1930 era

anos, sem direito a reeleição e seria o chefe do Poder Executivo na esfera federal. O voto não era obrigatório, e permitido para homens maiores de 21 anos e alfabetizados. Os representantes do Executivo estadual também eram eleitos de forma direta e eram chamados de presidentes estaduais.

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/Constituicao1891>.

apenas a troca de mando de uma oligarquia à outra, e a Constituição era a expectativa da volta à normalidade, de uma ordenação política já experimentada, outros, eram contrários à volta dessa experiência. Deste modo, não havia para o primeiro grupo uma compreensão de que Getúlio Vargas iria romper com a tradição republicana estabelecida pela Constituição de 1891, que tinha em seus princípios o federalismo, o qual, mesmo antes da proclamação da República era pleiteado pelas oligarquias brasileiras, que também possuíam a democracia representativa como ideologia. Ademais, Vargas era filho de um clientelismo castilhistas, do mandonismo local, herança da experiência da Primeira República. Já os tenentes, era um grupo que tinham suas expectativas de uma mudança nas estruturas políticas, rejeitando as experiências do passado da Primeira República. Compreendiam que, a volta ao processo democrático seria à volta aquilo que a Revolução procurou romper. Para eles, a experiência política do passado não mais orientava as ações no presente, devendo ser rejeitada. O que se percebe, portanto, é que, o presente político do Governo Provisório, estava dividido, e à medida que esses grupos não obtinham a hegemonia política, Vargas se via na necessidade de ajustar as inúmeras facções que sustentavam seu governo.

Essas expectativas estavam postas a Getúlio e sua missão era coordenar, controlar e diluir o jogo de interesses. Para tal, teria que negociar com esse conjunto de forças, representadas pelas oligarquias liberais que haviam dado sustentáculo político, em contrapartida, os tenentes, que proporcionaram o sustentáculo militar. Assim sendo, o objetivo era impedir que um desses grupos se tornasse hegemônico. Com o tempo, Getúlio, que governava por decretos percebeu que essas duas pontas jamais poderiam constituir um único nó. Vargas era pressionado por ambos os lados, e em seu *Diário*, confessava-se angustiado e em uma situação de difícil solução: “Tenho que me decidir entre forças militares, que apoiam o governo e um jornalismo dissolvente, apoiados pelos políticos e instigados mesmo por estes contra o governo. Estou numa encruzilhada em que urge uma decisão” (VARGAS, 1995, p. 92). Frischauer afirmava que o biografado controlava a situação:

Não se deixou desviar nem pelos políticos, que pretendiam acelerar a constitucionalização, fazendo uso de ameaças ocultas e claras, nem pelos militares, como, por exemplo, os membros do recém-fundado clube “3 de Outubro”, que insistiam que Getúlio governasse chefiando a ditadura militar. Não permitiu, tampouco, que o desviassem as diversas concepções de políticas e vida surgidas dos diferentes grupos

profissionais, políticos e militares, e dos interesses regionais (FRISCHAUER, 1944, p. 285)

Os problemas políticos ao qual Frischauer e Vargas se referiram, tornaram as bandeiras ideológicas dos liberais, que passaram a exigir a volta imediata da constitucionalização do país. À medida que Vargas protelava a convocação das eleições para a Assembleia Constituinte, nomeando os interventores e mantendo o estado de exceção, os decaídos do poder passaram a acusá-lo de trair os ideais liberais, firmados no projeto da Aliança Liberal. A situação assumiu um tom violento em 25 de fevereiro de 1932, quando o *Diário Carioca*, foi empastelado pelos tenentes. A situação abalou profundamente o governo, pois, provocou a primeira demanda demissionária dos que haviam conduzidos Vargas ao poder. Borges de Medeiros, também se manifestou por meio de uma entrevista veiculada no *A Noite*, *O Correio do Povo* e *Diário do Interior*, afirmando: “É partidário da volta imediata do país ao regime constitucional. Julga imprescindível a existência de partidos políticos como meio de ser mantida a boa votação governamental” (A NOITE, 1931, 1. p). Esses acontecimentos assim foram narrados pelo escritor:

O Sr. J. E. de Macedo Soares, diretor do “Diário Carioca” e Maurício Cardoso, Ministro da Justiça (que pouco depois da refeição se retirou); Lindolfo Collor, Ministro do Trabalho; Batista Luzardo, chefe de Polícia e João Neves da Fontoura, que continuara em sua profissão de advogado, como consultor jurídico do Banco do Brasil, embora Getúlio lhe houvesse oferecido uma das pastas, depois da vitória da revolução. Os quatro eram riograndenses, antigos colaboradores de Borges de Medeiros e Raul Pilha, chefes da “Frente Única”. Tratava-se de alguns dos mais eminentes auxiliares de Getúlio, sobre os quais, valendo-se da disciplina partidária, seu antigo Chefe de Partido fazia pressão, para que eles, por sua vez, influenciassem Getúlio. A constitucionalização do País, cujos preparativos aliás, cabiam a Maurício Cardoso, ministro da Justiça, era o tema de maior relevância da animada palestra do restaurante “Lido”. Seguiu-se-lhe o assunto cotidiano obrigatório das conversas dos civilistas: os “tenentes”. É provável que os comensais não julgassem terem suas críticas a Getúlio e ao governo dos “tenentes” a importância que lhes deu o diretor do “Diário Carioca”, quando as publicou. Alguns dias mais tarde, o jornal foi “empastelado”, e os participantes do jantar no “Lido” aproveitaram a ocasião para se demitirem, sob pretexto de que o imperdoável “empastelamento” fora praticado pelos “tenentes” ou seus amigos, e estes não haviam sido punidos, imediatamente. O “brutal atentado”, conforme escreveu a Assis Brasil o político gaúcho Antunes Maciel, amigo dos demissionários, “foi a fâisca atirada à palha seca” (FRISCHAUER, 1944, p. 287-288).

O fragmento acima destaca a tentativa de Borges de Medeiros através de seus antigos colaboradores de influenciarem Getúlio para a volta à constitucionalização e que havia certa oposição entre os ministros e Vargas. O empastelamento do jornal acabou por romper o apoio da maioria dos gaúchos ao Governo Provisório (1930-1934), com o pedido de demissão coletiva dos ministérios que exerciam. Antes de aceitar ou não as demissões, Getúlio Vargas solicitou por meio de um telegrama, a interferência de Borges de Medeiros, visto que, os demissionários regressaram ao Rio Grande do Sul, mas: “o velho Chefe do Partido nada fez para reconciliar Getúlio com seus amigos” (FRISCHAUER, 1944, p. 289).

Segundo a narrativa em seu *Diário*: “Os jornais desta capital e das de São Paulo, Rio Grande do Sul e outras suspenderam por 24 [horas] a publicação em sinal de protesto” (VARGAS, 1995, p. 92). A preocupação de Vargas era compreensível. Diante da não circulação dos periódicos, as forças coordenadas por essa rede de comunicação levariam a um questionamento generalizado da população. Nesse período, esses atores históricos posicionam-se no jogo político, reproduzindo a ideologia liberal, que em sua grande maioria eram encampadas por seus proprietários. O atentado ao *Diário Carioca* representava um atentado não só a liberdade de imprensa, mas uma ameaça ao princípio liberal de defesa do patrimônio privado. O repúdio coletivo dos jornais era um posicionamento que tentava prevenir futuros novos ataques.

Alguns gaúchos que até então eram favoráveis ao governo, diante da demora da punição aos culpados do empastelamento do *Diário Carioca*, da relutância da convocação das eleições e da aproximação cada vez mais crescente entre Vargas e os tenentes, se afastaram do governo, passando a fazer forte oposição. Alguns se mantiveram afastados, outros, aos poucos voltariam a compor o quadro do governo. Algumas rugas e as marcas formaram sulcos profundos, e nem mesmo o tempo conseguiria amenizar as memórias feridas.

O Governo Provisório (1930-1934), não representou apenas as divergências dos grupos que apoiaram Vargas, mas também simbolizou um período de estranhamento com as forças paulistas. Desde a campanha eleitoral, São Paulo, em sua grande maioria apoiou Júlio Prestes. Com a derrota, foi negado aos paulistas não apenas o comando político do país, mas, o controle do próprio estado, além da perda da autonomia federalista. São Paulo, não coabitou com o governo e foi sujeitado a uma intervenção “estrangeira”, designação dada ao interventor João Alberto, por este não ser paulista. Essa nomeação foi considerada pela oligarquia paulista uma

afronta ao maior estado da federação. A oposição a Vargas começou, antes mesmo de se tornar presidente e aos poucos foi tomando corpo. Os carcomidos pediam um interventor civil e paulista. A situação de São Paulo foi batizada pela imprensa de “O caso Paulista” e assim era mencionado pelo presidente em seu *Diário* (VARGAS, 1995). Em torno desse movimento uniram-se antigos e novos inimigos, o Partido Democrático e o PRP, como também os velhos aliados o PRR e parte da ala da Frente Única mineira, essas coligações alargaram as fronteiras da oposição, saindo da esfera regional e tornando-se um problema nacional. A essa reivindicação somaram-se às exigências da convocação das eleições para a Assembleia Nacional Constituinte. Foi a partir da de 1932 e a movimentação a favor da constitucionalização do Brasil que a imagem de traidor insistentemente passou a ser atribuída a Vargas.

O caso paulista acabou revelando as fragilidades das alianças políticas, foi acompanhada pelo presidente e pela imprensa. A biografia tornava visível o aborrecimento que tal assunto causava ao biografado:

Qual a humilhação, a grave ofensa que se está fazendo a São Paulo? Mas há vários Estados do Brasil administrados por interventores estranhos e que não se julgam, por isso, ofendidos... Não me parece lógico que um paulista possa aspirar ao governo do Brasil e um brasileiro, por não ser paulista, se veja inibido de governar São Paulo. (FRISCHAUER, 1944, p. 286).

Na biografia, Frischauer ressaltou o fragmento da correspondência enviada por Getúlio Vargas a Raul Pilla em 21 de janeiro de 1932. Na missiva enviada, Getúlio, ainda demonstrava o desconforto diante a situação:

São Paulo mesmo, no regime constitucional, já elegeu três presidentes que não eram filhos do Estado. Não me parece lógico que um paulista possa aspirar ao governo do Brasil e um brasileiro, por não ser paulista, veja-se inibido de governar São Paulo. Só agora surgiu essa teoria. Será por que se trata de um militar? Esse motivo não me parece justo, porquanto os militares não perdem sua qualidade de cidadãos brasileiros e os próprios democráticos, pouco depois da revolução triunfante, constituíram governo sob a Presidência do General Hanstiphilo de Moura. O Governo que age sob coações dessa espécie diminui a sua autoridade e abre mau precedente (VARGAS, 1932, In: JÚNIOR, 2013).

Vargas deixava bem claro a Raul Pilla⁵¹, que não estava disposto a ceder às manobras políticas dos grupos opositores. A indignação do Presidente era de certa forma justificável. O próprio Washington Luís não era paulista, entretanto, foi eleito presidente do estado. Portanto para Vargas, as exigências paulistas tinham outras razões: suas raízes estavam na deposição do mando das oligarquias paulistas, do controle político do país.

A Revolução Constitucionalista de 1932⁵² foi um movimento de oposição à Revolução de 1930. A relação política entre Getúlio Vargas e os paulistas passava a ser de tensão. O presidente sublinha o início do movimento:

Irrompe o movimento revolucionário em São Paulo. Todo o tempo absorvido nas providências para combatê-lo. Morosidades, confusões, atropelos, deficiências de toda a ordem, felonias, traições, inércia, algumas dedicações revolucionárias. Um ato impressionante a solidariedade do Rio Grande através de Flores da Cunha, a unanimidade do norte, solidariedade e colaboração dos demais estados... (VARGAS, 1995, p. 115).

As linhas do *Diário* ressaltam a decepção do presidente ante as tentativas anteriores de articulações políticas ocorridas durante todos os anos de 1931 e 1932, para a interventoria do estado. A indicação de que Flores da Cunha se mantivera fiel ao governo era em si um alento, pois, este também estava na eminência de aliar-se aos constitucionalistas paulistas. Após três meses de combate, São Paulo baixou as armas. Mesmo vitorioso o Governo Provisório atende as reivindicações dos paulistas:

⁵¹ Raul Pilla (1892-1973) nasceu em Porto Alegre. Era membro do Partido Federalista e assim como esse partido era favorável ao Parlamentarismo. Pilla teve importante papel nas eleições para presidência do Rio Grande do Sul em 1922. Neste pleito, Borges de Medeiros candidato ao quinto mandado pelo PRR concorreria contra Joaquim Francisco Assis Brasil, líder da Aliança Libertadora, apoiada pelos federalistas e uma ala de republicanos dissidentes. O resultado das eleições foi favorável a Medeiros, e acabou se rompendo uma guerra civil terminada com a assinatura do Pacto de Pedras Altas, em 1923. Em 1928, Pilla e Assis Brasil fundaram o Partido Libertador (PL). Em 1929 o PL se coligou ao PRR surgindo a Frente Única Paulista (FUG) com o PD e PRM, formaram a Aliança Liberal. Após a derrota de Getúlio Vargas, a FUG foi reorganizada. No Governo Provisório, Pilla apoiou os liberais e democráticos e o Decálogo do PL, no qual os líderes gaúchos Borges de Medeiros, Raul Pilla, Assis Brasil, Lindolfo Collor, João Batista Luzardo, João Neves Fontoura e Maurício Cardoso se solidarizaram a São Paulo exigindo à imediata reconstitucionalização do Brasil (LEMOS, s/d).

⁵² Movimento contra o Governo Provisório iniciado em 9 de julho de 1932. Em três dias todo o estado já estava sob o controle dos revolucionários: Isidoro Dias Lopes, coronel Euclides Figueiredo, Pedro de Toledo e general Bertoldo Klingner. A população paulista participou ativamente do movimento. As tropas do governo foram lideradas pelo general Gois Monteiro. Em 2 de outubro, foi assinado o armistício, São Paulo se rendia. Os principais líderes foram para o exílio em Portugal (ABREU, 2001).

Um dos importantes alvos da política interna de Getúlio consistia em restaurar a unidade na administração do país e no sentimento do povo brasileiro. Com esse intuito, escolhera para presidente de São Paulo o Sr. Armando Sales de Oliveira, que, por ser um civil e paulista de nascimento, realizava os desejos dos políticos locais. Obteve dele a promessa de que se constituiria, durante o seu governo, traço de união entre aquele Estado e o Governo Federal, apaziguando a irritação que ainda existia, com maior intensidade entre as famílias “tradicionais”, pelo fato de nenhum de seus membros ter-se tornado presidente da República (FRISCHAUER, 1944, p. 339 e 340).

O governo também confirmava a data das eleições para a Assembleia Constituinte para dia 3 de maio de 1933, e continua a política de compra do estoque de café (ABREU, 2001). Com pacificação de São Paulo é nítido o reconhecimento de Getúlio Vargas da importância política e econômica de São Paulo. O passado revolucionário de 1930 foi negado por esses grupos, e a expectativa se firmava com a Constitucionalização. A aposta de mudança estava depositada na eleição presidencial que a nova Constituição legalizaria. Esse tempo foi marcado pela cisão política do passado de Vargas, no que se referia às experiências políticas de seus conterrâneos e amigos, firmados em sua terra natal. O rompimento mais emblemático foi com Borges de Medeiros: “Apoiei a ditadura do velho Borges no Rio Grande do Sul durante um quarto de século e não tive nada a reclamar. Ele agora reclama porque sou ditador há apenas dois anos” (LIMA, 1986, p. 66). A mágoa do presidente em relação a Borges de Medeiros é confirmada na biografia. Segundo o biógrafo, Vargas sempre se manteve fiel ao partido e desde 1907, lutou ao lado de Medeiros para a manutenção do seu poder no Rio Grande do Sul. O ressentimento político de Vargas levou Medeiros à prisão em Recife e depois ao exílio no estado gaúcho, sendo por fim afastado da política.

Em relação ao federalismo a biografia afirmava que: “a pobreza do norte e nordeste era explicada pela pouca importância que os estados receberam dos governos representativos do sul e que devido ao federalismo não dividiam a riqueza por todo o território nacional” (FRISCHAUER, 1944, p. 309 e 310). Ao assimilar as desigualdades entre a distribuição de riqueza ao federalismo, provavelmente o que se pretendia era justificar que esse sistema era impróprio ao Brasil e que daí advinha às necessidades de um princípio próprio ao povo e ao governo brasileiro:

A crítica ao federalismo e as necessidades de acordos políticos e da procedência do Presidente da república de ser provenientes de estados ricos da federação e a necessidade de conchavos políticos, os Estados estavam acima da Nação, pois “sem os instrumentos de poder dos Estados – como, por exemplo, a Força Pública de São Paulo o chefe do governo sentia-se manietado” (FRISCHAUER, 1944, p. 339).

O federalismo a partir do fragmento da biografia vai ser associado aos velhos conchavos políticos a estruturas ultrapassadas que deveriam ser rejeitadas; ao particularismo que negava o todo. Era preciso adequar a nova realidade com novos conceitos e sistemas econômicos. Entretanto, com a Constituição de 1934 o federalismo foi confirmado e a estrutura política reestruturada. O tempo urgia em reequilibrar as forças e ampliar as alianças. Neste presente, os amigos do rincão gaúcho são exilados e muitos que haviam continuado no exterior manifestavam publicamente suas oposições. Desses, os mais emblemáticos, além de Lindolfo Collor, são Borges de Medeiros, João Neves da Fontoura, Flores da Cunha e Paulo Duarte, este último foi completamente silenciado na biografia. Essas posições serão mais detalhadas no próximo tópico dessa dissertação de mestrado. O Governo Provisório (1930-1934) passou a ter prazo de validade, o seu fim seria decretado com a nova Constituição. Neste período de excepcionalidade a oposição que se levantou contra o governo deu início a outra imagem ao presidente, a de ditador. O exame ao *Diário* do presidente pode-se constatar que, neste período, havia o acompanhamento minucioso dos passos dos inimigos pelo presidente. As lembranças evocadas pela decifração dos signos linguísticos eram por vezes um rastro amargo. Havia, portanto, a necessidade de novos esclarecimentos sobre esses acontecimentos. Daí a importância da biografia como lugar de defesa do presidente Getúlio Vargas.

1.4. ESTADO NOVO: Biografia em tempos de Guerra – Uma nova imagem para Getúlio Vargas

No meu “dossier” encontro repetidas vezes, a acusação aberta de que o Brasil, com seu “Estado Novo”, estribado na Constituição promulgada por Getúlio Vargas, é o terceiro à mesa dos estados totalitários. Já conhecemos esta técnica, pelas fotografias. Getúlio

Vargas é acoitado de ditador. Com razão? Provar ou negar a acusação será, entre os outros, o objetivo deste livro (FRISCHAUER, 1944, p. 13 e 14).

A citação é um fragmento da obra analisada nesta dissertação de mestrado. Podemos afirmar com base neste referimento que havia a compreensão das acusações de ditador que pensavam contra Getúlio Vargas. Na introdução da biografia o autor anuncia seus objetivos: provar ou negar tais acusações. Quem o acusava? Por que o acusam? Qual o principal veículo de divulgação dessas acusações? Responder essas indagações será os objetivos desse tópico dessa dissertação de mestrado. Novamente a biografia é um lugar de defesa do presidente.

As técnicas de fotografia anunciadas por Frischauer no fragmento acima, era uma estratégia da propaganda de cartões postais nazista de vincular estadistas à ideologia do III *Reich*. De acordo com o biógrafo ele havia encontrado tais cartões, quando estava pesquisando material para a escrita do livro, *Os subterrâneos da Política*. No primeiro cartão encontrado, o chanceler Dollfuss estava ladeado de Hitler e Mussolini, mais tarde, encontrara outro cartão, no qual Getúlio Vargas, Hitler e Mussolini pareciam afinados ideologicamente, postos lado a lado. As imagens pretendiam vincular os estadistas aos líderes da Alemanha e da Itália e assim fortalecer a luta na Europa em prol do nazifascismo.

Dollfuss foi chanceler da Áustria entre os anos de 1932 a 1934. De acordo com Frischauer, o austríaco era contrário ao comunismo e o nacional-socialismo. Havia reprimido os avanços dessas ideologias na Áustria, no entanto, assim como Vargas, também teve sua imagem associada a Hitler e Mussolini, através de cartões postais do Ministério da Propaganda Nazista. Dollfuss e Vargas sofreram um *putsch* nazista, o primeiro em 1934, acabando sucumbindo ao atentado; Vargas, em 1938, conseguiu resistir ao ataque ao Palácio Guanabara. Entretanto, Dollfuss, tornou-se mártir em Viena, e Vargas, sofria constantes ataques dos inimigos políticos, que o acusavam de ditador, mesmo tendo repellido os Integralistas, que no Brasil, segundo o autor era considerado o grupo apologético ao nazismo. Todavia, Frischauer afirmava ser amigo de Dollfuss podendo garantir que este não era simpático aos regimes adotados na Alemanha e na Itália. Em 1936, Frischauer, exilado em Londres, ouviu falar do Brasil e de seu governo, e isso lhe despertou um interesse na montagem de um dossiê sobre o país e sobre Getúlio Vargas. O autor pretendia demonstrar que os estadistas, empreenderam combates aos nacional-socialistas e por isso foram vitimados nestas ações. Outra semelhança entre os estadistas era que assim como

Dollfuss, Vargas também reprimiu no Brasil um *putsch* comunista em 1935. De acordo com Prutsch e Zeyringer (1997) a analogia entre Dollfuss e Vargas foi uma sugestão de Alzira Vargas. De acordo com a narrativa biográfica uma das imagens pretendidas pela obra era a imagem de mártir.

Na introdução da obra, o autor questiona acerca das possíveis razões que levam algumas pessoas em atacar Getúlio Vargas, insistindo em chamar seu governo e suas ações de fascistas. Os argumentos iniciais de Frischauer apontam para a intencionalidade da obra, responder aos opositores, afastando a imagem de ditador nazifascista e construir a imagem de legislador social ao Presidente Vargas, ligando-o aos progressos industrial e material da nação. Toda a obra irá ser construída nesse sentido. Ao abordar a imagem de ditador, Frischauer confirmava que ainda em Londres em 1936, viria a ter notícias pela imprensa sobre o governo brasileiro e o tratamento que este adotava contra seus inimigos políticos, que eram “torturados com requinte de crueldade medieval” (FRISCHAUER, 1944, p.8). E com base nessas notícias acabava por considerar que: “presidente de República sul-americana, ditador é” (FRISCHAUER, 1944 p.8). Portanto, a construção argumentativa inicia-se com uma afirmativa e ao longo da narrativa vai sendo desarticulada. Os inimigos relatados por Frischauer dizia respeito aos presos políticos ligados à Intentona Comunista⁵³. Essas notícias foram veiculadas pela imprensa nacional e internacional.

A questão dos tratamentos destinados aos presos comunistas foi amplamente discutida nas sessões Câmara e na opinião pública. O deputado federal Abel Chermont⁵⁴ em discursos no

⁵³ A Intentona Comunista foi um movimento armado organizado pela Aliança Nacional Libertadora, que havia sido fechada pelo governo federal, com base na Lei de Segurança Nacional. Os movimentos aliancistas consistiam em derrubar o governo Vargas e estabelecer no Brasil um governo nacional revolucionário sob a chefia de Luís Carlos Prestes e posteriormente um governo popular composto por operários e camponeses. O movimento deveria ocorrer inicialmente nos quartéis de forma simultânea e deveria contar com o apoio dos operários. Em 23 de novembro de 1935 os revolucionários tomaram a capital Natal, fundando um o Comitê Revolucionário ou Governo Revolucionário Popular que durou até o dia 27 de novembro, com a restauração do poder pelo Exército. No dia 24 de novembro o movimento ocorreu em Recife e na noite de 26 para 27 do mesmo mês, no Rio de Janeiro. O 3º Regimento de Infantaria da Praia Vermelha e na Escola de Aviação Militar do Campo dos Afonsos. Ambos os movimentos foram facilmente debelados pelas tropas do Exército brasileiro (ABREU, 2001).

⁵⁴ Abel de Abreu Chermont (1887-1962) nasceu em Belém. O paraense participou da Revolução de 1930 e ativamente do Governo Provisório de Vargas. Foi Constitucionalista em 1933, participando da elaboração da Constituição de 1934. Em 1935 tomou posse como Senador Federal, com grande destaque em seus posicionamentos políticos, marcado pelo apoio à Minoria Parlamentar, coligação dos partidos estaduais opostos ao governo Vargas. Foi contrário a Lei de Segurança Nacional, criticando o fechamento da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Diante do recrudescimento das ações governamentais aos aliancistas e aos comunistas, os integrantes da Minoria Parlamentar, fundaram no dia 11 de novembro o Grupo Parlamentar Pró-Liberdades Populares, lançando manifesto contra a Lei de Segurança Nacional. Este manifesto teve a liderança do senador Abel Chermont. Com as prisões dos participantes da Intentona Comunista, o senador denunciou na tribuna do Senado, os abusos de violências dos agentes do governo contra os presos políticos. Após 2 de março de 1936, com o apoio de João Mangabeira, Chermont impetrou habeas-corpus em favor de Harry Berger, que se encontrava preso e que era militante alemão

plenário acabava condenando as atrocidades que ficaram registradas nos Anais da Assembleia, no dia 03 de março de 1936. Na ocasião o deputado relatava que os presos Clovis de Araújo Lima, Adalberto Fernandes, Harry Berger⁵⁵ e sua esposa eram tratados com requintes de barbáries. As denúncias de maus tratos pesavam principalmente sobre os dois últimos. Segundo o deputado Chermont, os interrogatórios eram acompanhados de torturas medievais, pois, o prisioneiro tinha sido colocado em uma sela que se assemelhava a uma jaula, dormia ao chão, e ali mesmo se alimentava e fazia suas necessidades fisiológicas. Só saía para ser interrogado, e devido às torturas estava com as costelas quebradas, com o corpo marcado pelas constantes queimaduras de pontas de cigarro e charutos; apresentava também escoriações devido aos choques elétricos na cabeça, no pênis e no ânus. Sua esposa encontrava-se igualmente bastante debilitada e era constantemente estrupada na frente do marido, e ambos eram obrigados a assistirem ao interrogatório um do outro (Correio da Manhã, 1936).

O *Correio da Manhã* noticiava os discursos do deputado Chermont, que impetrou um pedido de habeas corpus, para que os prisioneiros se livrassem dos castigos corporais após serem transferidos para a Casa de Detenção, mesmo assim, continuaram presos. Mais tarde, Luiz Carlos Prestes que voltava ao Brasil, também foi preso, mas receberia outro tratamento dos algozes, pois, muitos eram seus antigos companheiros de farda (Correio da Manhã, 1936). Ainda, Chermont afirmava que as torturas tinham o consentimento do presidente da república. Esse se manteve em silêncio em relação às acusações do deputado. Em 1950, Getúlio Vargas diria a Rubéns Vidal, que sabia da movimentação dos comunistas, que inclusive participou do desarmamento e prisão da tropa rebelde no quartel de Aviação e que esses ao serem presos foram entregues a justiça para serem interrogados. Informou ainda que quando Luís Carlos Prestes foi capturado, o general João Gomes insistia que o líder comunista fosse fuzilado, entretanto, sua vida foi poupada por intervenção do presidente. Mas Getúlio não escondeu do repórter as brutalidades dos interrogatórios: “A polícia do Filinto Müller não poupava ninguém. Era uma corja de assassinos” (ARAÚJO, 1985, p.142).

As lembranças ditadas a Araújo (1985) foram também marcadas em seu *Diário*, nele, o presidente não relatara a consciência das ações de torturas que lhe eram imputadas nos jornais e

enviado ao Brasil pela Internacional Comunista para dar apoio ao PCB. Com esses ataques, Abel Chermont, e os deputados João Mangabeira, Otávio da Silveira, Domingos Velasco e Abguar Bastos foram presos e tiveram suas imunidades diplomáticas suspensas, acusados de comunistas. Foram liberados em 12 de maio de 1937, após serem julgados e considerados inocentes (KELLER, s/d).

⁵⁵ Espião comunista alemão, na verdade seu nome era Arthur Ernest Ewert.

na Câmara. Mas ressaltou a turbulência e temores generalizados que os ataques comunistas produziram nas Forças Armadas e na elite liberal e seus instrumentos de convencimento público⁵⁶. Esses acontecimentos possibilitaram o apoio necessário ao poder Executivo, o que lhe facultou a aprovação do estado de sítio e posteriormente o estado de guerra, principalmente devido ao Plano Cohen⁵⁷ e as justificativas necessárias para a implantação do Estado Novo. Na biografia, a Intentona Comunista é compreendida como um movimento ligado a Luís Carlos Prestes, que tentou derrubar o governo de Getúlio Vargas com um *putsch* comunista:

A revolução comunista constituía, justamente, uma outra forma de expressão do velho e costumeiro jogo das forças políticas brasileiras. Os ambiciosos, sedentos de poder, pretendiam alcançá-lo, por meio de uma decisão violenta, utilizando, para isso, os prenúncios esquerdistas (FRISCHAUER, 1944, p. 324).

Ao interpretar o movimento comunista no Brasil, Frischauer associou o comunismo à imagem da violência e ao desejo ambicioso pelo poder. A violência se confirmaria nos levantes militares ocorridos nos quartéis e não teria o apoio do proletariado no Brasil, pois:

A leitura do material de propaganda comunista, que, naturalmente, acabou por chegar até a mesa de trabalho de Getúlio, mostrava-lhe, com toda a clareza, que ele se achava no bom caminho, mesmo do ponto de vista dos extremistas, “para promover a paz social, mediante uma justa distribuição dos haveres, entre todos”, embora, por seu lado, empregasse meios diferentes. Os extremistas pretendiam combater os contrastes sociais. Mas quem, a não ser Getúlio, se opusera jamais, com tanta energia, a esses contrastes? Já no manifesto da “Aliança Liberal” explanara suas ideias a respeito do assunto. [...] Quem proporcionara trabalho a milhares de desempregados? [...] Seu dogma era:

⁵⁶ A grande imprensa apoiou o fortalecimento do governo com o propósito de acabar com o “perigo comunista”: O *Estado de São Paulo*, 4 de dezembro de 1935 e *Correio da Manhã*, 1 de dezembro de 1935.

⁵⁷ De acordo com o governo, o Plano Cohen era um plano elaborado pelos aliancistas que pretendiam estabelecer uma ditadura comunista no Brasil acabando com o regime democrático, nem que para isso fosse necessário matar importantes lideranças políticas, mas, na verdade o Plano Cohen foi elaborado pelo integralista Olímpio Mourão Filho. Cópias do Plano Cohen passou a circular nas altas esferas militares e governamentais. Amplamente divulgado na *Hora do Brasil* e nos jornais, criou a atmosfera necessária para que o Congresso aprovasse o Estado de Guerra em todo o território Nacional. O Plano Cohen foi articulado dentro do próprio governo, que constitucionalmente teria que convocar eleições e diplomar um novo presidente da República, a articulação possibilitou Vargas instituir o Estado Novo, permanecendo no poder e decretar uma nova Constituição que instituía no Brasil um regime de governo com amplos poderes ao Executivo (ABREU, 2001).

“Considero um crime permitir que no Brasil alguém passe fome”. Acabar com a fome, e proporcionar moradia – acabar com a fome, e dar educação! [...] assegurar a cada trabalhador um mínimo de padrão de vida. [...] Graças a uma evolução lenta, guiada por mão segura, poder-se-ia alcançar tudo o que é humanamente possível obter, sem subversão violentas (FRISCHAUER, 1944, p. 322).

Ao comparar o movimento comunista com a ação do governo, o objetivo de Frischauer era demonstrar que, assim como os comunistas, Getúlio Vargas também tinha uma preocupação com os trabalhadores brasileiros, ambos desejavam o fim das desigualdades sociais, mas a forma de agir e o modo como cada um pretendia chegar a esse resultado, era extremamente diferente. Segundo o ponto de vista do autor da biografia, Getúlio estava proporcionando reformas políticas em relação a legislação trabalhista e um saneamento social, que diminuiria as diferenças, mas de forma gradual. Seria a legislação dentro dos trâmites da lei, que essa desigualdade seria amenizada e não por uma ação violenta e subversiva como a que era pretendida pelos comunistas. E foi devido a política trabalhista de Vargas, que não houve a adesão dos operários ao movimento comunista, pois: “suas aspirações haviam sido realizadas, ou estavam prestes a realizar-se, por meio da obra de assistência social do Governo” (FRISCHAUER, 1944, p. 324). Portanto a biografia assinalava mais uma vez a imagem paternalista e protecionista de Vargas, que dentro da ordem se colocava como representante dos diferentes seguimentos sociais. A presença do presidente à frente do Executivo era a garantia necessária para a manutenção do equilíbrio político e a garantia da legislação social.

Embora os anos de 1935 e 1936, durante o governo Constitucional, houvesse embates políticos, Vargas contornava-os negociando com seus opositores. Alguns que estavam ainda no exterior continuavam articulando com os que permaneceram no Brasil manobras para a deposição do presidente, chamado por esses de ditador fascista. Alzira Vargas e o próprio Getúlio em suas memórias algumas vezes se referiram ao presidente como ditador. Entretanto neste período o título de ditador não recebia o peso que lhe queriam imputar. No passado, no Governo Provisório (1930-1934) que foi instituído pelo decreto nº 19.398⁵⁸ estabelecia poderes discricionários em toda a sua plenitude, nas esferas do Executivo e do Legislativo. Esse decreto concedia a Getúlio Vargas amplos poderes (VARGAS, 1995, p. 24). No primeiro momento do governo, caracterizado pelo Governo Provisório, há um tempo que se estabeleceu como uma República

⁵⁸ O empastelamento do *Diário Carioca* foi principalmente devido às críticas ao decreto, que concedia amplos poderes a Getúlio Vargas.

Revolucionária, os amplos poderes concedidos ao chefe do executivo eram necessários para a ordenação do novo Estado. Todavia, este tempo se fez sob uma perspectiva de um governo que se fez como legendas⁵⁹. Vargas, neste período dialogou e trabalhou com as várias facções partidárias e ideológicas que o conduziram ao poder.

Entretanto, com a Revolução Constitucionalista de São Paulo em 1932 houve uma contestação desse Estado. Foi após 1932, com o chamado caso paulista, que os jornais passaram a titular Getúlio Vargas de ditador. Após a promulgação da Constituição de 1934, Getúlio Vargas foi eleito de forma indireta pelo parlamento, para um mandato de quatro anos, de 1934 a 1938. Essa vitória eleitoral, em certa medida impõe uma derrota política ao presidente, pois, esse passou a ser proibido de governar com recurso de decretos leis⁶⁰, ficando assim refém do parlamento. Em suas anotações o presidente confidenciou: “fui ler o projeto, do qual não tive boa impressão. Achei-o um tanto inclinado ao parlamentarismo, reduzindo muito o poder do Executivo e, principalmente, complicando a máquina burocrática, de modo a dificultar a administração” (VARGAS, 1995, p. 273). Ademais a Constituição garantia a permanência do princípio federalista, ao invés do centralismo, pretendido pelo presidente, os estados da federação voltavam à estrutura que os caracterizaram na experiência administrativa da Primeira República.

Após a pacificação do movimento constitucionalista, alguns líderes estavam presos e outros haviam se exilado na Argentina e Uruguai, e na Europa. Waldemar Ripoll e Paulo Duarte e outros setenta e três líderes políticos foram para Portugal; Paim Filho, Lindolfo Collor, Otacílio Fernandes e João Neves da Fontoura e Raul Pilla foram para a Argentina, o primeiro logo partiu para a Europa; Batista Lusardo foi para o Uruguai, Portugal e Buenos Aires; Assis Chateaubriand foi para a Europa, depois Buenos Aires; Borges de Medeiros⁶¹, Pedro Toledo e Arthur Bernardes foram exilados em Recife (RANGEL, 2000). Vargas não ficava alheio aos movimentos dos opositores exilados. Contava com o apoio dos embaixadores brasileiros e com os governos do, Uruguai e da Argentina em ajuda recíproca para a manutenção da ordem. Internamente, precisava

⁵⁹ Em 1933, além dos partidos já existentes foram criados: o Partido Autonomista, o Partido Social Democrático e o Partido Republicano Liberal, Partido Progressista e a Liga Eleitoral Católica (ABREU, 2001).

⁶⁰ De 1930 a 1934, o presidente governava o Brasil através de decretos leis.

⁶¹ Em seu *Diário*, o presidente anotava: “Foi preso, numa fazenda em Minas, o Sr. Arthur Bernardes. Assentei que ele e o Sr. Borges de Medeiros fossem recolhidos à ilha do Rijo, sob a guarda da Marinha. [...] Bernardes e Borges, dois homens que fundamente se hostilizaram e prestaram-se depois muito apoio, dois temperamentos afins de dominadores decaídos e não conformados, vão afinal conhecer-se... na mesma prisão” (VARGAS, 1995, p. 135). Ao permitir a prisão do ex-presidentes da República e do estado gaúcho, Getúlio sinalizava o rancor político em relação a antigos correligionários. Podia ter poupado aos antigos inimigos políticos de se encontrarem em situação tão vexatória. Mas preferiu determinar a prisão em um mesmo espaço.

recompor o governo e para isso negociar com seus detratores. Vargas soube dissolver a oposição que havia se levantado em São Paulo. Convocou a Constituinte e nomeou Armando Sales, representante da elite paulista para ser o interventor do estado, chamando a elite paulista para o interior do sistema⁶². No Rio Grande do Sul, Flores da Cunha conservava a ordem necessária e mantinha-se unido ao governo central.

Em 1932, Vargas passou a ser intitulado de ditador, por governar sem Constituição e sem Assembleias. Todavia, em 1934, fora eleito mesmo que de forma indireta, presidente da República. O que justificaria a permanência da imagem de ditador? A Constituição de 1934 significou uma referência de medida de forças, entre o Governo Provisório e as antigas elites, principalmente a paulista. Para muitos ideólogos como Oliveira Vianna e Azevedo Amaral, ela representou um retrocesso, pois anulava os valores da Revolução de 1930 e retornava à prática política da Primeira República. O governo conseguiu aprovar grande parte do seu anteprojeto constitucional avaliado pelos deputados. As vitórias estão relacionadas às leis de benefícios aos trabalhadores, tais como: a criação da Justiça do Trabalho, o salário mínimo, a jornada de trabalho de oito horas, férias anuais remuneradas e descanso semanal. Entretanto, o antiprojeto do governo que previa a criação de um sindicato único por categoria profissional foi rejeitado pelos congressistas, ao invés disso, foi aprovado a pluralidade e a autonomia sindical. De acordo com Biavaschi (2014) ao receber o antiprojeto que estabelecia a lei orgânica do sindicato único o jurista e deputado classista Waldemar Ferreira, que foi designado para dar o parecer sobre o antiprojeto, assim o definiu: “Isso aqui fere a tripartição de poderes. Não vou aprovar porque é inconstitucional e é cópia fascista” (BIAVASCHI, 2014, p. 10).

A afirmação do deputado e jurista, “isso é cópia fascista” reverberou em todo o governo. Para o deputado Waldemar Ferreira, a lei orgânica do sindicato único era uma cópia da carta constitucional italiana *del lavoro* e a designação ecoou para fora das paredes do parlamento, atingindo o espaço público. A natureza da ditadura passou a ser outra e muito mais incômoda. Alzira Vargas confirmava o quão incômodo era o título:

⁶² O jornalista Costa Rego do *Correio da Manhã*, ficou responsável em acompanhar os trabalhos da Constituinte, percebia o jogo articulado no Catete, e em suas colunas acabava alertando aos paulistas, afirmando que esses deviam ficar atentos às manobras do governo e não deveriam ter se dobrado ao governo Vargas em troca da interventoria do estado (SANDES, 2012).

Quando todos os ódios e todas as frustrações tiverem encontrado, enfim, seu repouso; quando se escrever a História verdadeira, documentada e sofrida desse ano de 1937, se fará justiça a um homem que não teve medo de ser chamado pelo nome que mais detestou, desde a infância, para salvar seu país do caos, o nome de “ditador Getúlio Vargas” (PEIXOTO, 1960, p. 285).

A citação acima nos permite afirmar que o título de ditador era incômodo e possivelmente maior indisposição ainda o de fascista. Ainda no seu livro, Alzira interpolou o pai sobre as prisões dos comunistas em 1937 e sobre o Plano Cohen. De acordo com seus relatos, Getúlio ouvira as suas dúvidas com atenção e lhe respondera que naquela ocasião, os comunistas eram supostamente acusados de matar a sangue frio alguns soldados nos quartéis enquanto esses dormiam. Essas notícias foram divulgadas na imprensa ocasionando uma grande comoção nacional, acirrando as indisposições entre os grupos políticos. Diante disso, o governo foi forçado a tomar medidas ditatoriais (PEIXOTO, 1960). A mesma lógica argumentativa orientou a escrita biográfica de Frischauer. Não há como negar a cultura fascista na estrutura de poder estabelecida em 1937, com o Estado Novo. Porém, temos que estabelecer limites nas semelhanças e graus de distanciamentos:

Os traços totalitários são identificáveis nos discursos e práticas de Vargas, mas não pode dizer que houve, no período, “efetivação histórico do conceito em plano macroinstitucional e societário”. Durante o Estado Novo, as oposições democráticas e os adversários do varguismo na luta pelo poder continuaram atuando. A repressão foi intensa e as liberdades foram anuladas neste período, mas não ocorreu o monopólio absoluto do Estado no plano físico, jurídico ou econômico. O imaginário totalitário tinha receptividade numa parte significativa da sociedade, mas a imagem da sociedade *una*, homogênea e harmônica, veiculada pela propaganda política, esteve longe de se traduzir numa prática de constituição da opinião única em torno do regime e de seu líder. Cabe ressaltar que nem mesmo entre os ideólogos do regime havia convergência quanto à aceitação do nazi-fascismo como modelo de organização da sociedade e do Estado (CAPELATO, 1998, p. 31 e 32).

Capelato (1998) estabeleceu comparações entre os regimes estabelecidos no Brasil e na Europa. Constituindo os limites entre as semelhanças e as diferenças. A partir dessas comparações podemos afirmar que de modo algum o regime e o governo de Getúlio Vargas podem ser classificados como nazifascistas. A historiadora ainda destacou que entre os ideólogos

do Estado Novo, havia aqueles que não aceitavam o nazifascismo. Para alguns como, por exemplo, Azevedo Amaral e Oliveira Vianna, o modelo governamental implantado pelo novo regime era genuinamente brasileiro e de maneira alguma podia ser colacionado ao modelo europeu.

Em suas obras, *O Estado autoritário e a realidade nacional* de 1938, de Azevedo Amaral e *O idealismo da Constituição* de 1939, de Oliveira Vianna, refletiram sobre a natureza do Estado instituído em 1937. Para esses autores o modelo nacional foi inspirado nas necessidades brasileiras. Ainda de acordo com esses ideólogos a orientação do regime implantado em 1937, embora autoritária, manteve a democracia como sistema político, portanto, o regime no Brasil era uma Democracia Autoritária e não totalitário, como no modelo europeu, que não respeitavam os direitos individuais, ao contrário, destruía sua individualidade. Já no Brasil: “o sentido da Constituição de 1937 é, pois, o da democracia social ou, melhor, da democracia corporativa.” (VIANNA, 1939, p. 216) e, “O Estado Novo é essencialmente uma organização de tipo incontestavelmente democrático. A adoção do princípio autoritário como postulado básico da organização estatal não contradita a fisionomia democrática do regime” (AMARAL, 1938, p. 175).

A biografia bebeu na fonte dos ideais desses ideólogos. Estava, portanto, afinada ao discurso do Estado:

A comparação do governo de Getúlio Vargas com um governo fascista, feita por vários opositores, cai por si mesma. Não há, no Brasil, um partido de Estado, e nem camisa e saudação de partido. Tão pouco existem campos de concentração e de trabalho, privilégios e preconceito de raça, perseguições religiosas e tendências imperialistas. A salvaguarda da mais ampla liberdade possível do cidadão é a base da Constituição, a qual estabelece legalmente o direito à educação e à assistência social. Não há, no Brasil, terrorismo governativo nem se exerce violência sobre as consciências – fundamentos, estes, de todo governo fascista. A Constituição não suprimiu em seus artigos, o direito democrático de voto bem como não sufocou as liberdades individuais (FRISCHAUER, 1944, p. 358).

Assim, o biógrafo, corroborava os conceitos estabelecidos na estrutura do poder e preocupou-se em estabelecer as diferenças entre os regimes do Brasil e dos países europeus. Para Capelato (1998), assim como na Itália e Alemanha, houve críticas à liberal democracia, pois, o

liberalismo foi considerado incapaz de solucionar as questões relacionadas aos problemas sociais e ao atraso material da nação, teses defendidas por Vianna e Amaral e endossadas na biografia. Entretanto, a organização nesses países de um Estado forte, autoritário e nacionalista, objetivava a organização de um Estado Moderno. Essas características evidenciavam similaridades fascistas no governo Vargas. Todavia, esses conceitos, no Brasil não assumiram as feições desses países. A indústria brasileira foi consolidada com vínculo ao capital estrangeiro; no Brasil a propaganda não era exclusivamente estatal como na Alemanha e na Itália, aqui, os órgãos coercitivos tinham funções limitadas, de controlar e censurar. Enquanto lá, a raça ariana era essência do povo, aqui, a mistura da raça passou a ser símbolo de identidade nacional, principalmente com obras que valorizavam essas origens. Ainda, de acordo com Capelato (1998) na Itália os fascistas conseguiram estabelecer uma “cultura de consenso” com apoio de diferentes segmentos sociais, no Brasil, o Estado Novo, se estabeleceu em uma estrutura política de conformidade, que envolveu, prioritariamente, os setores de elite, onde foi buscar apoio e legalidade para a construção e consolidação do seu poder, mas de forma alguma isso pode ser considerado uma sociedade *una* como se estabeleceu na Itália.

Na biografia: “Na realidade o Integralismo era, no Brasil, o representante da confraternização européia do Nacional-socialismo e do Fascismo. Os efeitos radicais dos problemas de política exterior do globo começavam a fazer-se sentir, violentamente, no país” (FRISCHAUER, 1944, p. 320). Com esse argumento, a biografia associava o Integralismo ao nacional-socialismo e ao fascismo, assim, as ideologias desses grupos estariam presentes na facção política que foi dissolvida com o golpe de 1937:

Caso Getúlio quisesse dominar o caos político no Brasil e continuar a governar com êxito, era absolutamente indispensável que o seu poder fosse reforçado, permitindo-lhe apaziguar o país e prosseguir a obra iniciada. Era necessário dissolver os partidos, afim de evitar que o Integralismo e a intervenção estrangeira conduzissem o Brasil, violentamente para o Fascismo. Era necessário pôr um paradeiro à intromissão política e econômica estrangeira; e isso tinha de ser feito de pleno acordo com Washington: no interesse da defesa do continente americano (FRISCHAUER, 1944, p. 353).

Assim, se havia a disseminação dos ideais europeus no Brasil, era devido à própria democracia que possibilitava a existência de tais grupos. A justificativa para o estado de exceção, instaurado em 1937, estava assentado no bem coletivo, o da pátria, sendo necessário impor algumas leis restritivas e fortalecer o poder executivo. Ao mesmo tempo em que coibia as expressões das ideologias comunistas e nazifascistas, se justificava o novo regime, afirmando que seu surgimento foi devido ao contexto de insegurança nacional e de ameaças do comunismo. Como homem providencial, Getúlio Vargas percebeu a necessidade antes dos acontecimentos, adiantara-se à manifestação de um problema que ao mesmo tempo ameaçava a unidade territorial e a defesa do continente americano. Portanto, mais uma vez a imagem do homem público à frente do seu tempo vai ser associada ao chefe da nação, que:

A solução que nazistas e fascistas queriam ver adotada por Getúlio era a seguinte: em lugar de tantos partidos, um só, o de camisa verde (em lugar de parda ou preta); o *Führer* do Brasil, se agradasse aos padrinhos Benito e Adolfo, seria Getúlio – ou então, uma vez livres de Getúlio, Plínio Salgado, que já era o *Führer* dos integralistas. Que ninguém se preocupasse com a maneira de alijar. Os métodos para tornar inócuos políticos incômodos já haviam sido suficientemente estudados em Roma e Berlim! (FRISCHAUER, 1944, p. 344).

Após o Estado Novo, houve a proibição de partidos políticos, nominados por Oliveira Vianna de clãs. Embora o golpe de 1937 tenha incluído o apoio dos Integralistas, em dezembro de 1937, foi decretada sua ilegalidade e com isso frustrou os planos dos nazifascistas em relação ao Brasil. A biografia constrói uma teia argumentativa impondo uma narrativa ao qual a instabilidade social, territorial e política haviam sido postos em risco devido aos levantes comunista e integralista. A tentativa de eliminar Vargas teria sido articulada pelos ditadores europeus, que pretendiam entregar o Brasil para Plínio Salgado, chefe dos Integralistas, e, depois integrá-lo ao território germânico como território fornecedor de matérias primas: “a única solução, para a Alemanha, consistia em obter matérias primas e territórios, em outros continentes, para a sua expansão” (FRISCHAUER, 1944, p. 237). As tentativas frustradas dos comunistas e dos integralistas serviram de substrato para que Vargas se livrasse dos opositores, e passasse a tomar medidas mais repressoras contra a comunidade alemã existente no Brasil (ABREU, 2001). A narrativa ressaltou:

[...] atividade dos partidos políticos organizados, no Brasil, pelas potências estrangeiras, principalmente pela Alemanha, revelaram a existência de documentos aterradores: os que lhe moviam os fios não tinham, apenas desejado e procurado fragmentar a política interior do Brasil, mas também, traçado previamente planos muito precisos, cuja execução não parecia encontrar, em seu caminho, dada a situação política brasileira, tão abalada pelas lutas dos partidos, nenhum obstáculo (com exceção de Getúlio). Esses planos previam nada menos do que a partilha do Brasil em três zonas de influência, das quais os autores dos planos queriam participar, como parceiros e sem atrapalharem mutuamente. Eis o que se tratava: O Estado de São Paulo deveria ser dado à Itália, como zona de influência exclusiva; O Japão deveria receber Mato Grosso e a Amazônia, e ao passo que a Alemanha reservava para si ilimitada influência sobre o Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. O Norte, onde o governo de Getúlio iniciara e continuara, com ótimos resultados, as obras contra as secas, esse podia ser deixado, como zona de influência, aos próprios brasileiros – e às secas. O Brasil semelhava uma fruta madura, que cairia no colo das potências do Eixo se o país e os seus políticos não voltassem à razão e se Getúlio Vargas não interferisse (FRISCHAUER, 1944, p. 348 e 349).

De acordo com Frischauer as disputas internas entre os partidos políticos no Brasil havia sido um plano arquitetado por aqueles que desejavam seu território, que instigava a luta pelo poder, enquanto externamente os líderes fascistas, arquitetavam planos para dividir o Brasil, ou seja, se as atenções estivessem voltadas para a disputa eleitoral, o Brasil ficaria vulnerável quanto a sua defesa interna, o que facilitaria o domínio externo. No entanto, de acordo ainda com biógrafo, Getúlio era o único que não perdia o foco e o controle de toda a situação, sempre atento ao jogo político. Deste modo, as eleições para a presidência em 1938, foram canceladas para impedir o enfraquecimento das estruturas políticas, e não para a manutenção de Getúlio à frente da presidência. A desambição política é uma imagem recorrente na biografia.

Outras críticas sofridas pelo governo, era sobre a censura imposta à imprensa e a imposição da Constituição de 1937. A censura estava ligada a tentativa de controle da opinião pública por parte do governo e das preocupações dos homens ligados ao poder com as repercussões das notícias que circulavam a respeito do governo Vargas:

Tendo correspondente New York Times em Buenos Aires recoçado ataque ao Brasil e demais Governos da América do Sul, a fim de tomar providências, preciso saber: 1º Si foi assegurada pela liberdade correspondente desse jornal no Rio de Janeiro ficando seus telegramas livre de qualquer censura policial; 2º - si nosso Governo ação conjunta

Argentina e demais está decidido tomar atitude contra aquele jornal e seus correspondentes. Acho que uma ação conjunta dos governos da América do Sul contra seus detratores de má fé neste paiz será de grande efeito (ARANHA, 1936).

No telegrama enviado por Oswaldo Aranha para Lourival Fontes pedindo esclarecimento sobre veiculações de informações no *New York Times* sobre o governo, demonstrava claramente a inquietação do Ministro. As preocupações de Oswaldo Aranha eram compreensivas, pois boatos e divulgações de notícias contrárias ao governo no exterior poderiam colocar em risco a credibilidade e a estabilidade financeira, econômica e governamental. Era preciso silenciar as vozes discordantes. Ao adotar medidas coercitivas contra a imprensa nacional, Getúlio Vargas é extremamente criticado pela imprensa internacional. Frischauer apontou três razões para as medidas de censura à imprensa e a para as críticas contra o governo. Primeiro, a imprensa internacional acusava Getúlio de inimigos dos comunistas e da democracia, e de ditador, pois com a Constituição de 1937, houve o fortalecimento do Chefe do Executivo, que governava sem partidos por ter dissolvido as Câmaras, embora a nova Constituição prefixasse a criação dos novos órgãos parlamentares:

Esses inimigos declarados de Getúlio esconderam à opinião pública que a dissolução das Câmaras era medida transitória. Para atacá-lo com maior violência e êxito mais seguro, valeram-se da Constituição de 1937, taxando-a de “instrumento de poder de um ditador”, sem analisarem seus pormenores, que fazem dela um regimento de governo, de espírito e construção essencialmente democráticos (FRISCHAUER, 1944, p. 356).

Embora a Constituição previsse um plebiscito para que a sociedade aprovasse o novo regime, nunca houve o referendo popular. Ficou como letra morta. O segundo argumento, era que, a imprensa mundial criticava o Brasil de não participar da Liga das Nações⁶³, omitindo que tais explicações dadas ao próprio embaixador inglês no Brasil, foram negligenciadas pela imprensa internacional. Essas intrigas eram financiadas pelas empresas estrangeiras que tinham

⁶³ Organização criada em 1919 em Paris, após o término da Primeira Guerra Mundial. Os Estados Unidos não concordou com os posicionamentos dessa instituição, não referendou seus princípios, o que acabou impedindo sua integração nessa organização.

interesses no Brasil. A propaganda contra Getúlio tinha nítida intenção de prejudicar as alianças pan-americanas. As empresas internacionais que pretendiam transformar o Brasil em um território do III *Reich* atacavam o governo brasileiro para dissimular seus interesses de dominarem o Brasil, assim as críticas eram contra as: “medidas nacionais, como por exemplo, a nacionalização do ensino e da imprensa, que em lugar de “nacionais”, denominaram “nacionalistas” (FRISCHAUER, 1944, p. 356)”.

A intenção da imprensa era de associar as iniciativas do governo às práticas nacionalistas dos nazifascistas. Para o autor, essa assimilação era considerada frágil, já que sua argumentação estava fundamentada na ideia de que a imprensa e a educação acabaram sofrendo intervenção pelo governo, pois somente assim, ficariam agasalhadas de sofrerem a doutrinação e intervenção jornalística e educativa vindas de Berlim; ademais, somente pela educação a população brasileira atingiria a maioria civil o que lhe permitiria exercer a plena cidadania. Assim, havia forças que lutavam pela coesão do Brasil, que pretendiam a unidade territorial em torno do ideário de nação, levando a extinção dos particularismos, em prol de um fortalecimento do Estado como identidade nacional (VIANNA, 1939), havia outras forças, que também operavam e eram vinculadas às ideologias estrangeiras, portanto as medidas nacionais eram adotadas na intenção de impedir que o Brasil fosse arrebatado por forças inimigas e indesejáveis. A imprensa ladeava o nacionalismo brasileiro com o nacional-socialismo, para Frischauer a propaganda era encorajada pelos jornalistas que estavam interessados em manter o Brasil como país dependente, suas críticas seriam alarmadas pela crescente independência econômica que o Brasil estava alcançando com a administração de Getúlio.

Terceiro argumento: Adolfo Hitler e Benito Mussolini afirmavam em propaganda interna na Alemanha que Getúlio era ditador, e que estava de acordo com os interesses do espaço vital. A intenção de tais propagandas era de semear intrigas entre Brasil e Estados Unidos, isolando o governo brasileiro o que poderia corroborar para futuras invasões nazistas, temor que era compartilhado pelos Estados Unidos (ABREU, 2001) ao mesmo tempo, a imprensa americana acoitava Getúlio Vargas de ditador, pelo fato de governar sem partidos e sem Câmaras; já a imprensa nazista criticava Getúlio por governar sem partidos de Estado, mesmo assim, a imprensa americana acabava por fornecer subsídios às críticas dos nazistas. Berlin e Roma mantinham constantes ataques ao governo brasileiro, pois, a partir da Constituição de 1937, a utilização das riquezas minerais e das fontes de energia ficava sob a vigilância de Estado,

sendo concedida somente a brasileiros, e ainda, os bancos e companhias de seguros, assim como as empresas de serviços públicos, seriam nacionalizados, assim, os governos nazifascistas que objetivavam explorar essas riquezas tinham seus objetivos frustrados (FRISCHAUER, 1944). Portanto, para o biógrafo a censura à imprensa era necessária, para a proteção contra as divulgações de publicidades ideológicas que poderiam trazer ao Brasil pensamentos indesejáveis ao bem coletivo.

Enquanto o mundo se divide entre as forças lideradas pela Alemanha e Estados Unidos, o Brasil manteve uma posição de neutralidade diante do conflito. O ano de 1940 foi decisivo para o rumo da política interna e externa no Brasil, principalmente após o pronunciamento do presidente no dia 11 de junho de 1940, no navio de guerra, Minas Gerais:

Velhos sistemas e fórmulas antiquadas entram em declínio [...]. Assistimos à exaltação dos nacionalismos, as nações fortes impondo-se pela organização baseada no sentimento da pátria e sustentando-se pela convicção da própria superioridade. Passou a época dos liberais imprevidentes, das demagogias estereis (ABREU, 2001).

No discurso, Vargas criticou o liberalismo e elogiou as doutrinas nacionalistas, embora tenha se declarado a favor do pan-americanismo, indiretamente evidenciou um questionamento da política americana e um aceno à possível estreitamento com as nações europeias totalitárias. Com a divulgação do discurso, Mussolini telegrafou para o Brasil parabenizando as palavras proferidas pelo chefe da nação; do mesmo modo, Roosevelt, alertou o mundo dos perigos do nazifascismo (ABREU, 2001). A preleção era obviamente uma oposição aberta ao sistema liberal, política adotada pelos países da Aliança. A Alemanha, Itália, os americanos e alguns brasileiros, o interpretaram como um elogio e uma possibilidade de aliança com o Eixo. Getúlio, por sua vez, sem intenção de fechar questão antes de atingir seus objetivos, que era a consolidação dos empréstimos para a construção da siderurgia e a compra dos equipamentos para modernização das Forças Armadas, tratou logo de acirrar as dúvidas. Em nota aos jornais procurou afirmar as alianças com os Estados Unidos: “A política externa brasileira é de inteira solidariedade americana na defesa comum do continente contra qualquer ataque vindo de fora. O nosso país, por sua vez, não intervém em conflitos europeus, mantendo estrita neutralidade” (Correio da Manhã, 1940). Por sua vez, Vargas cômico do jogo, acaba por impor aos jogadores, o

mover das peças, e nesta ação àqueles que lhe oferecesse a possibilidade de xeque mate, seriam os que teriam definitivamente o apoio do Brasil na Guerra. Vargas, em seu confidente pessoal, anotou; “O discurso que pronunciei teve muita repercussão, produzindo alguma surpresa pelo tom, julgado muito forte e, por outros, tido, insensatamente, como germanófilo” (VARGAS, 1995, p. 319). No entanto, as interpretações do discurso na imprensa internacional, notadamente o *New York Times*, publicada no *Correio da Manhã* dia 14 de junho de 1940, acabaram por corroborar com aquelas que insistentemente anteriormente ao regime de censura na imprensa nacional, atacavam Getúlio Vargas de ditador fascista, pois na análise do repórter do *Times*, Walter Lippman, o discurso do presidente era um inconfundível aviso de apoio aos países do Eixo.

O discurso dúbio de 1940, segundo alguns historiadores, dentre eles Gerson Moura (1980) e Alzira Abreu (2001), está inserido dentro dos objetivos de industrialização e modernização do Brasil. Desde 1939, o governo Vargas e os Estados Unidos estavam dialogando sobre a construção de uma siderurgia no país. Entretanto, com o acirramento da Guerra na Europa a empresa *United States Steel*⁶⁴ encaminhou ao governo brasileiro um comunicado de desistência. Em correspondência, o embaixador brasileiro, Carlos Martins Pereira e Souza nos Estados Unidos, mantinha o presidente Vargas informado dos encaminhamentos sobre essa questão. O Embaixador avisava que o governo americano foi dissuadido da construção da siderurgia devido à interferência do Thomas Lomont, representante da J.P. Morgan, da Inglaterra, que tinha livre trânsito no Comitê Consultivo Financeiro da *United States Steel*, que havia desistido do projeto. Ainda de acordo com Martins, Lomont, objetara à construção do empreendimento siderúrgico por ser portador de títulos da dívida externa brasileira. Como o governo havia suspenso o pagamento das dívidas externas após o Estado Novo, o investidor dos títulos brasileiros se considerava prejudicado pela suspensão do pagamento da dívida. Em resposta, Vargas, sentenciava:

Temos varios oferecimentos colaboração técnica e financeira de outros paizes que não condicionam assuntos divida externa em problema siderurgia. Alias nosso plano

⁶⁴ Empresa americana que deveria construir a siderurgia de capital misto, Brasil e Estados Unidos. Em 1939 a empresa já havia enviado técnicos americanos para análise das condições técnicas para a instalação de uma siderurgia no Brasil. Os técnicos americanos confirmaram que havia todas as condições para o desenvolvimento desse projeto. Em 1940 a empresa *United States Steel* anunciou sua desistência na parceria para a consolidação do projeto siderúrgico. A desistência da empresa acaba por impor ao governo Vargas à criação da siderurgia pelo Estado brasileiro com capital nacional com a obtenção de empréstimos estrangeiros (ABREU, 2001).

retomada pagamento dívida externa já está sendo examinada entre governo brasileiro e representante aqui governo americano sem ligação assunto siderurgia. Acordo nosso política tradicional e confiando Estados Unidos desejam fortalecimento econômico Brasil, preferimos sempre colaboração capitais americanos. Se neles porem não encontrarmos apoio examinaremos outras possibilidades se apresentarem. (VARGAS, 1940).

A resposta ao embaixador Carlos Martins foi encaminhada no dia 18 de janeiro de 1940. A correspondência é a confirmação de que o presidente tinha nos Estados Unidos a preferência da parceria, mas, não estava disposto a aceitar imposições, de qualquer natureza. A partir da desistência da empresa estrangeira americana, o governo brasileiro passou a atuar politicamente para a captação dos recursos necessários, usando para isso uma crescente veiculação na imprensa dos interesses de vários países, inclusive da Alemanha na consolidação do projeto siderúrgico, fomentando as críticas na imprensa internacional. Havia por parte do governo alemão interesses cada vez mais crescentes pelas matérias primas brasileiras. Em 1 de março de 1940, a revista *New York Times* publicou notícias sobre possíveis acordos com a empresa alemã Krupp: “Noticia-se que os alemães estão prontos para construir a usina em condições idênticas as que foram rejeitadas por U. S. Steel. A colaboração americana é preterida” (New York Times, 1940). A nota pode ter sido enviada pelo governo brasileiro, via DIP. A finalidade de tal informação era claro, o Brasil não retrocederia em seus objetivos. Entrementes, em resposta à reportagem o governo confirmava o interesse da empresa alemã, mas deixava a questão em aberto, dizendo que: “Declarou o governo que o Brasil deseja fabricar aço e que neste sentido tomará em consideração qualquer proposta razoável” (New York Times, 1940).

Alzira Vargas escreveu ao embaixador Martins, para se informar acerca do embargo ao navio Siqueira Campos, preso no Atlântico, com os *destroyers* negociados. A intervenção aparentemente tinha o apoio dos Estados Unidos:

Ignoro até que ponto possam ser exatas as observações aí expostas; parece-me estranho, porém, que os Estados Unidos façam uma política externa contrária aos seus amigos da América do Sul somente para atender a sugestões e exigências da Inglaterra, visando proteger a exigências da Inglaterra, visando proteger seus próprios interesses. Chegaríamos nesse caso a absurda e dolorosa conclusão de que é melhor ser inimigo dos Estados Unidos desde que tenha a Inglaterra por amiga e madrinha do que continuar a política tradicional de boa amizade entre Brasil e esse país, mantida através tantas lutas

comuns. Seria o momento de perguntar si não vale mais a pena ser inimigo, si tal conclusão não parecesse ilógica e absurda. (PEIXOTO, 1940, s/p).

A correspondência é uma constatação de difícil aceitação, o que evidencia que os laços entre Brasil e Estados Unidos serem concebidos como um elo de tradição e reciprocidade. A perplexidade da filha do presidente sugere que esses laços podiam ser rompidos, diante do enrijecimento da política da Inglaterra no comércio marítimo no Atlântico e a manutenção do aval americano. Mais uma vez, a questão da soberania nacional é evidenciada. Em respostas a essas indagações, o embaixador Carlos Martins, afirmou que a Inglaterra estaria envolvida no caso dos *destroyers*, pois, se o arrendamento se efetivasse o Brasil se tornaria militarmente superior à Argentina, sua maior aliada na América, e, com a siderurgia consolidaria sua superioridade industrial tornando-se a maior potencia na América do Sul. Alzira Vargas acabava ainda confirmando: “A Inglaterra tem sido o inimigo invisível do Brasil, impedindo junto ao governo americano o arrendamento dos *destroyers* americanos e agora interferiria no caso dos empréstimos dos recursos financeiros para a construção da siderurgia” (PEIXOTO, 1940, s/p).

As relações entre Inglaterra e Brasil, no aprisionamento dos navios Siqueira Campos em 1940 e o Bagé em 1941 acabaram estremecendo as afinidades históricas entre as duas nações. A Inglaterra temia o fortalecimento militar do Brasil e receava uma possível aliança deste com os países do Eixo. Esse temor inglês pode ajudar a explicar a vinda de Frischauer, pois, se havia uma desconfiança em relação ao posicionamento do Brasil, o autor da biografia, pode ter sido enviado como espião e com o objetivo de influenciar o governo brasileiro a favor dos países aliados. O embaixador Carlos Martins ressaltou que era importante um bom relacionamento com a Inglaterra para que houvesse o avanço das negociações com os Estados Unidos, caso contrário, haveria maiores dificuldades para a consolidação das negociações. Ainda alertava que:

[...] de quando em quando chegam-me aos ouvidos notícias tendenciosas de crise política no Brasil. Há uma semana informaram-me que em Nova York ouviam falar em insegurança política. Não sei si esses boatos foram determinados pela partida para a Argentina, pelo Pacífico, a bordo do “Santa Elena” da Grace Line, do senhor Armando Salles de Oliveira, mas há quem veja na viagem inesperada desse político paulista motivo de preocupação (MARTINS, 1940).

Na correspondência o embaixador avisou sobre os boatos de uma possível intervenção no governo Vargas, articulada pelos exilados brasileiros. Armando Salles, empresário paulista, antigo interventor de São Paulo, candidato à presidência da República em 1938 e após o Estado Novo passou um tempo em prisão domiciliar, mais tarde exilou-se na França, depois nos Estados Unidos. Antes de fixar-se definitivamente na Argentina em 1943 viajou diversas vezes para esse país (ABREU, 2001). Na correspondência o embaixador alertava Alzira Vargas, dos rumores divulgados na imprensa americana sobre crise no governo e instabilidade política. Essas veiculações já haviam sido motivos de preocupação de Oswaldo Aranha. Era, portanto notório que a Argentina e o Uruguai tornaram-se pontos estratégicos para os antigos desafetos políticos do presidente, e esses encontravam internamente alguns aliados contra seu governo. Carlos Martins, também enviou aos Vargas algumas publicações estrangeiras a respeito do governo. Além da revista *New York Times*, enviou também vários exemplares do jornal *The Hemisphere*:

ABALADO POR CRISE O GABINETE MINISTERIAL BRASILEIRO

Estamos informados de que provavelmente sobrevirá ainda este mez uma surpreendente crise no Brasil, trazendo mudanças importantes tais a queda do americanófilo Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, e dos Ministro do Interior, Guerra e Marinha.

PILÍTICA: - Espera-se dessas mudanças os seguintes resultados imediatos: 1) uma política de maior auto-defesa por parte do Brasil relativamente aos Estados Unidos; 2) a intensificação da política anunciada pelo Ditador Getúlio Vargas, contrária à parcialidade quanto ao conflito europeu; 3) ainda maior concentração do poder em mãos de Vargas (*The Hemisphere*, 1940).

Nas páginas do jornal, veiculado dia 1 de março, havia contundentes ataques à atuação do Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, afirmando que esse seria afastado do governo, devido sua incapacidade junto aos americanos nas concessões dos empréstimos, mas acima de tudo, que o ministro estava desprestigiado pelo fato das correntes liberais e democráticas perderem espaço no governo Vargas. Portanto, a nota não atingia apenas o ministro, mas o próprio governo, que na concepção do jornal estava se aliando aos países do Eixo. Anunciava também a queda dos Ministros do Interior Francisco Campos e as saídas no Ministério da Guerra, Eurico Gaspar Dutra e da Marinha, Henrique A. Guilherme. A publicação do jornal nos Estados Unidos cria um aspecto de instabilidade política. Ainda nesta edição foi criticada a

situação de neutralidade por parte do Brasil, ressaltando que alguns acordos comerciais com a Itália eram preocupantes, pois, a Itália era o corredor de Hitler para o Brasil, e que o país italiano passaria a ser o principal parceiro comercial do Brasil (THE HEMISPHERE, 1940).

Em 8 de março de 1940, o jornal em reportagem intitulada: *Vargas com um vulcão por baixo* e com a seguinte informação: “The Hemisphere está em condição de informar que se acha em andamento um movimento insurrecionista de sérias proporções contra o presidente brasileiro Getúlio Dornelles Vargas” (THE HEMISPHERE, 1940). A reportagem informava que havia um plano elaborado no Rio Grande do Sul, em uma cidade na fronteira com a Argentina para o afastamento de Getúlio Vargas da presidência da República. Na nota, o jornal dizia que para os preparativos os revoltosos: “estavam usando o retrato de presidente como alvo para prática de tiro de pistolas” (THE HEMISPHERE, 1940), e a liderança de tais movimentos era o Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, insinuando que a rivalidade entre eles era antiga. No movimento estavam também Flores da Cunha e Armando Salles. Percebe-se que o jornal ambiciona criar um clima de instabilidade política e insinuações de traições no alto escalão do governo. Ainda, em 15 de março de 1940, a nova edição do jornal avisava sobre os conflitos em relação à siderurgia. Novamente no horizonte de expectativas do jornal estava à intenção de aliar Vargas aos países do Eixo e provocar rixas entre Brasil e Estados Unidos. Preocupado, o embaixador Carlos Martins, pede esclarecimento ao presidente, que responde:

Acuso recebimento seu telegrama e cartas anteriores. Não recusamos nem assumimos compromissos roposts firmas alemãs e suecas. Aguardamos resultado negociações feitas aí seu intermédio que convem apressar uma vez que existem em suspenso outras propostas. Visita Sr. Brassert muito oportuna, será aqui bem recebida. (VARGAS, 1940).

A resposta do presidente visava acalmar o embaixador, pois o jornal *The Hemisphere* do dia 15 de março, afirmava que o governo brasileiro já havia firmado pacto com firmas suecas e alemãs para a construção da siderurgia no Brasil. As publicações dos periódicos estrangeiros podem ajudar a entender o grau de intrigas que circundavam o governo brasileiro. Nessas publicações a imagem de Getúlio Vargas era sempre associada aos nazifascistas. Isso ajuda a explicar o discurso do dia 11 de junho a bordo do encouraçado Minas Gerais. Vargas tinha

consciência das disputas hegemônica entre a Alemanha e os Estados Unidos, e estava disposto a usar a posição do Brasil, para negociar sua participação na Guerra e os recursos necessários para a construção da siderurgia, o que acabava desgastando sua imagem pública.

As pressões de todas as partes deixam entrever os impasses do governo, mas a forte pressão de Roosevelt, antes da reunião dos chanceleres no Brasil, colocava a decisão nas mãos do presidente Vargas. A grande maioria dos militares era a favor do apoio brasileiro a Alemanha e a Itália. Entretanto o presidente rompeu com o Eixo, quando obteve do governo americano a confirmação do financiamento da Companhia Siderúrgica Nacional e para a compra dos armamentos para as Forças Armadas. Vargas garantiu em suas mãos o poder de decisão, de um lado, sinalizava com a possibilidade de uma neutralidade o que de certa forma era favorável aos países do Eixo, e deixava em suspense uma formalidade de posicionamento até ter garantido a confirmação dos seus intentos, o capital necessário para os empreendimentos industriais que desde o início eram seus objetivos. Podemos enxergar nessas manobras políticas a engrenagem mestra no qual a política submete a economia (MOURA, 1980).

Durante essas manobras políticas, Vargas foi duramente criticado pela imprensa incentivado em certa medida pelos opositores. É perceptível que havia acusações contra seu governo, principalmente na imprensa internacional, embora a censura impedisse suas publicações no Brasil. Alzira Vargas, em seu livro *Getúlio Vargas, meu pai* (1960), confessou: “sentia-me um pouco constrangida com ele, o 10 de novembro continuava me atormentando” (PEIXOTO, 1960, 365). As marcas do golpe e da sua repercussão, eram lembranças traumáticas, que ainda voltavam a emergir, assombrando, incomodando, aprisionando, tornando o passado um eterno presente. A escrita da biografia poderia representar uma tentativa de superação dessas lembranças, assim a convulsão da repetição da imagem de ditador, poderia dar lugar ao trabalho da rememoração e da resignificação dessa imagem. Portanto, era preciso redefinir a representação de Vargas, notadamente no exterior. A entrada do Brasil na Guerra representou um artefato determinante para essa nova imagem.

Nesse sentido, as estratégias de Frischauer foram valorizar as alianças históricas entre Brasil e Estados Unidos:

As relações entre o Brasil e os Estados Unidos, declarou-me Mr. Caffery, “baseiam-se numa tradição de amizade internacional, num respeito e compreensão recíprocos, como raramente se encontram na história moderna. Durante mais de cinco anos em que tive o privilégio de servir como embaixador de meu país no Brasil, ofereceu-se-me a singular oportunidade de observar os passos inumeráveis dados pelo presidente Vargas para consolidar, ainda mais, esses vínculos. Os muitos colóquios que pude ter com o presidente Vargas produziram em mim uma admiração profunda e evidenciaram a sua extraordinária simplicidade e patriotismo; qualidades estas, que lhe tornam possível chegar imediatamente ao âmago de qualquer problema de que se ocupe e tomar decisões bem precisas. O presidente Vargas adquiriu cedo uma das virtudes essenciais dos homens de governo vitoriosos, ou seja, a de abstrair o que não é essencial para encarar decididamente os fatores fundamentais. Esta característica do Presidente, aliada ao seu “sense of humour”, fez de cada colóquio que tive com ele motivo de grande prazer. A progressiva legislação social que introduziu no Brasil é prova clara do seu zelo pelo bem estar dos menos abastados. O presidente Vargas é um grande e sincero brasileiro. Com energia e marcado êxito procurou seguir o rumo do progresso e conduziu seu país à vanguarda das nações americanas e das potências mundiais. Sua amizade aos Estados Unidos tem raízes profundas, duradouras, e é correspondida de todo o coração (FRISCHAUER, 1944, p. 385).

A reciprocidade entre Brasil e Estados Unidos era endossada por Jefferson Caffery, embaixador dos Estados Unidos da América no Brasil. As palavras proferidas pelo embaixador sinalizavam a posição do maior representante norte-americano em terras brasileiras. Ainda, a entrevista concedida ao biógrafo demonstrava a ressignificação da imagem do presidente junto ao governo americano. Caffery foi de suma importância para a liberação de empréstimos da construção da siderúrgica em Volta Redonda. A sua interferência junto ao governo americano foi decisiva para o alinhamento entre as duas nações. Ao dar visibilidade às palavras do embaixador na biografia, Frischauer além de legitimar as alianças de amizades, confirmava a imagem do presidente como legislador social, de patriotismo, lealdade, simplicidade e destaque na grande capacidade administrativa do Brasil. Essas características vão constituindo a imagem de Vargas ao longo de toda a obra. Outras personalidades estrangeiras que foram entrevistadas pelo biógrafo foram Summer Welles, Secretário de Estado norte-americano e Mr. Jean Desy, Ministro Plenipotenciário do Canadá. Segundo o autor, os representantes dos governos americano e canadense, assim compreenderam as acusações contra Vargas:

Esse tipo de propaganda introduziria uma cunha entre o Brasil e os Estados Unidos. O pan-germanismo queria, declarando-o seu adepto, pôr fora de combate um dos mais importantes defensores do pan-americanismo; e como, para o Ministro do Dr. Goebbels, todos os meios eram bons, servia-se ele dos seus homens de confiança, na imprensa

esquerdista, para atacar o que ele próprio elogiava. De início, Getúlio devia ser moralmente aniquilado aos olhos das Repúblicas ocidentais – e depois, a eliminação física do homem que, com mão segura, governava seu país, objeto de cobiça do Reich, não tardaria muito. Em Washington, o Departamento de Estado percebeu o jogo, tão bem quanto o próprio Getúlio. Desmascará-lo, antes do tempo, constituía erro grave. Era necessário ganhar tempo, até que o mundo inteiro despertasse e compreendesse quais eram os fitos e métodos de ação do nacional-socialismo – e que medidas de defesa contra eles (FRISCHAUER, 1944, p. 331).

Portanto, de acordo com a percepção de Welles e Hull, as acusações de ditador fascista que recaíam sobre Vargas deviam ser rejeitadas, pois estavam relacionadas às intenções do aniquilamento do próprio presidente do país e no interesse da anexação do Brasil ao III *Reich*. E ainda esclareciam que as relações comerciais entre Alemanha, Itália e Brasil eram aceitas pelos Estados Unidos. E foram interrompidas ao ser percebidas as verdadeiras finalidades da Alemanha.

As entrevistas concedidas em 1942 deveriam apagar qualquer suspeita em relação à aliança entre Brasil e Estados Unidos, uma vez que o governo brasileiro já havia rompido relações diplomáticas e comerciais com os países do Eixo e cooperava com os esforços de Guerra, aceitando as imposições do governo americano, no qual: “reivindicava também o direito de trânsito das tropas norte-americanas em território nacional, a mobilização da opinião pública e a neutralização de qualquer crítica da imprensa ou rádio aos EUA” (ABREU, 2001, p. 88). As exigências americanas foram consideradas medidas de esforço de Guerra, assim, acabavam cooperando para as justificativas das medidas adotadas pelo governo brasileiro. As conferências sobre os acertos para a entrada na Guerra foram referidas por Getúlio Vargas ao repórter Rubens Vidal. Nelas além de relatar os inúmeros encontros que teve com Summer Welles, o presidente contou que foi neste período que começou as articulações para sua deposição (ARAÚJO, 1985).

As entrevistas dos diplomatas estrangeiros reafirmam o pan-americanismo que se mostrou mais próximo dos países da América Latina e de sua classe dominante do que a ideologia fascista. A política da boa vizinhança estabelecida pelo governo Roosevelt, marcou uma nova relação diplomática americana dos Estados Unidos nas Américas, principalmente em acordos de apoio diplomáticos múltiplos e de colaboração econômico e militar. Na década de 30 os EUA diante da eminência de conflito mundial ampliam o círculo de segurança do país, do Caribe e da América Central, para também englobar a América do Sul, e a posição do nordeste do

Brasil para a construção de bases de defesa globais do Hemisfério promoveria uma proximidade políticas e uma cooperação militar. O pan-americanismo insere-se, portanto, não apenas na ampliação econômica estadunidense, mas também em uma base de cooperação militar de alinhamento entre as nações latino-americanas com as lideranças norte-americanas, assegurando assim a sua hegemonia política e econômica mundial. Para Gerson Moura (1980), embora o regime político implantado no Brasil tenha sido criticado pela imprensa, para o governo americano o importante era assegurar a adesão do Brasil ao pan-americanismo, pois:

Considerações ideológicas se às conveniências políticas do sistema de poder nascente, e a derrubada de democracias parlamentares se tornava menos importante do que a recusa em colaborar politicamente com os Estados Unidos. A lógica do sistema se impunha à conjuntura política norte-americana: esta visava em primeiro lugar a ampliar o raio de ação do sistema de poder sob sua liderança (MOURA, 1980, p.60).

No momento da escrita da biografia a grande questão que estava posta aos Estados Unidos não era o sistema político implantado no Brasil, mas, ao lado de quem este estaria. A Guerra foi o tempo decisivo para a consagração e redefinição da imagem de Vargas. As articulações em torno dos preparativos para esse evento e as necessidades de formação de alianças e estratégias de defesa, fornecimento de matérias primas e para os esforços de guerra, redimensionaram a importância política do Brasil. Todas as atenções foram direcionadas a este país. Daí advém às inúmeras reportagens publicadas na Europa e nos Estados Unidos. Em menos de três anos o Brasil passou a ser disputados por duas potências que pretendiam consolidar seu poder hegemônico sobre o mundo. Getúlio Vargas não ficou alheio a essas disputas e à crescente importância estratégica do Brasil para a consolidação dessa hegemonia e soube como ninguém negociar essa emergente posição e situação histórica. Assim, conceder visibilidade às personalidades estrangeira na biografia era atrelar a imagem de Getúlio Vargas ao bloco hegemônico americano e redefinir sua herança política vinculando-o aos ideais defendidos pelos Estados Unidos da América como sendo suas próprias concepções.

1.5. RECEPÇÃO DA OBRA GETÚLIO VARGAS: A Biografia na imprensa brasileira e a reação da família Vargas

Em 1940 com o panorama da Guerra houve a compreensão para uma nova concepção em relação à representação pública do presidente. A partir dessa percepção o DIP passou atuar na construção da nova imagem de Getúlio Vargas. Nesse sentido, desde o início do seu governo, às comemorações patrióticas tradicionais como a Independência, comemorada no dia 07 de setembro e a Proclamação da República, no dia 15 de novembro, foram incorporadas novas datas festivas, dentre elas: 24 de outubro, comemoração da Revolução de 1930, e após 1937, o dia 10 de novembro, também acabou por incorporar as comemorações cívicas. Entretanto, após 1940, algumas datas relacionadas ao chefe da nação foram incorporadas às festividades nacionais, dentre as quais, 19 de abril, dia do seu aniversário. Além de desfiles, apresentações de bandas, parada militar, concursos de músicas, de cartazes, de livros, de poesias, eram distribuídos retratos do presidente em bandeirinhas, em moedas, cartões, revistas, cartilhas escolares. Essas comemorações e representações foram aos poucos incorporadas ao imaginário social e passaram a concorrer como símbolos na representação do governo e de Getúlio Vargas (CAPELATO, 1998).

A literatura da época também contribuiu para a divulgação do poder constituído. O DIP patrocinou inúmeras obras que popularizavam a imagem do presidente. Nelas as qualidades pessoais de Getúlio Vargas eram exaltadas, tais como: “coragem, magnanimidade e singeleza” (ABREU, 2001, p. 85). Aliada a essa intensa propaganda e a censura imposta aos meios de comunicação, acabavam corroborando para o silenciamento dos opositores ao governo. Entretanto, mesmo assim, algumas imagens que o governo insistia em esquecer construídas durante os períodos de 1930 a 1937, fugiam ao controle e insistiam em emergir e avivar lembranças passadas, demonstrando os próprios limites da censura.

A biografia de Frischauer trouxe uma nova abordagem para alguns casos que a família do presidente considerava extremamente delicadas e julgavam assuntos de foro íntimo e indesejáveis para serem abordadas em uma obra com o fito de exaltar o biografado. Portanto, alguns assuntos abordados por Frischauer foram sistematicamente contestados por alguns membros da família Vargas, impondo ao biógrafo algumas objeções. Mesmo a revelia da família, Frischauer revelou

aos leitores da obra assuntos ocorridos no passado do presidente e que ainda permaneciam obscuros. Mesmo passando ao crivo atento de Alzira e Protásio Vargas, alguns fatos desagradáveis foram abordados na biografia.

Durante a década de 1930 até 1937, Getúlio Vargas foi associado a uma pessoa de personalidade fria e calculista. Essa imagem começou a ser construída na disputa eleitoral de 1930. Na campanha eleitoral, alguns jornais paulistas, *A Folha de São Paulo* e a *Folha da Manhã*, suscitou um fato ocorrido na adolescência de Vargas, em um passado muito distante. A nota assim tratava o caso:

Nesta época estudavam em Ouro Preto muitos rapazes paulistas e rio-grandenses do sul, entre os paulistas destacava-se o “optimo estudante Carlos Prado”, moço forte geralmente estimado pela sociedade de Ouro Preto. Passava esse moço pelo Bilhar Helena, situado à rua São José, quando viu que três estudantes gaúchos procurarem espancar um pobre moço mineiro. Vendo a covardia dos valientes, não consentiu na aggressão e houve troca de desaforos entre Prado e os gaúchos Viriato Vargas, Protásio Vargas, Balthazar do Bem, e outros, entre esses o fedelho Getúlio, irmão dos primeiros, Prado reagiu e os gaúchos fugiram. No dia seguinte toda cidade sabia que os gaúchos haviam condemnado `a morte “Carlos do Prado”. Esse avisado, não teve medo, e sabendo que à noite seria aggredido, sahiu à rua para o seu habitual passeio. Ao passar perto da ladeira São José, foi “alvejado a tiro pelos estudantes Viriato, Protásio Vargas, Balthazar do Bem, Rauffmann, e Getulio Vargas” e um outro que não me lembra o nome. Estavam esses estudantes “escondidos atraz de um muro allí existentes e atirados de surpresa, attingido por 9 projectis”!...

Foram os assassinos pronuciados, e Viriato occultou-se numa casa commercial, dalli sahindo dois mezes depois, conduzido por “Benjamin Torres” que há 5 annos foi assassinado no Rio Grande do Sul por capangas da família Vargas”. Era juiz de direito em Ouro Preto o poeta “hoje deputado Augusto de Lima, que protegeu tão escandalosamente os gaúchos, que o governo de Minas o affastou”. Carlos Prado era parente muito próximo de Caio Prado. Getulio por se menor, foi despronunciado pelo famoso juiz, e seguiu para o Rio Grande acompanhado por seu pae. Como Ouro Pretano me admiro como os Prados de São Paulo, apoiam os assassinos de seu parente”. (“O SR. Getúlio Vargas Também é Assassino!” *Folha da Manhã*, 15/01/1930, 1. p.).

A nota do jornal acima, diz respeito ao assassinato de Carlos de Almeida Prado Júnior, ocorrido em 1897, em Ouro Preto, Minas Gerais. O crime envolveu estudantes gaúchos, mineiros e paulistas. A evocação da lembrança do assassinato, 33 anos após o ocorrido e em plena campanha eleitoral, fazia parte de uma trama articulada pelo governo Washington Luís que consistia em desarticular a candidatura da oposição, representada pela Aliança Liberal. De acordo

com a reportagem, Vargas teria um passado violento, pois estaria também envolvido no assassinato de um estudante e do médico Benjamim Torres.

Quando visitou o Rio Grande do Sul, Frischauer teve acesso a pessoas que podem ter relatado suas lembranças sobre esses acontecimentos. O biógrafo julgou o assunto ainda envolto em brumas e carecia de explicações mais contundentes para dissipar qualquer dúvida que ainda persistiam sobre as responsabilidades do presidente nos assassinatos. A estratégia da biografia no caso de Ouro Preto foi ausentar Getúlio Vargas de toda a trama que antecederam aos crimes. Na narrativa, Getúlio, nem se quer aparece nas cenas dos confrontos entre os paulistas, mineiros e gaúchos. Enquanto a imagem de Prado foi indicada pelo parente da vítima, na nota do jornal acima citado, como um jovem de boa índole social, tornando-se vítima, por ter protegido um inocente; na biografia, ao contrário foi apresentado como um arruaceiro:

Quase ao mesmo tempo que os irmãos Vargas, chegara a Ouro Preto um filho da abastada família Prado, de São Paulo. O jovem trazia a fama de ter sido expulso da faculdade da sua cidade natal, por sua conduta turbulenta e por andar sempre às turras com todo o mundo. Certa vez, em que perambulava por uma rua, cantando em altos brados, Viriato, que por lá passeava, perguntou a um companheiro quem era o jovem que fazia tanto barulho. Nessa mesma noite, quase houve uma rixa entre os dois (FRISCHAUER, 1944, p. 63);

Assim como Prado, Viriato também era considerado de pavio curto. Frischauer (1944), não havia como “esconder” esse perfil, pois, em São Borja era popularmente conhecido como um homem de temperamento explosivo, que resolvia os conflitos com um revólver na cintura. Na ocasião do assassinato de Prado, foram presos três gaúchos envolvidos: Protásio Vargas, Fernando Kaufmann, colega de Viriato da faculdade de Farmácia e, Rodolpho Simch, aluno da Faculdade de Engenharia. A questão era que os universitários paulistas afirmavam que havia um estudante que eles não conheciam, pairando um mistério sobre sua identidade. Protásio, que permaneceu preso, enquanto duraram as investigações, confirmou que era ele o quarto elemento. Os outros envolvidos Viriato e Balthazar do Bem continuavam foragidos. O incidente é cheio de mistérios, pois os estudantes paulistas, afirmavam que eram quatro gaúchos, e já foi demonstrada a presença de cinco estudantes gaúchos, sendo que três estavam presos e dois foragidos. Todos os

detidos foram inocentados diante do Tribunal do Júri, graças à interferência de Júlio de Castilhos, que escrevera ao professor de Direito Antônio Augusto de Lima e juiz responsável pelo julgamento, que diante das provas, consideradas insuficientes, deveria inocentar todos os envolvidos, exceto Viriato Vargas que fora pronunciado pela justiça (NETO, 2012).

É bem provável que Getúlio estivesse entre os gaúchos nos episódios que envolveram os estudantes, mas, é difícil mensurar o grau do seu envolvimento, neste conflito. Havia acabado de chegar a Ouro Preto, e seus irmãos eram seus tutores, responsável em inserir o mancebo nos assuntos acadêmicos, que certamente incluía saídas noturnas e disputa do mando no território estudantil. Protásio ficou preso alguns dias, e foi solto graças à interferência de Pinheiro Machado e Júlio de Castilhos no caso. Getúlio em entrevista a Rubéns Vidal, afirmou que ninguém havia sido preso, insinuando que nem se quer houve abertura de inquérito (ARAÚJO, 1985). Essas declarações demonstram o embargo interior do ex-presidente à memória do episódio, pois, Neto (2012) afiança que houve um inquérito com mais de 500 páginas sobre o homicídio e que a documentação está arquivada na Casa de Contos de Ouro Preto. O caso teria provavelmente caído no esquecimento, não fosse novos assassinatos envolvendo Viriato e os Vargas, aos quais foram lembrados na nota de jornal, acima citado.

Era o caso do assassinato de Benjamin Torres, estudante mineiro, ex-colega de Viriato no curso de engenharia em Ouro Preto. Foi o responsável por protegê-lo tirando-o do confronto com os paulistas. Viriato foi ferido no antebraço com um tiro, e Torres cuidou de seus ferimentos, assumindo ainda a responsabilidade de manter, por correspondência o general Manuel Vargas, informado sobre a saúde do filho. Como gratidão, o pai de Viriato, ajudou Benjamin Torres a conseguir um serviço público em Porto Alegre e, assim, pôde custear o seu curso de medicina. Depois de formado, mudou-se para São Borja e passou a ser um renomado médico, atendendo todos os São Borjenses (FRISCHAUER, 1944).

Um ditado popular em São Borja, diz: “Dois tatus machos não ocupam a mesma toca” (NETO, 2012, p. 124); os dois tatus, eram neste momento, Viriato Vargas e o mineiro Benjamin Torres. Esse dito popular pode ajudar a entender a trama no qual se envolveu os antigos amigos. As desavenças tiveram início quando o gaúcho se apaixonou pela esposa do mineiro, segundo Getúlio: “uma mulher de rara beleza” (ARAÚJO, 1985, p. 35). A intriga tornou-se pública quando no aniversário da esposa de Torres, Viriato, lhe ofereceu um presente caríssimo, um vestido que comprou para ela em Buenos Aires. O estranhamento foi inevitável, pois, já havia

boatos em São Borja que Viriato, possuía uma casa de encontros amorosos com mulheres casadas. Imaginar que sua esposa era uma dessas mulheres era algo que Torres, não estava disposto a aceitar. Não lhe restou alternativa, a não ser devolver a gentileza. No aniversário da esposa de Viriato, Torres, ofereceu um presente mais caro ainda.

Em entrevista de João Floriano de Souza Rocha, filho do delegado local responsável em apurar o caso do assassinato de Benjamim Torres, relatou ao biógrafo, que o pai, tinha convicção que os boatos sobre Viriato, que à época ocupava o posto de intendente do município de São Borja, não eram tramados na região, esses boatos, segundo Rocha, só podiam vir da capital. Na narrativa biográfica, Frischauer afirmou ter obtido conhecimento das ações violentas que cercavam Viriato. Mas, silenciou-se a respeito das suas contendas amorosas. As ações violentas que constrangiam o Rio Grande do Sul e aos Vargas, seriam justificadas de forma mais abrangente:

Os riograndenses ficaram quase que entregues a si mesmos. Apesar disso, souberam organizar não somente sua própria vida, como também a defesa da fronteira, contra os apetites expansionistas de suas vizinhas, as antigas colônias espanholas limítrofes, mais tarde Repúblicas da Argentina, do Uruguai e Paraguai, das quais não só a fronteira, mas também a língua os separavam. Bem poucos vínculos legavam o fazendeiro do interior do Rio Grande do Sul ao poder estatal da Província. Prestando contas só a si próprio, vivia o gaúcho isolado, imbuído – do sentimento de responsabilidade para com a família, colaboradores e escravos. No sistema hierárquico dominante, os fazendeiros – também chamados caudilhos, título que, mais tarde, se tornou pejorativo – eram, também, chefes políticos e militares. Obrigava-os a isso a falta de qualquer outra autoridade nas regiões que habitavam (FRISCHAUER, 1944, p. 32/33).

As ações de Viriato seriam inseridas na cultura gauchesca, engrossando outro conceito no qual povoava o imaginário a respeito dos gaúchos: “A terra ali é vermelha feito brasa. Dizem que é por tanto sangue derramado” (NETO, 2012, p. 28). Segundo a biografia, as ações dos gaúchos se justificariam por ser uma região abandonada pelo governo central. Uma crítica, portanto, ao federalismo, sistema que acabava separando os estados. A região e o seu povo, tinham que defender o território brasileiro, dos inimigos estrangeiros, que por ser a região mais meridional do Brasil, acabando por se constituir a responsável pela proteção das fronteiras. Abandonada, o Rio Grande do Sul e seu povo desenvolveram no cotidiano, a valentia da defesa da propriedade, da

família e da sua honra. Assim, a biografia inseria-os na coletividade gaúcha, que seria compreendida como um povo que mesmo desprestigiado pelo governo do Rio, defendia o Brasil e seus limites, com patriotismo, bravura e fervor. Imagens essas que durante a biografia vai sendo inseridas à personalidade de Getúlio.

Como em 1915⁶⁵, o assassinato de Benjamim Torres, foi explicado pelos Vargas? A narrativa do homicídio por Frischauer (1944) é elucidativo para entendermos como os acontecimentos da época foram interpretados pela família do presidente. Desde a morte de Júlio de Castilhos em 1903, Borges de Medeiros, assumira a chefia do PRR. Em São Borja, os Vargas, ainda não exerciam o controle da região, pois tinham Dinarte Dornelles, irmão de dona Cândida Dornelles, mãe de Getúlio. Dinarte era líder dos Federalistas, partido que se opunha ao PRR, o que equilibrava as forças políticas e diminuía a influência dos Vargas no território missioneiro. Entretanto, em 1912, Dinarte morreu, sendo substituído pelo irmão Modesto Dornelles, descrito na biografia como indiferente às questões políticas, o que facilitou o domínio político dos Vargas na região. Borges de Medeiros, na percepção dos Vargas, não tinha o interesse de que nenhum grupo do PRR assumisse sozinho o controle político de uma localidade. Porém, mesmo com as dificuldades imposta por Medeiros, Manuel Vargas e seus filhos passaram a ter o controle político da região e a liderança do PRR em São Borja, o que desagradava o chefe do PRR em Porto Alegre. Para contrabalancear o poder dos Vargas na região, Medeiros incentivava uma disputa dentro do próprio PRR, entre as duas maiores famílias locais, representadas pelos Vargas e a dos Escobares. Todavia, Benjamim Torres, antigo aliado dos Vargas, desde os tempos de Ouro Preto passou a ser acusado de informar a família Escobar sobre os assuntos tratados entre os Vargas. Diante disso, os Vargas passaram a hostilizar Benjamim Torres, que por sua vez enviou uma representação pública a Borges de Medeiros acusando Viriato Vargas de inúmeros crimes. O líder do PRR regional passou a intervir em assuntos ligados aos Vargas (CALUSSI, 2007). Portanto, na visão dos Vargas apresentada na biografia, Torres seria um traidor da confiança e da amizade dos antigos aliados, fortalecendo os seus inimigos com informações confidenciais e caluniosas.

⁶⁵ Benjamim Torres foi assassinado no dia 12 de março de 1915. Getúlio relembra do caso: “Para facilitar ainda mais as suas atribuições, Firmino Paim, colega de Getúlio nos tempos de estudante em Porto Alegre, e da redação do jornal político *O Debate*, mais tarde, se converteu em chefe político de Vacaria, Lagoa Vermelha e São Francisco de Paula, remeteu para São Borja um dos seus melhores capangas, o Pedro Burro, que possuía uma belíssima folha de serviços prestados a arte de eliminar inimigos” (ARAÚJO, 1985, p. 36-37).

Após a morte de Benjamim Torres, uma das primeiras medidas assumidas por Medeiros foi afastar o encarregado responsável pelo caso, o delegado Deoclésio Dornelles Vargas, pai do senhor Rocha. O novo responsável pelo caso, Amaro de Campos Pereira viria de Porto Alegre e teria mais liberdade de ação. Aos olhos dos Vargas, Medeiros, tinha o nítido interesse em anular sua influência na região. Em correspondência a Medeiros, o novo delegado afirmava que o Sr. Deoclésio, parente dos Vargas, intimidava as testemunhas, ameaçando-as, caso prestassem depoimento contra os Vargas. No inquérito, Viriato, que foi afastado da intendência de São Borja, foi acusado por Milton G. Dias: “deflorador de mocinhas”, “espírito irrequieto”, “facilmente explosivo”, “contrabandista”, “matador” (FRISCHAUER, 1941, s/p).

Milton G. Dias foi entrevistado por Frischauer, em uma viagem de trem de São Borja a Cachoeira, cidade interiorana do Rio Grande do Sul. A entrevista deve ter ocorrido, quando estava em viagem para entrevistar Borges de Medeiros. Na biografia, a narrativa apresentava a casualidade do encontro, como demonstração de autonomia do biógrafo. O relacionamento entre Dias e Getúlio, se estabeleceu como advogado e como conselheiro sentimental. Graças à intervenção de Getúlio, Dias, casou-se com a filha de um importante fazendeiro de Cachoeira. O testemunho desse comerciante confirmava a influência dos Vargas na região. Porém, o entrevistado revelou ao biógrafo as acusações que pesavam sobre Viriato Vargas e sobre outro membro da família. Tais acusações apontaram para o temperamento e para um apelido que o irmão do presidente tinha na região, o de “Pombal”, a alcunha foi concedida por seus inimigos, o autor explicou em seus manuscritos originais: “nessas partes do Sudeste do Brasil, Pombal, foi o que proibiu as ordens de Portugal para os Jesuítas, é considerado uma personificação do próprio demônio, ele é o Don Juan encarnado, sedutor de virgens, destruidor do santo vínculo do matrimônio” (FRISCHAUER, 1941, s/p.). Na obra, Pombal apareceu apenas como Ministro que expulsou os jesuítas do Brasil.

As desavenças entre Borges de Medeiros e os Vargas, acabou se concentrando na figura de Viriato, que acusava o desejo do velho líder do PRR de dividir o poder na região das missões. O testemunho de Dias, também abonava a existência da casa de encontros de Viriato, o *Don Juan* dos pampas, e ainda:

É bem provável que mulheres jovens e lindas, casadas foram pelas ruas barrentas de São Borja com os seus sapatos de salto alto e saias de moda antiga balançando, indo para a

casa de Viriato com a intenção de cometer adultério. Todas essas senhoras e mulheres jovens tem uma natureza heroica. Elas não se importavam com os olhares de inveja de outras mulheres; elas não se importavam com o risco de serem mortas pelos seus pais ou maridos, que seguiam elas, com seus olhos pelo menos, quando elas caminhavam pela única rua de São Borja a caminho da casa de Viriato. Milton interrompe a sua descrição luminosa. “Você acredita que isso é possível? ” Ele pergunta. “E verdade assim como e o mais provável vaidade maluca e louca luxúria, Senhora Darcy Vargas desfrutava-se disso”. “A parte mais incrível dessa calúnia e, que se acredita- apesar dessa possibilidade óbvia- até os vizinhos, os quais podem ver com seus próprios olhos que as acusações não podem ser factuais”. Milton não espera a minha resposta, ele mesmo explica: “Paixões políticas eram tão fortes naquele tempo, que as pessoas acreditavam no queriam acreditar” (FRISCHAUER, 1941, s/d).

Os relatos de Dias eram gravíssimos, não só porque envolvia as mulheres casadas de São Borja, mas principalmente por que entre elas estava a esposa de Vargas, a senhora Darcí Sarmanho, que no imaginário popular dos municípios vizinhos traía o marido com o próprio irmão, em uma dupla traição. As acusações de traições de mulheres casadas com Viriato foram confirmadas por outro testemunho, João Floriano de Souza Rocha, relatou:

Como alguém pode ter alguma aventura amorosa em São Borja, aonde todo mundo pode ver dentro das panelas e potes? Como uma mulher casada pode se atrever a visitar um homem casado, sabendo que ela provavelmente seria observada e consequentemente morta pelo o seu próprio marido ou pela a mulher de seu amante? Essas coisas podem acontecer em uma cidade grande, mas certamente não em São Borja (FRISCHAUER, 1941, s/d).

Rocha era primo de segundo grau de Getúlio Vargas. Foi tesoureiro do Banco Pelotense, e também exerceu a atividade de secretário no escritório de advocacia de Getúlio, em São Borja. Além de confirmar os boatos a respeito dos casos amorosos de Viriato, relatou também que na noite do crime de Benjamim Torres, a casa dos Vargas quase foi invadida pelos são borjenses em sinal de protesto, por causa da morte do médico. Na obra, entretanto, em nenhum momento houve a insinuação de que os Vargas foram hostilizados pelos são borjenses e o silenciamento sobre qualquer possibilidade de traição dentro de seio familiar.

Outro testemunho, que também confirmou algumas desavenças dos Vargas na cidade, foi o de Ademar de Melo. Na biografia, Melo apareceu como inimigo de Getúlio, devido este ter

recitado uma poesia, que teve grande admiração dos ouvintes. Depois Melo é enredado nas intrigas envolvendo Rafael Escobar, Benjamim Torres e os Vargas, recebendo a incumbência de observar os hábitos de Getúlio e denunciá-los ao grupo opositor. No entanto, a inimizade na narrativa é minimizada. No esboço da biografia, o austríaco anotara:

Foi e acredita-se que era o adversário da supremacia do clã Vargas. Se fosse possível, ele venderia latas venenadas em seu supermercado – porque - ninguém sabe quem poderia comer um dia! Talvez, - talvez! Ademar de Melo é um grande conspirador. Ele nunca atirou ou esfaqueou alguém nas costelas; no entanto tem contribuído para uma boa parte na luta política. Seja quem for para ouvir, ouvira, e aqueles que não querem ouvir, vão escutar também. O que foram as tarefas de Ademar de Mello, as suas funções no plano, traçados pelo comando geral dos inimigos de Vargas. Foi uma posição estratégica (FRISCHAUER, 1941, s/p).

A menção de atirar pelas costas, sugere a ação dos Vargas, principalmente de Viriato Vargas, pois, Benjamim Torres teria sido eliminado dessa forma. Na biografia, a inimizade entre Melo e os Vargas foi atribuída ao sucesso da oratória de Getúlio Vargas, ocultando as verdadeiras informações adquiridas por Frischauer na entrevista. Melo, morava em frente à casa de Getúlio e a posição estratégica, lhe favorecia a observação do cotidiano da família. Outras observações também foram rejeitadas: “que ele era o filho do seu pai e irmão do seu irmão; também seria traiçoeiro. E sim, ele beijou a menina duas vezes” (FRISCHAUER, 1941, s/p). A primeira colocava em dúvida o caráter dos Vargas, inclusive do próprio presidente. A campanha de difamação contra a atuação política do general Manuel do Nascimento Vargas, tinha sido alertada por Paim Filho em correspondência a Getúlio. O amigo sugeriu que Getúlio voltasse a São Borja. Na missiva explicava também que as atividades de contrabando realizadas por Viriato, eram constantemente denunciadas, mas eram acobertadas pelo pai (FILHO, 1914). O segundo se referia a Alzira Vargas, que na época da escrita da biografia, era secretária do presidente, e, responsável por todas as documentações, e como assistente do presidente, ficou encarregada da leitura do esboço da biografia. Frischauer tinha ciência dessa posição, e ao frisar a afetividade entre pai e filha, buscava atrair sua simpatia. Na biografia, tal afetividade não foi evidenciada.

Ao compararmos os originais de Frischauer (1941) com a publicação da obra, percebe-se claramente o embargo parcial de algumas informações e o silenciamento de outras. Ademar de Melo e João Floriano de Souza Rocha eram personagens ligados ao presidente desde a infância.

Acompanharam sua carreira pública em vários momentos. Milton G. Dias morava em Cachoeira, lugar onde o núcleo político era vinculado a Borges de Medeiros, que na época encontrava-se exilado devido à oposição que impusera a Getúlio em 1932. Mesmo que na época o biógrafo estivesse colhendo informações não da criança, do adolescente, do jovem Vargas, mas do presidente da República, o maior representante público da nação, esses personagens não negaram as experiências compartilhadas com Getúlio Vargas. Foram fieis às suas lembranças, às suas vivências e às suas marcas mnemônicas, não se deixando intimidar pela posição atual do biografado. Entretanto, nem Frischauer e a nem família destruíram os originais. Por quê? A este questionamento ainda não temos uma resposta.

As intrigas envolvendo os Vargas, os Escobares e Benjamim Torres foram colhidas na delegacia e publicadas no *A Federação*, órgão de propaganda do PRR. A indignação dos Vargas era ver assuntos difamatórios estampados nas páginas de um periódico, o qual tinha por princípio defender o partido e seus correligionários. Se isso acontecia era por que havia a convivência de Medeiros, portanto, estava claro aos Vargas, que a intenção do líder regional do PRR era acabar com a reputação desses na região. Na ocasião, não só Viriato, foi atacado, mas também, o general Manuel do Nascimento, o que levou o então calmo, sereno e controlado, Getúlio Vargas, a perder o controle e ameaçar publicamente Rafael Escobar, antigo membro do partido Federalista e agora líder de uma facção do PRR em São Borja, considerado o articulador intelectual das difamações e também de manobrar Benjamim Torres. Os antigos federalistas, também haviam instituído um jornal, *O Missioneiro*, e agora veículo dos inimigos dos Vargas, que passou a publicar as ofensas e constantes ameaças de Getúlio Vargas enviado por correspondência ao oponente:

Agora sou eu.

Não precisa *O Missioneiro* escudar-se com meu nome, atribuindo-me a autoria do artigo “A verdade dos fatos”, para insultar meu pai. Às torpezas e infamíssimas calúnias assacadas contra ele pelo bêbado Rafael Escobar, eu darei a devida resposta, mas não pelo jornal. Getúlio Vargas (NETO, 2012, p.141).

Estava lá registrado e identificado o emissário, com a marca inegável de sua assinatura. Getúlio rompia assim a imagem de homem, que se colocava acima das paixões políticas. Getúlio

Vargas insistentemente enviava cartas a Borges de Medeiros pedindo sua interferência no caso. Esgotado esse expediente sem ser atendido, pediu auxílio à Paim Filho, que:

- Presidente, se os Vargas caírem em São Borja, cairei com eles.
- Mas por que os Vargas cairiam em São Borja, Firmino?
- Perguntou o velho Borges, se fazendo se desentendido.
- Porque a força da Brigada que o senhor mandou para lá virou-se contra eles?
- Antônio Augusto alongou o bigode num sorriso e respondeu suavemente:
- Firmino, se os Vargas caíssem, cairíamos todos com eles (ARAÚJO, 1985, p. 39).

No diálogo, entre Paim Filho e Borges de Medeiros, o líder demonstrava que não havia seu interesse na queda dos Vargas, entretanto, se nada fazia era porque em certa medida apoiava as intrigas deixando evidente sua forma de controlar o poder dos grupos de mando local. Dividindo-os. A solução para o caso foi o pedido de afastamento definitivo de Viriato da intendência de São Borja e a substituição de alguns cargos públicos do controle da família, o que caracterizava um desprestígio político dos Vargas na região. Mas, a solução, que parecia acalmar os ânimos foi apenas temporária, pois, Benjamim, foi morto e todos sabiam o endereço dos culpados.

A narrativa biográfica coube o papel de desqualificar os acusadores e as calúnias que pesavam sobre a família Vargas. Quais acusações foram imputadas a Torres? Benjamim foi descrito como traidor, que renegara toda a ajuda passada. Formou-se em medicina, e se usufruía de ótima clientela em São Borja, era graças aos Vargas. Foi o General, que o ajudou a concluir os estudos em Porto Alegre. Era tratado como amigo dos Vargas, e medicava todos os São Borjenses, inclusive a família e funcionários de Rafael Escobar, comunicava tudo que ouvia, na casa dos Vargas, munindo os inimigos de informações. Assim, ante aos boatos da culpa dos Vargas, Frischauer apresentou a explicação para o crime: “que na mesma longa noite, já se fizeram ouvir, cada vez mais numerosas, as testemunhas, de que Benjamim Torres fora alvejado por um parente próximo de uma das mulheres que difamara” (FRISCHAUER, 1944, p. 169 - 170).

Torres, não só difamava a família Vargas, mas todas as mulheres honestas de São Borges, insinuando que essas eram levianas, pois, se encontravam às escondidas com Viriato Vargas, plantando dúvidas sobre a conduta moral, cabendo a um dos zelosos maridos lavarem a

honra das senhoras afrontadas. Ao saber que Frischauer tinha conhecimento desses mexericos do passado indesejado dos Vargas, Protásio se indispôs com o biógrafo. Esse constrangimento não foi ocultado na biografia, embora não tenham sido reveladas as razões: “mais tarde, vim saber que, por um mal-entendido, não desejava receber a visita que lhe fiz, na fazenda” (FRISCHAUER, 1944, p. 154). Protásio escreveu para Getúlio, alertando sobre as entrevistas que Frischauer havia realizado com pessoas, fora da influência dos Vargas:

Aqui estive o escritor Paul Frischauer, acompanhado pelo diretor da Biblioteca Pública, por ordem do Interventor. Foi para mim uma surpresa, pois não trazia, além do companheiro, senão uma carta do Manoel, apresentando-o. Disse-me, de chegada, que se propunha a escrever a biografia e vinha conhecer e viver o clima do biografado. Entretanto, ou porque já tivesse os dados de que precisava ou porque não quizesse conhecê-los por esta fonte, quase nada pediu e o que levou ou teve conhecimento foi dado espontaneamente por mim. Não quero com isso dizer que não seja um espírito a altura da tarefa, pois, estou dele fazendo um juízo lisonjeiro, pelo que já produziu, segundo tenho ouvido. Sua maior preocupação não só comigo, como depois na cidade foi conhecer a fundo os acontecimentos aqui desenrolados na época malacara, antecipadamente convencido que o fato Maximo foi praticado por amigos de quem fizeram vítima, apesar do depoimento do Chefe de Polícia daquela época, tomado ali e que foi perverso, ainda que elogioso aos outros. Na cidade entreguei-o ao Darci que o acompanhou sempre, procurando conduzir suas observações. Também o observou, dando-me suas impressões, que coincidiram com as minhas.

Era uma pergunta constante. Quem praticou tal coisa, satisfazendo-o claramente as que francamente negavam a autoria investigada. Por outra parte não perdia oportunidade para encomiar qualidades de inteligência, cultura, ação, etc. Disse que esta luta foi o ponto de partida da carreira do biografado. Procurou saber o móvel dessa luta, indo até o Dr. Borges. O que eu já disse pode não constituir em teu espírito motivos de apreensão, principalmente tendo em vista o que me disse o Manoel: Propor-se ela a conhecer os irmãos que parecem todos diferentes. Disse-me, em certa altura, com ar perscrutador, que leu ali diversas cartas escritas ao velho, uma delas de Castilhos, sobre um fato que se dera com um dos irmãos. Que se encontrava em Pelotas, perguntando-me mais tarde se eu estive lá. Narro-te isto para que vejas a extensão podem ter tido outras tendências, até mesmo porque as informações colhidas nesse setor ali são abundantes, conforme observei e com detalhes e minúcias desnecessárias para o fim visado. Chegou a perguntar coisas inverosímeis como esta – houve de fato, digo, foi de fato contrariado seu casamento.

O que por aqui se passou nesse inquerito, segundo nos pareceu, conforme te venho narrando, não foi o propósito que deve ter um biógrafo e sim a preocupação de encontrar uma pista em meandros um tanto escabrosos ou então um propósito reivindicador de terceiros que também não deve estar na tarefa a que ele se propõe. Não quero que vejas nesta carta, só para teu governo, senão a intensão honesta que a anima, isto é, evitar que um estrangeiro, por mais ilustre que seja, possa ser induzido por um interesse egoísta, inconscientemente a fracassar, com graves prejuízos para terceiros e para si próprio, interpretando mal uma personalidade e modificando a fisionomia histórica duma época. Aqui todas as pessoas que entendeu ouvir não poderiam dizer senão cousas elogiosas a ti e a nós outros. Se alguma entrelinha houve, já poderás perceber que não nos cabe culpa.

Quanto às minhas informações, respondendo suas perguntas, sempre foram verdadeiras ou generosas, relativas às suas preocupações sempre em foco e já referidas. Um braço do Protásio. (PROTASIO, 08/11/1941).

A correspondência de Protásio sinalizavam as preocupações do irmão do presidente, ajudando a explicar as razões das desavenças com Frischauer. O ressentimento também deveu-se pelo menosprezo de seu testemunho, desconsiderado pelo biógrafo. Ao revelar que, apresentou-se espontaneamente, e não foi interrogado, indica não só a sua indignação perante o desprezo recebido, pelo eminente escritor, mas, principalmente, um temor de ser responsabilizado pelo possível apontamento de testemunhos que maculassem a honra do presidente e dos demais Vargas, por não ter cuidado e controlado os ímpetos do biógrafo. Ao exortar o irmão, divide com ele a necessidade de se tomar providências, e ao fazê-lo transfere a responsabilidade da proteção da imagem de si e dos outros ao presidente. Pela missiva podemos perceber que Protásio tinha a convicção de que muitas pessoas fora do núcleo político dos Vargas haviam prestado depoimentos. Ao mesmo tempo em que, revelou que Frischauer, teve conhecimento de assuntos que poderiam ser comprometedores. Dentre os assuntos cita dona Darci. Não se atrevendo a entrar em assuntos mais íntimos. É certo que os irmãos, que compartilhavam lembranças passadas, nas linhas e entrelinhas, entenderiam os significados mais profundos escamoteados e que seriam decifradas ao serem lidas.

Protásio, na demonstração de vigília, garante sua isenção em um possível mau uso dos testemunhos adquiridos conservando a aliança com o irmão, penhorando sua afetividade. Ao afiançar que proporcionou um guia para Frischauer e que este, andou com ele por todos os lugares, deixou nítido sua intenção de preservação dos segredos familiares e a tentativa de controle das informações e dos depoentes. Ao mesmo tempo, avisou que os elogios eram sinceros, na tentativa de controlar os possíveis constrangimentos que podiam advir dos entrevistados. Ademais, essa correspondência, evidenciou não só uma tenta de controle por parte dos Vargas com a imagem de toda a família, mas também, a autonomia de Frischauer, que burlou todas as convenções, interrogando não só as testemunhas que lhes conduziram, mas também outras, contrariando o que aos olhos de Protásio, era, certamente, assuntos que não lhe dizia respeito, principalmente em relação a Borges de Medeiros. O ex-líder político de Getúlio, se encontrava exilado em sua fazenda em Cachoeira e também foi entrevistado por Frischauer. A preocupação era que seu relato podia constituir uma desforra contra a família. Protásio ainda

advertiu, se o biógrafo, estava fazendo uma biografia encomendada, por que enveredar em assuntos que em nada enalteciam o biografado? O temor dos usos políticos dessas informações pelos inimigos povoava a mente de Protásio.

Outro membro da família que tentou controlar a escrita biográfica foi Alzira Vargas. Ao ler o papagaio⁶⁶ da biografia, Alzira Vargas, avisou em carta ao pai que: “Pgs 63 – o episódio de Ouro Preto e pg 64 – a entrada de B. Torres na história, convém que leia estas 2 páginas, para ver si podem continuar assim, pois meus conhecimentos do assunto não permitem q. me aprofunde muito” (PEIXOTO, 1943, p.1). As afirmações da filha do presidente revelam o silenciamento sobre o assunto no âmbito familiar. Vê-lo discutido novamente, e tanto tempo depois do ocorrido de algo que, julgavam esquecido, pode ter sido considerado uma lembrança indesejada, mas possivelmente aos olhos do biógrafo, esses assuntos ainda cabiam explicações. Alzira não só cercou a escrita biográfica de cuidados como também influenciou na gestão da imagem de Getúlio

Vargas. Segundo Prutsch e Zeyringer (1997), Alzira pediu auxílio à Berent Friele, Diretor do Conselho de Defesa Nacional em Washington, para interceder junto a Nelson Rockefeller, Coordenador de Assuntos Internacionais, a sua intervenção para que o presidente Roosevelt, escrevesse o prefácio da biografia de Vargas. Que o presidente americano, o fizesse não como estadista, mas sim, como cidadão americano. Além disso, pediu que Rockefeller auxiliasse para que o livro escrito por Frischauer, sobre Vargas, fosse lançado no mercado livreiro norte-americano.

Em relação ao primeiro pedido, o Coordenador, providenciou que Lourence Duggan, chefe do Departamento de Estado dos Estados Unidos para negócios na Americana do Sul, falasse com Mr. Jean Desy, Ministro Plenipotenciário do Canadá, Jefferson Caffery, Embaixador dos Estados Unidos e Summer Welles, Secretário de Estado norte-americano que concedessem entrevistas ao biógrafo. Quanto ao segundo pedido, providenciou que a Random House, editora de Nova York, publicasse 500 exemplares da edição, mas não em inglês e sim em espanhol, italiano e francês. O que pode ajudar a entender a carta enviada em 1951, pelo editor chefe da

⁶⁶ Termo utilizado por Alzira Vargas em correspondência enviada a Getúlio Vargas, informando sobre suas observações a respeito do livro escrito por Paul Frischauer. Embora o termo possa ter outras conotações, como por exemplo, “aquele que fala demais”. Nesta dissertação será considerado como: protocolo, espécie de rascunho de um documento.

editora Purdy, Theodoro M. Purdy para Lourival Fontes, intercedendo para que Frischauer escrevesse outra biografia sobre o presidente Vargas e o povo brasileiro, entretanto, em inglês.

A importância das entrevistas das personalidades estrangeiras garantiria uma maior visibilidade e a vinculação com nomes mais conhecidos do público estrangeiro. Uma vez que, a biografia pretendia divulgar o Brasil e o seu presidente, era preciso garantir que os leitores identificassem personalidades de renomes internacionais:

As relações entre o Brasil e os Estados Unidos, declarou-me Mr. Caffery, “baseiam-se numa tradição de amizade internacional, num respeito e compreensão recíprocos, como raramente se encontram na história moderna”. Durante mais de cinco anos em que tive o privilégio de servir como embaixador de meu país no Brasil, ofereceu-se-me a singular oportunidade de observar os passos inumeráveis dados pelo presidente Vargas para consolidar, ainda mais, esses vínculos. Os muitos colóquios que pude ter com o presidente Vargas produziram em mim uma admiração profunda e evidenciaram a sua extraordinária simplicidade e patriotismo; qualidades estas, que lhe tornam possível chegar imediatamente ao âmago de qualquer problema de que se ocupe e tomar decisões bem precisas. O presidente Vargas adquiriu cedo uma das virtudes essenciais dos homens de governo vitoriosos, ou seja, a de abstrair o que não é essencial para encarar decididamente os fatores fundamentais. Esta característica do Presidente, aliada ao seu “sense of humour”, fez de cada colóquio que tive com ele motivo de grande prazer. A progressiva legislação social que introduziu no Brasil é prova clara do seu zelo pelo bem-estar dos menos abastados. O presidente Vargas é um grande e sincero brasileiro. Com energia e marcado êxito procurou seguir o rumo do progresso e conduziu seu país à vanguarda das nações americanas e das potências mundiais. Sua amizade aos Estados Unidos tem raízes profundas, duradouras, e é correspondida de todo o coração (FRISCHAUER, 1944, p. 385).

As declarações Jefferson Caffery, reafirmam as longas tradições de vínculos comerciais e de relações de amizade entre Brasil e Estados Unidos, concepções que reafirmam o pan-americanismo. A notícia sobre o prefácio da obra de um importante estadista foi anunciada na revista *Dom Casmurro*, no dia 28 de novembro de 1942:

A Revista, sem me consultar, com todo o peso de uma autoridade que eu de certo ajudei a consolidar, afirma apenas isto: que este seu criado, instado pelo famoso escritor austríaco Paul Frischauer a prefaciá-lo a biografia sobre o presidente Vargas preste a aparecer recusou-se. [...] Estava você empenhado em saber a natureza do trabalho que algumas páginas datilografadas sobre minha mesa deixaram entrever, supondo que se tratasse de obra minha. Eram os primeiros capítulos da biografia de Paul Frischauer sobre o presidente Vargas. Os seus olhos fuzilaram, Justino, já pediam confidência. Tive então de explicar-lhe que antes de sua chegada estivera revendo a tradução portuguesa

da biografia, a pedido do autor, mas que em vista do muito trabalho que me dera não levaria a cabo a tarefa. Como você sabe, ou não sabe, tenho horror a traduzir e rever traduções. [...] Entre escritores o que pode ser recusado, quando os livros ainda estão no nascedouro, é prefácio. [...] Já reparou na variedade de interpretações e conjecturas que a sua notícia comporta. Desde logo ela dá lugar a uma reflexão capaz de comover nos mais suspicazes patriotas. É o lado simpático. Pois a afirmação categórica de que um escritor estrangeiro, ilustre por todos os títulos, conhecidos nos quatro cantos da terra, traduzido em mais de dez idiomas, atribulado e pouco seguro de si mesmo e de sua arte, pede prefácio a um escritor nacional cujo nome a muito custo transpõe os limites da Lagoa dos Patos, não é mesmo de molde a lisonjear o nosso patriotismo? [...] Não sei, Justino, como não rebentei de importância. E, como se não bastasse a enormidade dessa honra, você garante ainda que eu recusei. Mas como você não dá as razões dessa recusa, deve-se concluir que ela só podia ser determinada por duas cousas. Ou incompatibilidade com o biógrafo ou incompatibilidade com o biografado. Desde, porém, que a incompatibilidade com o biógrafo é destruída fato mesmo do convite feito a mim, para dar-lhe prefácio, fica restando incompatibilidade com o biografado. Oh, Justino, não poderia arrumar-me uma incompatibilidade mais confortável? ! Há aí no Rio Grande do Sul, sobretudo em Porto Alegre, uma quantidade enorme de cavalheiros com quem eu não me importaria que você me inimizasse. Agora que não esta certo é que com tanta gente indicada para o caso, gente que vive aí nas suas proximidades e percorre a rua da Praia em comboios, acha você de escolher entre quarenta e cinco milhões de brasileiros, digamos quarenta e quatro, precisamente aquele com quem eu não quero, eu não posso, eu não devo incompatibilizar-me. Intriga-me com outro, sim, Justino. [...] Vamos nos entender, Justino, pois o caso não é bem assim. Há na notícia um fato que é verdadeiro: a biografia de Frischauer, já que você faz questão vai ter prefácio. Só que esse prefácio não será meu, mas de um dos maiores estadistas contemporâneos, o que de certo modo nos consola da preterição. No mais, posso assegurar-lhe que o livro é de todo o ponto excelente, vivo, ágil, movimentado, o melhor trabalho até hoje escrito sobre a invulgar personalidade do presidente Vargas. Vianna Moog. (“O Biografia, o Biografado, o Biógrafo e Eu”. *O Correio do Povo*, 28/10/1942, p.2).

Moog⁶⁷ em sua nota esclareceu uma notícia veiculada anteriormente sobre uma negativa ao convite de escrever o prefácio da biografia⁶⁸. Ao responder à acusação, tinha a clara intencionalidade de afastar qualquer mal-entendido em relação a Getúlio Vargas. A réplica de Moog foi também editada no jornal literário *Dom Casmurro*, e objetivava marcar o posicionamento do autor, a manutenção do seu distanciamento da política. O esclarecimento para tal recusa foi acompanhado de elogios sobre as qualidades da obra. Provavelmente, o que Moog pretendia era evitar sofrer novas sanções governamentais. No mês da publicação do livro sobre o

⁶⁷ Clodomir Vianna Moog, era natural de São Leopoldo (RS), era advogado, jornalista, romancista e ensaísta, foi um dos grandes colaboradores da Revista *O Globo*, e no *Jornal da Noite*. Participou da Revolução de 1930. Em 1932, foi exilado em várias cidades do norte e nordeste, por ter participado da Revolução Constitucionalista de 1932. Voltou para o Rio Grande do Sul, após a lei de anistia de 1934. A partir daí passou a dedicar-se exclusivamente à literatura. Em 1945, passou a ser imortal, ocupando a cadeira 4, conforme informa a própria Academia Brasileira de Letras.

⁶⁸ Nas pesquisas para essa dissertação de mestrado não foi encontrado a reportagem que tratava da recusa de Vianna Moog em escrever a introdução da biografia.

presidente, intensificaram-se as publicidades sobre as demais obras de Frischauer e inúmeras entrevistas foram difundidas na imprensa:

- Por que voltou suas vistas para o estadista que dirige os nossos destinos?
- Foram os meus diretores na Inglaterra que me incumbiram de lhe fazer a biografia. O que dele se dizia desenhando-o ou caricaturando-o, despertou a atenção europeia. Tornou-se uma figura merecedora de curiosidade mundial, pela variedade de sua orientação, paradoxalmente, dentro da lógica por suas marchas e contramarchas. A ideia que se fazia do presidente Vargas variava, assim à distância, de forma e de ser. Aceitei a sugestão dos meus editores. Vim para o Brasil verificar se na realidade Vargas seria assunto digno de ser cuidado em obra destinada à mesma projeção internacional dos livros que lancei sobre figuras marcantes de épocas excepcionais (“Um retrato sem molduras”, *O GLOBO*, 30/3/1943, p. 3).

A entrevista ocupou boa parte da página 3. Na reportagem havia um breve comentário sobre o livro, sobre a carreira do biógrafo e suas publicações, sobre o biografado e as explicações a respeito da mudança do título da obra, esclarecendo que inicialmente a biografia receberia o título de *O Presidente Cidadão*, mas que acabou sendo intitulada *Presidente Vargas: Biografia*, pois lhe pareceu mais imparcial. No dia 7 de setembro de 1943⁶⁹, a biografia tornou-se pública. A data escolhida revelaria sua intencionalidade: a simbiose entre o ideário de nação e seu representante maior, o Presidente da República, como símbolo do nacionalismo, patriotismo e

⁶⁹ Dia que se comemora a Independência do Brasil, essa data no governo Vargas sempre recebeu especial atenção. Durante sua gestão pública a Independência era comemorada com inúmeras festividades na chamada “Semana da Pátria”; além dessas comemorações Getúlio Vargas deu grande incentivo à construção da memória da Independência favorecendo a partir de 1938 estudos e produção historiográfica no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB. Essas comemorações sinalizavam uma nova etapa da construção da memória nacional. O deslocamento do tempo e a ressignificação do passado realizados no IHGB em relação à família Imperial permitiu novas abordagens. A história da nação neste processo passou a ser o da unidade territorial, dando ao evento da independência um lugar de memória com a fundação posteriormente do Museu do Ipiranga, guardião da memória do processo emancipatório. Coube, portanto, ao IHGB, a criação mitológica dos símbolos nacionais (SANDES, 2011). Na ocasião das comemorações da Semana da Pátria, havia passeatas, desfiles cívicos, discurso do presidente e inúmeras manifestações culturais em todo o país. Em 1940, em comemoração ao 7 de setembro, o Brasil foi homenageado na Feira Mundial de Nova York, que expôs uma coleção de fotografias em um dos seus pavilhões de amostras (A NOITE, 1940). Em 1942, na comemoração dos 120 anos da Independência, *A Noite*, publicou uma edição especial com mensagens de inúmeros presidentes dos países Latinos Americanos, parabenizando o Brasil. Em 1943, além do lançamento da biografia, outras manifestações marcaram as comemorações do dia da Independência. Houve desfiles militares de grande monta. As Forças Armadas desfilaram, demonstrado parte do arsenal de Guerra. O periódico também publicou uma edição especial com caderno intitulado “Secção de dedicada à Data da Independência”, no qual havia um histórico sobre o processo emancipatório e sobre a modernização da cidade do Rio de Janeiro e do progresso material da nação no governo Getúlio Vargas.

brasilidade. Além disso, a entrevista deixou a indicação que não havia ainda no exterior uma ideia definida sobre o presidente Vargas, embora houvesse inúmeras publicações estrangeiras. As vertentes podiam no exterior afinar-se com as internas: Getúlio Vargas ainda não possuía uma linha de unanimidade que o classificava como ditador, havia aqueles que se negava assemelhá-lo e seu governo, aos regimes totalitários da Europa. Assim a biografia poderia ser um lugar de defesa, para àqueles que viam o governo do Presidente Vargas como legítimo e reverter à opinião daqueles que faziam tal comparação.

O jornal *Correio de Uberlândia*, no dia 26 de janeiro de 1943, chegou a anunciar a publicação da biografia que até então receberia o nome: *O Presidente Cidadão*. No dia 05 de setembro, o mesmo jornal destacou a entrevista concedida por Frischauer ao *O Globo*, ironizando: o livro deveria se intitular-se: *Presidente Criação*. Em 03 de agosto de 1943, *O Globo*, também propagou a obra, expondo que receberia o título de *Menino-Gigante*. A recepção pelo público leitor foi assinalada por inúmeros comentários, alguns elogiosos, outros, depreciativos. Suas interpretações variaram à medida que o cenário político abria espaço para novas possibilidades de leitura e à medida que a censura dava sinais de arrefecimento. As primeiras informações que obtivemos acompanhando os arquivos dos jornais permitiram-nos constatar mudanças de posicionamento em relação a Paul Frischauer. Na primeira dobra do tempo, ou seja, na primeira experiência com a chegada do autor ao Brasil, há uma receptividade, que vai se transformando à medida que as relações sociais e políticas vão se constituindo e o regime do governo começava a apresentar sinais de desgastes. Inicialmente, os jornais de uma maneira geral, foram elogiosos ao noticiarem a presença do escritor austríaco no Brasil. Os elogios eram devidos principalmente pela sua formação europeia. As perspectivas futuras acerca da recepção da obra eram incertas. O próprio Frischauer na entrevista concedida ao *O Globo* deixava em suspenso suas expectativas em relação à análise pelo público leitor. Logo as primeiras impressões vieram à tona, na pena do jornalista Costa Rego. No dia 8 de setembro de 1943, o jornal *Correio da Manhã*, publicou sua habitual crônica, na qual o jornalista apontava suas interpretações sobre a biografia:

Há dois anos, quando apareceu o livro de Zweig sobre o nosso país, nele assinalei alguns dos numerosíssimos erros que o tornam deplorável com respeito a fatos ou a datas, bem como as generalizações abusivas daquele autor, à maneira de quem houvesse concluído estar em terra de coxos por ter encontrado um coxo no cais, ao desembarcar: assim, por

exemplo, indo ver tirar o número da sorte na grande Loteria, e notando o interesse dedicado a esse ato por uma quantidade imensa de pessoas, logo deduziu tratar-se de uma preocupação diária, inerente a todos os habitantes do Brasil. Repetindo-se na leitura os erros e as interpretações dessa espécie, ocorreu-nos escrever muito mais de uma vez sobre o livro. Os amigos brasileiros de Zweig referiram-me então o esforço empregado para subtrair-lhe ao conhecimento aquelas observações, pois natureza sensível e enferma, ele exageraria a importância do caso, podendo isso causar-lhe abatimento. Mais tarde, não me arrependeria de haver interrompido, como deliberadamente interrompi, a leitura do livro de Zweig.

Encontro-me agora em situação análoga, ao receber do editor um volume de trezentas e noventa e três páginas com a biografia do Sr. Getúlio Vargas, por Frischauer. Deitei a espátula ao livro, não sem ir-lhe percorrendo sumariamente o texto, e de súbito me entram pelos olhos estas poucas linhas referentes à instalação da usina siderúrgica de Volta Redonda: “O lugar escolhido foi Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro, de pequena população e de reduzida influência política (no regime anterior)”. O Estado do Rio não é de modo nenhum de pequena população. Ao contrário, ele sempre foi o mais bem povoado entre os estados brasileiros. Evidentemente, se lhe tomamos a população em números absolutos, haverá menos habitantes no Estado do Rio que em outros, alias poucos. Na relação com vários, e muitos Estados, mesmo os números absolutos lhe são, porém, favoráveis, e já neste ponto a errada afirmação do autor estaria sublinhando a ligeireza do seu juízo. Mas os números absolutos não servem para comparar populações, para estabelecer, enfim, se elas são grandes ou pequenas dentro de um determinado território. O que serve neste sentido são os índices da habitação por quilômetros quadrados, revelando o grau da densidade demográfica. A tal respeito, a posição do Estado do Rio é no Brasil a do primeiro lugar entre os Estados. A densidade demográfica apurada pelos recenseadores só lhe é superior no Distrito Federal.

O Estado do Rio não é, portanto, um Estado de *pequena população*; é o mais povoado dos Estados, cumprindo notar o seguinte: enquanto no Distrito Federal a densidade é favorecida pela presença da população da capital do país, ou seja, de uma grande metrópole nele incrustada, no Estado do Rio é forçosamente diluída pela região inóspita da baixada, só hoje em processo de recuperação, e a baixada lhe cobre quase a metade da área. Não é necessário ilustrar estas minhas palavras com a reprodução dos algarismos que as confirmam. Os algarismos podem ser encontrados facilmente nos trabalhos que o serviço do recenseamento publica, e são de resto correntes pela simples irradiação dos compêndios escolares. Por fim, também não é exato que o Estado do Rio fosse de reduzida *influência política*, ainda que o autor para assim classificá-lo, só o visse pelo prisma do *regime anterior*, o que chega a ser pior que um engano: é uma lisonja bastante prejudicial à sua autoridade. Em todas as situações, na Monarquia como na República, o Estado do Rio, onde floresceu uma aristocracia rural cuja história é conhecida, manteve sempre sua influência política não só garantida pelo valor da expressão econômica do território como ampliada pelo gênio criador de seus filhos, cujos nomes estimados figuram com abundância na galeria dos homens públicos brasileiros. Nem tudo está, portanto em que os escritores estrangeiros se interessam pelo Brasil. Resta que o façam com profundidade e verdade. (“O ESTADO DO RIO EM CONCEITO ERRÔNEO”, *Correio da Manhã*, 8/09/1943, p. 2).

Costa Rego⁷⁰ foi o primeiro a lançar uma crítica à obra, o cronista proferiu: “Deitei a espátula ao livro, não sem ir-lhe percorrendo sumariamente o texto”. O escrito anunciava a sua

⁷⁰ A biografia se tornou pública no dia 07 de setembro, e já no dia 08, Costa Rego, publicou uma crítica ao livro. Constatamos que houve uma publicação extra, com intuito de ser enviado aos órgãos públicos. Foram impressos, 10 exemplares em papel Vergé; 100 exemplares em Buffon especial. Esses exemplares foram rubricados pelo autor

perplexidade diante da afirmação de Frischauer: “O lugar escolhido foi Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro, de pequena população e de reduzida influência política (no regime anterior)”. A contestação do jornalista é que o Rio sempre foi uma das cidades mais populosas do Brasil, de grande importância no cenário nacional e que seus filhos ilustres deveriam ter suas memórias reverenciadas. Portanto, na visão de Costa Rego, a abordagem de Frischauer era equivocada. No mesmo dia, Frischauer enviou uma resposta à Costa Rego, que foi publicada no dia 9 de setembro:

Recebemos a seguinte carta: Rio, 8 de setembro de 1943. Meu caro Dr. Costa Rego. Quando lancei o meu livro “Presidente Vargas” – pensei nos críticos e nos jornalistas. Sempre desejei que todos os homens de pensamento se manifestassem sobre a minha obra – elogiando-a ou combatendo-a como a julgasse merecedora. Tive, aliás, ensejo nas vésperas do aparecimento da biografia, de exteriorizar essa minha vontade, falando a “O Globo”, jornal de grande circulação. Assim, pois, meu caro jornalista, o seu muito bem escrito artigo de hoje, intitulado “O Estado do Rio, em um conceito errôneo”, longe de me magoar, deu-me alegria. Permita, no entanto, que discorde por minha vez dos reparos que o seu trabalho encerra, reconhecendo nele, no entanto, a figura da ironia dirigida, simultaneamente, conta o saudoso Zweig e contra mim. Nem ele, nem eu incorri a generalizações rápidas que levam a conclusões falsas. “Um coxo, na Praça Mauá, ou um capenga, no aeroporto Santos Dumont, não me faria crer que pisava numa terra de mutilados”. Nunca fui e não pretendo ser tão apressado assim. Quanto às falhas encontradas no livro de Zweig e que o levaram a escrever várias vezes sobre ele, até que deliberadamente interrompeu a leitura, não me compete a mim analisá-las. Se, porém, todas são do mesmo jaez da que é apontada em seu artigo – Zweig está por assim dizer inocente de crime de que o acusa. Enfim, vamos às minhas, ou melhor, à minha falha – catada entre as trezentas e muitas páginas do meu trabalho de biógrafo.

Confessa o prezado jornalista que deitou a “espátula” ao livro e confessa mais que o fez, “não sem ir-lhe percorrendo sumariamente o texto”. Logo, temos a meu favor o substantivo *espátula* e o advérbio *sumariamente*. Leitura de espátula curiosa, em busca de carvões desvalorizadores; excursão rápida por sobre textos extensos – não digo que revelam um estado de espírito marcado pela prevenção, mas – há de concordar comigo o ilustre comentador – enfraquecem bastante a isenção do ânimo do autor dos reparos. Não se assuste Sr. Costa Rego. Nenhum amigo meu o irá procurar para lhe dizer que as suas observações – as justas como as injustas – causar-me-ão abatimento – como lhe foram contar a propósito de Zweig. Justamente o que eu quero, o que lhe peço é que as faça; mas que as faça depois de ler o livro de outra forma, isto é, sem se deter “sumariamente” no texto. São trezentas e poucas páginas, é verdade! Mas só as pode julgar com segurança, e recomendá-las ao público ou condená-las, quem as houver lido por inteiro. Há de encontrar defeitos, mas nunca nelas verá senão sinceridade. Por uma frase, não é possível aquilatar da falta de “profundeza” e de “verdade”. Aliás, sinto-me bem para defender o meu conceito.

Que escrevi eu? “O lugar escolhido foi Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro, de pequena população e de reduzida influência política (no regime anterior)”. Não menti, nem cheguei mesmo a exagerar. Há ou não há Estados, no Brasil, mais populosos? E, em se tratando de siderurgia, principalmente, não há unidade nela

interessada e de maior população? Quanto “à reduzida influência política” – quer perecer-me, Dr. Costa Rego, que ainda, aí, a razão está comigo. O Estado do Rio, que foi um dos Estados mais poderosos do Brasil – teve a sua decadência econômica e conseqüentemente política, iniciada ainda no segundo Império, apesar dos cuidados que dos soberanos merecia. A abolição da escravidão levou à ruína a aristocracia rural. Não neguei que a terra fluminense tivesse tido filhos ilustres que figuram, honrando-a, na galeria respeitável dos homens públicos brasileiros. Não os citei para não aumentar o número das páginas do meu livro, não os biografiei porque tinha em vista biografar apenas o presidente... Não os cito, agora, para seguir o seu próprio exemplo e para não ser injusto, por involuntária omissão, com alguns dos vultos notáveis do passado. Mas eu a influência política do Estado do Rio estava reduzida, não resta a menor dúvida. Chegaram a chamá-lo – e o meu amigo deve recordar-se – de Polônia brasileira. Várias vezes houve dualidade de poder e se a bancada fluminense, se nem que numerosas, não preponderava nas decisões da Câmara Federal. Estou, pois, com a razão e não encontro motivos para lhe dar a mão à palmatória. Diz, ainda, no seu artigo, que aludindo eu à “reduzida influência política (no regime anterior)” incidi numa lisonja bastante prejudicial à minha autoridade. Em primeiro lugar: - acha, sinceramente, que não haja hoje mais influência política no Estado do Rio do que havia antes de trinta? Desejaria conhecer os seus argumentos para contestar uma coisa que todos enxergam através da obra de renascimento da antiga e aristocrática província. Que é isso senão o fruto da influência política? A quem se deve o saneamento da baixada – “região (são suas as palavras) – inóspitas – só hoje em processo de recuperação”? Todos os empreendimentos que se verificam no Estado do Rio não são, então, fruto de uma maior influência política? Ou, por acaso, serão a consequência da minha lisonja. Não, meu caro jornalista, foi realmente injusto comigo e com e... “Presidente Vargas” – Biografia. Merece uma punição: ler agora sem “espátula” e sem “sumariamente” – o livro e voltar a opinar sobre os meus conceitos, a minha profundeza e a minha verdade. Muito cordialmente – Paul Frischauer (“Uma carta do senhor Paul Frischauer”, *Correio da Manhã*, 9/09/1943, p. 3, grifo do autor).

Os diálogos no calor dos acontecimentos comprovam que todos estavam à espreita. A atuação de Costa Rego é digna de nota. Em primeiro lugar, porque rompe a censura imposta aos jornais pelo DIP, desafiando a vigilância dos censores; segundo, porque abriu precedentes para outras críticas, e novas intervenções do governo na imprensa. Mesmo o texto de Frischauer pedindo uma resposta, Costa Rego, não o fez. Coube a outros cronistas, críticas mais contundentes:

Tomasse um brasileiro idôneo a tarefa de escrever a biografia do chefe da Nação, e o seu primeiro dever seria a escrupulosa exatidão dos fatos referidos e a sensatez dos conceitos e deduções de modo a não estabelecer contrastes, cotejos e comparações injustas, afinal tão desprimorosas ao meio político nacional como desrespeitos à própria personalidade do presidente da República. Um estrangeiro adventício, aventurando-se à semelhante tarefa, deveria multiplicar cuidados e atenções, evitando ferir justas suscetibilidades, quando já se descobre nos interesses materiais a verdadeira finalidade de seus esforços literários.

O Sr. Costa Rego, comentando o biógrafo alemão, salientou o texto que via no Estado do Rio “pequena população e reduzida influência política”. O ilustre confrade mostrou facilmente que o Estado do Rio nem era de “pequena população” nem reduzida “influência política”, pois, sendo entre as vinte e uma unidades federadas a sexta em população absoluta, será talvez a primeira em densidade demográfica. E, quanto à influência política, desdobrou o quadro da sua enorme colaboração na política nacional, na Independência, no primeiro e no segundo Império, e na primeira República. Não se conformou, entretanto o biógrafo com essa cabal retificação e, em longa carta ao “Correio da Manhã” mostrou-se empenhado em provar a decadência, a ruína e o desprestígio do Estado do Rio. Devemos pôr embargo à insultosa encartada do biógrafo estrangeiro.

Quanto à influência política fluminense, o biógrafo que a considera reduzida e degradada equivoca-se redondamente. No Império, que foi a hegemonia do Partido Conservador, a velha província, por seu lado, foi a sede dos conservadores. Na República, os fluminenses ocuparam todas as posições no Executivo, no Legislativo e na cúpula do Poder Judiciário.

Não estamos pretendendo que o povo fluminense seja feito de outra massa na comunidade brasileira; mas a continuidade de seu território com o do Governo Central de algum modo fundiu na sua neutralidade provinciana a condição do espírito metropolitano. O cenário da política e da sociedade da capital da República compreendida todo o Estado do Rio, que assim vivia concomitantemente as sensações, os sentimentos, as opiniões e as idéias do maior núcleo cultural do país.

O biógrafo alemão pode supor que o Brasil começou a existir agora; mas o próprio presidente Vargas lhe poderia referir sua larga participação na vida partidária do país, antes dessa data recente. Chamaram a província fluminense de “Polônia brasileira”, precisamente quando ela suporta uma intervenção iníqua, depois de vencida na batalha eleitoral ao lado dos republicanos sul-rio-grandenses. As lutas políticas, intervenções e dualidades de governo decididas por sentenças judiciais, longe de degradarem, sempre deram relevo ao vigor cívico dos fluminenses. A mesma odisséias viveram muitos Estados do Brasil, num período heroico de inquietação do espírito político, em busca de uma fórmula definitiva de legitimidade governamental. Todo o Norte, a Baía e, especialmente, o Rio Grande do Sul, lutaram bravamente por isso.

Na verdade, o biógrafo estrangeiro não mostrou compreender nem estimar a personalidade política do Sr. Getúlio Vargas, pois que não estimou nem compreendeu os movimentos que desdobram a virada nacional em que ele tanto se elevou. Se por absurdo tudo que aqui está fosse obra e improvisação do Sr. Getúlio Vargas, teríamos de desconhecer a singular e extraordinária vocação de seu espírito para o êxito, que é apenas a expressão de seu sincronismo com a índole popular brasileira. O alemão nunca poderia compreender o homem político das soluções subconsciente, o homem de governo que não adivinha nem alicia a popularidade porque ele integra espontaneamente o complexo povo, o que não raro o coloca em oposição à elites pensantes do país, mas sempre lhe assegura o sucesso na flagrante expressão das aspirações populares. O Brasil é muito mais velho, vem de muito mais longe, carregando bagagens muito mais pesadas. E os brasileiros são muito mais judiciosos na apreciação da própria vida pública e da contemporânea no mundo, do que possa parecer aos seus descobridores da aventura transoceânica (“Cócegas e Impertinências” *Diário Carioca*, 10/07/1943).

José Eduardo de Macedo Soares assinava as ressalvas à biografia na coluna do *Diário Carioca*. Os cronistas insistiram nos erros factuais de Frischauer. Era uma defesa contra a abordagem histórica sobre a cidade do Rio de Janeiro. A biografia dava especial atenção à construção da siderurgia de Volta Redonda como marco da modernidade e avanços da indústria de base. Possivelmente uma resposta às críticas dos mineiros e paulistas que queixavam-se da decisão de construir a siderurgia no Rio de Janeiro. Em 4 de novembro de 1940, o capitão da Delegacia Especial da Política e Social, Batista Teixeira enviou ao gabinete do presidente Vargas duas anotações de interceptação telefônicas de um funcionário do serviço secreto. Na escuta, foi identificado apenas um dos envolvidos, o ex-senador Simões Filho, o outro apareceu como uma pessoa ligada a Antônio Carlos de Andrada. O assunto era a construção da siderurgia. Na ligação telefônica havia a defesa de que a siderurgia devesse ser construída em São Paulo ou em Minas Gerais. A surpresa era sobre a escolha do local: “No entanto, o que se vê é escandaloso; a usina siderúrgica vai ser mesmo levantada em Volta Redonda, no Rio de Janeiro, em um Estado que não possui ferro, carvão, e nem sequer força motriz elétrica” (TEIXEIRA, 1940). Do outro lado da linha, Simões Filho, também acusava João Neves da Fontoura de estar envolvido em assunto concernente ao petróleo, e ainda: “O problema da siderurgia nacional não passa de outro meio de propaganda do despotismo que, há dez anos prejudica o País” (TEIXEIRA, 1940).

Na época o Rio de Janeiro tinha Ernani do Amaral Peixoto, como interventor do estado, genro do presidente Getúlio Vargas. Sabedor das críticas, a biografia, apontou que o estado do Rio de Janeiro, era foco de epidemias, abandonada pelos governos republicanos e que por ser uma região basicamente agrícola a abolição da escravidão lhe desproveu de mão de obra e que por isso se encontrava com a população reduzida. O saneamento e modernização do estado só foram considerados de cabal importância no governo do presidente Vargas. Na biografia a escolha do local foi explicada com um parecer técnico:

As grandes jazidas de ferro do Brasil encontram-se em Minas Gerais, as de carvão em Santa Catarina. A siderurgia de acordo com o parecer de especialistas técnicos americanos e brasileiros, era mister que surgisse num ponto geográfico intermediário, equidistante das jazidas de ferro e de carvão. O lugar escolhido foi Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro, de pequena população e de reduzida influência política (no regime anterior) (FRISCHAUER, 1944, p. 390).

Portanto, a defesa era que o estado do Rio de Janeiro mesmo com a população reduzida devido à falta de mão de obra, foi escolhido por sua posição estratégica e voltaria a ter seu lugar de prestígio no cenário nacional pela intervenção do presidente Vargas. Os pedidos pela exatidão dos fatos denotam a preocupação dos cronistas brasileiros. Em 15 de setembro de 1943, uma nova crítica foi veiculada. Ao tornar-se pública a crônica de Carlos Pontes, reavivou a discussão em torno dos “erros” de abordagens de Frischauer:

O SR. Frischauer no seu recente livro, em que se propõe fazer a biografia do chefe do governo, foi, como de esperar, vítima dos maiores equívocos. Sem um rigoroso exame, assinalaremos, no curso destas linhas, alguns dos vários erros e anacronismo de que se acha erizada a obra referida. “Antes que a República fosse proclamada, escreve o Sr. Frischauer, houve, como é natural, em todo o Brasil, um partido republicano e outro monárquico, que defendia o Império em seus últimos estertores (e que mais tarde o defendia, até além de seu fim!). Os monarquistas denominavam-se federalistas e seu chefe era Gaspar Silveira Martins, orador notável”.

Primeiramente seria de estranhar que em plena Monarquia não houvesse um partido monárquico! O que não houve foi um com aquela denominação que lhe emprega o escritor austríaco, numa lamentável confusão dos fatos. Mais adiante encontramos esta surpreendente revelação: “Nos meses que procederam ao golpe de Estado, o marechal Floriano Peixoto – nomeado vice-presidente da República pelo marechal Deodoro – quase não participava dos negócios do governo. Raras vezes aparecia, alegando que, por motivos de saúde, era obrigado a viver à parte. Contudo, após a renúncia do marechal Deodoro, tornou-se segundo presidente da República brasileira e conquistou a alcunha de *Marechal de Ferro*”. Nova confusão. Floriano quando assumiu a presidência, em vista da renúncia de Deodoro, fê-lo como vice-presidente, eleito que fora – e não nomeado – juntamente com Deodoro pelo Congresso, no dia 25 de fevereiro de 1891.

Prossigamos: “Antes que guerra civil terminasse, morreu o marechal Floriano Peixoto. Tivera bastante saúde, na realidade, para tornar-se presidente da República; não, porém, para resistir até ao fim do período governamental previsto”. Não está certo. Floriano completou o *período governamental* previsto e veio a falecer no ano seguinte, a 29 de junho de 1895. Não parece mais feliz em relação aos homens do que em relação aos fatos. Assim é que vemos, aludindo aos incidentes da pacificação do Rio Grande do Sul, sob o governo de Prudente de Moraes, referir-se a Francisco Glycerio nestes termos: “... um deputado por São Paulo, autodidata que só frequentara a escola elementar...” Não deixa de ser muito pouco esse conceito para caracterizar uma figura como a do grande chefe paulista. Glycerio, ao tempo daqueles acontecimentos, era o político de mais larga projeção no país, e um líder parlamentar de rara penetração e habilidade, jamais entre nós superados. Inteligentíssimo, conhecendo os bons autores, em dia com os publicistas da época, podia dar lições seguras a possíveis universitários.

Passando ao período de Campos Salles, comete o Sr. Frischauer novos e incríveis equívocos. Vejamos: “O ministro de Exterior do Brasil, Barão do Rio Branco, fez falar de si, nos jornais de todo o mundo, ao conseguir mediante acordo amigável, a determinação das fronteiras entre o Brasil e a Guiana Francesa, de modo favorável ao Brasil”. Dois erros nessas poucas linhas. Não só Rio Branco não serviu no governo de Campos Salles – o ministro deste foi o ilustre Sr. Olinto de Magalhães, que esta vivo –

como não resolveu o caso da Guiana Francesa quando ministro de Estado, e muito menos por “acordo amigável”, pois esta questão foi submetida a arbitramento, em que Rio Branco funcionou como parte, representando e advogando os latos interesses do Brasil. É inda de espantar que tenha encontrado apenas para dizer de Rio Branco haver ele feito falar de si nos jornais de todo o mundo, como se se tratasse de um mero reclamista a forçar a notoriedade e não de um grande homem, cuja obra em verdade se impôs à consagração geral.

Quando procura explicar os acontecimentos políticos que se desencadearam por ocasião da sucessão presidencial de Affonso Penna, mostra-se ainda mais mal informado o Sr. Paul Frischauer. “O Dr. Affonso Penna, descreve o plunitivo¹ austríaco, presidente da República, tinha por sua vez um candidato. De acordo com o Dr. Nilo Peçanha, vice-presidente da República, ou não.” Essa dúvida não ocorreu no Brasil a ninguém, pois o dissídio entre os dois era dessas coisas conhecidíssimas, de modo que chega a ser pitoresca a extemporaneidade da interrogativa. Avança o Sr. Frischauer: “Ninguém ignorava que o candidato de Affonso Penna, contrário às duas forças em luta: a militar, encarnada pelo marechal, e a civil cujo símbolo era Ruy Barbosa, fracassaria”. Não estiveram em choque essas três forças, descobertas pelo Sr. Frischauer! A candidatura preferida por Affonso Penna não chegou mesmo a ser lançada e contra ela, bem antes de surgir a do marechal Hermes, já se havia Ruy se manifestado junto a próprio Penna, de quem era amigo. A ação de Pinheiro Machado está a exigir sérias retificações. Pinheiro não impôs a candidatura do marechal Hermes; esta resultou de circunstâncias de que nos dispensamos tratar para não alongar estas notas. Por não conhecer os nossos homens políticos, nem a nossa história, o Sr. Frischauer faz uma tal confusão que, não raro, atinge as raias do cômico.

Vejamos: “Por outro lado, entre Pinheiro Machado e Ruy Barbosa dera-se um incidente que já constituía, propriamente, um prenúncio da direção que tomaria o *fiel da balança política*. Pinheiro Machado, em uma de suas veementes orações, pecara contra a gramática e fora corrigido pelo senador Ruy Barbosa, com mordaz ironia”. Pelo exposto verifica-se que Ruy e Pinheiro se separaram, tomando caminhos opostos por causa de um simples erro de gramática! Como isso é pueril! Ignora o Sr. Frischauer que Ruy e Pinheiro foram grandes amigos e correligionários até às vésperas da candidatura Hermes, e estiveram identificados na oposição à candidatura das preferências de Affonso Penna, que não chegou como já dito, a ser lançada. O incidente parlamentar referido, sem maior importância, teve lugar muito depois, quando já na presidência da República o Marechal Hermes. Seria ridículo que duas grandes figuras nacionais, com imensas responsabilidades no regime, arrastassem o país uma agitação tão profunda, como foi a da Campanha Civilista, devido ao emprego incorreto de um tempo de ver... Carlos Pontes. (“Amicus Plato”, *Correio da Manhã*, 15/07/1943, p. 2)

As apreciações de Pontes versaram sobre os erros de caráter de abordagens históricas. O cronista ressaltou que não “leu sumariamente” a obra, em uma nítida defesa a Costa Rego, e que por isso apontaria “apenas” alguns erros do biógrafo. No entanto, percebe-se que sua leitura foi detalhada, minuciosa, caprichosa, acompanhando página por página, parágrafo por parágrafo, com esmero de especialista, que muito se aproxima a uma leitura sumária, espreitando o autor com o fito de apontar os equívocos de sua abordagem dos fatos. Esses apontamentos possivelmente tinham um propósito de colocar toda obra em descrédito, pois, se havia cometido os erros apontados, em assuntos públicos, muito divulgados e de conhecimento de todos, sem

dúvida muitos outros equívocos poderiam ser apontados na obra, inclusive sobre a vida pregressa do biografado.

Em 21 de setembro, *Uma Nova carta de José Américo*, a epístola revelava a indignação do antigo aliado de Getúlio, declarando-se injustiçado na abordagem biográfica. Essas críticas não foram respondidas por Frischauer, o que mais tarde foi justificada em um artigo de opinião de Carlos Lacerda, intitulado *O Retrato do DIP*⁷¹, podem ajudar a explicar as razões do silenciamento da discussão, o assunto sofreu sanções do DIP.

Meu caro Costa Rego: Já que foi você o primeiro a ocupar-se, em conscienciosos e insuspeitos reparos, com o livro *Presidente Vargas* do Sr. Paul Frischauer, lembrei-me de, por seu intermédio, desfazer certos equívocos em que me toca. Mas, tratando-se de um escritor estrangeiro e, de mais a mais, de uma obra que, conforme se divulgou se destina a correr mundo, vertida em várias línguas, resolvi sair do meu silêncio. Apresso-me em atalhar essas versões errôneas, já não por mim, que julgo ter encerrado o meu ciclo, mais do que satisfeito do que cheguei a atingir, mas para que não seja exibida, lá fora, uma figura que o Brasil alçou aos mais elevados postos – chefe do governo revolucionário do norte em 1930, antigo ministro de Estado, embaixador, senador federal, membro do Tribunal de Contas e candidato à presidência da República – na situação que não se ajustaria o mais vulgar dos homens que tivesse detido todas essas responsabilidades. Como um simples demagogo, a agitar-se, a torto e a direito, pondo a ordem constituída em perigo. É assim que me retrata o senhor Frischauer, responsabilizando-me pelo meu próprio desastre. Começa assegurando que minha escolha, sugerida pelo governador de Minas Gerais, Benedito Valadares, como candidato à presidência da República, “agradou à maioria dos amigos de Getúlio. Parece-lhes boa”. Mas adianta que “a perspectiva do alto cargo inebriou o candidato”. E, ainda hoje, neste ano de guerra de 1943, o Sr. Frischauer vem da Áustria, através da Inglaterra, tomar de empréstimo ao fascismo indígena a habilidade com que soube torcer a minha frase, única lembrança, talvez, que deixei da campanha de 1937, como o injusto “carcomido” da de 1930.

[...] Escandaliza-se o Sr. Frischauer com essa confissão na praça pública. “O candidato tencionava mais uma vez fazer demagogia”. Qual a melhor forma de consegui-lo? Julgou ter tido uma ideia de inspiração divina ao gritar à multidão: “Eu sei onde está o dinheiro”. Havia de surpreender-me uma expressão, uma que fosse, que se prestasse a ser adulterada e envenenada. Foi neste teor que falei sobre uma solução que, hoje mais do que nunca, concentra os cuidados dos povos mais bem organizados: “Demos habitação ao pobre. Não só a construção proletária, como a moradia do funcionário, do bancário, do marítimo. E cada casa terá mais do que o ambiente íntimo, o ambiente social de resistência da família feliz ao espírito subversivo do seu próprio chefe. E o dinheiro? É sempre a pergunta mole, desanimada, a pergunta que fica no ar. É

⁷¹ No discurso que pronunciou ontem no almoço dos escritores, o senhor Carlos Lacerda traçou um retrato do DIP, lendo uma lista das proibições que o Departamento de Imprensa e Propaganda costumava enviar aos jornais. Vale a pena transcrever o curioso documento, afim de que o público se capacite da maneira como o DIP exercia o controle da Imprensa diária em nosso país; dentre as listas de proibições constam: - Nada sobre o livro “Menino Gigante”, biografia do presidente; - Não pode ser reproduzida, nem comentada, a carta de José Américo, divulgada pelo Correio da Manhã, criticando o livro de Paul Frischauer sobre o presidente Vargas; - Qualquer crítica ao livro do senhor Frischauer depende da aprovação prévia do DIP. (Correio da Manhã, 11/03/1945).

fácil. É fácilimo. Eu sei onde esta o dinheiro. Em vez de um arranha céu, serão duzentas casas” (“Uma carta de José Américo” *Correio da Manhã*, 21/10/1943, fragmento).

A carta enviada por Pedro Américo ocupava quase toda a primeira página do periódico. As suas queixas ao ser publicado no jornal revelavam que o iniciador das contendas foi Costa Rego e ainda, evidenciou as primeiras fragilidades da censura. Posteriormente, o desabafo de Américo foi censurado, sendo proibido de ser reeditado, respondido e comentado nos demais jornais. Américo lamentava a forma como foi retratado por Frischauer na biografia, explorando novamente a frase “Eu sei onde está o dinheiro!” e mostrando os equívocos do escritor nas abordagens históricas no caso da sucessão presidencial. O discurso havia sido proferido na Esplanada do Castelo, no dia 30 de julho de 1937 e as eleições ocorreriam em 03 de janeiro de 1938, foi muito explorado pela imprensa e pelos concorrentes. O *Correio da Manhã*, em 01 de agosto de 1937, afirmou: “Américo é o candidato dos pobres, ao invés de arranha céus, casas para o povo. Demos casa ao povo! Não casa de cachorro!”. No dia 03 de agosto, nova matéria, agora um ataque de Armando Salles, criticando as afirmações do candidato do governo, chamando sua: “Casas dos pobres, de demagogia eleitoreira!”. Em 4 de agosto, novamente em *O Dinheiro*, e em 13 de agosto em *Eu sei onde está o dinheiro!* Outras explorações sobre o discurso. Nos *Diário Associados*, de Chateaubriand: “José Américo. Só José Américo. Exclusivamente José Américo. É este nome que pede a Aliança Nacional Libertadora. Não é outro o nome que reclama Moscou” (NETO, 2013, p. 298). Chateaubriand, dizia que Américo era um candidato representante dos comunistas, portanto um perigo à nação. Em *A Federação*, Flores da Cunha, tecia novas críticas ao candidato paraibano, em matéria intitulada: A oração de deputado Alberto de Brito no comício de São João, veiculado no periódico dia 14 de setembro de 1937. Na ocasião, Flores da Cunha afirmou que os proletariados estavam bem representados na figura do ilustre presidente e que, portanto, as afirmações de José Américo eram um despropósito.

Em 27 de agosto de 1937, o *Correio da Manhã*, publicou a resposta de José Américo às acusações que estava sofrendo, afirmava-se perseguido e mal interpretado e que a repercussão negativa sobre seu pronunciamento era obra de opositores que não tinham a classe trabalhadora como prioridade. O candidato julgava que o caso havia sido esclarecido e esquecido, afinal permanecia no quadro dos funcionários do governo, mesmo após o golpe de Estado de 1937. Entretanto, Frischauer voltava a mencionar o discurso e novamente era acusado de ser candidato

da Aliança Nacional Libertadora e com isso, outra vez foi responsabilizado em promover as instabilidades políticas e sociais nas quais permitiram a suspensão das eleições e a implantação do Estado Novo. A maior preocupação de José Américo ressaltada em sua mensagem ao *Correio da Manhã*, publicado no dia 21 de outubro de 1943, era que como a biografia receberia traduções em vários idiomas, o mundo teria uma impressão equivocada sobre sua pessoa. A defesa, portanto, era sobre a memória construída em torno de si, que no seu modo de ver, estava equivocada.

As primeiras críticas à biografia após se tornar pública, não versaram propriamente contra o biografado ou ao seu governo, mas contra as interpretações históricas do biógrafo. Passados três anos de sua chegada, e com a promessa da escrita da biografia os grupos políticos, favoráveis ao governo, e seus oponentes ficaram no aguardo. A experiência na dobra do tempo permitiu novas interpretações, frustrações e incômodos. No primeiro momento com a chegada de Frischauer no Brasil, as expectativas ainda não estavam definidas. Frischauer pode ter se constituído em uma esperança e expectativas para os grupos opositores, que, sistematicamente elogiaram o escritor, exaltando suas demais obras. A encomenda da biografia pelos editores ingleses, que eram por essência democrática, pode ter se constituído como uma perspectiva de vir à tona, o que o grupo contrário insistia em afirmar sobre Getúlio: um governo ditatorial. Portanto, para esse grupo, a expectativa com a emergência da biografia poderia representar uma execração pública e o afastamento definitivo de Getúlio Vargas do cenário político. Publicada, a obra revelou-se como uma narrativa elogiosa. Na visão de alguns, apenas, mais uma propaganda política, como tantas outras, preparada nos moldes do DIP. O desnudamento da tão propagada biografia, trouxe consigo a mudança dos discursos dos desafetos políticos de Vargas. As críticas mais pálidas ficaram por conta de jornais de menores circulações:

No dia 07 de setembro foi posto à venda no Brasil e logo depois para o mundo inteiro, em seis línguas o livro “PRESIDENTE VARGAS”. É uma completa biografia do grande estadista brasileiro, e que há dois anos vinha compondo o historiador Paul Frischauer, por incumbência dos seus editores em Londres. Nessas quatrocentas páginas há, entretanto mais do que uma biografia – há aprofundado estudo da personalidade do ilustre chefe do Governo. É interessante saber-se que o trabalho preliminar do autor foi averiguar si esse assunto merecia a atenção de um publicista internacional e de uma editora londrina. São exigentes pra xu’xu’ esses ingleses. (“Algumas Diversas”. *Correio de Uberlândia*, dia 10 de setembro de 1943, 1ª. p.).

A notícia destacada pela citação acima, trata-se de uma nota na primeira página do jornal. A ironia acena para o assunto: a “personalidade” do Presidente. O cronista parece estranhar o interesse de uma editora estrangeira em assuntos aparentemente desinteressante. Em um momento em que o mundo se encontrava envolvido em um conflito militar de proporções inimagináveis, parecia pouco provável que houvesse interesse em assuntos que não fossem relacionados à Guerra. Mesmo assim, como destacado em matéria anterior: “Coincide a oportunidade na qual produz essa biografia com a ocasião em que o chefe do Estado brasileiro avulta na atenção dos povos como um dos pró-homens da época decisiva para a civilização cosmopolita que é o presente”. (Correio de Uberlândia, 1943). Portanto, os olhos do mundo estavam voltados ao Brasil, e ao seu chefe de Estado. O que justificaria a encomenda da biografia pela Random House. Os periódicos mesmo já indicando a consciência de que a obra se tratava de uma biografia sobre o Presidente Vargas, viu suas expectativas frustradas, pois, na verdade, a abordagem de Frischauer ficou muito aquém para os que esperavam ver reveladas em suas páginas uma personalidade caudilhista e desejosa de se manter no poder. As críticas do *Correio de Uberlândia*, diferentemente dos outros jornais, ficou centrada na biografia:

Diversas pessoas de responsabilidade se tem manifestado acerca do livro “Getúlio Vargas”, que o biógrafo Paul Frischauer escreveu, o qual, segundo se informa será vertido para diversos idiomas, estando conseqüentemente fadada a grande repercussão. Alguns defeitos já foram apontados e agora, quem sai a campo, é uma das personalidades estudadas no livro, e que não está nada satisfeita com a história... Trata-se do Sr. José Américo de Almeida, figura de grande projeção nacional, que protestou contra “certos equívocos” sobre sua pessoa referente a fatos históricos em que figura. Sem querermos desmerecer o grande escritor, somos de opinião que, à medida que se for estudando mais atenciosamente a obra, certas rugas ainda vão surgir. Isto porque somos de opinião que a um escritor estrangeiro é difícilimo tratar de assuntos tão transcendente, pela complexidade, com perfeição. No entanto, o livro em apreço está sendo bem recebido e não duvidamos no seu sucesso, que não irá ser prejudicado por um que outro deslize. (“O livro do Sr. Paul Frischauer está suscitando comentário”, *Correio de Uberlândia*, 24/09/1943).

O periódico evidenciou que Frischauer por ser estrangeiro não conseguiria captar a essência histórica do Brasil. Mesmo sendo um notável historiador, suas percepções seriam limitadas, pois, lhe faltava às experiências históricas, vivenciadas pelos brasileiros. Mesmo que empenhado em dois anos de estudos, com inúmeras testemunhas e documentos, o autor teria

limitações intransponíveis, a nacionalidade e a vivência das experiências histórica do povo. Por ser estrangeiro, havia uma cultura que o separava dos brasileiros. No entanto, a nacionalidade de Frischauer era outro elemento importante para o governo. O olhar do estrangeiro poderia soar como imparcialidade o que poderia dar maior legitimidade à escrita biográfica (STEFFENS, 2008).

No entanto, houve críticas mais contundentes. Essas ocorreram em outra dobra do tempo, no período em que a redemocratização permitiu uma maior liberdade à imprensa. Novamente, o *Correio da Manhã* (1945) foi o porta voz dos discordantes, dos desafetos políticos, veiculando em suas folhas, inúmeras críticas à obra, ao seu autor e ao biografado. Uma delas, a matéria sobre o discurso do Sr. Raul Fernandes, em comício realizado em Barra do Piraí. Nesse comício Fernandes está angariando votos ao candidato à presidência da república, da UDN, o brigadeiro Eduardo Gomes. Na ocasião, o orador, dizia estar conversando hipoteticamente com um adversário. No diálogo, no qual o próprio Fernandes, responderia possíveis indagações sobre as eleições e a disputa presidencial, marcada para dia 02 de dezembro de 1945⁷². Fernandes declarava-se incrédulo a respeito do projeto democrático do candidato do PSD, Eurico Gaspar Dutra e insistia em fixar uma imagem de ditador a Getúlio Vargas, mesmo este cumprindo as exigências democráticas.

Ao publicar o discurso de Raul Fernandes, mais uma vez O *Correio da Manhã*, reafirmava seu compromisso com o projeto de reconstitucionalização do Brasil e com os ideais

⁷² Fragmento do discurso de Raul Fernandes: “[...] Esta constituição totalitária em vigor, o mesmo regime nazista de Hitler, em que o chefe de Estado realiza as aspirações populares e promove o bem público independente de intermediários, isto é, de representantes do povo; em que o chefe se consubstancia com o povo numa espécie de Eucaristia transferida do plano religioso para o plano político, consumando a perfeita comunhão da criatura com o criador, de modo que o guia, o duce, o fuchrer apreende intuitivamente as aspirações e necessidades da sua gente e as realiza da maneira mais correta e cabal. - Mas o partido tem um chefe já aclamado. Esse chefe é o Dr. Getúlio Vargas; ora, o Dr. Getúlio Vargas professa ideias totalitárias, ditatoriais, que afirmou no golpe de Estado de 1937 e reafirmou na recente emenda constitucional n. 9, decretada quando o país já bradava pela volta o regime democrático e quando o próprio Dr. Getúlio reconhecia e proclamava publicamente que somos uma nação de vocação democrática. Devo supor, para honra do atual detentor do Executivo Federal, que ele é sincero nessas convicções. Seria monstruoso se ele nos arrebatasse a liberdade no golpe noturno de 10 de novembro de 1937 sem estar convencido de que o regime que ia implantar era o melhor para a coletividade. Disso ele estava e continua a estar convencido. Assim penso, porque seu biógrafo oficial e autorizado, Paul Frischauer, o disse com todas as letras, escrevendo a biografia do presidente com subsídios e informes por este fornecido, livro que o presidente sancionou e aprovou tacitamente ao conceder a esse escritor estrangeiro o título de cidadão brasileiro com dispensa do lapso de 10 anos de residência que a lei impõe. Ali está dito com todas as letras que ele é de formação fundamentalmente ditatorial, vicção essa que, para sua, não imagino vá abandonar, só para ter vantagem política de chefiar um partido” (*Correio da Manhã*, 1945).

em defesa do pensamento liberal, mantendo-se coerente com sua militância oposicionista. Agora com Pedro da Costa Rego como redator-chefe, o jornal mantinha-se aguerrido na luta pela liberdade de imprensa e política, e após a declaração do posicionamento do Brasil na Guerra, fortalecia as trincheiras dos que se colocaram na fenda da luta pela democracia. Na campanha eleitoral de 45, o periódico colocava-se ao lado do brigadeiro Eduardo Gomes (SANDES, 2012). A reportagem caracterizava um novo tempo; o tempo da expressão política. A partir daí percebemos que há novas críticas à biografia escrita por Frischauer. Através da obra, mesmo que com o fito de negar a proximidade do governo de cultura fascista do Brasil e com o governo de Hitler, Fernandes, afirmou que Vargas e Hitler bebiam da mesma fonte. Ressaltando que, mesmo agora que o governo permitia um processo de reabertura política, o governante brasileiro era, foi e sempre seria ditador. Na percepção de Fernandes, isso estava registrada na biografia, que havia sido aprovada pelo próprio biografado. A imagem de ditador erigida pelos opositores de Getúlio Vargas voltaria a estar em evidência, às lutas das representações políticas estavam abertas, e novas interpretações sobre a biografia iriam surgir, com críticas mais contundentes. No dia 27 de setembro de 1946, Carlos Lacerda, escreveu:

É esse ambiente de molecagem uma das razões do amesquinamento nacional, ainda mais visível de fora do que de dentro. A distância tem-se a impressão que o Brasil vai acabar – e a sua projeção, se algum dia existiu, é hoje nula, sendo tudo quanto por aí se diz mera propaganda, geralmente paga, para molhar os olhos dos ingênuos. Tudo se resume, afinal, numa pequena história grotesca. Quando esse aventureiro intercontinental que é o Sr. Paul Frischauer fez um livro que envergonharia qualquer escritor decente, chamado “Getúlio Vargas” e que custou ao DIP o dinheiro de uma escola para 40 pequeninos brasileiros, as autoridades de Vargas & Cia., mandaram à embaixada brasileira em Londres um exemplar lindamente encadernado, com ordem expressa de fazer presente desse monstro ao rei da Inglaterra. Por que ao rei da Inglaterra, que não sabe português, não conhece o moleque austríaco Frischauer e não estava interessado no biografado? Bem, porque o senhor Rebeco Vargas queria ser conhecido entre os seus colegas, o Jorge, o Franklin, o José, o Cristiano, o Juan, etc. Vai daí, com a maior repugnância a embaixada enviou o livro à Sua Majestade Britânica. E recebeu, como resposta, uma carta amável do vigésimo quinto secretário adjunto na qual, com mil polidas desculpas, se informava que, de acordo com uma tradição rigorosa, Sua majestade está impedida de aceitar presentes. E o senhor Rebeco, vestido de gente pelo alfaiate Frischauer, foi parar, talvez, nas profundezas de um sebo de Charington Road. (“Muita sede ao pote”, *Correio da Manhã*, 27/09/1946).

Percebe-se uma mudança de discurso em torno da biografia à medida que houve o processo de redemocratização. Desde o início de sua concepção, foi divulgado que seria traduzida

para vários idiomas. A biografia ao consagrar uma imagem de homem público impoluto e defensor da democracia a Vargas, destacando as etapas formadoras de sua vida política e as transformações ocorridas no Brasil com sua gestão pública, ao percorrer o mundo, revelaria uma concepção divergente dos desafetos políticos do chefe da nação. O processo de redemocratização trouxe consigo não só a mudança à recepção da biografia, mas também uma nova concepção a respeito de sua concepção⁷³. Após 1945, os inimigos políticos de Vargas provavelmente com o interesse de desprestigiar a escrita da biografia, insistiam em afirmar que a obra era uma encomenda do DIP e concebida como uma produção propagandista do governo, a fim de redefinir sua imagem pública, no Brasil e no exterior. No entanto, houve outras críticas à obra, revelando uma nítida disputa de representações memorialísticas entre Vargas e seus oponentes:

BUENOS AIRES, 17 (A. P.)

O vespertino “Crítica” comenta elogiosamente obra biográfica sobre o presidente Getúlio Vargas, escrita pelo autor austríaco Paul Frischauer, de quem diz que “possui o segredo das biografias”. Depois de dizer que o autor escreveu sobre Getúlio Vargas, esquecendo-se de sua própria condição de observador, o comentário de “Crítica” acrescenta: “Ele (o autor) deixa que a trajetória da vida de Getúlio Vargas e cada um de seus gestos e atitudes falem por ele. Podemos dizer que, desde o começo, nos encontramos em presença da vida real, que se desenvolve num clima apaixonador, em que tudo é descobrimento para o próprio escritor”. (“Crítica elogia a biografia do Sr. Getúlio Vargas”, *O Globo*, 17/01/1944).

A veiculação da nota acima demonstrou que na Argentina a obra teve boa acolhida e foi elogiada pelos críticos literários⁷⁴. A crítica ressaltou que Frischauer é reconhecido como um autor que possui o “segredo das biografias” e de “vida real”, mesmo que se tratando de uma obra biográfica e encomendada, fosse pelo DIP ou pela Random House, sua escrita deveria se pautar

⁷³ Percebemos que entre os anos de 1940 até 1943, as publicações sobre Frischauer afirmavam que a biografia era uma encomenda dos editores estrangeiros. Entretanto na carta enviada ao seu antigo editor, Frischauer pedia para que esse procurasse possíveis editores interessados na publicação da obra. Ou seja, ou Frischauer não tinha ainda nenhum editor estrangeiro, ou tinha apenas alguns poucos editores e queria ampliar sua publicação, ou as notícias sobre a encomenda tinha o interesse de negar a vinculação com o DIP, para assim resguardar a escrita da obra das críticas que os opositores a Vargas lhe imputariam, caso a obra fosse vinculada ao órgão.

⁷⁴ A nota do jornal possivelmente pretendia valorizar a recepção da obra na Argentina. Não foi possível nesta dissertação de mestrado averiguar em outros jornais argentinos outros comentários sobre o livro. Entretanto, como no Brasil vigora um controle de informações via DIP, críticas mais contundentes certamente não seriam veiculadas nos periódicos brasileiros.

na verossimilhança com a realidade, caso contrário estaria fadado à completa rejeição pelos contemporâneos do biografado. Embora alguns tenham criticado negativamente algumas abordagens históricas da obra, não houve acusação de inverossímil. Em *O Dia*, houve uma publicação de Lima Figueiredo⁷⁵, no qual a biografia foi elogiada por esse leitor, que compara Frischauer a Zweig, que a época era um autor de grande prestígio mundial:

Sou um amante das boas biografias e por isso habituei-me a ler tudo que tem aparecido da lavra Emil Ludwig [...]. Tanto quanto Ludwig aprecio Stefan Zweig o encantador analista da psique humana [...]. Nas livrarias, todas as vezes que as visito nas horas de folga, vejo em disposição dois volumes: GARIBALDE E BEUMARCHAI, ambos de Paul Frischauer, e comigo mesmo tomava o compromisso de lê-los, para conhecer a técnica do novo retratista de vidas célebres. Estavam as coisas neste pé, quando saí a lume “PRESIDENTE VARGAS”, do autor que eu almejava conhecer. Segurei a oportunidade pelos cabelos e não a deixei escapar. Consegui o livro e dispuz-me a lê-lo avidamente. Logo de início senti que minha atenção estava tão firme como um navio ancorado em fundo sólido. As páginas iam sendo, uma a uma, examinadas e quando era necessário fazer uma parada, eu buscava ansiosamente o momento de recomeçar a leitura. O Sr. Paul Frischauer é antes de mais nada um profundo psicólogo. Ele não perquiriu apenas a alma do Presidente aprofundou-se também no estudo da personalidade das testemunhas com as quais conversou minuciosamente. E assim teve a sua argumentação uma diretriz segura que lhe permitiu dosar nas cenas principais as cores mais fortes, os meios tons e as sombras. Em todo o livro não se obriga uma afirmativa que não esteja alicerçada em uma observação exata. Quando não está seguro da veracidade do fato que se prende à vida do biografado, registra-o somente, sem utilizá-lo para tecer as malhas das suas considerações.

Além do estudo do psicólogo e dos bem dirigidos interrogatórios que fez Frischauer não desprezou os cenários e a qualidade imensa de personagens que neles se movimentavam dando o ambiente exato, ou melhor, a nuança local aos acontecimentos que ia descrever. Estribado em informações adquiridas, umas diretamente da boca de pessoas qualificadas e outras de leituras feitas, percorreu todos os lugares onde vivera Getúlio Vargas na sua infância, na adolescência e já homem feito. Esquadrilhou as regiões sulinas interessadas, ora conversando com vaqueiros, com a gente do povo, com letrados e doutores, frequentando as estâncias, as casas, os clubes e os lugares por onde passou Getúlio Vargas, a fim de determinar tudo que poderia ter influído na formação do homem que ele estudava. A tarefa com suas pradarias infindas. O caráter desconfiado, afoito e sincero do gaúcho. As lutas ardentes da política provinciana, onde os partidos se formam no seio das grandes famílias. Da análise do conjugado terra e homem nascem muitas relações comuns aos habitantes de uma mesma região. O fator geo-humano agia na personalidade do Presidente. E o autor tirou dele partido gizar o arcabouço de seu inconfundível livro.

Finda que foi a leitura, posso dizer que Paul Frischauer se emparelha com os dois biógrafos meus favoritos no assunto, pois ele como estes faz viver sua personagem no agitar dos acontecimentos que envolveram a vida da sua família, do seu rincão, do seu

⁷⁵ O militar José de Lima Figueiredo (1902-1956) era carioca e militar de carreira e literato, iniciou seus estudos na Escola Militar de Realengo e em 1950 foi eleito deputado federal pelo Partido Social Democrático (PSD). Publicou em 1936 *Limites do Brasil*; e em 1937, *Oeste paraense*; *Casernas e escola*; *Brasil militar*; *Terras de Mato Grosso e Amazônico*; *O Japão por dentro*; *Um ano de observação no Extremo Oriente*; *No Japão foi assim*; e *Getúlio Vargas e a conquista do Sertão* (ABREU, 2001).

Estado e da sua Pátria. O estilo é suave como a água de arreo deslizando em álveo da areia. Lendo-se Frischauer têm-se o sabor dos escritos Somerset Maugham. Agrada totalmente a obra e nela se aprende muita coisa. Há, entretanto alguns senão, máxime porque o autor fez a obra de fôlego em curto tempo e por vez quiza se deixou influenciar por alguém que, de ideia preconcebida, fez valer sua opinião, quebrando o critério de imparcialidade orientador do conjunto. Entre outras passagens cito a que se refere ao Dr. José Américo de Almeida, brasileiro ilustre, honrado sob todos os títulos e que muito fez o governo da Paraíba e como Ministro da Viação de Obras Públicas. Gente de boa fé. Gente patriota, tem que amar muito o Dr. José Américo.

Outro lapso, que poderia, aliás, ter sido corrigido na revisão, é de fundo histórico. De fato, o autor claudica aqui e ali, principalmente quando fala no emérito Francisco Glicério e no bravo Floriano Peixoto, além de transferir para a cavalaria o ex-capitão da engenharia Luiz Carlos Prestes. Esses pequeninos nomados bem podem ser rápida e habilmente corrigidos, em nova edição, em língua nacional ou estrangeira. É “voux populi” que ninguém é capaz de aprioristicamente dizer qual o caminho, qual a orientação do Presidente em face de um acontecimento político ou administrativo que exige pronunciamento do mais alto poder do país. Dr. Getúlio é um malabarista, é um enigma. Entretanto estudando-se sua vida conclui-se que ele sempre teve uma forma firme e coerente de proceder.

Desde menino soube quando avançar, quando recuar, quando permanecer na posição conquistar. Recuou ao desistir de ser soldado. Manteve-se firme não aceitando o cargo de Chefe de Polícia que lhe fora oferecido pelo Dr. Borges de Medeiros. E avançou desassombradamente jogando-se com seu Estado na arrancada gloriosa de 1930, no julgamento da Revolução de 1932 e dos motins de 1935 e 1938, no admirável golpe branco de 1937 e na declaração de guerra à Itália e à Alemanha. Só um homem talhado por inspiração divina para conduzir seu povo poderia possuir notável senso de equilíbrio. O pensamento de Getúlio, diz Frischauer, estava dividido em três setores: num deles estava à política, em outro a filosofia e no terceiro, a literatura. A política, não se resumia para ele, somente nos altos e baixos dos problemas de hoje e do amanhã. Reconhecera cedo, que o elemento mais importante, o elemento fundamental da política é o conhecimento dos homens e que sua finalidade consiste na realização dos desejos e necessidades vitais do maior número possível de cidadãos - às vezes, até, contra a vontade deles, quando antecipa e prevê suas necessidades e desejos futuros. Mas apesar de ter conhecido (mal grado sua pouca idade), em ambientes diversos, homens completamente diferentes, uns dos outros (ou, talvez por isso mesmo), procurava um sistema que lhe permitisse classificar os homens. Lia obras de filosofia para poder sondar o mundo vago dos sentimentos e ideias dos jovens que o rodeavam e o seu próprio. Getúlio Vargas vê a política, como a definiu Sarmiento – aquilo que educa e constrói. E desde que se sentou na curul presidencial outra coisa não fez do que sanear, educar e construir. Jamais deixou de lado as ideias e os ideais da juventude, talvez se lembrando das campanhas que travara ainda rapazinho não só nas colunas de “O Debate” como em plena praça pública. E por isso Getúlio Vargas quer junto de si os universitários, pulsando de entusiasmo junto ao seu coração, perdoando alguns exageros e apoiando-os na consecução de todas as suas aspirações. Na mocidade brasileira terá o Presidente a mágica alavanca que elevará o Brasil à posição que lhe compete no concerto das demais nações do globo.

Quem ler o livro de Paul Frischauer ficará querendo mais no Presidente Vargas. A obra é oportuna e preencherá sua finalidade, mesmo que contra ela se ergam os saudosistas. (“Um livro oportuno”, *O Dia*, 26/11/1943).

No artigo de opinião, Figueiredo foi em defesa incontestada da escrita, rebatendo as críticas recebidas pela obra veiculada no *Correio da Manhã*, ressaltando que mesmo com os “erros” de

abordagens históricas apontadas por Costa Rego, Carlos Pontes e José Américo, a obra revela ao público leitor a personalidade de Getúlio Vargas e sua formação pública, cumprindo assim sua finalidade. Assim, o testemunho do amante de biografia exaltou a perspectiva e o olhar de Frischauer sobre Getúlio Vargas. Desenhado com uma percepção focada na pessoa do biografado e que, portanto, as críticas anteriormente recebidas em nada desmereciam a obra. As críticas sugeridas de revisão não foram aceitas. Em comparação entre as edições de 1943 e 1944, percebemos as mesmas abordagens, a única diferença é que na segunda edição houve a anexação de um Índice Alfabético Remisso, organizado pela Sr. A. M. de Souza e Silva, secretária da presidência (FRISCHAUER, 1944, p.395).

Outras publicações tais como revistas: *Revista da Manhã*; *Cultura Política* e *FON-FON* permaneceram com os discursos afinados com o governo. Suas publicações mantiveram o tom elogioso à obra, ao escritor e a Getúlio Vargas; ao noticiarem a publicação da obra em francês reafirmaram a importância de sua leitura no exterior:

O lançamento da biografia de Paul Frischauer – Presidente Vargas – feito pela Companhia Editora Nacional é o comentário maior desta primeira quinzena de setembro. As comemorações de caráter cívico e militar da data do Brasil não flatou a expressiva e significativa beleza da consagração intelectual. Mereceu a individualidade mesma do eminente chefe da Nação. O homem-espírito, o homem-ideia, o homem-força, generosidade e bondade, que todo o Brasil se habitou a admirar e a cultuar. No, já vasto cenário, da vida política do Brasil, focalizado, vezes inúmeras, por acontecimentos da mais alta expressão histórica que enobrece e exaltaram as peregrinas virtudes dos seus homens públicos, dos seus grandes estadistas e guerreiros, a figura do presidente Vargas, tem algo de marcadamente singular. Porque ele, emergindo de um passado de pouco mais de um decênio, dá a impressão de ter carregado em si, por um verdadeiro milagre de predestinação, tudo o que o Brasil do passado, e o Brasil do presente e o Brasil de amanhã precisavam conter, na sua essência mais pura, para a completa realização dos grandes destinos que nos estavam reservados. Chegou a hora do Brasil, com o presidente Getúlio Vargas. E é essa hora, e é esse homem, que Paul Frischauer com uma sinceridade e uma franqueza que mais lhe recomendaram os objetivos da obra, procura fixar no seu livro – PRESIDENTE VARGAS.

São discutidas e geralmente discutíveis as biografias. Sobretudo as que focalizam vultos ainda em ação na atividade política, social, ou intelectual do mundo moderno. Equiparado sem favor, aos maiores biógrafos da atualidade, como Emil Ludwig e Stefan Zweig, Paul Frischauer, escritor de projeção e de psicólogo, deu-nos magnífica e magistral biografia do Presidente Vargas. É o livro do momento. O livro que toda a cidade comenta e que todo o Brasil comentará, dentro em breve. (“Toda a cidade comenta”, Revista FON-FON, p. 56, 18 de agosto de 1943). Nesta publicação da Revista FON-FON, há uma fotografia de Frischauer, com sua esposa, filha e baba; demonstrando que era destinada ao público feminino. “Um Portrait Sans Retouches – GETÚLIO VARGAS” – PAUL FRISCHAUER – Americ-Edit. – Rio.

A obra notável em que Paul Frischauer traçou de modo magistral, o perfil do Presidente Vargas, e cuja edição em língua portuguesa cedo se esgotou, acaba de ser

divulgada em francês, em excelente edição da Americ-Edit. O êxito da edição original ultrapassou a melhor expectativa. Paul Frischauer, um nome ilustre, mundialmente conhecido como o autor de expressivas e belas biografias, como “Ravaillae”, “Memórias de Madame Du Barry” e outras, teve oportunidade de no nosso país, onde agora reside focalizar uma das figuras de maior projeção no cenário político do continente americano e do mundo – o Presidente Vargas. A obra do eminente escritor teve uma repercussão mundial e, no Brasil, foi acolhida com particular interesse. Já nos referimos bastante à edição em nossa língua desse grande livro, cuja tradução em francês, bem feita e bem cuidada materialmente, hoje registamos com o melhor aplauso à feliz e oportuna iniciativa da Americ-Edit”. (FON-FON, 1944, p.2).

E em relação à recepção da obra de Frischauer nessas Revistas, percebemos que assim como alguns jornais, as revistas destinadas ao gênero feminino confirmavam as impressões literárias veiculadas nos jornais de grande circulação. Entretanto, nas revistas houve um maior espaço publicitário após o lançamento da obra em francês. Após as comparações entre as inúmeras publicações nos meios de comunicação sobre a obra *Getúlio Vargas: Biografia*, escrita por Paul Frischauer, constatamos que houve uma disputa de representações entre os principais grupos políticos, com nítido projeto memorialístico. Havia aqueles que no momento da chegada do biógrafo ao Brasil, esperavam enxergar em suas páginas as suas experiências refletidas, com uma expectativa de que ao se tornar pública contemplariam o apagamento dos rastros do passado getulista e seu esquecimento na memória política do país. Outros, compromissados com a herança política varguista e suas realizações lutaram para manter viva essa memória. Publicada, a obra proporcionou em torno de si, do autor, e do biografado inúmeros debates e interpretações, que ora revelavam simpatias, ora hostilidades. Essas interpretações permitiram que cada grupo fizesse suas leituras do passado, resignificando-o no presente e elaborarem suas expectativas de futuro (RÜSEN, 2001). No presente da publicação da obra havia um projeto de redefinição da memória do governo Vargas, marcado principalmente pela entrada do Brasil na Guerra ao lado dos Estados Unidos. Externamente os olhos do mundo foram colocados sobre o emblemático governo Vargas que adotava práticas de uma cultura fascista no governo, no entanto, entrou na Guerra ao lado dos países democráticos. O que promoveu uma intensa discussão interna sobre cultura fascista, no governo do Estado Novo e externamente sobre o possível apóio do presidente à Alemanha na Guerra. Era urgente a redefinição memorialística do governo Vargas. Para tal, a investida propagandista em torno de uma biografia que negasse a associação de Vargas com Hitler se fazia necessária. Portanto, ao privilegiar uma abordagem de vínculo com os norte-

americanos e com os ideais democráticos a narrativa biográfica afastaria as acusações que eram lançadas contra Vargas, exemplificada pela citação abaixo:

A Grã-Bretanha, abraçada varonilmente com o princípio da dignidade humana, de que a liberdade é uma das expressões mais fulgurantes, soube resistir às prepotências do nazismo. Alertados pelas arrogâncias ambiciosas de Hitler e Mussolini, os Estados Unidos da América do Norte saíram no seu isolamento, e entraram a marchar com passo firme, na direção de aliança com a Grã-Bretanha. Premidos pela necessidade de defender a sua própria sobrevivência os Estados Unidos tiveram que entrar na guerra. A nossa posição, por contingências geográficas e históricas superiores ao poder governamental do Sr. Getúlio Vargas, levou o Brasil a colocar-se ao lado da causa democrática. Vitoriosa esta, nestes últimos meses, renasceu, então no nosso meio, o prestígio e a autoridade das instituições democráticas, que o Império lançara sobre nós e a República de 1891 vinha aperfeiçoando paulatinamente. (Diário da Noite, 05/03/1945)

A Guerra proporcionou novas direções não só na política interna, mas também na externa do Brasil. O alinhamento com os ideais democráticos, e o apoio aos norte-americanos justificaria o interesse do mundo ao Brasil e a encomenda da biografia que seria traduzida para vários idiomas daria visibilidade a essa nova face. As expectativas política dos opositores de Vargas eram de que em 1942, com a entrada na Guerra e em 1945 com a vitória dos Aliados, Vargas estaria definitivamente fadado ao aniquilamento político e não mais voltaria ao poder. Com o processo de redemocratização e marcada as eleições a aposta era de que o Varguismo e sua herança seriam esquecidos. A UDN, no processo de campanha eleitoral, com Raul Fernandes em discurso em Barra do Piraí, divulgada no *Correio da Manhã* no dia 25 de junho de 1945, colocavam em cheque à própria escolha dos eleitores, em um discurso que se tornou corrente nesse período de que o “povo não sabia votar” (GOMES, 1996). A biografia escrita por Frischauer notabilizou Vargas como Presidente de história política enraizada no nacionalismo, no patriotismo e no bem-estar social. Propagou a formação de um Estado que sempre se relacionou com a sociedade, na defesa da democracia, mesmo adotando medidas centralizadoras. Foi uma peça memorialística e propagandística importantíssima, independente de quem a encomendou para que a experiência do passado varguista mantivesse a sua memória resguardada do esquecimento.

Em relação ao número de exemplares vendidos, e ou até mesmo publicados, conseguimos pouquíssimas informações sobre este assunto nas pesquisas realizadas para a escrita

dessa dissertação. No dia 09 de agosto de 1943, da *Gazeta de Notícias*, afirmou que a Companhia Editora Nacional editaria as publicações em português da obra, que também receberia publicações na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Argentina, Espanha, Suíça e Portugal. E ainda, que a editora brasileira abriria mão dos lucros da primeira edição para uma fundação para a concessão de bolsas a estudantes pobres: “O donativo da Companhia Editora Nacional representará uma elevada soma, uma vez que o “Presidente Vargas” vem sendo um dos livros de maior vendagem dos últimos tempos” (*Gazeta de Notícias*, 1943). E em 1951, Carlos Lacerda criticava a vinda de Paul Frischauer novamente ao Brasil. Nesta entrevista Lacerda afirmou que Paul Frischauer estava de volta ao Brasil por que havia: “gostado do rendimento do primeiro livro” (*Tribuna da Imprensa*, 1951). Outra pista sobre o número de cópias do livro foi concedida pelo próprio biógrafo. Em entrevista concedida ao *A Noite* disse que a editora responsável pelas edições dos seus livros tinha uma produção de cinco milhões de exemplares (*A NOITE*, 1944). Portanto, mesmo não possuindo os números dos exemplares publicados e nem sua vendagem, podemos afirmar pelas notas dos jornais que houve boa vendagem da obra.

CAPÍTULO II

PAUL FRISCHAUER: O biógrafo de Getúlio Vargas

2.1. PAUL FRISCHAUER: vida e obras

O Sr. Paul Frischauer é um nome literário de projeção mundial. Espírito de largos recursos, especializou-se, assim podemos dizer, no gênero biografia, no qual realizou algumas obras que lhe conferiram destaque entre os grandes escritores modernos. Suas biografias de “Beaumarchais”, de “Durer” ou de “Garibaldi” são justamente consideradas páginas de interesse e originalidade que colocam seu autor no mesmo e consagrado plano de Stefan Zweig e Emil Ludwig. Encontrando-se em Londres, exilado de sua pátria, Paul Frischauer recebeu de seus editores em língua inglesa a incumbência de escrever um livro sobre a personalidade do presidente Vargas, em torno do qual hoje se centra a curiosidade estrangeira. (“Um livro que será entregue ao Brasil amanhã”, *Diário da Noite*, 6/09/1943).

A nota do jornal *Diário da Noite*⁷⁶ é uma das apresentações públicas, no Brasil, do escritor Paul Frischauer, que também era historiador. Herdeiro de uma família de advogados e jornalistas. O pai Otto Frischauer (1863-1942), foi editor chefe do jornal berlinense *Neues Wiener Tagblatt* (1867-1945), de ideologia democrática alemã de inspiração liberal, antimarxista e antinacional-socialista. Esse periódico era um dos maiores jornais de circulação antes da anexação da Áustria, e combatia o domínio alemão reivindicando uma Áustria livre e independente. Após março de 1938 o diário passou a engrossar as fileiras da máquina de propaganda nazista. A mãe de Frischauer, Anna Klebinder Frischauer (1870-1942), era descendente da família Klebinder que eram proprietários do semanário *Wiener Sonn – und Montagszeitung* (1863–1936). A partir de 1867 esse semanário passou a ter duas publicações: uma aos domingos com enfoques em assuntos políticos; e outra às segundas-feiras com edições

⁷⁶ Vespertino carioca que circulou entre os anos de 1929 a 1961, fundado por Assis Chateaubriand, fazendo parte dos *Diários Associados*. Apoiou o movimento revolucionário de 1930 e por isso sofreu censura por parte do governo do presidente Washington Luís. Durante o governo Provisório de Vargas foi censurado devido às críticas contra o governo. Apoiou a Revolução Constitucionalista de 1932, e Chateaubriand recebeu ordem de deportação. Em 1937, voltou a apoiar o governo de Vargas. Em 1950 com o surgimento do periódico *Última Hora*, perdeu a preferência do público leitor e com isso iniciou constantes ataques contra Samuel Wainer e Getúlio Vargas (MOREIRA, s/d).

mais ligadas a análises econômicas. No entanto, ambos periódicos possuíam o mesmo nome para as duas publicações. Os pais de Frischauer foram levados para o campo de concentração nazista, provavelmente, tanto por terem ascendência judia quanto por questões políticas, uma vez que o campo de Theresienstadt, na Tchecoslováquia, onde foram executados, era utilizado na maioria das vezes para abrigar presos políticos, militares e judeus. Otto morreu em 4 de agosto de 1942, e Anna Frischauer em 22 de novembro do mesmo ano (PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997).

Sua primeira obra literária que encontrou repercussão nacional foi a peça teatral *Im Dunkeln (No Escuro)*, publicada e encenada no festival cultural em Viena em 1923. Em entrevista ao periódico *A Manhã*⁷⁷, em 21 de fevereiro de 1942, Frischauer afirmou que tal peça foi vencedora do concurso cultural na época. Fato que lhe deu oportunidade para atuar em outros trabalhos literários. Um exemplo disso foi a publicação da obra *Die geheimen Denkwürdigkeiten der Gräfin Dubarry (As Memórias Secretas da Condessa Dubarry)*, em 1924, pelas editoras: Paul Zsolnay Verlag, em Viena e Karl König Verlag, em Leipzig. Essa novela histórica foi traduzida para dezesseis idiomas. Em 1925, Frischauer escreveu *Dürer. Roman der deutschen Renaissance*, em Berlim, Viena; em 1926, *Ravallac oder die Ermordung eines Königs (Ravallac ou o assassinato de um rei.)*; e em 1929, *Das Herz im Ausverkauf (O coração em leilão)*, todas publicadas pelo editor Paul Zsolnay Verlag. Embora essas obras não tenham alcançado grande sucesso no mercado editorial, a década de 1920 foi extremamente profícua à Frischauer em relação à produção literária. O escritor ainda não havia estabelecido um único estilo literário, e ao escrever vários gêneros: novelas, memórias, romances e contos contribuiu para que fosse desqualificado em comparação aos demais escritores que possuíam um estilo definido no mercado editorial. Ademais, suas obras foram consideradas esteticamente como textos simples, sem profundidade nas análises, o que pode explicar porque alguns autores o classificaram como autor

⁷⁷ Os jornais aos poucos foram publicando informações sobre Frischauer, enaltecendo sua formação europeia e intelectual: “Embora não pertencesse a nobreza, Frischauer e seus irmãos estudaram em Theresianum, colégio fundado pela imperatriz Maria Tereza, destinado apenas aos filhos de nobres. Ao destratar os filhos do sultão Abdul Hamid foram obrigados a saírem da instituição. Em 1914, em decorrência da Primeira Guerra Mundial, apesar de possuir apenas dezesseis anos, alistou-se como voluntário na fronteira da Sérvia com a Rússia. Seu desempenho no *front* sérvio lhe proporcionou a promoção ao oficialato e a transferência para o *front* italiano, como observador de artilharia. Ao término da guerra, Frischauer iniciou seus estudos em História, em Viena” (A MANHÃ, 1942). Informações semelhantes foram novamente editadas no *A Noite*: “A despeito de ser filho de um advogado que cuidava da jurisprudência da Corte e militava em casos de interesse da Coroa Imperial, e de jornalistas, Frischauer não ficou incólume às dificuldades econômicas que a Europa e, sobretudo, a Áustria atravessaram no pós-guerra (1914-1918). Para manter seus estudos em História desenvolveu inúmeras atividades, tais como: repórter *free-lance*, plantonista de redação, agente de câmbio em uma companhia de gás, e secretariou no departamento estrangeiro de um banco” (A Noite, 1943). Essas veiculações acabam por construir um imaginário a cerca do autor da biografia.

de segunda categoria: “Frischauer pertence àquele grupo de historiadores classificados de forma pejorativa ao segundo ou terceiro escalão. No campo literário ocupou seu lugar entre os autores de romances históricos” (KESTLER, 2003, p. 100). Apesar dessa crítica é oportuno acrescentar que a autora não deixa claro quais são os critérios utilizados para tal classificação.

Em contrapartida, Prutsch e Zeyringer se opõem a esta categorização de Kestler ao expor que a especificação jocosa atribuída a Frischauer está mais relacionada às questões de recepção das obras de autores já canônicos, do que da análise dos textos escritos por Frischauer. Essas historiadoras propuseram que as críticas feitas às obras de Frischauer devessem focalizar um contexto específico, ou seja, o período entre guerras, visto que esse foi o período no qual Frischauer tornou-se um dos mais destacados escritores chegando a superar o já canônico Stefan Zweig, e até mesmo considerado por muitos literatos brasileiros⁷⁸, como por exemplo, Lima Figueiredo, como seu sucessor.

Acreditamos que a análise de Kestler (2003) esteja vinculada às disputas de imagem e de memória ocorridas após o período de redemocratização do Brasil. Nesse período os detratores do presidente passaram a atacar Frischauer em uma nítida tentativa de desqualificá-lo, principalmente, pelo fato de ter escrito a biografia sobre o presidente Vargas. Kestler desqualificou tanto as obras de Frischauer, quanto o tipo de escrita desenvolvida pelo mesmo. A autora chega a caracterizá-lo como: “um escritor pouco talentoso e [...] um oportunista” (2003, p. 103). Essa interpretação elaborada pela autora nos leva a crer que a pesquisa desenvolvida por ela, durante todo o período de imigração dos escritores de fala alemã que vieram para o Brasil no decorrer da Segunda Guerra, privilegiou autores já consagrados como Stefan Zweig e depreciou autores em início de carreira como Frischauer. Por hora, ressaltamos que nos aproximamos um pouco mais das análises feitas por Prutsch e Zeyringer (1997), pois também concordamos que as obras de Frischauer devem ser analisadas dentro de um contexto histórico específico.

De acordo com as informações pesquisadas no Catálogo da Biblioteca Nacional da Alemanha, as obras acima citadas foram lançadas, primeiramente, no *Neues Wiener Tagblatt*,

⁷⁸ O periódico a *Gazeta de Notícias* em uma reportagem intitulada: *O Grande êxito da obra de Paul Frischauer* veiculada no dia 19/09/1943. p. 10; e o *Diário da Noite*, em *Um livro que será entregue amanhã*, do dia 06/07/1943; O *Dia* em *Um Livro Oportuno* em 26/11/1943; e no *Correio da Manhã*, em matérias vinculadas nos dias 01/09/1943: *A verdadeira Biografia* e em 09/07/1943, *Literatura da Áustria*, faziam tais sugestões, que Frischauer era o sucessor literário de Zweig.

jornal ligado ao núcleo familiar de Frischauer, todavia, o fato dele ter lançado essas obras permitiu o contato com demais literatos da época. Assim, foram abertas as portas do mundo editorial fora do domínio familiar, consequentemente, suas obras foram lançadas, posteriormente, por Zsolnay Verlag, a principal editora de suas obras na década de 1920. Dentre as obras desse período a que recebeu maior aceitação do público leitor foi *Dürer*, publicada pela primeira vez em 1936, em 1968 foi publicada novamente pela mesma editora, e em 1970 pela editora Life Novel, e reeditado no mesmo ano por Gutersloh: Kennikat.

Em 27 de novembro de 1931, Frischauer escreveu um ensaio publicado no jornal *Berliner Tageblatt*, em homenagem a comemoração do quinquagésimo aniversário Stefan Zweig, intitulado *Stefan Zweig zum fünfzigsten Geburtstag* (REHDER, 2015). Esse ensaio demonstrou a crescente popularidade alcançada pelo biógrafo no círculo dos escritores austríacos exilados. O reconhecimento internacional veio com *Prinz Eugen*, publicado pela Zsolnay Verlag, em 1933, em Berlim⁷⁹. Já as obras *Dürer* e *Prinz Eugen* marcaram o estilo literário de Frischauer na década de 1930, que foram o romance e a biografia histórica. A carreira desse escritor seria distinguida com a manifestação no PEN Club austríaco na reunião do PEN Club Internacional.

Em Ragusa (hoje Dubrovnik) realizou-se o XI Congresso Internacional do PEN Club, entre os dias 26 a 28 de maio de 1933, no qual os inúmeros PEN Clubes associados ao PEN Internacional enviaram suas delegações. Na ocasião alguns escritores austríacos associados dentre eles: Paul Frischauer, Raoul Auerheimer e Robert Neumann, Theodor Csokor, Gina Kaus, Ernst Lissauer, Emil Ludwig, Friedrich Torberg entre outros, protestaram contra a queima de livros que ocorreu em várias cidades de língua alemã, no dia 10 de maio daquele ano. Outros admiradores ao ideal nacional-socialista se mantiveram numa posição de simpatia a essa ideologia negando-se a participarem da manifestação, e integraram a *RSK-Reichschriftumskamme (Instituição Cultural, controlada pelo III Reich)*. Diante disso passaram a ser os únicos que poderiam exercer a profissão de escritor e a ter o direito de publicar suas obras, esses posicionamentos evidenciaram uma divisão dentro do PEN Club austríaco. Muitos desses

⁷⁹ Na década de 1930, Frischauer participou de uma exposição na Áustria em homenagem ao Príncipe Eugênio, e expôs o livro biográfico: *Prinz Eugen: Ein Mensch und hundert Jahre Geschichte (Wien 1933)* ou simplesmente *Prinz Eugen*. Esse livro foi muito divulgado na imprensa, nos jornais: *Neues Wiener Journal*, Nº. 14.127 vom 19.3.1933; *Neue Freie Presse*, Nº. 24.665; *Günther Probst* em 13 de outubro de 1933 um jornal austríaco militar. Nesses jornais a publicidade do livro ocupava a página inteira. Foi muito elogiado e discutido pelo público leitor. A obra *Prinz Eugen* foi também publicada em 1934, pelas editoras: Bornnier em Stockholm; Attinger em Paris; Gollancz em London; e em 1973 pela editora Amalthea-Verlag, em Wien, München (Viena - Munique); e editora Bertelsmann em Gütersloh.

autores devido a contestações passaram a compor a *Lista Negra* ou *Lista de Literatura Ofensiva e Indesejada* (*Liste Schädlichen und unerwünschten Schrifttums*) e os nomes presentes na lista foram associados aos inimigos do Estado alemão. Em 15 de março de 1938, a Áustria foi invadida pelos alemães e anexada ao III *Reich* (*Anschluss*), esse acontecimento marcaria definitivamente a trajetória de muitos escritores austríacos inclusive a de Paul Frischauer. Com a anexação da Áustria, o PEN Club austríaco foi dissolvido, muitos arquivos e documentos históricos foram confiscados e destruídos.

A atitude dos escritores foi considerada uma declaração aberta contra o nazismo, o que obrigou muitos a saírem da Áustria e buscarem proteção em outros países. Os destinos mais procurados pelos refugiados austríacos eram os Estados Unidos e a Inglaterra. Muitos escritores alemães e austríacos foram mantidos pelo PEN Club de Londres que providenciaram sustento econômico e exílio político (PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997). Essa intervenção pode ter sido criada por influência da missiva enviada por Frischauer ao PEN Club Internacional. As dificuldades enfrentadas pelos refugiados da guerra e do nazismo traziam muitos problemas para os que dependiam de auxílio para sobrevivência. Em 16 de junho de 1938, o secretário geral de PEN Club divulgou uma carta em resposta às preocupações de Frischauer sobre os escritores austríacos:

O PEN.

Uma Associação Mundial de Escritores

16 de junho de 1938.

Caro Membro-Companheiro,

devido à mudança do governo na Áustria a posição de muitos autores austríacos, membros da PEN, e outros, ficou extremamente precários. Por razões políticas, raciais, ou religiosas estão desfavorecidos com o regime presente e muitos deles foram desprovidos de meio, de ganhar a sobrevivência. Alguns dos mais distintos dentre eles estão presos; outros suicidaram; outros foram reduzidos a uma extrema pobreza. O Sr. Paul Frischauer, apelando em um recente jantar da PEN, disse:

“Eu deixo por conta da sua imaginação, visualizar o destino daqueles que não tem mais nenhum editor para editar os seus livros, teatros para realizar suas peças. Não é mais só pela fome que eles são vitimados. A falta de todas as perspectivas para o futuro deve secar suas memórias... Podemos ajudá-los a esperar por uma transição para uma nova vida?”

O centro de Londres da PEN, está começando um fundo para prover hospitalidade temporária para tais escritores austríacos, e vocês estão convidados para enviar uma doação, contudo pequena, para ajudar a melhorar a situação que seus colegas se encontram. As remessas devem ser feitas pagáveis ao tesouro honorário, ao fundo dos escritores austríacos do PEN, e enviado ao endereço acima.

ATENCIOSAMENTE: Hermon Ould, Secretário geral. (OULD, 1938. In: PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997, p. 336; Tradução nossa).

Ao afirmar que o PEN Club Internacional estaria começando um fundo para o provimento de auxílio aos escritores austríacos, o secretário conclama todos os associados a enviarem auxílio financeiro. É possível que tal atitude tenha sido influenciada pela missiva, que além de requerer ajuda a todos os escritores austríacos pode ter sido escrita legislando em causa própria. Ademais, com a dicotomia evidenciada no PEN Club austríaco e sua consequente cisão ocorrida em 1933, e o posicionamento de Paul Frischauer contra a queima dos livros, seu nome passou a compor a lista de autores proibidos na Alemanha e seus livros também não poderiam mais ser editados nos territórios dominados pelos nazistas (CARNEIRO, 1996). Essa restrição, provavelmente, causou-lhe algumas privações. Diferentemente, de outros refugiados, Frischauer não saiu às pressas e não teve seus bens confiscados pelo III *Reich*⁸⁰. Ao requerer o socorro dos dirigentes do PEN Internacional, por meio da carta enviada, lembraria que muitos, inclusive ele, estavam sem editora e privados de recursos. A missiva colocou o escritor em evidência, e mesmo em um momento de crise, devido à guerra, sua carta lhe garantiu uma visibilidade no PEN Club Internacional. Assim, um autor ainda pouco conhecido tem seu nome divulgado em todos os lugares onde existia filiais da associação.

Após o término da guerra, em 1947, a associação austríaca foi reconstituída. Para a integração ao PEN Internacional houve a imposição de que o PEN austríaco devesse fundamentar seus princípios em uma posição antinazista, o que inicialmente foi prontamente atendido. Porém, aos poucos a aceitação de alguns escritores simpatizantes à ideologia nazista, e a disposição política e estética conservadora foram distanciando-os dos demais PEN Clubes. A simpatia de alguns escritores do PEN austríaco em 1933 e, posteriormente, em 1947 pode ajudar a explicar os obstáculos e a rejeição de escritores austríacos e alemães no pós-guerra.

Em 1934, Frischauer emigrou para a Inglaterra. Trabalhou na BBC - *British Broadcasting Corporation* (*Corporação Britânica de Radiodifusão*), como consultor de língua estrangeira, principalmente, de alemão para o inglês. Em abril de 1938 faria a introdução em inglês do livro de Eugene Lenhoff, antigo editor do *Vienna Telegraph*, *The last five hours of*

⁸⁰ A grande maioria dos autores que estavam na Lista Negra de autores, na Alemanha, tiveram seus bens confiscados e muitos foram presos, executados ou exilados. Diferente desses escritores, Paul Frischauer, pode ter recebido informações do irmão Willi Frischauer, que já se encontrava em Londres, de que a Áustria seria invadida, diante de tais informações o autor conseguiu fugir com os bens monetários que possuía (PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997).

Austria (As últimas semanas da Áustria independente), além de traduzir o texto do alemão para o inglês, o livro foi impresso nos Estados Unidos. O livro de Lenhoff avalia as tensões ocorridas na Áustria momentos antes da invasão alemã. A análise ficou centrada na atuação do chanceler austríaco Engelbert Dollfuss que em 1933 fechou o Parlamento austríaco. Essa atitude ao mesmo tempo proibiu a tomada de poder na Áustria pelo Partido Nazista e justificaria a implantação de um governo ditatorial fato que, provavelmente, explicaria o atentado em 1934, que resultou no assassinato do chanceler pelos alemães. Na introdução escrita no livro de Lenhoff, Frischauer afirmava que as atitudes de Dollfuss, embora antidemocráticas fossem necessárias, pois havia fortes indícios de que se as eleições fossem realizadas no Parlamento austríaco a facção conservadora vinculada aos nazistas venceria as eleições e a Áustria passaria a ser governada pelos nazistas. As semelhanças de atitudes de Dollfuss e Vargas serão os argumentos futuros utilizados por Frischauer para justificar a implantação do Estado Novo no Brasil, já afirmando na introdução do livro biográfico sobre Getúlio Vargas como uma necessidade político-estratégica na batalha contra o nazismo (PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997).

A introdução ao livro de Lenhoff não foi o único ensaio político e literário escrito por Paul Frischauer, quando estava no exílio inglês. Em 1935, George Bernhard o antigo redator chefe do jornal *Vossischen Zeitung*, fundou o jornal parisiense *Folha do Exílio (Exilblatt Pariser Tageszeitung)*, dentro do qual além de publicar artigos políticos, Frischauer conseguiu algumas tiragens de *Beaumarchais*⁸¹. Esse livro foi publicado, mais tarde, em New York, no ano de 1935, pela editora Viking; e em 1936, em Londres, pela editora Nicholson and Watson. De 1938 a 1940, Frischauer participou de uma edição especial escrevendo em inglês para um dos mais importantes jornais de Paris, o *Exílio de Paris*, no qual passou a escrever semanalmente uma revista intitulada o *Die Zukunft (No Futuro)*.

O semanário editado na França por Willi Münzenberg ambicionava unir todos os imigrantes expatriados contra as ações do nazismo (KESTLER, 2003). Frischauer participou da primeira edição da *Revista* juntamente com Ludwig Marcuse, Fritz von Unruh, Stefan Zweig, Alfred Döblin, Arnold Zweig, René Schickele e Emil Ludwig, como também da edição especial publicada no dia 12 de outubro de 1938, sob o título *Ein neues Deutschland: Ein neues Europa! (Uma nova Alemanha: Uma nova Europa!)*. No artigo com o título *Historische Analogie*

⁸¹ O livro *Beaumarchais* foi escrito em inglês e mais tarde foi traduzido para o português e foi publicado em 1942 na cidade de São Paulo pela editora Companhia Editora Nacional. Em 1961, em Hamburgo: editora Rütten & Loeming; em 1964 em Gütersloh: editora Bertelsmann; em 1970 Port Washington: Kennikat Press.

(*Analogia Histórica*), Frischauer analisou a atuação dos Habsburg na Áustria e sua resistência aos alemães. No dia 25 de novembro foi publicado outro artigo: *Die Anfänger der Barbarei* (*Os primórdios da Barbárie*), cuja temática prevenia sobre os perigos das perseguições e a crescente propaganda nazista, que alastrava o ódio contra os judeus e alertava para a necessidade do rompimento do silêncio do mundo contra essas atrocidades. O endereço da edição de novembro correspondia ao endereço de residência de Frischauer: Escritório de Londres, Palácio Portão 33, Londres W. 8 (nº 7). Nessa edição especial constam também publicações de escritores britânicos, austríacos e alemães, dentre eles Sigmund Freud, Arthur Koestler e Thomas Mann (PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997).

Foi também na Inglaterra que Frischauer tornou-se presidente honorário do *United Correspondents*, uma associação de jornais internacionais que forneciam colaboração a oitocentos e sessenta jornais e revistas de todo o mundo, todos eles unidos contra o avanço do nacional-socialismo na Europa. Responsável pela direção dos *United Correspondents* veio a se tornar editor e autor de inúmeros artigos, escritos sempre com o intuito de chamar a atenção para o risco de disseminação dos regimes totalitários. Nos arquivos do *Joint Broadcasting Committee* (*Comissão Mista de Radiodifusão*) ou JBC, órgão responsável por todos os tipos de radiodifusão, consta correspondência de Frischauer, indicando ligações entre os dois. Esse departamento era uma subdivisão do MI 6, do *Serviço Secreto Britânico*, que era responsável pelas transmissões secretas de rádios, e do MI 5, do *Serviço de Inteligência de Segurança Imperial*, subordinados ao Ministério das Relações Exteriores, o qual coordenava as espionagens, interceptando sinais de comunicações dos rádios alemães. Em 1939, esse Ministério criou o *Ministério de Informações* (MOI) responsável pela propaganda do governo inglês no início da guerra para o Reino Unido e países neutros e amigos. De acordo com Prutsch e Zeyringer (1997), Frischauer faria parte do MI 5, sendo responsável pela espionagem das transmissões das rádios alemãs, sobretudo, para traduzir os discursos de Hitler e interceptar as possíveis comunicações da Gestapo⁸² e SS⁸³ com as demais redes de poder nazista. Atuava para o MOI também na produção de propagandas em prol da Inglaterra.

No Brasil, a responsável por traduzir e difundir os programas ingleses era Sylvia Regis de Oliveira, filha de embaixador brasileiro na Inglaterra, Raul Regis de Oliveira. Após a entrada

⁸² Em alemão de *Geheime Staatspolizei*, significa Polícia Secreta do Estado.

⁸³ *Schutzstaffel*, significa Tropa de Proteção, força paramilitar criado por Hitler para proteção pessoal e do Partido Nazista.

da Grã-Bretanha no conflito houve uma reformulação nos programas de publicidade, principalmente, aqueles que eram destinados aos países considerados hostis, isto é, aqueles que eram identificados com a abreviação de “EH”. A programação deveria ser diferenciada a esses países e estar subordinada ao Ministério das Relações Exteriores e ao MOI⁸⁴. Além das propagandas difundidas, inicialmente, foram veiculadas também outro tipo de publicidade que ficou conhecida como *Grã-Bretanha em Imagens*. Na série foram produzidos 63 livros ricamente ilustrados; e na música, a JBC editou um livro sobre música na Inglaterra. Esses estilos de propaganda visavam difundir um cancionário popular e fixar o patriotismo inglês de sua longa história. Essas informações se encontram em arquivos chamados Arquivos Secretos vinculados ao Ministério das Relações Exteriores e a *United Correspondents*, são considerados documentos ultrassecretos e indisponíveis até 2017 e só serão colocados à disposição para a pesquisa pública após o fim desse período. (PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997).

A participação de Paul Frischauer nesta rede de contatos pode ter influenciado o mercado editorial para os seus trabalhos. Em 1937 o livro *Great Lord, (O Grande Senhor)* foi publicado pelas editoras Cassel, em Londres e Randon House, em New York, sendo publicado no mesmo ano por essa última. Em 1938, *England's years of danger*, foi publicado também pela Cassel e Oxford, de Nova York. Já no Brasil, foi publicada com o título *Os Anos Perigosos da Inglaterra*, pela editora A Noite, e em 1943, foi extremamente divulgada pela imprensa brasileira. A biografia de *Garibaldi, hero of two worlds*, foi publicada em 1935 em Londres, pela editora Nicholson and Watson, e em 1936, pela Grasset de Paris, e pela Vecchi do Rio de Janeiro, em 1941, com o título de *Garibaldi, Herói de dois mundos*, conforme dados da Biblioteca Nacional da Alemanha.

⁸⁴ A publicidade atuaria em diferentes áreas, como na produção de filmes, discos e shows, cujo objetivo era criar e difundir ideários favoráveis à democracia e ao espírito patriótico dos britânicos e em seus domínios. Esses programas semanais e com duração de quinze minutos seriam elaborados com o auxílio da BBC e JBC, que passaram ao controle da Divisão de Relações de Rádio e Comunicação do MOI. Os produtos elaborados eram exportados para os países europeus, Oriente Médio, América Latina e Brasil.

2.2. PAUL FRISCHAUER: recepção no Brasil

O contexto histórico no qual Paul Frischauer está inserido foi um período de grande instabilidade, no qual as fronteiras são rompidas, tornando as estruturas políticas e sociais insólitas, solapando antigas alianças, gerando pânico e desesperanças nos indivíduos. A instabilidade gerava insegurança e esta, por sua vez o desespero. Muitos refugiados eram constantemente assolados pelas notícias crescentes da expansão territorial do III *Reich*, e a demonização dos judeus produzia a busca cada vez maior de refúgio longe das fronteiras da Alemanha, fora da Europa, sobretudo, após a invasão nazista na França, em 1940, e uma eminente invasão da Inglaterra⁸⁵, levando esse país a modificar sua política em relação aos imigrantes (PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997).

Essas mudanças políticas no cenário interno inglês podem ter levado muitos exilados a desejarem sair da Inglaterra, principalmente, após o bombardeio de Coventry, cidade industrial inglesa em novembro de 1940. Nesse mesmo ano, Marica, Silba⁸⁶ e Paul Frischauer foram convidados pelo Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Regis de Oliveira, para emigrarem e passarem os próximos anos em solo brasileiro. Frischauer e sua família chegaram ao Brasil no dia 29 de dezembro de 1940 a bordo do cargueiro britânico Leighton, saindo de Liverpool. O artigo do jornal que anunciou a chegada de Frischauer relata que: “desembarcou aqui o historiador austríaco Paul Frischauer, membro da Academia de Letras de Viena e do Pen Club de Londres, e autor de mais de vinte livros versando sobre assuntos diversos e de atualidade, os quais foram editados em 14 idiomas diferentes” (Correio Paulistano, 1940, p.2). A aparição pública de Frischauer evidenciava suas credenciais, e mais tarde foi-lhe acrescido o ofício de escritor, título que iria acompanhá-lo em todo o período de permanência no Brasil. Para Getúlio Vargas, Frischauer seria lembrado como tal, pois no dia 29 de janeiro de 1942, assim se referiu a ele em seu *Diário*: “Recebi em audiência o **escritor** Frischauer” (VARGAS, 1995, p. 458, grifo nosso).

⁸⁵ Antes da entrada da Inglaterra na Guerra havia uma política de tolerância aos refugiados, no entanto, essa política alterou-se após a declaração de beligerância. Muitos imigrantes, principalmente, os austríacos passaram a ser identificados como “estrangeiros inimigos” e catalogados de acordo com critério de lealdade ao ideário inglês e divididos em três categorias: A B e C. Os que eram identificados com o grupo “A” passavam a ser considerados elementos de alto risco à segurança pública; os do grupo “B” a ter algumas restrições, como não poder viajar, não portarem armas, veículos e mapas; e os do grupo “C” eram considerados menos nocivos e não sofreram mudanças significativas no seu cotidiano (PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997).

⁸⁶ Marica e Silba Frischauer são respectivamente esposa e filha de Paul Frischauer.

No Brasil, Frischauer teve várias obras traduzidas para o português e escreveu a biografia de Getúlio Vargas. Abreu (2001) informou que a biografia sobre Vargas, escrita por Frischauer, recebeu traduções apenas para o francês e inglês. Já Kestler (2003) que a biografia recebeu traduções para francês e espanhol, e Carneiro (1996) apenas relata a escrita da biografia. Essas diferentes afirmações em relação à obra de Frischauer demonstram informações desencontradas, fato que dificultou os estudos acerca desse personagem histórico. Possivelmente, isso ocorreu por que as autoras acima citadas não se dedicaram a pesquisar, mais detidamente, sobre Frischauer como parte de seus objetos de estudos e, portanto, não tenham pesquisado, suficientemente, todas as traduções já feitas da biografia escrita por Frischauer sobre o presidente Vargas.

Para o governo britânico a vinda de Frischauer como biógrafo oficial⁸⁷ abriria a possibilidade de diálogo com o governo brasileiro, relação esta que estava abalada desde o incidente com os navios *Siqueira Campos* e *Bagé*, em 1940⁸⁸ (MOURA, 1987). Assim, Winston Churchill, por meio de seu Subsecretário dos Negócios Estrangeiros Lord Cranborne, permitiu a sua vinda ao Brasil, passando-lhe a incumbência de influenciar o presidente Getúlio Vargas em prol da campanha dos aliados, e ainda continuaria trabalhando para o *United Correspondents*, mantendo o governo inglês informado das ações do chefe da nação brasileira (PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997). Para os brasileiros a vinda de Paul Frischauer, inicialmente, era com o propósito de escrever uma biografia sobre Getúlio Vargas encomendada por duas editoras: a

⁸⁷ Os documentos analisados para essa dissertação de mestrado que indicam Frischauer como biógrafo oficial foram algumas correspondências entre o embaixador Raul Regis e Lourival Fontes, além de correspondência enviada por Frischauer para seu editor em Londres, para Alzira Vagas, Lourival Fontes e para Getúlio Vargas; o *Diário* de Vargas. Esses documentos atestam que Frischauer viria ao Brasil com o objetivo de escrever uma biografia autorizada sobre o presidente. Entretanto, nos jornais eram publicadas notícias sobre a escrita biográfica, mas afirmavam que a escrita era uma encomenda de editoras inglesas e americanas.

⁸⁸ Os incidentes a seguir descritos agravaram as relações diplomáticas entre os governos. O primeiro episódio envolveu o navio brasileiro *Siqueira Campos* que sofreu embargo da Inglaterra, impedido de continuar viagem, pois estava carregado de materiais bélicos vindos da Alemanha, só seguiu viagem depois de discussões diplomáticas. Outro navio *Buarque* teve em *Port of Spain* confisco de 70 volumes de material considerado suspeito. E ainda cruzadores ingleses retiraram do navio *Itapé*, que navegava a 18 milhas da costa brasileira, transportando passageiros entre dois portos nacionais, 22 cidadãos alemães. Um novo incidente envolveu os navios *Siqueira Campos* e *Bagé*, que conduziam materiais bélicos para o porto de Lisboa, e de lá o material seria transferido para o *Siqueira Campos*, que foi novamente embargado pela marinha inglesa. O incidente gerou conflitos diplomáticos internos e externos, a situação só foi resolvida com a mediação dos Estados Unidos (MOURA, 1980).

Random House de Nova York e a Cassel's da Inglaterra e para ministrar palestras no PEN Clube do Brasil⁸⁹:

Achando-se na casa, em visita a Academia, o escritor Paul Frischauer, membro do P.E.N. Clube de Londres e da Academia de Viena, designou o presidente o Sr. Cláudio de Souza para saudá-lo. O Sr. Cláudio de Souza, disse: “que o fazia com dupla satisfação, como acadêmico, e como presidente do P.E.N. Clube do Brasil, pois o Sr. Frischauer havia sido um dos membros mais eminentes da Academia de Viena e do centro austríaco daquela associação internacional, passando para o centro de Londres, após a ocupação da Áustria. De seus passaportes literários do P.E.N. Internacional consta que Paul Frischauer é erudito historiador, notável biógrafo e excelente romancista, estando seus livros publicados em dezesseis idiomas. Vai, agora, sair um deles em tradução portuguesa. Entre suas inúmeras obras destacam-se “Garibaldi”, “Beaumarchais”, “Prince Eugene”, “A great lord”, “England Year of danger”, “The crown of Austria” e outros. Suas crônicas eram distribuídas pelos centros dos “United Correspondentes”, que fornece colaboração a oitocentos jornais de todo o mundo e do qual é presidente honorário”.

O Sr. Frischauer, falando em português, agradeceu à Academia, ao seu presidente e ao seu orador a afabilidade com que o haviam recebido e saudado. Exaltou os sentimentos hospitaleiros dos nossos escritores e do povo em geral, sentimento que causa gratíssima impressão, num ambiente de paz e fraternidade, aos que vem da Europa em guerra, e que o trazia penhorado ao Brasil, pois aonde chegava logo por ele era recebido. (“Achando-se na casa, em visita a Academia, o escritor Paul Frischauer, membro do P.E.N. Clube de Londres e da Academia de Viena, designou o presidente o Sr. Cláudio de Souza para saudá-lo”, *Correio da Manhã*, 31/05/1941, p.5).

A encomenda pelas editoras estrangeiras foi extremamente divulgada pela imprensa nacional, como também as palestras ministradas no PEN Club. No entanto, nas pesquisas realizadas sobre Frischauer e nos documentos analisados não há nenhum rastro que possa ligá-lo ao governo Churchill. Nenhum documento brasileiro que selecionamos para análise nesta dissertação nos permitiu afirmar que ele tenha vindo com a missão de influenciar o presidente Vargas em relação ao seu apoio aos países aliados. Neste sentido, podemos levantar algumas hipóteses. Primeiro, se Frischauer recebeu tal investidura, provavelmente, seria uma missão secreta e de maneira nenhuma poderia ser divulgada, isso ajuda a explicar o silenciamento de tais informações. Segundo, a historiadora Prutsch e o literato Zeyringer (1997) consubstanciaram suas afirmações em documentos de fórum privado de correspondência particulares, em pesquisas na biblioteca da Alemanha e em entrevistas, e infelizmente não disponibilizaram tais documentos.

⁸⁹ O PEN Club do Brasil foi fundado por Cláudio de Souza, no dia 2 de abril de 1936, no Rio de Janeiro, vinculava seus ideais ao PEN Club Internacional. No dia 28 de outubro de 1924 assumiu a cadeira 29, segundo informações da própria Academia Brasileira de Letras.

Esses mesmos pesquisadores afiançam que após Frischauer chegar ao Brasil foi informado das mudanças ocorridas na Inglaterra, inclusive que o MOI ficaria subjugado ao Ministério das Relações Exteriores havendo mudanças nas prioridades de guerra, e que a BBC havia comprado a JBC e, conseqüentemente, alguns programas haviam sido extintos. Com essas mudanças seu nome não constava mais na lista de auxílio financeiro para a escrita da biografia de Vargas. A preocupação de Frischauer pode ser percebida a partir de uma carta enviada a Paul Zsolnay, pois o autor se esforça para pedir que o amigo procure mercado para o livro que estava escrevendo:

Minha viagem ao Brasil foi porque fui convidado pelo governo brasileiro para escrever a biografia autorizada do Presidente Vargas. Estou aqui há três meses e meio e estão ultrapassadas todas as minhas expectativas: o país é muito mais importante e fascinante do que previa e a pessoa do Dr. Vargas mais importante e complexa, sendo a política de maior alcance. Fiz contrato para o livro com Random House em N. York. São os editores de Roosevelt. A biografia de Vargas, inteiramente documentada, servirá de peça contrária às Memórias de Roosevelt! Para mim o livro é extremamente interessante, tanto histórico como artisticamente. Tenho acesso a todos os arquivos particulares e todos os documentos do Estado estão à minha disposição e o mais importante: a autorização é incondicional. Posso escrever como e o que quiser e é uma tarefa fascinante descrever a personalidade de Vargas. A história do mundo, em conflito com interesses privados, florestas virgens e conferências de tábua-redonda, desenvolvimentos industriais e exploração dentro de estrutura econômica internacional – tudo em cores tão ardentes e brilhantes, como somente podem ser nas cercanias do Equador. Estou ficando entusiasmado com ele e gostando do trabalho. Penso que você poderia querer colocar o livro, para mim, na Inglaterra. Nota – O Sr Paul Frischauer é historiador e membro do PEN Club de Londres (FRISCHAUER, 17/04/1941).

A carta foi interceptada por Filinto Müller e enviada a Benjamim Vargas. Não foi possível saber se Frischauer conseguiu mais tarde entrar em contato com Zsolnay, seu antigo editor, que era no momento chefe do Departamento Continental da Agência A. M. Heath & Co. Frischauer objetivava pedir auxílio e intermediação para que o livro biográfico de Getúlio Vargas fosse também apresentado a outras editoras, principalmente, em Londres. Isso justificaria a missiva, que tentava convencer o importante publicista incentivando-o na sua divulgação e possibilidade de rendimento, visto que o governo inglês já não iria enviar subsídios. A correspondência nos permite dizer que Frischauer estava preocupado com a divulgação do livro, se a obra fosse encomenda do governo brasileiro, por que o autor apresentaria tais preocupações? Segundo, se o biógrafo tinha autorização para escrever a biografia por que sua correspondência sofreu confisco? Na nota, Filinto Müller, identifica Frischauer como historiador e membro do

PEN Club e não como biógrafo oficial. Essas questões são importantes, devido principalmente as acusações que o biógrafo passará a sofrer após a publicação da obra.

Importante dizer que os jornais da época ressaltavam que a biografia era encomenda da Random House de Nova York, e da Cassel's da Inglaterra, e receberia tradução para vários idiomas. A representação pública de Frischauer nos meios de comunicação, reforçada a cada publicação nos jornais, demonstra a importância da construção social do biógrafo, no seio da sociedade intelectual brasileira. Ao ressaltarem sua imagem pessoal no cenário mundial, iria aos poucos legitimando a escrita da biografia de Vargas. Passo a passo a publicidade pessoal do autor legitimaria a própria escrita sobre o biografado. As expectativas do lançamento da biografia de Vargas foram construídas nas notas diárias lançadas sobre Frischauer:

Paul Frischauer é um nome sobejamente conhecido em todo o mundo, através dos magníficos trabalhos de Biografia, História, Ensaio e Comentário Político. “Prinz Eugen” (um homem e 100 anos de história), “Garibaldi” (O homem e a Nação), “Beaumarchais” (Um aventureiro no século das mulheres), “The Imperial Crown” (A Cora Imperial) e “England's years of danger” (Anos perigosos da Inglaterra), são obras biográficas e históricas que honram aquele que as assina.

Pois foi justamente a Paul Frischauer que a grande editora norte-americana “Random House”, escolheu para vir ao Brasil a fim de estudar e escrever a biografia autorizada do presidente Getúlio Vargas, além de outras obras sobre a história da República no Brasil e vários outros volumes de informações sobre o nosso país.

Paul Frischauer, que já se encontra nesta capital, acaba de receber um convite da Academia Brasileira de Letras para realizar uma conferência no “Petit Trianon”, a 8 de julho próximo, quando abordará o tema. A literatura austríaca depois da Grande Guerra. (“Quem é Paul Frischauer, que veio ao Brasil para escrever a biografia do Presidente Vargas”, *A Noite*, 28/06/1941, p. 3).

Além do jornal *A Noite*, inúmeros periódicos também noticiaram o recebimento do escritor austríaco na Academia Brasileira de Letras⁹⁰ e suas posteriores palestras na instituição, sempre com grande destaque para as credenciais de Paul Frischauer e demais palestrantes:

Realiza-se, hoje, no salão nobre da Academia Brasileira de Letras, às 6 horas e 15 min., a segunda conferência da série organizada pela diretoria, sob a denominação – “Panorama da literatura contemporânea (1914-1918 a 1941)”. Ocupará a tribuna o poeta,

⁹⁰ A Academia Brasileira de Letras (ABL) foi inaugurada em 20 de julho de 1897, no Rio de Janeiro. Composta por 40 membros efetivos e perpétuos, e 20 sócios correspondentes estrangeiros. Teve como primeiro presidente Machado de Assis.

filósofo e crítico polonês, Sr. Jan Lechor, que dissertará, em francês, sobre a literatura na Polônia. As próximas conferências, que se realizarão sempre às terças-feiras, serão feitas pelos escritores Fidelino de Figueiredo e Paul Frischauer, que tratarão, respectivamente, das literaturas de Portugal e da Áustria, no período determinado. Para essas conferências a entrada é franca. (“Academia Brasileira de Letras”, *Diário da Noite*, 24/06/ 1941, p. 4).

Nas veiculações de outros jornais as informações possuíam a mesma configuração, informando ao leitor o local, a hora e quem seriam os palestrantes. O autor austríaco apresentou um total de oito conferências, em sua grande maioria às terças-feiras. Os jornais frisavam que suas conferências eram proferidas em português⁹¹ e talvez por isso elas fossem muito bem frequentadas. A nota não deixa de ser curiosa, pois Frischauer se encontrava apenas há poucos meses no Brasil e já apresentava certa intimidade com o nosso idioma. Muitos jornais dedicavam alguns espaços para informações anteriores ao evento e comentários posteriores às suas realizações. Após a quarta palestra, o jornal *Correio da Manhã*⁹², referiu-se da seguinte forma ao autor:

A Academia Brasileira de Letras, na tarde de ontem, levou a efeito a sua quarta conferência da série “Panorama da literatura contemporânea (1914-1918 a 1941)”. Essa conferência versou sobre a literatura da Áustria e esteve a cargo do escritor austríaco Paul Frischauer. Teve-se uma palestra agradável, com várias passagens emocionantes quando o escritor recordava os tempos de terrível miséria e profunda angústia por que passou o seu país após a guerra. Foi uma conferência rica de evocações fortes de fatos impressionantes vividos muitos deles pelo próprio orador, e que por isso, se manteve

⁹¹ Em nossas pesquisas não conseguimos informações sobre como Frischauer aprendeu a falar o nosso idioma. Porém, como ele trabalhou com Sylvia Regis de Oliveira e teve contatos com o embaixador na Inglaterra deve ter aprendido com esses brasileiros. Frischauer veio para o Brasil em 1940, e desde 1936 começou a coletar informações sobre o país. Teve tempo necessário para se preparar para uma possível viagem ao Brasil.

⁹² Jornal fundado por Edmundo Bittencourt, no Rio de Janeiro, com publicações diárias com circulação entre os períodos de 1901 a 1974. Durante sua longa existência sempre procurou se apresentar como um jornal de opinião se colocando contra o poder oligárquico a favor dos grupos urbanos. Em agosto de 1924 a 1925 o periódico saiu de circulação por ter imprimido em sua gráfica o folheto clandestino *Cinco de Julho*. Em 1930 apoiou a Aliança Liberal, contra o governo de Washington Luís, o que resultou em censura no jornal. Na Revolução de 1930 apoiou Getúlio Vargas. Em 1932 com a Revolução Constitucionalista apoiou a causa paulista. No governo Provisório, acompanhou os andamentos da Assembleia Constituinte dentro e fora do plenário, com colunas específicas para noticiar os andamentos dos trabalhos. Em 1937, apoiou a candidatura de José América para a presidência da república. Em 1937 em consequência do Estado Novo e da posição do jornal foi colocado um censor *in loco*, controlando a edição do jornal. Em 1945, o jornal publicou uma entrevista de José Américo de Almeida nas páginas do periódico, e é considerado o ponto inicial ao fim da censura à imprensa imposta pelo governo Vargas. Em 1945 apoiou a candidatura de Eduardo Gomes contra o general Eurico Gaspar Dutra. Nas eleições de 1950 apoiou novamente Eduardo Gomes contra Getúlio Vargas, nesta época abandona o apartidarismo político e sai a campo em defesa aberta ao brigadeiro. No segundo governo Vargas, inicialmente, se opôs a criação da Petrobrás, mas após sua criação passou defendê-la como um patrimônio do povo brasileiro (LEAL, s/d).

com um colorido suave e algo triste, tão impregnado estava de saudade e de pesar. Diferiu a palestra, assim dos três anteriores em muitos aspectos. Manteve-se dentro de um quadro intensamente humano, distinta do tom de crônica atraente da primeira, a cargo do mês francês Fortunat Strowiski, da força crítica da segunda, pelo escritor Jan Lechon, da pujança profissional da terceira, pelo lusitano Fidelino de Figueiredo. O Sr. Frischauer, finamente apresentado em algumas palavras pelo Sr. Levi Carneiro, presidente da Academia, começou por apreciar o que constitui o espírito austríaco, em especial vienense. Foi feliz em curiosas comparações com o espírito carioca e esteve magnífico ao traçar as condições econômicas da Áustria após a conflagração. Depois analisou as mais notáveis figuras da literatura austríaca contemporânea. Schmitzler mereceu-lhe desenvolvido e justo estudo, tão notável é a figura desse mestre; a obra teve os seus méritos realçados e a sua significação evidenciada (“Literatura da Áustria”, *Correio da Manhã*, 9/06/1941, p. 11).

A nota do *Correio da Manhã* enalteceu as palestras e seus oradores, mas deixa muito bem marcado o diferencial da conferência de Paul Frischauer, a experiência da guerra, e como tal requeria para si o diferencial das demais: de testemunha dos horrores da guerra e de uma sensibilidade resultante dessa experiência. Nesse sentido, o testemunho de Frischauer o tornava alguém com legitimidade para não só escrever sobre os momentos vividos na guerra, mas também como alguém capaz de diferenciar as ações fascistas, onde quer que elas se apresentem. Portanto, a nota do jornal possui um importante indicador para a escrita da biografia. O autor da narrativa da vida do chefe da nação era alguém experimentado e que havia sofrido os percalços de um governo ditador e fascista. Teria por isso *knowhow*, para negar as acusações de fascistas que pesavam sobre Vargas.

2.3. PAUL FRISCHAUER: relações sociais no Brasil

Num dos salões da Embaixada do Brasil, o embaixador Regis de Oliveira palestrava com o escritor austríaco Paul Frischauer. Era no tempo em que a “Luftwaffe”, implacavelmente, todas as noites bombardeavam as Ilhas Britânicas. A palestra decorria animada. O assunto era a personalidade do Sr. Getúlio Vargas, Paul Frischauer lera uma coletânea de discursos do chefe da Nação. Fascinara-o a firmeza de propósito do Presidente. Dai nascera-lhe a ideia de fazer uma biografia do Sr. Getúlio Vargas. Uma “História da República do Brasil”, também. O embaixador Regis de Oliveira era o primeiro brasileiro a falar mais pormenorizadamente, ao escritor, do homem que atualmente, nos momentos talvez mais difíceis da história do mundo, dirige os destinos de uma nação de 40 milhões de habitantes. O ruído dos aparelhos era ouvido distintamente. E muito longe, o crepitar característico das metralhadoras antiaéreas, o estrondo mais forte dos tiros de canhões e das bombas. A pouco e pouco Londres, volta

à calma. Seus habitantes podem dormir novamente o sono reparador de um dia inteiro de trabalho. Os holofotes se apagam. O barulho cessa. A sirena anuncia, já agora, que o perigo se afasta. O embaixador Regis de Oliveira e Paul Frischauer voltam a falar no Sr. Getúlio Vargas. Uma encomenda de responsabilidade. O embaixador Regis de Oliveira avisara o interesse do escritor pela personalidade do chefe da Nação. É esse escritor poderoso, de múltiplos recursos, que cultiva o romance com tanto brilho como a biografia, que se encontra no Brasil, colhendo elementos para um estudo sobre a personalidade do Sr. Getúlio Vargas (“A Guerra atual será ganha pelo Brasil”, *O Globo*, 15/06/1941, p. 4).

O panorama da Guerra aparece novamente na nota do jornal. O período beligerante foi percebido pelo governo como de extrema importância para as mudanças estruturais na condução política do país, nesse período, percebeu-se a necessidade de redefinir a imagem do Brasil e de seu governante na esfera internacional. Frischauer e o ex-embaixador do Brasil na Inglaterra, Raul Regis, estão imersos em um cenário de caos. Ainda assim não é esse o assunto que os envolvem e sim o Brasil e seu presidente. A reportagem também evidencia que foi a partir dos diálogos entre o embaixador e o escritor que surgiu o interesse da escrita de uma biografia de Getúlio Vargas⁹³.

A nota do *O Globo*⁹⁴, também ressaltou a amizade entre o escritor e Raul Regis de Oliveira, que pode ter sido iniciada através de sua filha Sylvia Regis de Oliveira nos trabalhos da

⁹³ A questão levantada é importante, pois, de 1940 a 1943, até a sua publicação, as notas dos jornais afirmavam que Frischauer tinha vindo ao Brasil para escrever uma biografia sobre o presidente, mas de maneira alguma afirmavam que esta biografia era uma encomenda do DIP.

⁹⁴ Jornal fundado em 29 de junho de 1925, por Irineu Marinho, Hebert Moses e Justo de Moraes, no Rio de Janeiro. Mostrou-se sempre favorável à entrada do capital estrangeiro no Brasil, notadamente, o americano. Euricles de Matos passou a ser o secretário do jornal após a morte de Irineu Marinho. Na campanha da Aliança Liberal o periódico só assumiu a posição favorável à Vargas na fase final da campanha. E após a morte de João Pessoa passou a tratar o assassinato como questão política. Na Revolução de 1930 mesmo sobre censura denunciou os atos do governo de Washington Luís em prender alguns jornalistas e trabalhadores da imprensa. Apoiou a Revolução de 1930 e Getúlio Vargas, mas também o combateu ao exigir a constitucionalização do país. Em 1931 Roberto, Rogério e Ricardo Marinho assumiram a direção do jornal. Na Revolução Constitucionalista apoiaram São Paulo. Nas campanhas da Aliança Nacional Libertadora e da Ação Integralista Brasileira, e as ações do governo, o jornal manteve-se em alerta, destacando os problemas advindos do fortalecimento de um desses lados, mas ressaltando sobre o ‘perigo vermelho’. Em 1937 apoiou a candidatura de Armando Sales Oliveira contra José Américo de Almeida. Sofreu censura durante o Estado Novo. Apoiou a entrada do Brasil na Guerra ao lado dos Estados Unidos. No entanto, não criticou as relações crescentes entre Brasil e Eixo. Noticiou o teatro da guerra na Itália. Apoiou o processo de democratização divulgando insistentemente o Manifesto dos Mineiros em outubro de 1943. Em 1945 apoiou o brigadeiro Eduardo Gomes da UDN contra o general Eurico Gaspar Dutra do PSD e Iedo Fiúza, apoiado pelo PCB. Durante o governo de Dutra fez campanha aberta contra o PCB, pedindo inclusive sua ilegalidade e apoiou o rompimento das relações diplomáticas com a União Soviética. Na campanha de 1950 apoiou novamente Eduardo Gomes contra Getúlio Vargas, fazendo intensa campanha contra o governo anterior do candidato à eleição. No segundo governo de Vargas o jornal fez severas críticas às medidas nacionalistas, principalmente, quando se referia a criação da Petrobrás e chegou a encampar a campanha do impeachment proposta pela UDN contra Vargas (LEAL; MONTALVÃO, s/d).

BBC e JBC vinculados ao MOI. Amizade que Frischauer também quis enaltecer nas páginas da tradução para o francês da biografia⁹⁵. Além de estar ligado aos programas de propaganda do governo inglês o autor possuía biografias consagradas de personagens históricos e que tinham aceitação no mercado internacional, tais como: *Beaumarchais, Prince Eugene e Garibaldi*. Havia por parte do governo e do presidente Vargas o interesse na escrita de uma biografia por um escritor estrangeiro. Entretanto, na época o Brasil, mesmo em uma posição de neutralidade, acompanhava as políticas norte-americanas de contenção de entrada de imigrantes estrangeiros, notadamente, os de fala alemã, italiana, japonesa e de judeus no país (KESTLER, 2003). O salvo conduto exigido para entrar em território brasileiro foi concedido ao austríaco devido à intervenção do embaixador Raul Régis que escreve a Lourival Fontes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que além de conceder o visto de entrada, mais tarde intercedeu junto ao Ministro Francisco Campos para que o visto de turista de Paul Frischauer e sua família fossem transformados em visto de permanência, daí advém à gratidão do biógrafo, pois foi graças à intermediação do embaixador, que o autor obteve a permissão do visto para entrar no Brasil, com sua família:

O senhor Paul Frischauer , jornalista e escritor de renome, vem de transferir-se para o Brasil, no propósito de fazer a divulgação no exterior, através de seus conhecidos livros e artigos em jornais, das coisas e fatos do país. Dado o interesse que temos em cultivar a colaboração de elementos dessa categoria, em favor da propaganda do Brasil, - nos animamos a solicitar de Vossa Excelencia, suas providências no sentido de ser promovida a transformação de caráter temporário do Senhor Frischauer, e membros de sua família, para a situação de permanentes no país, visto que deverem permanecer por mais tempo que o concedido por turistas. Em relação anexa a este ofício se designam os nomes e características das pessoas em favor das quais pleiteamos de Vossa Excelência a referida transformação. Devo esclarecer que o senhor Frischauer foi recomendado a Sua Excelencia o Senhor Presidente da República pelo ex-Embaixador do Brasil em Londres, senhor Régis de Oliveira, - e , entre outros trabalhos, fará e edição, em diversos países estrangeiros dos discursos do Presidente Getúlio Vargas. Confiante em continuar merecendo a preciosa colaboração de Vossa Excelência, nos firmamos com alto apreço e distinta consideração (Lourival Fontes; In.PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997, p.337).

⁹⁵ Na tradução da Biografia para o francês, há uma menção ao embaixador: "A morte súbita e recente do Embaixador Raul Régis de Oliveira, priva-me do prazer de apresentar uma cópia deste livro. Lamento, porque foi ele quem me sugeriu escrever este livro e que foi ele que, para o efeito, tinha facilitado a minha visita ao Brasil. Quero, em segundo lugar, expressar a minha sincera gratidão ao Dr. Francisco de Paula Assis Figueiredo, que depois da minha chegada aqui, estava pronto, com muita boa vontade a prestar-me valiosa assistência, como sempre faz a todos aqueles que amam o Brasil" (FRISCHAUER, 1944, p. 383).

A carta de Lourival Fontes a Francisco de Paula Assis Figueiredo que na época era prefeito da cidade de Poços de Caldas, também interveio para que o visto de turista de Paul Frischauer e de sua família fossem convertidos em visto de permanência. As intercessões foram bem-sucedidas, pois em setembro de 1941 o visto de permanência foi emitido pelo Ministério da Justiça. A resolução era algo incomum, já que a exigência para que o visto fosse transformado de provisório para permanente era de no mínimo três anos de residência ininterrupta no país. Esse favorecimento foi criticado mais tarde por Carlos Lacerda⁹⁶.

Ao aceitar a incumbência de escrever a biografia sobre o chefe da nação brasileira, Frischauer antes de sair da Inglaterra rumo ao Brasil impôs a condição da permissão da entrada dos documentos adquiridos sobre o governo brasileiro na Inglaterra, e que lhe fosse garantido pesquisas sem a intervenção dos censores administrativos, como também liberdade para a escrita da biografia (PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997). A exigência é compreensível, pois na época existiam sérias restrições à livre circulação dos imigrantes, todos precisavam portar permissão da polícia para transitar no país e estarem com a carteira de identificação, isto é, documentos que continham todos os dados do imigrante: nome; nomes dos pais; do navio que o transportou ao Brasil; cor da pele; dos olhos e nacionalidade. Além de terem de estar com os vistos em dia, caso contrário, seriam obrigados a saírem do país (CARNEIRO, 1996). Essas exigências foram agravadas por questões ligadas à própria política de censura no Brasil. A interceptação da correspondência de Paul Frischauer para Paul Zsolnay demonstra que embora pudesse ter certa liberdade de pesquisa e de trânsito não ficou incólume à censura do governo.

Frischauer transitou no meio intelectual no Brasil, sendo seu principal núcleo a Academia Brasileira de Letras e o PEN Club do Brasil. Tinha bons relacionamentos sociais e atividades culturais. Em homenagens oferecidas aos jornalistas estrangeiros que cobriam a reunião da Conferência dos Chanceleres em 1942, tais jornalistas receberam um jantar no Cassino da Urca, Frischauer estava presente. Na ocasião foi apresentado um show para os convidados com a apresentação da marcha de Antônio Nássara e Erastótenes Frazão: “*Sabemos Lutar*”, interpretado por Francisco Alves. A música recebeu versões em espanhol pelo teatrólogo

⁹⁶ A crítica feita por Carlos Lacerda dizia respeito ao fato de que Frischauer fora favorecido pela naturalização a um escritor estrangeiro, sem que este tivesse cumprido as exigências legais para tal. Para Lacerda o favorecimento era devido a ligação entre o “bajulador” Frischauer e o auto comando do governo (Tribuna da Imprensa, 1945).

R. Magalhães Junior⁹⁷ e em inglês por Frischauer. Foi amplamente divulgado pelo *Diário de Notícias*⁹⁸. A ocasião foi mais uma oportunidade do governo para demonstrar publicamente o alinhamento com a causa americana. Frischauer era cortejado pela intelectualidade e possuía livre trânsito também no círculo da imprensa:

Paul Frischauer – Fez anos ontem o nosso colaborador de renome internacional e que ora está radicado no Brasil. Autor de livros de história, de romances e outros trabalhos, que, traduzidos em várias línguas, lhe grangearam prestigiosa notoriedade nos círculos de intelectuais da Europa e da América. Paul Frischauer está ultimando a biografia do presidente Vargas, o livro em torno de cujo aparecimento existe vivíssimo interesse aos meios literários e políticos do Continente. O ilustre biógrafo, historiador e romancista, que já soube conquistar profundas simpatias no seio da intelectualidade brasileira, recebeu ontem expressivas homenagens dos seus numerosos amigos e admiradores (“Aniversários”, *A Noite*, 26/05/1942).

A amizade com Lourival Fontes lhe abriu inúmeras portas, sobretudo, no mercado editorial no Brasil. O livro *Os Anos Perigosos da Inglaterra, O Drama Documentário da Guerra Mundial de 1792-1815* foi traduzido e publicado no dia 02 de setembro de 1943. Tal livro foi

⁹⁷ Raimundo Magalhães Júnior era membro da Academia Brasileira de Letras, ocupante da cadeira 34, jornalista, biógrafo e teatrólogo. Na imprensa do Rio foi secretário de *A Noite Ilustrada*, colaborou na fundação do *Diário de Notícias*, diretor das revistas *Carioca*, *Vamos Ler* e *Revista da Semana* e redator de *A Noite* em 1930. Atuou como correspondente Internacional e trabalhou com Nelson Rockefeller entre 1942-1944, como assistente; colaborou no *The New York Times*, *Pan-American-Magazine* e *Theatre Arts*. Contribuiu para a redação da revista *Brazilian-American*. <http://www.academia.org.br>.

⁹⁸ Fundado por Orlando Dantas, no Rio de Janeiro, em 12 de junho de 1930, circulando até 1974. Nóbrega da Cunha e Figueiredo Pimentel havia composto o quadro de funcionários de *O Jornal*. Desde o início de sua fundação o periódico se colocou contra os grupos oligárquicos, se posicionaram a favor da campanha da Aliança Liberal, e acompanharam o movimento Revolucionário de 1930. Apoiavam os princípios do liberalismo, mas, também as leis trabalhistas, exigindo ainda a criação de legislação social que garantisse direitos aos trabalhadores. Eram simpatizantes do tenentismo. Passaram a exigir a reconstitucionalização do Brasil, apoiando a Revolução Constitucionalista de 1932. Foi censurado pelo governo Vargas, e com isso o jornal passou a ser um opositor declarado de seu governo, e desde esta época insistia em chamar o governo de Vargas de ‘ditador’. Considerou-se o primeiro jornal a exigir a reconstitucionalização do Brasil. Foi contra a candidatura de Vargas em 1934 e apoiou Borges de Medeiros na disputa pela presidência da República. Diante dos confrontos entre a Aliança Nacional Libertadora e a Ação Integralista Brasileira, o jornal alertava para o perigo de Vargas utilizar essas ameaças e como justificativa para dar um golpe contra a ordem democrática. Na campanha eleitoral de 1938 apoiou Armando Sales contra José Américo. Com o Estado Novo, Orlando Dantas foi preso, e o jornal sofreu censura direta dos funcionários do DIP em seu parque gráfico. Tentando burlar a censura, publicava os discursos de Vargas e ações de seu governo, neste período deu ênfase a cobertura aos assuntos internacionais. Tornou-se o principal jornal de oposição a Vargas. Na Guerra apoiou os Estados Unidos. Lutou pela redemocratização do Brasil e nas campanhas eleitorais apoiou Eduardo Gomes, convocando os eleitores: *Votai em Eduardo Gomes!* No novo governo Vargas fez feroz oposição. Apoiou incondicionalmente a tentativa de Carlos Lacerda de impedir a diplomação de Getúlio Vargas. Mesmo após a morte de Orlando Dantas, o jornal manteve-se oposicionista a Vargas. Após as investigações da Rua Tonelero, o jornal lança um editorial ‘O protetor dos criminosos’, exigindo a renúncia de Vargas. Mantiveram-se como oposição aos governos considerados herdeiros do Varguismo (FERREIRA, s/d).

veiculado no jornal *A Manhã* (1943), de fevereiro a junho, todos os capítulos foram expostos nas páginas do periódico. Apenas alguns dias antes da divulgação nacional da biografia sobre Vargas. A versão portuguesa do livro: *Os Anos Perigosos da Inglaterra*⁹⁹, contou com um comentário do importante colaborador do Estado, que de forma lisonjeira recomenda a leitura do livro enaltecendo não só a escrita do ilustre escritor, como seu conteúdo¹⁰⁰. Lourival Fontes ressaltou que Frischauer era analista político e escritor de renome universal. Importantes credenciais que acompanhariam o biógrafo por toda sua trajetória no Brasil, construção essa que foi elaborada pelos jornais da época. A própria publicação do livro, cinco dias antes da biografia de Getúlio Vargas, indicava uma estratégia de *marketing* e proveito simultâneo, os dois livros eram apresentados lado a lado nas livrarias da época.

O livro *Garibaldi, Herói de Dois Mundos*, foi traduzido por Eloy Pontes, publicado pela editora Vecchi, em 1941. Pontes era um importante crítico literário, escritor de romances, biógrafo e jornalista, participava de uma coluna no *O Globo* identificado apenas com as siglas de seu nome: E. P., e também redator de *A Noite* (Correio Paulistano, 1934). Possivelmente foi nesse ambiente que se conheceram, pois Frischauer também publicou alguns artigos nesse periódico. No dia 15 de outubro de 1942, a *Gazeta de Notícias*¹⁰¹ dedicou um pequeno espaço

⁹⁹ Os jornais governistas noticiavam as traduções dos livros de Frischauer: “A Noite Editora acaba de lançar, em todas as livrarias, o novo livro de Paul Frischauer, “Os anos perigosos da Inglaterra”. Trata-se de uma vigorosa e amplamente documentada história de dramático período que a Inglaterra passou de 1792 a 1815, quando o seu poderio a sua própria existência nacional estiveram sob uma sombria ameaça de destruição e quando no campo oposto se achavam o ímpeto e o gênio de Napoleão Bonaparte. Frischauer pode compulsar, no preparo da sua obra, numerosos documentos ciosamente guardados nos arquivos britânicos e pela primeira vez um número considerável de leitores de língua portuguesa terá a oportunidade de apreciar aqueles grandes acontecimentos vistos do oeste da Mancha. Escritor de mérito reconhecido pelo público de numerosos países e senhor de uma técnica magistral na divulgação dos fatos históricos, Frischauer construiu um trabalho seguro e destinado a obter a mais simpática acolhida” (“Os Anos Perigosos da Inglaterra, Um livro Magistral” *A Noite*, 22 de agosto de 1943).

¹⁰⁰ No periódico, havia a publicidade do livro: “A Inglaterra, sim, representa para cada indivíduo um estatuto de cidadania, para cada povo um credo nacional, e por isso os braços se armam na sua defesa e as mãos se erguem em preces pela sua salvação. Não pretendo antecipar à meditação do leitor as páginas luminosas de Paul Frischauer, analista político, escritor de renome universal, sobre “Os anos perigosos da Inglaterra”, um velho tema que ressurgiu na vida de cada geração. Mas elas certamente convidarão a refletir no seu paralelismo e na sua identificação com as circunstâncias e os acontecimentos de que somos testemunhas nestes dias de perigo e de decisão” (“Os anos perigosos da Inglaterra”, *Revista da Manhã*, 1942, p. 8).

¹⁰¹ Periódico fundado por José de Sousa Araújo, em 2 de agosto de 1875, no Rio de Janeiro. Foi um jornal inovador, pois foi o primeiro a utilizar na imprensa nacional a técnica de entrevistas e das caricaturas. Lutou pela abolição da escravidão e pela República. Publicou folhetins e suplementos literários. Caracterizou-se durante sua longa história como jornal da situação. Apoiou o governo de Washington Luís e seu candidato Júlio Prestes. Após a vitória da Revolução de 1930, o jornal foi empastelado e teve seus equipamentos e maquinários gráficos destruídos. Voltando a circulação somente em 1934, passando a apoiar o governo Vargas. Alinhou-se ao ideário alemão, apoiando a *Trasocean*, agência de notícias nazista alemão e também a Ação Integralista Brasileira. Com o Estado Novo houve incondicional apoio ao governo Vargas. Cortou relações com o Integralismo após o *putsch*. Mas, apoiou o fascismo e a entrada do Brasil ao lado do Eixo. Apoiou o general Eurico Gaspar nas eleições de 1945. Em 1950 por

para a publicidade do livro. Na sessão: *Livro e Autores de Paulo Fleming*. Mas sem dúvida a maior notoriedade foi de *A Noite*¹⁰². Em 1942, *Beaumarchais, O aventureiro do século da mulher*, foi traduzido para o português por Godofredo Rangel¹⁰³, e publicado pela Companhia Editora Nacional. Tal publicação expressa o prestígio alcançado pelo autor que tem seu nome tipografado em inúmeros periódicos nacionais, geralmente, acompanhado com comentário de seus pares literatos que enalteciam suas obras. Não só os escritores brasileiros comentam sobre Frischauer e suas obras, mas também seus concidadãos. Stefan Zweig um dos escritores estrangeiros mais conhecidos e proeminentes na América Latina e no Brasil enalteceu o autor de *A Neve Russa*, traduzido em 1944, pela Editora Moderna, em suas palavras: “Paul Frischauer é um dos príncipes da sua arte. Os amores infelizes, os conflitos, encadeamento de fatos históricos com casos da vida íntima, não podem deixar de emocionar nosso coração” (Correio da Manhã, 1944). Já havia sido noticiado que a *Fox Film Corporation*, tinha adquirido os direitos autorais desse livro para ser vertido em um longa-metragem (*A Noite*, 1942).

Embora os livros de Frischauer tenham recebido um espaço considerável na imprensa brasileira, avaliamos que essa publicidade era uma estratégia com o objetivo específico de difundir a publicação do livro sobre Vargas. Isso porque, dar visibilidade ao autor era ao mesmo tempo proporcionar visibilidade ao Presidente. Assim, ao mesmo tempo em que o nome de Frischauer era evocado, diariamente, também era lembrado que este estava escrevendo a biografia do chefe da nação. A publicidade sobre Frischauer e a biografia a respeito do presidente era constantemente anunciada desde sua chegada ao Brasil em 1940. Afirmava-se que o autor estava reunindo informações sobre Getúlio Vargas, coletando dados, consultando documentos.

dificuldades financeiras, devido ao boicote dos publicistas americanos o jornal foi vendido. O novo proprietário manteve-se fiel a situação, apoiando o governo Vargas durante toda a sua trajetória, inclusive durante 1950-1954 (LEAL, s/d).

¹⁰² A tradução do livro Garibaldi, Herói de dois mundos, também recebeu especial atenção: “Paul Frischauer, o famoso escritor austriaco que fixou residência no Rio em consequência da guerra, tem os seus livros publicados em vários idiomas. Das suas notáveis biografias, conhecidas em todo o mundo acabam e aparecer pela primeira vez em língua portuguesa o “Garibaldi, herói e dois mundos”, lançado pelo editor Arturo Vecchi. A vida do guerreiro italiano, desde a infância e a adolescência em Nice, sua terra natal, ao encontro com Mazzini, seu mestre, torna como que a introdução dessa obra notável. Frischauer descreve depois, em páginas admiráveis, a organização da jovem Itália, que permitiu a vinda de Garibaldi à América do Sul. Historiando as lutas no Uruguai e no Rio Grande do Sul, o escritor imprime um sentido épico aos acontecimentos. É nessa época que Garibaldi conhece Anita, a sua maravilhosa companheira, esposa do herói e como ele heroína. O livro de Paul Frischauer sobre Garibaldi é completo. A narrativa nunca perde o interesse. Nas páginas seguintes, o ilustre homem de letras trata da fase mais importante da vida e da obra o grande soldado nicense. O panorama político e social da Itália, antes da unificação, provocou um exame magistral da pena e Frischauer” (“Garibaldi, Herói de Dois Mundos”, *A Noite*, 07 de janeiro 1943, p.3).

¹⁰³ José Godofredo de Moura Rangel (1884-1950), escritor mineiro e tradutor, juntamente, com Monteiro Lobato sugeriu a Zweig e Frischauer que publicassem suas demais obras para o português (ABREU, 2001).

Havia uma intencionalidade nas veiculações dessas informações. O biógrafo devia basear sua narrativa em assuntos que dessem veracidade aos seus argumentos. Os contemporâneos do biografado autorizariam ou não a trama, pois eram aqueles que dividiam com o objeto da escrita o espaço da vivência. Assim, ao comunicar os seus passos e circular nos mais variados ambientes sociais e políticos, Frischauer construía a própria viabilidade do projeto biográfico:

Paul Frischauer, o historiador de obra universalizada, divulgado na sua bibliografia em dezesseis idiomas, considerado biógrafo por excelência, de prosa objetiva e profundidade psicológica, à incumbência dos seus editores, nomeadamente Random House, de Nova York, se encontra no Brasil desde fins de 1940, pesquisando, obtendo e coligindo elementos para escrever a biografia do Dr. Getúlio Vargas a ser divulgada pela casa editora norte-americana, em oito idiomas. Para conseguir coordenar e tirar conclusões e ajustar comentário a depoimentos recolhidos pessoalmente, Paul Frischauer viajou grandemente o Brasil, e em especial o Rio Grande do Sul, consultando o documento humano, improvisando um inquérito entre representantes de todas as classes na terra do nascimento e formação do Chefe do governo. Depois de recolher o pronunciamento de cento e cinquenta pessoas contemporâneas no terrão gaúcho de fases marcantes da vida pública e particular do Dr. Getúlio Vargas, após, na sua receptividade adextrada de grande biógrafo, estudar o meio ambiente, apurar a capacidades de discernimento e lealdade de testemunhos (“O Presidente Cidadão”, *O Radical*, 08/01/1942, p. 7).

Na matéria apresentado no jornal afirmava que a obra era uma encomenda, mas, de editoras estrangeiras. Até 1943, não havia menção em publicidades sobre Frischauer e sobre a obra que estava escrevendo de vínculos com o DIP. O objetivo de sublinhar que a escrita biográfica tinha métodos de pesquisa, com testemunhas que conheceram Getúlio Vargas nos mais variados âmbitos, transformava os depoimentos em um documento vivo. E a cientificidade era garantida com análises do meio ambiente, e a competência do próprio autor de averiguar a fidelidade ou não dos entrevistados, e dos que ofereceram tais informações, tornava-os cúmplices e coparticipantes da trajetória de parte da história do chefe da nação, com pretensões de organizar uma espécie de pacto de leitura com o leitor (DOSSE, 2009). Para colher informações sobre as origens do biografado, o escritor viajou para o sul do país. As pesquisas *in lócus*, pretendiam entrevistar pessoas que conheceram Getúlio Vargas, antes desse se transformar na figura mais eminente da nação. A passagem por Porto Alegre foi acompanhada pela imprensa, que noticiou que o biógrafo iria passar dez dias a convite do general Manuel Nascimento Vargas na fazenda Santos Reis, local onde o biografado nasceu e passou a infância e a adolescência (A Noite, 1941).

À medida que Frischauer ia colhendo as informações sobre Getúlio Vargas seus círculos de relações sociais iam se ampliando. Nos ambientes de relações estavam o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Hebert Moses¹⁰⁴ (O Globo, 1941), Ministro Oswaldo Aranha, Max Fische (fundador da Americ-Edit, responsável pela publicação da maioria das obras em francês no Brasil, inclusive da biografia), Elmano Cardim (diretor do Jornal do Comércio¹⁰⁵), médico Carl Fried, Frank Arnau, Claudio de Souza e Fortunat Strowski, Érico Veríssimo (escritor brasileiro, cuja amizade se iniciou quando Frischauer esteve no Rio Grande do Sul), Alzira Vargas (filha de Getúlio Vargas) e seu esposo Ernani do Amaral Peixoto (interventor do Rio de Janeiro). As relações entre eles haviam se tornado mais íntimas, devido principalmente à pesquisa sobre Vargas. Por meio dessa relação também surgiu a amizade com Nelson Rockefeller diretor do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA) com quem Frischauer trabalharia mais tarde nos Estados Unidos (PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997).

A ampla rede de relações pessoais estabelecidas por Frischauer no Brasil estavam intimamente ligadas ao governo, intermediada pelo projeto biográfico. Por meio dele, o biógrafo tece uma colcha de retalhos de várias cores e texturas, como um tecelão caprichoso, costura e entrelaça elementos vários, em uma simetria bem planejada e ornamentada. Ao transitar nos corredores do Catete, nas propriedades particulares, nas graxas das máquinas de platina, na bucólica Petrópolis, nos salões da orla de Copacabana, nos pampas gaúchos, nos limites das fronteiras das vaidades pessoais, extraiu a seiva preciosa na qual iria construir não apenas uma biografia, pois ao biografar o presidente Vargas também acabou por incluir o seu nome no rol de personalidades literárias que percorreram o Brasil na década de 1940.

¹⁰⁴ O carioca Hebert Moses era filho de pai austríaco e mãe americana. Sua atuação junto ao governo Vargas e Dutra foi fundamental para que a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) tivesse sede própria. Foi um dos fundadores do jornal *O Globo*.

¹⁰⁵ Jornal carioca, fundado em 1º de outubro de 1827, por Pierre René François Plancher de La Noé. É um dos mais antigos órgãos de imprensa da América Latina. Era considerado um jornal dedicado aos negócios empresariais e ao comércio internacional. Na década de 1930, sob direção de Félix Pacheco, apoiou os aliancistas na Revolução. Durante o Governo Provisório assumiu uma postura favorável ao governo getulista, visto que conclamava todos os setores à reorganização nacional e o restabelecimento da ordem. Em 1935 assumiu a chefia da redação e da empresa o jornalista fluminense Elmano Cardim, e assim o periódico passou para uma postura de oposição ao governo do Estado Novo. Na Segunda Guerra Mundial apoiou a aliança com os Estados Unidos. Não deu grande ênfase à deposição de Vargas em 1945. No segundo governo Vargas, o jornal era dirigido por San Tiago Dantas, deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e apoiou a criação da Petrobras. Dantas modernizou o jornal contribuindo para ampliar a tiragem diária. Em 1959 sem conseguir superar os prejuízos em decorrência de um incêndio, o jornal foi vendido para Assis Chateaubriand passando a constituir o patrimônio dos *Diários Associados* (LEAL; SANDRONI, s/d).

2.4. PAUL FRISCHAUER: Segundo os jornais brasileiros

[...] A imprensa era de fato um poder: mobilizava a opinião pública, ameaçando, inclusive, a sobrevivência de um sistema político do qual o próprio jornal dependia e se beneficiava (SANDES, 2012, p. 71).

A imprensa escrita se fez presente nas questões públicas. Além de mobilizar é formadora e mantenedora de demandas políticas dos diversos grupos sociais e seguimento político no Brasil. Se constituiu como atores e sujeitos históricos, com eficácia intensificadora de debates no seu período de circulação e mesmo após o término de suas publicações e seu arquivamento. No início do século XX foi indiscutivelmente um dos meios de comunicação mais difundidos e populares em todo o mundo. Inúmeros periódicos circulavam em todo o território nacional e na maioria das vezes eram subsidiados pelo governo¹⁰⁶. Historicamente é um recurso memorialístico empregado por àqueles que desejam resguardar do esquecimento suas práticas. Os jornais se tornaram importantes interlocutores entre os vários seguimentos sociais, e em muito contribuíram para a formação da memória social (ARÓSTEGUI, 2004).

A escrita biográfica aproximou Frischauer dos ambientes sociais jornalísticos relacionando-se com proprietários de jornais, editores, escritores e diretores. Dentre essas relações a mais estreita se estabeleceu com André Carrazzoni¹⁰⁷, intimamente, chamado de meu amigo, e um eminente escritor (FRISCHAUER, 1944). E em sua obra biográfica lembrou aos leitores que Carrazzoni também foi escritor de uma biografia sobre Getúlio: “Meu amigo, o escritor brasileiro André Carrazoni reproduz em sua excelente obra o Presidente dos Estados Unidos do Brasil, uma exclamação de Getúlio: ‘Um sistema, um ponto de apoio!’”

¹⁰⁶ Como bem salienta Sandes, a subvenção à imprensa era uma prática costumeira no Brasil desde o período monárquico, essa prática manteve-se na República (SANDES, 2012, p. 69).

¹⁰⁷ O jornalista André Carrazzoni (1897-1982) nasceu em Santana do Livramento (RS), iniciou sua carreira no *Correio Paulistano*. Devido às divergências políticas entre Borges de Medeiros e Assis Brasil, e por ser partidário do último, acabou se exilando no Uruguai entre os anos de 1924 e 1927. Ao regressar ao Brasil, começou a trabalhar no *Diário de Notícias* e depois no *O Jornal de Notícias*. Em 1930, assumiu a direção do *Correio do Povo*, e em 1932, publicou *Depoimentos* e *Sob o fogo invisível*, livros que focalizavam assuntos referentes à Revolução de 1930. Após mudar-se para o Distrito Federal, dirigiu *O Radical* e a *Folha Carioca*. Fundou *A Hora*, cuja direção exerceu também por dois anos. Escreveu uma biografia sobre *Getúlio Vargas* publicada em 1939 e *O perfil do estudante Getúlio Vargas* (1943). Em 1940 passou a dirigir *A Noite* que havia sido incorporada ao Patrimônio Nacional, no mesmo período dirigiu a revista *Vitrine* (ABREU, 2001).

(FRISCHAUER, 1944, p. 90). Carrazzoni¹⁰⁸ pode tipificar o que há de mais representativo da famosa frase citada por Emil Ludwig sobre Vargas: “Inimigos? Não sei se os tenho. Mas, se os tiver, não serão jamais tão inimigos hoje que não possam vir a ser amigos amanhã” (FRISCHAUER, 1944, p.368). O biógrafo brasileiro testemunhou à Frischauer que no passado era contrário à Vargas e partidário de Assis Brasil, líder do Partido Democrático, grande opositor de Borges de Medeiros e ao Partido Republicano Rio-grandense, o qual Getúlio era correligionário. Agora não só dirige o jornal vinculado ao presidente, como também acabou fazendo parte de suas relações pessoais, orientando o escritor estrangeiro na nova biografia sobre dirigente da nação. As relações sociais de Frischauer estabelecidas com Carrazzoni lhe proporcionaram ampla publicidade e publicações, certamente intermediada pelo *A Noite* e pelas boas relações que Carrazzoni possuía.

Paralelamente à atuação como biógrafo, Frischauer passou também a exercer a atividade de jornalista. A primeira reportagem foi escrita em homenagem¹⁰⁹ a Stefan Zweig¹¹⁰, autor austríaco, que também se encontrava no Brasil, mas, havia cometido suicídio em sua casa, em Petrópolis. No artigo, Frischauer compara os percalços vividos pelos dois escritores:

As fronteiras da Áustria já não eram bastante fortes para conter eficazmente as ondas do ódio e da perseguição que vinham da Alemanha hitlerista. Pouco depois de haver emigrado Stefan Zweig para a Grã-Bretanha, ia também eu procurar em terras inglesas um ambiente de liberdade que não podia encontrar na Áustria ameaçada. Lá estávamos outra vez, reunidos no mesmo convívio, no mesmo ambiente, um ambiente pacífico em que Zweig, então na plenitude do seu espírito, da sua fecundidade criadora, produziu obras de uma reflexão profunda, ainda que melancólica, nas quais desvendou aos milhões de leitores, no mundo inteiro, as riquezas da sua sensibilidade, as harmonias da sua alma privilegiada. Pacifista por convicção, não tomara nenhuma atitude de luta ou de agressividade, o que seria a negação dos princípios que sempre sustentara. Defendia ardorosamente o pacifismo e fora com esse propósito que, na Inglaterra, escrevera um dos seus melhores livros, “Uma consciência contra a violência”, mostrando a vitória do espírito sobre a força. Em seus livros, Zweig sempre se preocupou em afirmar o primado do espírito sobre a brutalidade e a violência. Através da propagação desse princípio, procurou ele robustecer a juventude na sua reação contra a violência nazista, contra a ferocidade dos agressores que, na Europa, se transformaram em força apocalípticas, semeando a destruição e a miséria por onde passam. Stefan Zweig não era somente um adversário tenaz da guerra, como também um trabalhador incansável. Estava sempre à

¹⁰⁸ Na biografia, Frischauer diz que Carrazzoni estava presente nas ocasiões em que o biógrafo entrevistou o general Manuel do Nascimento Vargas.

¹⁰⁹ Em 1931, Frischauer já havia prestado uma homenagem Zweig, em comemoração ao seu quinquagésimos aniversário, em um artigo publicado na *Berliner Tageblatt* (REHDER, 2015).

¹¹⁰ Stefan Zweig morreu em sua casa em Petrópolis no dia 22 de fevereiro de 1942, mas seu corpo só foi encontrado pelos caseiros, no dia seguinte (*A Noite*).

cata de novas fontes de interesse para a sua insaciável curiosidade. Gostava de descobrir novos pontos de vistas, novos caminhos para a narrativa ou a interpretação da história e das grandes figuras. Da mesma forma que colecionava livros raros e autógrafos preciosos, também colecionava os fatos raros, os detalhes singulares escondidos nas dobras dos grandes momentos históricos, tecendo-os, depois, em ricos “gobelins”, na sua prosa colorida, viva, de grande poder evocativo, nos seus livros admiráveis (“Stefan Zweig”, *A Noite*, 25/02/1942).

O artigo de Frischauer, publicado pelo *A Noite* estava inserido em uma edição interia destinada a homenagear o eminente escritor. Havia um diálogo cifrado no artigo. Há sem dúvida uma pretensão de vincular a imagem de Frischauer à Zweig, pois deixa entrever as semelhanças: ambos eram austríacos e escritores; tiveram seus livros proibidos na Alemanha e depois na Áustria; possuíam o mesmo método e estilo de escrita: eram romancistas, novelistas e biógrafos, analisavam fontes documentais; possuíam espírito crítico e criativo; eram refugiados na Inglaterra e incansáveis lutadores contra o nazismo e ambos escreveriam sobre o Brasil. Portanto, para o biógrafo escrever sobre Zweig era projetar-se. A estratégia verificou-se desde a chegada de Frischauer ao Brasil. Os jornais ao se referir ao escritor sempre ligavam o seu nome ao de Zweig, estratégia intensificada após a sua morte. Tal fato pode ser explicado, pois Frischauer era completamente desconhecido do público brasileiro, enquanto Zweig era o autor alemão mais lido, não só na Europa como também no Brasil¹¹¹ na década de 1930 (KESTLER, 2003). Trabalharam juntos em um projeto cinematográfico, em um roteiro sobre o romance entre D. Pedro I e a Marquesa de Santos, embora o projeto não tenha se concretizado, eram vistos juntos em Petrópolis em reuniões de trabalho com esse fim. A união seria amplamente aproveitada por Frischauer como demonstração da intimidade entre os dois (CARNEIRO, 1996). A diferença era que Frischauer se apresentava como um apaixonado pela vida, adaptado ao mundo, aprendendo rapidamente nosso idioma, superando as adversidades, já Zweig sucumbiu diante dos infortúnios e tristezas que o levaram a uma melancolia suicida.

Esteve de passagem pelo Brasil quando ia à Buenos Aires, em 1936, para participar de um congresso do PEN Club. Zweig ficou fascinado pela beleza do Rio de Janeiro e pela calorosa recepção dos brasileiros, o que levou a uma promessa de voltar ao Brasil. Regressou em 1940, para apresentar palestras também no PEN Club, vindo dos Estados Unidos, acabou por escolher Petrópolis como local de residência (KESTLER, 2003). Os jornais, notadamente, *A Noite*,

¹¹¹ Os livros de Stefan Zweig eram editados no Rio de Janeiro, pela Editora Koogan desde 1932. Em 1933, a Editora Guanabara publicou o primeiro livro traduzido: *24 horas da vida de uma mulher*, em 1936 (CARNEIRO, 1996).

noticiaram abundantemente a presença de Zweig, principalmente, quando este anunciara que estava escrevendo um livro sobre o Brasil. Em uma entrevista intitulada: *O Presidente Vargas fez um novo Brasil*, veiculado no dia 16 de setembro de 1940¹¹².

Em 1941 a Editora Guanabara publicou o livro: *Brasil, um país do futuro*, que foi editado primeiro nos Estados Unidos, em inglês; mesmo não tendo sido uma obra encomendada pelo DIP, que “de certa forma, tenha sido pago pela hospitalidade do governo, que algumas vezes cobriu despesas de estada e de viagem” (KESTLER, 2003, p. 150). O livro foi utilizado como propaganda do governo, porquanto, não deixava de ser uma obra de exaltação ao Brasil, aos brasileiros e ao seu governo. Lourival Fontes convidou Zweig para escrever uma biografia sobre Vargas e, possivelmente, o visto permanente requerido no dia 23 de novembro de 1940 e as hospitalidades concedidas tinham como intenção pressionar o autor a aceitar a incumbência, mesmo assim, o autor recusou o convite. Embora o livro *Brasil, um país do futuro*, sinalizava que indiretamente Zweig, contribuiu para o fortalecimento do governo. Isso por que, inúmeras entrevistas foram concedidas pelo autor enaltecendo o governo: “*O Presidente Vargas fez um novo Brasil*” (A Noite, 1940); “*O Presidente Getúlio Vargas, nas impressões de Stefan Zweig, crônicas de Guterres Casses*” (A Noite, 1940), em todas essas entrevistas, o entrevistado deixa claro o progresso e os esforços do governo para o desenvolvimento do Brasil. Portanto, a obra acaba por ser incorporada como peça de propaganda do governo, mesmo não tendo sido publicada com esse fim. Assim se referiu à obra: “*um hino de louvor e fé ao Brasil*” (A Noite, 1941). Embora, a obra não passasse incólume às críticas do jornal *Correio da Manhã*, que publicou artigos extremamente sarcásticos¹¹³ contra Zweig.

¹¹² Nesta entrevista Zweig deixava claro sua admiração pela cidade do Rio, a qual chama de: a cidade mais linda do mundo. O autor exaltou o seu desejo de conhecer algumas regiões do Brasil, como por exemplo, São Paulo, Minas Gerais e o rio São Francisco. Nessas cidades teve excelente acolhida, visitando também a Bahia e o Pernambuco. Nesta entrevista exaltou ainda o espírito de coesão nacional e mencionou que estava realizando estudos em livros de historiadores brasileiros, sem citar nomes, para escrever sobre suas impressões sobre o Brasil, seu povo e o seu governo, ressaltou ainda que: “não exagero em afirmar que o chefe do governo brasileiro fez um novo Brasil. Ele tem a visão de um estadista moderno, e está conduzindo o povo com segura e clara orientação” (A Noite, 1940, p.3).

¹¹³ Apontamos outras críticas veiculadas no *Correio da Manhã*, como as matérias: *Voltando a Zweig*, Costa Rego, dia 07 de agosto de 1941, p. 2; *O Fumo dos Franceses*, dia 10 de agosto de 1941, p. 2; *Um livro Mau*, de Carlos Maul, dia 08 de agosto de 1941; *O Brasil Gosta de Música...* Dia 21 de agosto de 1941, p. 4. A crítica contra o livro de Zweig: “Procurando fixá-la em termos positivo, diz que aqui vivem os descendentes dos portugueses, que conquistaram e colonizaram o Brasil, aqui vive a descendência aborígene dos que habitam o interior do país desde épocas memoráveis, aqui vivem milhões provindo dos negros que nos tempos da escravidão foram trazidos da África e “milhões de italianos, de alemães, e de japoneses que vieram como colonos”. Evidentemente, os dados acima reforçam a afirmação da “mescla livre e sem estorvo”, bem como sua ausência de preconceitos étnicos no caráter do povo brasileiro. Reforçam, porém, com excesso e sem apoio na verdade histórica. Stefan Zweig emprega mais de uma vez fora sem justa medida a palavra milhões. Quando ele cita milhões, aludindo a italianos, alemães e

Não deixa de ser curioso o título do artigo: *Os milhões de Zweig*, dando uma dupla interpretação que indica que o autor recebeu tal quantia para escrever a obra considerada elogiosa ao Brasil e ao governo, e insistiam em sugerir que havia sido paga pelo DIP. Ernest Feder Eckl, jornalista, publicista, escritor e amigo de Zweig, em seu diário registrou o estranhamento da perseguição do jornal *Correio da Manhã*, dizendo não compreender as razões para tais críticas (ECKL, 2012). Em 1942, esposa, Elisabeth Charlotte e Zweig, foram encontrados mortos em sua residência de Petrópolis, deixando uma carta de recomendações para a distribuição das heranças, orientações para o funeral, agradecimentos e de despedidas¹¹⁴.

De acordo com os jornais o suicídio foi meticulosamente planejado, a edição 10.678 do dia 24 de fevereiro de 1942, de *A Noite* dedicou um espaço de sete folhas para noticiar o acontecimento e detalhar a vida e obra de Zweig. Mesmo deixando missivas endereçadas a pessoas específicas, Zweig providenciou um testamento no qual deixava expressos seus desejos e esclarecimento das razões do duplo suicídio. Uma das cartas era endereçada a Claudio de Souza, amigo do autor e presidente da Academia Brasileira de Letras, agradecendo ao Brasil e ao povo pela calorosa recepção que sempre dedicaram a ele e sua esposa. Deixou também uma carta pedindo que seu funeral devesse ser simples e respeitando a tradição judaica. Getúlio Vargas determinou honras de chefe de Estado, e mais tarde determinou que a residência onde o casal morava, fosse comprada pelo governo e transformada em museu (*A Noite*, 1942). Em 1948, o

japoneses, forçosamente admite que o número de indivíduos de cada uma dessas nacionalidades entrados no Brasil como colonos seja de mais de um milhão, para justificar o plural. Ora, nada é menos exato. A colonização por meio de imigrantes italianos (contra a qual, de resto, nunca se levantou nenhum receio, tanto sabemos que o italiano é assimilável quando chega e perde a própria lembrança da nacionalidade dos pais se filho de imigrante), sendo a maior de todas, excluída a parte sempre reservada na vida brasileira aos portugueses, jamais reuniu a cifra de um milhão, estando muito abaixo desse algarismo à população alemã e com dobrado motivos a japonesa. Precisaremos talvez de somar as pessoas das três nacionalidades para ultrapassar um milhão; e Stefan Zweig nos fala de milhões de italianos, de milhões de alemães, de milhões de japoneses. É claro que assim fala ainda mais exaltando o poder de absorção e, pois, de sedução do Brasil. Mas escreve por imaginação e simpatia. Só devemos agradecer-lhe tanta amizade soprando-lhe ao ouvido as folhas de imperfeições de seu livro. Foi meu cuidado e também minha retribuição ao entusiasmo que ele demonstrou pelo Brasil (“Os milhões de Zweig”, *Correio da Manhã*, 6 de agosto de 1941, p. 2).

¹¹⁴ Carta deixada por Zweig: “Antes de deixar a vida por minha própria vontade, quero cumprir o meu último dever, qual o de agradecer profundamente a este país magnífico, o Brasil, que me deu tão amável acolhida. Cada dia que aqui passei, mais amava este grande país e em nenhum outro, além dele, poderia ter a esperança de refazer a minha vida. Depois que eu vi o país da minha própria língua sossobrando e minha pátria espiritual – a Europa – destruindo-se a si própria, e quando alcanço 60 anos de idade, seriam necessários esforços imensos para reconstruir a minha vida, e minha energia está esgotada pelos longos anos de peregrinação como um sem pátria. Assim, julgo melhor terminar a tempo uma vida que dediquei exclusivamente ao trabalho espiritual, considerando a liberdade humana e a minha própria como o maior bem da terra. Deixo um adeus afetuoso a todos os meus amigos” (Stefan Zweig) (“Exhausto”, *A Noite*, 24 de fevereiro de 1942).

bairro de Laranjeiras no Rio de Janeiro homenageou o escritor batizando uma de suas ruas com o seu nome (A Noite, 1948). Ao escrever sobre Zweig, Frischauer além de demonstrar sua admiração pelo conterrâneo, lamentando a difícil perda, homenageando o amigo, acabava também por dar visibilidade diante do público brasileiro sua intimidade e amizade com o renomado autor e legitimando-se com isso herdeiro literário daquele que o povo brasileiro havia consagrado.

Feder e sua esposa foram os últimos a verem o casal Zweig com vida (KESTLER, 2003), ao chegarem a casa onde se encontrava os corpos dos amigos, também estavam Leopold Stern, Abrahão Koogan, Cláudio Souza e Gabriela Mistral. Feder assim escreveu em seu diário:

Nojento como Frischauer e Stern, duas moscas varejeiras asquerosas em uma bela flor, apoderam-se da cópia anexa do testamento de Nova York e vasculham tudo (...) E Frischauer, aquele porco fumante, que (...) só pensa em como pode tirar proveito do caso. “Sempre fui contra a falsa modéstia”, disse F., referindo-se à casinha, já que pessoalmente é a favor da fraude. (ECKL, 2012, p. 66).

As acusações de Feder contra Frischauer fazem sentido, na edição de *A Noite*, do dia 24 de fevereiro de 1942, dia do descobrimento da morte do casal Zweig, percebemos a riqueza de detalhes sobre o suicídio, inclusive descreve com minúcias o testamento e as cartas deixadas por Zweig. Consternado pela repercussão do suicídio e da imagem negativa de pessimismo que os jornais queriam transmitir de Zweig, inclusive no artigo escrito por Frischauer, deixava claro o seu temor diante da possibilidade do ato. Feder escreveu em seu diário: “Qualquer um que tenha visto Zweig uma vez na vida ou recebido dele um convite para visitá-lo, agora se sente obrigado a escrever um artigo interpretando os possíveis motivos para o suicídio” (ECKL, 2012, p. 66). Certamente a indignação se dirigia também a Frischauer.

Embora Feder e Frischauer se declarassem amigos pessoais de Zweig, e ambos constassem na lista de telefônica de pessoas próximas a ele, nenhum foi lembrado diretamente no testamento deixado, não recebendo menções diferenciadas nem nas cartas deixadas. Embora, Alberto Dines um dos biógrafos de Zweig tenha afirmado que Feder foi um grande amigo de Zweig e tenha contribuído para a perpetuação do seu nome na história literária, não nega, entretanto, que Frischauer fazia parte do círculo de amizade de Zweig tendo inclusive seu nome

na lista de pessoas a ele ligadas e que havia estado com Zweig dias antes de sua morte. (DINES, 1981). O certo é que tanto Feder quanto Frischauer tiveram privilégios e espaços ampliados na mídia após a morte do escritor devido às relações de amizade que estabeleceram com ele. Zweig terminou de escrever no Brasil sua autobiografia: *Die Welt von gestern*, obra que recebeu tradução para o português e o alemão em 1944, somente após sua morte, recebendo o título de *O Mundo que vi* (CARNEIRO, 1996). Após a publicação do artigo sobre Zweig, Frischauer escreveu outros, que foram publicados no periódico *A Noite*:

Durante os últimos meses, fui muitas vezes, hóspede de um eminente médico brasileiro em S. Paulo, catedrático da Faculdade de Medicina, na capital bandeirante. O talentoso clínico havia feito um curso na Universidade de Viena, naquela época a mais afamada do mundo. Este cientista que, como a maioria dos grandes vultos médicos, se interessa por problemas históricos e sociológicos e, além disso, conhece bem a Áustria, disse-me, ter sido surpreendido pela atitude dos austríacos, que aderiram ao nacional-socialismo e votaram pelo “Anschluss” do país à Alemanha nazista. Já tive ocasião de explicar aos meus amigos de S. Paulo as verdadeiras causas do procedimento aparentemente estranho do povo austríaco. Agora, quando transcorre o quarto aniversário da brutal anexação da Áustria ao III Reich desejo explicar a situação do povo austríaco naquele momento. É importante demonstrar ao grande público que a Áustria foi a primeira vítima da sangrenta onda de agressiva, que já inundou o mundo inteiro. “Mais importante, porém, agora, é denunciar a rede de mentiras, tecida como primeira arma de agressão pelos Cavaleiros do Apocalipse e seu séquito motorizado, que aperfeiçoaram a sua arte traiçoeira nas casernas prussianas e nas escolas para ‘Fuehrers’ de Adolf Hitler.

O rompimento das potencias cultas do mundo, que defendem os sagrados direitos humanos e a religião, com a barbaria do III Reich, aliviou os austríacos que vivem no exterior, da terrível pressão sob que viviam. E, assim, as primeiras vítimas da brutal agressão nazista, declararam através comitês fundados em todos os países livres do mundo, o seu apoio à causa aliada. Em torno deles, hão de agrupar-se, na luta contra o nacional-socialismo e o seu cortejo de misérias, todos austríacos e também os alemães e descendentes de alemães, que vivem no exterior, e desejam libertar o mundo do pesadelo de guerra e do ódio. Os austríacos, que desfrutaram a generosa hospitalidade do Brasil, país cuja cultura tanto se assemelha à Áustria – pois ambos os povos são formados de raças diversas e têm a mesma educação cristã – estão prontos a defender esta sua pátria adotiva, na hora do perigo. Querem ser – assim me assegura cada austríaco, que encontro – recrutas na luta pela libertação do mundo, neste “grande Arsenal das Democracias”, em que o Brasil se transformou (“A primeira vítima da guerra”, *A Noite*, 14/03/1942. p. 2).

As reflexões sobre a Áustria iniciaram por meio dos exilados na Europa, logo após a sua ocupação em 1938. Frischauer havia escrito a introdução do livro de Lenhoff: *The last five hours of Austria*, e refletia sobre a sua subjugação pelo III Reich. O artigo acima foi a ratificação desses pensamentos, e pretendeu esclarecer ao público brasileiro que a anexação da Áustria não foi

pacífica, se assim era compreendido pelos brasileiros era devido às notícias articuladas pela rede de propaganda nazista, que pretendiam divulgar enganosamente a aceitação da incorporação. Ao transformar a Áustria em primeira vítima da expansão nazista, Frischauer tornava-se porta voz dos grupos austríacos exilados no Brasil, em consonância com a Declaração de Moscou¹¹⁵. Ao mesmo tempo, ao ser constituída vítima, a Áustria desobrigava-se dos crimes cometidos pelo III Reich (KESTLER, 2003). Além disso, o artigo pretendia anunciar e tornar popular o nome de Dollfuss, que provavelmente era desconhecido no Brasil. Na perspectiva de Frischauer o chanceler havia sido vitimado por sua luta contra Hitler. Era preciso tornar o nome do chanceler conhecido dos brasileiros, pois seriam uma de suas bases de argumentação para a escrita da biografia de Vargas, comparando os dois estadistas. Ademais, o artigo poderia ser considerado uma declaração pública de apoio aos aliados, chamados de potências cultas, contra a barbárie de Hitler. O Brasil seria outra importante fonte de argumentação de Frischauer, negando assim as acusações impostas ao governo e ao seu chefe supremo da nação brasileira. Portanto, o artigo é uma projeção futura, à medida que se identificava como austríaco e exilado do nazismo, Frischauer se constituía como vítima, testemunha e autoridade no assunto. Nesse sentido, assim como negara que a Áustria não havia sido conivente com a sua anexação à Alemanha, e mesmo assim, alguns dissimulavam notícias enganosas, o mesmo poderia estar acontecendo em relação à Vargas.

No artigo intitulado: *A catástrofe do exército alemão*, veiculado no dia 19 de fevereiro de 1943, no *A Noite*, Frischauer analisou as estratégias do exército alemão e suas ações relâmpagos de combate. Tais atitudes estabelecidas no livro de Hitler, *Mein Kampf (Minha Luta)* que inicialmente mostraram-se eficientes, mas que agora se encontravam em franca derrocada. Além de um analista de táticas de guerra, em um claro conhecimento histórico, Frischauer discute a invasão de Hitler em Moscou apontando as razões do fracasso do exército alemão diante dos russos. Em outro artigo intitulado *O Pintor de paredes gosta de olhar para o leste* (*A Noite*, 27/02/1943). O biógrafo avaliou o embate entre os exércitos alemão e russo nas disputas pela Ucrânia. Neste artigo, escreve sobre as ações da BBC de transmitir programas clandestinos, indica um rastro que pode corroborar para as afirmações de Prutsch e Zeyringer (1997), de que

¹¹⁵ Embora a Declaração de Moscou só tenha sido assinada em 1º de novembro de 1943, essa declaração foi fruto de intensas lutas dos grupos exilados em todo o mundo, inclusive no Brasil, que lutavam para defender a tese de que a Áustria não havia colaborado com a política nazista, mas sim, era vítima da ação expansionista de Hitler (KESTLER, 2003).

Frischauer colaborou na tradução de discursos de Hitler. Ao apontar tal atitude demonstrava conhecer as armas de espionagem utilizada pela Inteligência Britânica. Frischauer destacou as disputas internas na Ucrânia entre nacionalistas e socialistas, territórios disputados entre alemães e russos. Essa relação foi discutida no capítulo de introdução e capítulo XX da obra *Presidente Vargas: Biografia*, obra que já havia terminado de escrever e estava em fase de tradução (A Noite, 1943). Na obra, a disputa externa, seria transmutada para as disputas internas, representadas pela Aliança Nacional Libertadora, representante dos comunistas, e a Ação Integralista Brasileira, vinculada à Quinta Coluna, que nas palavras do autor “a vanguarda nazista foi sempre a Quinta Coluna e o Integralismo deixava-se utilizar, no Brasil, como vanguarda dos propósitos germânicos” (FRISCHAUER, 1944, p. 328). Assim, os artigos evidenciaram os conhecimentos históricos do austríaco sobre os assuntos internacionais e foi capaz de avaliar as ações dos países envolvidos no conflito mundial, inclusive do Brasil.

Novamente em *Quatro Vezes Áustria*, fortaleceu a posição de que o país não foi unânime na anexação ao III Reich:

Era claro, e deveria tomar-se claro a todo o mundo, aos estadistas e aos cidadãos de todos os países, que a Áustria, colocada no coração da Europa, possuía um “direito de existência” e um “dever de existência”, não apenas através da tradição histórica, mas positivamente. No equilíbrio das forças europeia representada a Áustria o papel de pedra chave em um arco erguido com as pedras das outras nações, encaixadas, umas nas outras. Removida a pedra central, seria a derrocada com medonho estrondo. [...] Cento e trinta anos antes da anexação da Áustria pelas tropas de Hitler, Napoleão Bonaparte, afirmava essa verdade. Antes de seu casamento com a filha do imperador, já ele considerava a existência da Áustria como indispensável. Respeitou-se por isso, prevendo que “A Europa sem a Áustria seria um montão de ruínas Queria eu convencer ao Sr. Schuschnigg que a Áustria não seria abandonada pelas potências ocidentais, Inglaterra e França, se o país se preparasse para reagir ao iminente ataque armado de Hitler se no momento dados se defendesse violentamente. “A propaganda alemã em Londres e Paris”, explicava-lhe ei – vira principalmente e convencer aos estadistas do qual d’Orsay e da Downing Street que o povo austríaco deseja a união com a Alemanha nazista; os princípios defendidos por esses estadistas mandam respeitar o desejo de união de um povo, desde que possam lavar as mãos de qualquer responsabilidade”. [...] Isso era verdade, muitas vezes os representantes de agências internacionais informaram que na Áustria havia grandes demonstrações populares com o “slogan”: “Um povo, um império, um guia”. Ein volk, ein Reich, ein Fuehrer. “Por que o serviço de imprensa do governo não fornece os dados exatos?”” Entre os poucos estadistas que não reconheceram a anexação da Áustria estavam o Sr. Getúlio Vargas e na Inglaterra o Sr. Winston Churchill que era olhado com desconfiança pelo Eixo, pois declarara ser a guerra inevitável e deverem os países democráticos preparar-se para ela. (“Quatro Vezes a Áustria”, *A Noite*, 26 /03/1943, p. 3 e 4).

Mais uma vez Frischauer escrevia sobre a resistência da população austríaca contra sua anexação ao III *Reich*. Por que era tão importante negar a ideia da aceitação dessa anexação? Se a incorporação fosse um movimento pacífico, em consonância com a ideologia nazista, isto transformaria a Áustria em colaboradora da Alemanha e responsável pelas ações do III *Reich* e, portanto, nazista. Em janeiro de 1942 o governo brasileiro tinha acabado de declarar apoio aos aliados e o ideário de transformar a Áustria como primeira vítima da guerra tinha o beneplácito desse grupo. Além disso, o posicionamento do Brasil ao lado dos americanos abria a possibilidade favorável para os grupos políticos antinazistas de tornarem público o repúdio ao nazismo e a Hitler. São inegáveis no artigo os esforços em exaltar a tradição histórica da Áustria e o direito de sua existência entre as potências europeias, existência que lhe foi negada com a anexação (KESTLER, 2003). Com o posicionamento do Brasil na guerra, muitos imigrantes foram hostilizados, principalmente, alemães, austríacos, italianos e japoneses, chegando mesmo a serem considerados estrangeiros inimigos, e as leis que proibiam manifestações culturais alemãs foram intensificadas. Assim sendo, o artigo foi também um importante instrumento para estabelecer as diferenças entre austríacos e alemães.

A estratégia da negação tem relação direta com a argumentação utilizada pelo autor, à intencionalidade era de inverter aquilo que era imputado à Áustria. Ou seja, assim como a propaganda nazista havia articulado uma vinculação entre Áustria e Alemanha nazista, o mesmo poderia estar acontecendo no Brasil, pois muitos acusavam Vargas de ser fascista, sem compreender a mesma estratégia enganosa que insistia em vinculá-los. Ao reconhecer Getúlio Vargas e Winston Churchill como estadistas que não aceitaram a anexação do território austríaco, Frischauer vinculava-os ainda ao ideário político da democracia. As mesmas estratégias serão utilizadas pelo biógrafo na composição da biografia de Vargas. A retórica da negação e da afirmação consistia em elencar argumentos que pretendiam a partir de acontecimentos que continham elementos de verdade, elencar outros que não se sustentavam. Isto distorcia os fatos em favor de uma argumentação, assim como se utilizou de uma estratégia de justificativas que foram os suportes de toda a teia narrativa de Frischauer. Ademais, não se pode negar certa semelhança, no contexto da Segunda Guerra, entre a Áustria e o Brasil, isso porque ambos eram historicamente católicos; defendiam os direitos humanos e civis; possuíam grupos subterrâneos de oposição; possuíam Estados Corporativos e várias etnias que compunham as nações, mas o

mais importante, assim como a Áustria era a pedra chave, no coração da Europa, o Brasil assumia neste momento da Guerra, vital importância para a defesa do Hemisfério Sul.

Em *Educar para a paz*, difundido no *A Noite* no dia 18 de maio de 1943, Frischauer analisou o teatro da guerra e seus equipamentos bélicos. As reflexões sobre este artigo demonstram claramente não só a necessidade de se preparar para a paz após a guerra, mas também os efeitos da industrialização sobre o Brasil, obra do governo do presidente brasileiro que soube aproveitar as relações com os Estados Unidos. A publicidade em torno de Frischauer acompanhou a escrita da biografia sobre Vargas, noticiando os passos do autor na coleta de informações sobre o biografado¹¹⁶. Inúmeras entrevistas de Frischauer foram veiculadas no periódico *A Noite* e *O Globo*. E ainda no dia 3 de setembro, quatro dias antes da circulação da obra *Getúlio Vargas: Biografia*:

Publicamos há dias a notícia do aparecimento, no dia 7 de setembro, da obra de Paul Frischauer, intitulada “Presidente Vargas”.

Todo o Brasil vem aguardando essa obra com viva curiosidade.

Frischauer é um dos grandes nomes das letras contemporâneas e, em todos os países da Europa e do mundo, goza de alto conceito e prestígio. O autor de “Garibaldi”, de “Beaumarchais”, do “Príncipe Eugênio” e de tantas outras biografias notáveis que correm mundo, traduzidas em mais de dez idiomas, não quis escrever sobre o chefe da Nação um livro apressado. Por isso mesmo, para escrevê-lo, permaneceu no Brasil dois anos inteiro, dedicando-se exclusivamente à sua elaboração.

Fato interessante é que não é apenas o público brasileiro que aguarda, com empolgante interesse, o “Presidente Vargas”. Essa obra que, dentro em breve, estará traduzida para o inglês, para o espanhol, para o francês e para outras línguas mais, vem despertando, na realidade um interesse mundial.

Ainda a poucos, *A NOITE*, procurou ouvir o Sr. Frischauer, que ainda permanecerá mais tempo entre nós e reside em um apartamento à Avenida Copacabana. O ilustre escritor confirmou que acredita no êxito mundial de seu livro, uma vez que, nele, procurou retratar fielmente uma das personalidades mais interessantes e mais

¹¹⁶ O periódico noticiou a passagem do escritor em Porto Alegre: “Declarações do escritor Frischauer em Porto Alegre: Paul Frischauer, famoso biógrafo do “Prinz Eugen”, encontra-se em Porto Alegre, onde tem recebido várias demonstrações de simpatia dos meios intelectuais. Abordado pela reportagem, o ilustre escritor disse que já havia começado a estudar as condições sociais e a vida do Brasil, afim de melhor compreender a personalidade e as realizações do presidente Getúlio Vargas, cuja biografia vai escrever. Falando como historiador, continuou, posso dizer que a guerra será vencida pelo Brasil, que constitui grande e poderosa força econômica. O Brasil é uma máquina enorme em movimento. Impulsiona-o seu presidente, de maneira firme e resoluta. Adiantou-nos Paul Frischauer que a sua biografia será divulgada ao mesmo tempo, em seis idiomas: americana, espanhola, francesa, inglesa, alemã e portuguesa. Só assim, o estrangeiro, ou melhor, o não iniciado no conhecimento da vida brasileira nesta primeira metade do século XX poderá compreender a figura do presidente Getúlio Vargas. Terminado, informou o biógrafo que seguirá, amanhã, para a fazenda dos “Santos Reis”, onde permanecerá dez dias, a convite do general Manuel Nascimento Vargas” (“O Brasil é uma poderosa força econômica em movimento”, *A Noite*, 02/11/1941, p. 6).

destacadas do momento. Para justificar sua confiança no sucesso do livro, o Sr. Frischauer mostrou uma cópia de vários telegramas das mais importantes casas editoras dos Estados Unidos e da Inglaterra, assim como de outros países, reclamando os originais do “Presidente Vargas”. As fotografias que publicamos reproduzem alguns desses telegramas. O da Casa Editora Walter Hutchinson, de Londres, considerada a maior empresa editora do mundo, diz o seguinte: “extremamente interessados por sua biografia do presidente Vargas, do Brasil. Estamos preparados para oferecer 200 libras esterlinas em pagamento adiantado, deduzidos os direitos autorais para Inglaterra, colônias, inclusive Austrália. Mas queremos que o livro tenha, ao menos oitenta mil palavras. Envie via aérea um exemplar imediatamente. (a.) – Walter Hutchinson”.

O Sr. Paul Frischauer esclareceu-nos que seu trabalho tem cerca de cento e vinte mil palavras, sendo, portanto, mesmo no número de páginas, um dos seus maiores livros. O editor norte-americano Random House dirigiu a Frischauer o seguinte telegrama, cuja fotografia também se vê na gravura:

“Estamos muito interessados pela biografia Vargas e quando poderemos ter alguma coisa do manuscrito? – (a.) Random House”.

O texto do telegrama de Bennett Cerf, presidente da “Modern Library” de Nova York, é o seguinte:

“Quando podemos esperar manuscrito completo. Mande telegrama. – (a.) Bennett Cerf”. Por tudo isso, bem se vê que o interesse em torno da obra do Sr. Paul Frischauer não se verifica só no Brasil. Ela está sendo esperada, com ansiedade, também por outros povos, que vão conhecer o livro traduzido em suas próprias línguas (“A biografia do presidente Vargas pelo escritor Paul Frischauer e as grandes casas editoras de Londres e Nova York”, *A Noite*, 3/09/1943, 1ª p. e p. 3¹¹⁷).

Nas primeiras páginas dos jornais, *A Noite* e *O Globo*, destacadas com letras garrafais anunciavam a reportagem sobre o grande interesse de editoras estrangeiras para a publicação em seus países da obra sobre Getúlio Vargas. Nessas reportagens, eram apresentadas fotografias de vários telegramas enviados pelas editoras internacionais. A nota do jornal possivelmente pretendia além da divulgação sobre a publicação da obra, também o interesse de mostrar a grande importância e repercussão do biografado. Ao noticiar o desejo do mercado editorial internacional em publicar a obra, além de proporcionar a visibilidade ao autor, à obra, ao Brasil e a Getúlio Vargas demonstrava que o mundo se interessava em conhecer mais sobre esse país, seu povo e sua cultura, pois, o Brasil passou a ser alvo de inúmeras reportagens de importantes veículos de comunicação, principalmente por causa da Guerra.

Após a publicação da obra *Getúlio Vargas: Biografia*, no dia 07 de setembro de 1943, um artigo de Paul Frischauer foi publicado no *A Noite*, apresentando-se como uma espécie de sinopse do segundo capítulo da obra, intitulado: *Retrato do General Vargas*, veiculado no dia 22 de outubro de 1943. O artigo sobre o pai do presidente, o general Manuel do Nascimento Vargas, poderia ser uma homenagem do periódico à morte do general Manoel do Nascimento Vargas, aos

¹¹⁷ A mesma reportagem foi publicada nas páginas do jornal *O Globo*, dia 03/07/1943.

98 anos de idade, ocorrida no dia 21 de outubro de 1943, no Palácio Guanabara, no Rio de Janeiro. Novamente, o biógrafo homenagearia uma figura ilustre com um artigo póstumo.

A notícia da cidadania de Frischauer também foi anunciada em entrevista concedida ao *A Noite*:

Paul Frischauer, cidadão brasileiro. A notícia da naturalização do conhecido escritor despertou a curiosidade do repórter. Intérprete do instante histórico que vivemos, espectador do Brasil contemporâneo, investigando o nosso passado e observando o nosso presente, soube ele refletir a sua dedicação e a sua simpatia pelo povo através do magistral estudo biográfico que fez sobre presidente Getúlio Vargas, obra que se acha traduzida para o inglês, francês, espanhol. Encontra-se ainda, da mesma, edições norteamericanas, portuguesa, suíça, sueca e até mesmo árabe.

A democracia brasileira

-Há três anos, declarou-nos o Sr. Frischauer, editoras internacionais encomendaram-me uma obra sobre o seu maravilhoso país. Vim para coligir os dados indispensáveis à obra de que fora incumbido. Lembro-me que, numa das primeiras entrevistas concedidas à imprensa carioca, me perguntaram sobre qual o país que deveria ganhar a guerra e eu respondi: - O Brasil vai ganhá-la. E note-se que o seu país, nessa época, não se achava em guerra.

E prosseguindo:

- Verifiquei desde logo ser o Brasil uma nação profunda e verdadeiramente democrática. Aqui não há preconceitos de cor, de raça, de religião que, infelizmente, separam tantos povos. Vivendo nesse ambiente de ideal fraternidade, o povo brasileiro pratica de fato a igualdade humana.

O presidente Getúlio Vargas

- Devo dizer, continuou, que o conhecimento pessoal do presidente Getúlio Vargas me causou a melhor impressão. O chefe do governo brasileiro irradia profunda simpatia pessoal. Interessei-me particularmente pela legislação social promovida sob a sua constante inspiração. Trata-se de uma obra de que o Brasil deve se orgulhar por todos os títulos, não só pelo seu adiantamento, mas pelo espírito humano que a caracteriza.

O cavalheirismo brasileiro

A palestra prossegue. Mostra-nos o entrevistado a sua satisfação em viver num país como. O pai do presidente, vendo-a, levantou-se e permaneceu de pé enquanto a visitante não se sentou. E, concluindo o breve relato, disse:

- Foi o homem mais distinto que até hoje vi. Aliás, continuou, o brasileiro possui um cavalheirismo espontâneo, verdadeiramente adorável.

O trabalhador brasileiro

- A honestidade do trabalhador brasileiro, sua dignidade, seu sentido de independência e sua esplêndida boa vontade são virtudes admiráveis que se evidenciam à primeira vista. Não há país algum no mundo onde o trabalhador possa ser reeducado com tanto eficiência e facilidade como no Brasil. Assim é agradável viver num país como este. Além disso, o Brasil está vivendo uma fase de acentuado progresso, como em nenhuma outra época dos quatro séculos e meio de sua história. O surto industrial que vem empolgando o país nos últimos anos somente é ultrapassado pela Rússia.

Como escritor considero esplêndida a situação da indústria do livro no Brasil. Basta dizer que a empresa encarregada de editar meus livros tem uma produção total de cinco milhões de exemplares, o que justifica toda a admiração. Para um escritor internacional é um prazer trabalhar nesse ambiente, sendo prazer maior conhecê-lo e projetá-lo através de obras perfeitas e sinceras no exterior, afim de que outros povos conheçam melhor esta incomparável nação.

Um imenso laboratório

- O Brasil, declarou-nos ainda, pode ser comparado a um imenso laboratório, onde as mais fantásticas reações estão se efetuando. E, para isso tem, felizmente, um grande químico dirigindo as retortas onde se está criando o Brasil de amanhã.

- O Brasil é uma força mundial. É a quinta nação do globo. Sua contribuição à causa das Nações Unidas é formidável. Mandando um Corpo Expedicionário ao teatro da luta, o Brasil representa ainda uma garantia para o mundo com os seus celeiros, com o seu trabalho gigantesco para a vitória. É digna de realce a colaboração do Brasil com os Estados Unidos proporcionando-lhes as bases que permitem às forças norte-americanas decisiva participação nos acontecimentos bélicos atuais. O Brasil, mercê de uma orientação esclarecida, alcançou a liderança sulamericana e se dispõe a realizar que o que se desdobra diante de nossos olhos.

E, antes da despedida, declarou-nos o entrevistado:

- O Brasil vive um momento de transcendental importância. Fixar esse momento representa, para mim, a mais atraente de todas as tarefas. Mas participar desse instante histórico de uma grande nação significa muito mais. Eis por que me tornei cidadão brasileiro ("Paul Frischauer, cidadão brasileiro", *A Noite*, 14/01/1944, p. 7).

A entrevista demonstrou o alcance desfrutado pelo escritor austríaco. Já em setembro de 1941, havia conseguido a alteração de seu visto de turista para o visto de permanência, fato que já indicava um ato de excepcionalidade. Em 26 de março de 1943, na página 2, no mesmo dia da publicação do artigo *Quatro vezes Áustria*, em outra nota do jornal: *Escritor Paul Frischauer quer naturalizar-se brasileiro*, esclarecendo que o pedido havia sido encaminhado aos órgãos competentes no dia 12 de março de 1943. De acordo com o Decreto Lei nº 389, de 25 de abril de 1938, em seu décimo artigo os candidatos à naturalização brasileira deveriam cumprir as exigências de capacidade civil; residência contínua no território nacional pelo prazo de dez anos; conhecer a língua portuguesa; exercer uma profissão com capacidade de provimento pessoal e familiar; bom procedimento civil e moral; não professar ideologias contrárias às instituições vigentes no Brasil (BRASIL, 1938). Tais itens seriam condições indispensáveis para ser naturalizado brasileiro. Embora atendesse a maioria dos requisitos exigidos, Frischauer estava no Brasil apenas há três anos à época do pedido e a quatro quando foi assentida a naturalização. Poucos imigrantes até então, havia conseguido tal feito, o que demonstra a boa relação adquirida no Brasil pelo biógrafo de Vargas (CARNEIRO, 1996). A entrevista também demarca as principais questões da narrativa da biografia de Vargas: a herança católica; a participação na Segunda Guerra Mundial; a democracia; a legislação social e a industrialização. Revelou também que Frischauer iria para os Estados Unidos proferir palestras sobre o Brasil, essa viagem se concretizou em 1945. Em 1943, ano de publicação da biografia, Frischauer concedeu inúmeras entrevistas:

O meu livro já está em via de impressão – disse-nos o biógrafo – e não tardará a sair, trazendo o nome de “O presidente cidadão”. Para escrevê-lo recolhi uma cópia imensa de material, que li, estudei e confrontei e ouvi inúmeros depoimentos pessoais, viajando pelo país, especialmente no Rio Grande do Sul, onde procedi a mais de um inquérito ao contato do meio onde nasceu o Sr. Getúlio Vargas e onde a sua personalidade se formou e desenvolveu mais de cento e cinquenta indivíduos de sua intimidade em todas, várias ou algumas fases de sua vida, eu ouvi e interroguei, da mesma forma que me esforcei por examinar sem partido tomado, sem doutrina preconcebida, o ambiente e a vida gaúcha. Para escrever um livro sobre o Sr. Getúlio Vargas era imprescindível conhecer e meditar a evolução política e social do país, tocar as raízes de sua formação e independência, sentir as inclinações de seu povo, suas particularidades e todos os elementos de maior valor que trabalham o progresso brasileiro. Sem uma ideia segura da cena do Brasil, de suas fronteiras e de sua projeção no exterior, eu não poderia fixar nada de apreciável para o interesse crítico e humano em relação ao Sr. Getúlio Vargas, porque teria que patinhar nos caminhos já trilhados, entre rumas de documentos conhecidos, ou de me limitar reproduzir o que já se tem dito ou escrito sobre o presidente da República. Meu fim é inteiramente diverso, porquanto o livro que escrevi é uma biografia viva do Sr. Getúlio Vargas, se esforça por ser um perfil psicológico desse brasileiro oferecido sobre um plano ou fundo através do qual, compreendendo-se o estadista se compreenda e se queira também o Brasil, melhor se conhecendo e sentindo a ambos, e satisfazendo-se de todo à curiosidade universal, e especialmente do Norte da América, que se volta neste instante sobretudo, para este privilegiado país, apreciando com o entusiasmo as influências do governante e as da coletividade, o entendimento mutuo de todos a transparecer e afirmar-se através da posição do Brasil na guerra (“Estudando o Brasil e o Sr. Getúlio Vargas”, *O Globo*, 19/02/1943).

Na entrevista novamente Frischauer afirmou ao entrevistador que viera ao Brasil devido à escrita da biografia. Percebemos que havia insistência nesta informação. Acreditamos que essa insistência tinha o propósito de desvincular publicamente qualquer interferência do DIP sobre a obra e autor, e, ao mesmo tempo reafirmar que a encomenda pelos editores americanos, era fruto do interesse pelo Brasil e seu governo, principalmente após o início dos conflitos europeus que indicavam marchar para uma solução militar. Frischauer na entrevista deixou claro que era preciso o conhecer pessoalmente o Brasil e Getúlio Vargas, para que com suas próprias percepções, pudesse satisfazer a curiosidade do público norte-americano que se voltava ao Brasil neste instante, ou seja, no período de Guerra:

Vi o homem tal qual é: com suas qualidades e seus defeitos.
 - E qual o prato da balança que mais pesa?
 - Os brasileiros responderão melhor do que eu...
 O SR. GETÚLIO VARGAS ATRAVÉS DOS OUTROS
 - E como chegou à conclusão de que valia a pena o trabalho?

- Primeiramente, tratei de aprender o idioma, a fim de me familiarizar com a gente da terra. Em seguida andei por aí, ouvindo os contentes e os descontentes, atento ao que se dizia nas diferentes camadas sociais, lendo os jornais, interrogando humildes e proeminentes, pobres e ricos, proletários e patrões, intelectuais e cientistas, simples e “snobs”. Percorri as ruas antes de subir as escadas do palácio presidencial.

- Qual a primeira impressão que teve do Presidente?

- Com franqueza, não foi boa, antes do primeiro contato que tive com S. Ex. Parecia-me inacessível, aparentemente formalista, talvez em virtude do barulho dos batedores que acompanhavam o veículo que transportava e das comitivas ruidosas que o seguiam. Era esse o quadro em que sempre me calhava vê-lo, transeunte anônimo que eu era.

IMPRESSÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA

- Quais as suas impressões da primeira entrevista com o político que havia de biografar?

- Tudo era diferente daquilo que me informavam as fotografias e o cinema. A própria fisionomia é diversa. O queixo é mais volumoso que o dos instantâneos. Um certo descuido e uma espontânea simplicidade desmentem aquele ar rígido e composto que os fotógrafos, por inexplicável teimosia, preferencialmente lhe dão. Na conversa se ela se alonga, o presidente é, as vezes desconcertante. Parece desejar saber mais o pensamento do entrevistador do que revelar o seu. A curiosidade é uma das suas características. Indaga sobre cada coisa e empenha-se em conhecer o juízo favorável ou desfavorável que dele faz toda a gente. Mostra-se preocupado com a situação das pessoas com que lidou e também com as diferentes camadas sociais. Gosta de estar ao par das queixas e das alegrias do povo. Interroga quase tanto quanto é interrogado...

Responde a quase tudo, mas, quando não lhe parece acertado dar resposta, saber dissimular admiravelmente. É hábil em ver sem olhar. Sinceramente, com uma sinceridade tão funda que às vezes se reveste de ingenuidades sentimentais, ele desejaria, que todos indistintamente, chegasse essa parcela de bem estar que, a seu ver, cria o amor à vida e a amável disposição para ajuizar de homens e de fatos. Muitas vezes, dentro da sobriedade que o caracteriza, indagou a mim se aqueles de quem me aproximava, na vasta “enquete” que foi forçado para dar ao meu trabalho o realismo necessário, tinham condições econômicas para uma vida digna.

TRAÇOS CARACTERÍSTICOS

Em dado momento o jornalista pergunta de chofre ao historiador:

- Qual o traço característico do Presidente Vargas?

- A inteligência, que é marcado por uma perturbadora agilidade e intuição fantástica.

O reporte insiste:

- Que mais influiu na atuação do presidente: a inteligência, a cultura ou a experiência?

O biógrafo responde:

- A inteligência ajudada pela cultura e muito pelo conhecimento que tem dos homens e das coisas. A meu ver, o que impulsiona esse homem de serenidade rara e de tolerância por vezes desconcertante é a sua privilegiada intuição. Vargas leu muito e ainda lê bastante, apesar de trabalhar cerca de dezesseis horas por dia. Cheguei, porém, à conclusão de ele não se deixa influenciar pelas ideias e doutrinas alheias, aproveitando apenas delas o que está integrado em seu pensamento e em harmonia com sua intuição.

PREDESTINAÇÃO

A esta altura, perguntamos secamente a Paul Frischauer:

- Acredita em predestinação?

- Acredito.

- Julga Getúlio Vargas um predestinado?

- Julgo. Ele tem mesmo uma influencia magnética sobre os que dele se acercam.

- Será um bem ou um mal, essa predestinação?

- Só a história o dirá. Uma coisa é indiscutível. É que haverá um ciclo Getuliano perfeitamente definido e marcado.

- Confia no sucesso do seu livro?

- Confio.

- O que espera da crítica?

- Que seja sincera. Que se manifeste pro ou contra a minha obra, mas que se manifeste. De qualquer forma lhe ficarei agradecido.
- Quando surgira “O Presidente Vargas”?
- A sete de setembro. E, dentro de dois meses aparecerão as edições em inglês, francês, espanhol, alemão, sueco e italiano. O “Presidente Vargas” será espalhado pelo mundo inteiro (“Getúlio Vargas num retrato sem molduras”, *O Globo*, 30/08/1943).

As entrevistas nos jornais são provas incontestes da posição privilegiada a qual passou desfrutar Frischauer. Além do espaço, quase uma página inteira totalmente destinada a ele, a partir de 1942, as notas referentes ao escritor passaram a contar com chamadas na primeira página e em outras páginas na mesma edição dos jornais. As reportagens, por exemplo, publicadas por ele tinham esse perfil. O título da matéria também é instigante. Quais molduras se impunham a Getúlio Vargas? Possivelmente àquelas que deviam ser refutadas pela biografia.

Em 1945 Frischauer partiu para os “Estados Unidos trabalhou com Nelson Rockefeller como seu assessor na *Coordination of US and Brazilian War Efforts and Post War Relations* e como vice-presidente do *Inter-Science-Found*” (KESTLER, 2003, p. 102). Rockefeller, já havia sido presidente do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), que desde 1940, intensificou a propaganda pró-americanismo, objetivando o alargamento das relações comerciais e políticas entre a América Latina e os EUA, notadamente, o Brasil. Inúmeras foram às ações adotadas no intuito de atingir essas finalidades, não só com financiamento a empresas brasileiras, mas também com uma maciça publicidade nos mais variados campos. Dentre eles a imprensa que era um importante instrumento de formação de imagens e divulgadores de ideologias. Nesse sentido, ela munia os jornais com matérias escritas por jornalistas e funcionários ligados ao Departamento de Estado dos Estados Unidos, que contribuíssem para a formação da opinião pública, e para que pudessem fomentar a aliança entre países americanos na guerra. Além disso, havia o fornecimento de fotografias, cinema, exposições, traduções de obras literárias dentre outros, que compunham o arsenal de investimento desse órgão para garantir a solidariedade continental em relação à guerra (MOURA, 1980). Em 1945 com a morte do presidente Franklin Delano Roosevelt, e com o fim da Segunda Guerra Mundial, Rockefeller foi demitido por Harry Truman. Nesse período a OCIAA já havia perdido espaço, e em 1946, Rockefeller cria *Associação Internacional Americana para o Desenvolvimento Econômico e Social* (AIA – 1946-1968) e o *International Basic Economy* (Ibec). Em 1950, diante de outros impasses internacionais dentre eles as disputas ideológicas entre EUA e União Soviética, e na

concorrência desses por áreas de influência, o presidente Truman convidou Rockefeller a participar da implantação do *Ponto IV* (TOTA, 2014). As relações entre Rockefeller e Frischauer, provavelmente, foram promovidas por intermédio de Alzira Vargas e Oswaldo Aranha.

Em 1945, Frischauer se estabeleceu nos Estados Unidos e procurou colocar-se como mediador nas relações econômicas entre o Brasil e os EUA. No dia 21 de abril de 1945 escreveu ao Presidente Vargas pedindo autorização para abrir negociações com o Conselho de Bens Excedentes, organização criada em 1944, responsável em gerenciar o excedente de guerra:

Paul Frischauer
11 East 68th Street,
New York 21, N.Y.
Prezado amigo Presidente Vargas,
Conseguí por intermédio de meu primo (funcionário do Departamento de Estado) encontrar na intimidade o administrador-chefe do “Surplus Property Board” em Washington, Major Jonas Reiner.
Esta organização do governo Americano dispõe dum parque de máquinas industriais de toda espécie inclusive as ferramentas para fazer as máquinas (machine tools), que dão a possibilidade da própria produção de máquinas, como por exemplo: teares, máquinas para construção de rodagem, vagões, estaleiros, etc., etc.
Estas organizações dispõem também de aço, de artigos medicinais, como penicilina em grande quantidade e toda espécie de desinfetantes, instalações para hospitais, escolas, etc., etc.
Esta organização concordaria com o pagamento dentro de um prazo de quinze até vinte anos, até o valor de 1 bilhão de Dólares.
Os próprios técnicos poderão ser chamados e serão a disposição a toda hora. Brasil pode ser o primeiro país com que a “Surplus Property Board” entra em negociação, mas que por enquanto necessitam um tratamento confidencial.
Com grande Gratidão receberia suas instruções (Arquivo Nacional, 1945; APUD: PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997, p. 338).

Na correspondência o que chama a atenção é o tratamento de intimidade que Frischauer direciona ao chefe da nação brasileira, tratando-o por amigo. O encontro entre o Major Jonas Reiner, administrador-chefe do conselho, e Frischauer foi promovido por David Loth, que teve seu nome ocultado na missiva, possivelmente, com intuito de não ter a intermediação prejudicada diante do governo brasileiro. O negócio não deixaria de ser interessante, pois o prazo oferecido era relativamente longo, embora o valor fosse uma soma considerável, os equipamentos certamente contribuiriam para a continuação do processo de industrialização. Isso se daria por meio da construção de máquinas e veículos, além de medicamentos, portanto, os produtos poderiam ser positivos ao Brasil. Não foi possível verificar se a negociação foi concluída,

provavelmente, não, pois Getúlio Vargas foi deposto dia 29 de outubro de 1945. Assim como as políticas interna e a externa adotadas pelo novo chefe da nação sob o comando do general Eurico Gaspar Dutra, e o próprio presidente Truman, atuou de forma a tentar minimizar a ação política e econômica de Rockefeller e seus assessores administrativos (TOTA, 2014).

Nos Estados Unidos, Frischauer abriu o mercado editorial para seus livros. Acompanhando o catálogo da Biblioteca da Alemanha verificamos que suas publicações ocorreram entre 1946 e 1950, algumas em alemão, outras em inglês. Dentre elas podemos destacar: *Ein Grosser Herr* (1950); *So Great a Quenn: The Story of Esther, Queen of Persia* (1950); *21 Tage in Moskau: Tagebuch* (1949); *Heimbeschäftigung: Referat Jugendführerschule des Jungen Österreich* (1945). Tais obras foram publicadas entre os períodos de afastamento de Rockefeller dos assuntos dos negócios internacionais. Em 1946, Frischauer escreveu a Alzira Vargas se apresentando como presidente e organizador de algumas revistas, possivelmente, do *Western Hemisphere Publicacatinos*. Elas divulgavam publicidade de diferentes naturezas, e ofereciam diversos serviços, produtos e empresas, que estariam aptas ao comércio internacional entre América Latina e Estados Unidos, possivelmente, com a colaboração e aval de Nelson Rockefeller (URSULA; ZEYRINGER, 1997).

Além disso, Frischauer também já havia anunciado a Edward G. Miller, Secretário Adjunto do gabinete do Departamento de Estado do presidente Truman, que havia sido convidado por João Alberto Lins de Barros, o diretor da divisão Econômica do Ministério das Relações Exteriores, para juntos escreverem um livro de memórias, que receberia o título de *A Coluna*¹¹⁸. O livro foi uma sugestão de Frischauer que faria a tradução para o inglês e se comprometia a colocá-lo no mercado internacional com a publicação americana da Coward-McCann. Por meio dessa correspondência, Frischauer deixava claro que mesmo seu antigo desafeto, agora compunha a lista de suas relações internacionais, mantidas nos Estados Unidos, amizade que é ressaltada pela imprensa nacional (Tribuna da Imprensa, 1956). Essa estratégia de Frischauer pode ter auxiliado na inclusão de seu nome nas novas políticas de Truman que tinham como principal expoente Nelson Rockefeller. Em correspondência entre Herschel Johnson, embaixador norte-americano no Rio e Edward G. Miller, podemos perceber a intriga preparada

¹¹⁸ O livro sobre João Alberto foi publicado em 1954, pela Editora: Civilização Brasileira com o título *Memórias de um Revolucionário*. No dia 01 de outubro de 1956, o jornal Tribuna da Imprensa faz uma homenagem a João Alberto, publicando um breve resumo do seu livro de memórias.

por Frischauer para obter apoio para compor a lista do Departamento do Estado e sua nova política em relação ao Brasil.

Foi entendido que o Presidente Vargas entregou uma carta para o Sr. Frischauer o qual teve a esperança de entrega-la pessoalmente para o presidente Truman. [...] Foi observado que o Sr. Frischauer possuía vínculos com o presidente Vargas durante os anos em que escrevia a biografia, e que também continuava a visita-lo frequentemente, o que parecia ser uma relação muito próxima e muito amigável. [...] Na opinião do Sr. Frischauer, na sua capacidade de julgamento, aparentemente esta amizade sincera com os Estados Unidos, a Embaixada espera que o USIE em Nova York e Washington daria toda assistência e cooperação possível nos arranjos e na coleta dos materiais e na preparação dos seus artigos (URSULA; ZEYRINGER, 1997, p. 270. Tradução nossa)¹¹⁹

Ao desembarcar em Washington, Frischauer levava consigo uma importante declaração pública das relações estabelecidas entre ele e o chefe da nação brasileira, incluindo a fotografia na qual Vargas e Alzira se deixaram fotografar ao lado de Frischauer. Esses documentos abririam possibilidades de relações diplomáticas no Departamento do Estado Americano. A indicação de Getúlio endereçada ao chefe da nação americana era uma prova indiscutível da amizade estabelecida entre biógrafo e biografado. Em 1951, Frischauer retornava ao Brasil, no mesmo ano em que Getúlio Vargas voltava a ocupar o Palácio do Catete.

Antes, porém, Frischauer amparou-se em toda uma rede relacional. Primeiramente intercede junto ao proprietário e editor chefe da editora G. P. Putnam's, Theodoro M. Purdy, para que enviasse a Lourival Fontes, a seguinte correspondência:

G.P. PUTNAM'S SONS
210 Madison Avenue
New York 16, N.Y.

Theodore M. Purdy

¹¹⁹ It is understood that President Vargas has given Mr. Frischauer a letter to President Truman which Mr. Frischauer hopes to deliver personally. [...] it is pointed out that Mr. Frischauer was closely associated with President Vargas during the years that He was preparing the latter's biography, and continues to visit him frequently on what appear to be intimate and friendly terms [...]. In view of Mr. Frischauer's ability, his prestige here, and is apparently sincere friendship for the United States, the Embassy hopes that USIE in New York and Washington Will give him all assistance and cooperation possible in arranging, gathering material for and in the preparation of his articles (URSULA; ZEYRINGER, 1997, p. 270).

Editor-in-chief
1 de junho de 1951.

Exmo. Senhor
Dr. Lourival Fontes,
Chefe do Gabinete Civil do
Senhor Presidente dos Estados Unidos do Brasil,
Palácio do Catete,
Rio de Janeiro, Brasil.

Prezado Dr. Fontes:

Recordo suas gentilezas para comigo, durante minha visita ao Brasil em 1941, a serviço da Macmillan Company de Nova York, e muitas vezes tenho pensado nessas agradáveis semanas passadas no Rio, quando todos tentávamos estreitar os laços culturais e espirituais entre Brasil e os Estados Unidos. Desde então, muito aconteceu, mas noto com satisfação que os últimos acontecimentos, incluindo o Programa Ponto Quatro, o Pacto de Defesa do Hemisfério Ocidental, e o sempre crescente intercâmbio comercial, e outras relações entre nossos dois países, colocaram novamente o Brasil em foco dentro da esfera dos interesses americanos. Vários livros sobre o Brasil têm sido publicados nos Estados Unidos, mas nenhum atraíu ou agradou à grande maioria do povo norte-americano. Talvez o motivo seja a falta de um livro realmente adequado e palpitante sobre o povo brasileiro. Tal livro é necessário para criar a compreensão humana, atualmente ainda mais desejável por o mútuo interesse econômico e político dos dois mais importantes países do Hemisfério Ocidental.

Pedimos, portanto, ao ilustre internacional, Paul Frischauer, para escrever esse livro. Brasileiro por naturalização, não somente conhece, devido à sua longa e vasta experiência, as necessidades e interesses do público leitor cujos livros são distribuídos amplamente neste país. O título por ele sugerido foi SOB O CRUZEIRO DO SUL.

Lí a edição francesa do livro do Sr. Frischauer, PRESIDENTE VARGAS, e, a princípio, pensei em publicá-lo, entretanto, essa biografia, embora bastante expressiva, não poderia ser inteiramente apreciada pelo leitor norte-americano, que não possui um conhecimento básico suficiente sobre o Brasil e seu povo. Além disso, o Dr. Vargas, novamente eleito presidente, está preste a acrescentar outro capítulo à história de sua vida pública.

Sugerimos ao Sr. Frischauer que inclua em seu novo livro a vida do Dr. Vargas, em suas fases principais, apresentando assim ao público, norte-americano essa figura tão representativa do cenário brasileiro.

Sei que são estreitos os laços de amizade entre o Sr. Frischauer e o Sr. Presidente e que, portanto, ele poderia por meio de suas relações obter as facilidades e informações necessárias para traçar a animada tela da vida brasileira, o dia-a-dia do seu povo, o progresso social, político e econômico, as possibilidades de desenvolvimento e produção futuros, enfim, tudo quanto gostaríamos de ver reunido em um livro. Para alcançar este objetivo o Sr. Frischauer terá que viajar extensivamente pelo Brasil e dispor do apoio integral de suas autoridades. Mas, como os futuros editores do novo livro do Sr. Frischauer sobre o Brasil, acreditamos que podemos pedir ao caro Dr. Fontes, bem como ao Governo Brasileiro, todo o possível auxílio para esse escritor, em seu esforço de produzir um livro dos mais informativos e autorizados, que será de utilidade para os interesses mútuos do Brasil e dos Estados Unidos.

Tomo, portanto, a liberdade de lhe agradecer a sua Excelência, o Senhor Presidente, qualquer encorajamento e cooperação que dispensem ao meu Amigo, Sr. Paul Frischauer. Respeitosamente, Theodoro M. Purdy. Editor Chefe Purdy (PURDY, 1951. In URSULA; ZEYRINGER, 1997, p. 337).

A missiva encaminhada por Theodore M. Purdy a Lourival Fontes, agora, chefe do Gabinete Civil da Presidência da República nos revela algumas curiosidades. Inicialmente Purdy reforçou os laços de amizade entre os países. Essa lembrança tinha possivelmente alguns interesses. Além de reavivar a lembrança da amizade entre os dois, ressaltava que as relações comerciais entre os seus países era extremamente profícua para ambos, abrindo assim a possibilidade de novo apoio do Brasil aos Estados Unidos, mas agora na guerra na Ásia. Confirmava o interesse sobre o Brasil, pois inúmeros livros haviam sido escritos sobre o país. Mas ressaltava que nenhum livro havia atraído ou agradado a grande maioria do povo americano, ou seja, nem a própria biografia. No entanto, a missiva de Purdy também ressaltou que o livro escrito por Frischauer em 1943, sobre Getúlio Vargas não teve a aceitação do público norte-americano, mas com cautela esclareceu que o desinteresse se devia ao pouco conhecimento dos leitores americanos sobre o povo brasileiro e de sua cultura, daí a encomenda do novo livro pelos editores, afastando qualquer possibilidade de más interpretações quanto ao teor da biografia. No entanto, o editor destacou que leu a obra na tradução francesa, publicada em 1944, isso se deveu ao fato de que embora se tenha anunciado na imprensa nacional que a biografia teria tradução inglesa, isso não ocorreu, a Random House editora norte americana publicou a edição espanhol, italiano e francês. Assim a grande maioria da população americana não tinha ainda um livro em inglês, sobre o povo brasileiro e seu governo, o que justificaria a vinda de Frischauer.

Em setembro, Frischauer endereça uma carta também a Lourival Fontes:

Paul Frischauer
33 W 55 Street – Apart. 5^a
New York – N.Y.
September, 28, 1951
Ao Excelentíssimo Senhor
Dr. Lourival Fontes,
Chefe do Gabinete Civil do Senhor Presidente dos Estados Unidos do Brasil.
Palacio do Catete
Rio de Janeiro – Brasil
VIA AEREA

Prezado amigo dr. Fontes:

Foi com imensa satisfação que recebi sua carta e fiquei muito sensibilizado pela maneira com que o Senhor Presidente e o amigo receberam a minha proposta de escrever um novo livro sobre o Brasil, abrangendo também a biografia do Presidente.

Tendo concluído as negociações com a casa editora G. P. Putnam's, de New York, tomei o encargo de fazer contratos com o Life Look Esquire, Popular Phtography, Coward-McCann, etc., para a publicação de assuntos relacionados com o Brasil.

Sobre as ligações que fiz nos meios cinematográficos falarei pessoalmente consigo.

Chegarei no Brasil, pela Pan American no dia 5 de Outubro e ficarei imensamente grato si for recebido em audiência pelo prezado amigo e por S. Excelência, o Senhor

Presidente não pode imaginar o prazer que terei em abraça-lo depois de tão prolongada ausência. Muito atenciosamente: Frischauer (FRISCHAUER, 1951).

Não tivemos acesso à correspondência enviada por Lourival Fontes ao editor, e nem ao escritor. Frischauer na missiva deixou claro que ampliou a lista dos interessados no novo projeto, e que poderia incluir uma produção cinematográfica, o que deve ter interessado muito a Vargas, posto que fosse apaixonado pelo cinema. Em seu diário, as poucas ocasiões que escreveu sobre si no âmbito da vida privada, em seus períodos de descanso e lazer, o cinema têm um espaço garantido (VARGAS, 1995). É provável que Frischauer tenha avisado da chegada, não só para marcar as audiências com os nobres colegas, mas também para que sua recepção fosse preparada, já que vinha a convite do governo. O jornal *A Noite*, na crônica *Ver, Ouvir e Contar*, do dia 11 de outubro de 1951, também noticiou a chegada de Frischauer ao Brasil, e ainda:

Paul Frischauer
Copacabana Palace Hotel
Rio de Janeiro, 25 de Outubro de 1951.

Querida Dona Alzira,

Eu estou incluindo a versão em Português da carta que foi escrita pelos meus publicistas de Nova York para o Lourival. Essa carta é auto explicativa no que se refere aos interesses dos editores.

Eu pretendo escrever um novo tipo de livro, digo, no qual a história do país seja contada pela história de seu povo, com cada pessoa representando seus próprios esforços em suas respectivas áreas. Para dar-lhe um exemplo: A história da indústria do papel através da história pessoal dos Klabin; ou a história da indústria hoteleira através da história pessoal dos Guinle, e assim por diante.

Como de fato aconteceu na realidade, todas as pessoas que estão trabalhando para o desenvolvimento do Brasil neste século tiveram que encontrar o Presidente Vargas, mesmo que não sendo pessoalmente. Como ele foi e ainda é o representante do povo nesses últimos 20 anos (e outros ainda por vir), ele acaba sendo o centro de todas as atividades as quais podem ser interpretadas apenas através do entendimento de sua personalidade e de sua história de vida.

Portanto, como podes ver, eu não pretendo escrever uma biografia direta e trivial, mas, se é que posso dizer, um manto no qual cada linha está conectado ao centro. Eu preciso tão somente de pouquíssima informação sobre o Presidente, a maioria dela sobre esses últimos sete anos nos quais tenho estado ausente.

Gostaria de ser capaz de caracterizar seu projeto nacional e internacionalmente. Preciso entrar em contato com os líderes da indústria, da agricultura e da administração, incluindo o exército e a marinha. Eu preciso de assistência para viajar às regiões as quais tem adotado seu regime e as que ele pretende aplicar.

Como eu tive o prazer de dizer a você, eu sou também o representante de algumas revistas americanas para as quais preciso de material visual para mostrar o Brasil para seus leitores.

Eu ficaria muito agradecido se você pudesse indicar algumas pessoas com as quais eu deveria falar a respeito desses assuntos, os quais abrangem de fato todos os

aspectos da vida brasileira. Eu também gostaria muito se pudéssemos manter contato enquanto trabalho.

Expus meu interesse gentilmente?

Tive um momento muito agradável conversando com você, e muito apreciei o almoço pois estava realmente faminto. Também, foi um imenso prazer ver seu esposo novamente. Ele não mudou nada! Que família! Quando verei a filha? Seu amigo de sempre. (FRISCHAUER, 1951).

A carta escrita para Alzira provavelmente atendeu a algum pedido de esclarecimento por parte da assessora do Presidente. As correspondências entre Theodoro M. Purdy e Lourival Fontes se encontram no arquivo de Alzira Vargas no CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil), o que ajuda a compreender as explicações de Frischauer à filha do presidente. Percebe-se a intenção da correspondência de Frischauer, primeiramente era para demonstrar que o interesse para um novo livro partia dos publicistas norte-americanos, o que certamente corroborou para a aprovação também de Alzira. Pretendia ainda pedir de forma diplomática foro privilegiado na obtenção de informações sobre o governo brasileiro, que aos olhos do governo americano adotava uma política cada vez mais nacionalista, prejudicando assim seus interesses. Além disso, pedira custeio para as pesquisas para a escrita da nova obra, para as viagens e permanência no Copacabana Palace Hotel.

No entanto, se Frischauer era amigo de inúmeras personalidades brasileiras, qual seria a necessidade de tantas intermediações? Por que tinha que vir ao Brasil como representante de um importante editor norte americano? Nessa época como já foi dito, Nelson Rockefeller havia sido convidado pelo presidente Truman (1945-1953) a retornar ao quadro de funcionários do governo norte americano, para ajudar a implantar o chamado *Ponto Quatro*, que visava assistência técnica e científica aos países subdesenvolvidos. Em 1951, Rockefeller havia criado o *Inter-Science-Found*, no qual Frischauer ocupava a vice-presidência (CARNEIRO, 1996). Rockefeller também visitou o Brasil inúmeras vezes neste ano, como representante do governo Truman. As medidas adotadas pelo governo norte-americano incluíam a continuidade de uma política estratégica de propaganda em toda mídia: jornais, revistas, cinema, televisão, bibliotecas e centros culturais (TOTA, 2014). Entre os periódicos que receberam verbas para proclamarem o jeito de ser americano foram: *O Globo*, *Jornal do Brasil*¹²⁰ e *Última Hora*¹²¹, e o grande imperador da mídia

¹²⁰ Jornal diário e matutino, fundado em 9 de abril de 1891, por Rodolfo de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco, no Rio de Janeiro. Em 1930 o jornal era propriedade de Pereira Carneiro. Durante a sua gestão o periódico assumiu uma postura moderada quanto às questões políticas. Apoiou discretamente o governo de Washington Luís e seu candidato

Assis Chateaubriand, que possuía 29 jornais, vinte estações de rádio e dois canais de televisão, Carlos Lacerda¹²², e também o proprietário do jornal *Correio da Manhã*, Paulo Bittencourt. A atuação conjunta desses editores, jornalistas, redatores, publicistas e seus veículos de noticiários e publicidades ampliou, vertiginosamente, a propagação do ideal americano do *American way of life*. Inclusive o jornal *Última Hora*, que era considerado governista, foi contemplado pelo orçamento norte americano no intuito de diminuir o apelo popular, considerado excessivamente nacionalista. A vinda de Frischauer¹²³ deveria transparecer interesses relacionados ao Brasil e não dos americanos, sobretudo, por que a aproximação entre ele e Vargas ambicionava acima de tudo o apoio do Brasil no envio de tropas para a guerra no continente asiático (TOTA, 2014).

à sucessão presidencial, Júlio Prestes. Criticou de forma atenuada a Aliança Liberal, mesmo assim isso não impediu seu empastelamento em 1930, com a vitória aliancista, obrigando o jornal a ficar quatro meses sem publicações. Durante o Governo Provisório apoiou a luta pela reconstitucionalização do Brasil e publicava críticas leves ao governo Vargas. Em 1935 houve a fundação da Rádio Jornal do Brasil e o apoio à Lei de Segurança Nacional, visto como importante instrumento na manutenção da ordem e do controle das forças da Aliança Nacional Libertadora e a Ação Integralista Brasileira. Nas campanhas de 1937, apoiou o paulista Armando Sales. Com o Estado Novo manteve uma relação de cordialidade com o DIP, mas em 1945 apoiou a redemocratização, colocando-se contrário ao Queremismo. Em 1950, diante da eleição de Vargas apoiou a legalidade, ou seja, apoiou a diplomação do candidato eleito. Na década de 1950 o jornal foi modernizado e, provavelmente, também com os recursos recebidos dos Estados Unidos. A última impressão do jornal ocorreu em 31 de agosto de 2010, e passou a ser disponibilizado apenas em formato digital, podendo ser acessado mediante pagamento mensal e via internet (LEAL, s/d).

¹²¹ Jornal vespertino e diário, fundado no Rio de Janeiro em 12 de junho de 1951, por Samuel Wainer. Em 1952, o periódico passou a ser editado também em São Paulo. A última edição ocorreu em 26 de julho de 1991. Desde sua origem o jornal caracterizou-se por ser moderno e uma comunicação de massa. Sua fundação está diretamente associada a Getúlio Vargas, que incentivou o jornalista fundador a criar um meio de comunicação que pudesse ser porta voz do governo junto à opinião pública. Entre as décadas de 1940 e 1950, Wainer era oposição ao governo getulista, e nesta fase trabalhava como jornalista para Assis Chateaubriand, proprietário dos *Diários Associados*. Foi esse jornalista que publicou uma entrevista de Getúlio Vargas em seu “exílio”, no Sul. Em 1953, uma campanha contra Wainer e a *Última Hora*, desencadeada por Carlos Lacerda e Chateaubriand, denunciava os empréstimos conseguidos por ele, perante os bancos para abrir o jornal e também denunciavam a sua nacionalidade, que era empecilho para que fosse proprietário do jornal e da *Companhia Paulista Editora de Jornais S.A.*, a *Rádio Clube do Brasil*, a *Érica Editora de Revista e Publicações S.A.* e a *Empresa Editora Última Hora S.A.* Essas ações estão imersas em um conjunto de fatores, o principal deles é que a *Última Hora* tornou-se um dos jornais de maior tiragem, sobrepujando os demais, e também porque aumentava a oposição contra Vargas e consequentemente contra o jornal. As ações visavam ligar Getúlio e um suposto favorecimento ilícito a favor de Wainer e assim corroborar para o impeachment de seu governo. Com o suicídio de Vargas em 24 de agosto, *Última Hora* publicou a carta enviada por Getúlio: “Só morto sairei do Catete”. Wainer acrescentou, ele cumpriu sua palavra: só morto sairei do Catete (LEAL, s/d).

¹²² Carlos Frederico Werneck de Lacerda, jornalista, 1914-1965. Fundou em 27 de dezembro de 1949 o jornal *Tribuna da imprensa*, foi um dos maiores opositores do Getulismo.

¹²³ Acreditamos que o governo americano tivesse incumbido Frischauer de influenciar Getúlio Vargas a apoiar os Estados Unidos na Guerra da Coréia, uma vez que o governo se mostrava reticente quanto ao apoio. Para não transparecer uma imposição do governo americano ao governo brasileiro, era importante que a missão de Frischauer se apresentasse como uma iniciativa particular dos editores e do próprio biógrafo. Assim partimos da premissa que nos círculos dos negócios e do governo, Frischauer passou a insinuar que tinha influência e relações próximas ao presidente da República, pois saíra do Brasil com uma carta de recomendação do Presidente Getúlio Vargas ao presidente Truman (URSULA; ZEYRINGER, 1997).

Vargas, provavelmente, enxergou nessa nova empreitada uma oportunidade para tentar minimizar as constantes críticas que recebia da imprensa nacional, que combatiam sua política interna, insistindo em acoitá-lo de ditador, mesmo retornando ao poder de forma democrática, pelo voto popular. Frischauer poderia corroborar como ocorreu no passado, contrabalanciando essa oposição, minimizando-a e colaborando na divulgação de publicidade favorável ao seu governo nos meios de comunicação. A experiência no passado, das intervenções de Frischauer, a receptividade do público brasileiro direcionadas a ele, podem ter sido avaliadas pelo governo como positivas. Por isso, Vargas côncio do jogo político e das forças que se operavam, especialmente, nos meios da imprensa permitiu e contribuiu para que Lourival Fontes e Alzira Vargas facilitassem a sua volta ao Brasil. Novamente, Frischauer aparece no cenário brasileiro em meio a uma campanha de profícua propaganda e disputa de memória, entre os vários grupos políticos.

A cultura e a ideologia estadunidense procuravam impedir o avanço do comunismo nas Américas e pretendia conseguir o apoio do governo brasileiro na Guerra contra a Coréia. Assim, mais uma vez Frischauer apareceu como um importante articulador, uma vez que os norte-americanos confiavam nas relações estritas que possuía com Getúlio Vargas e com os homens ligados a eles. Os jornais, notadamente, *O Globo*, *Última Hora* e *A Noite*, envolvidos no projeto do Departamento de Estado Americano, reservaram espaço para cobrir a chegada de Frischauer:

Paul Frischauer novamente no Rio para escrever – Um livro de parceria com o Sr. João Alberto – A guerra, o cardeal Spellman e dom Sebastião Leme.

Paul Frischauer, há menos de dez anos, foi um homem discutido no Brasil. Sua obra, sobre o Sr. Getúlio Vargas causou celeuma e toda a sorte de interpretações, levantou-se em torno das razões e finalidades do livro. O escritor, entretanto, atravessou impassível esse período de críticas, algumas até bem violentas, e em princípios de 1945 deixou o Rio e rumava para os Estados Unidos. Na capital americana é que veio, a saber, do golpe de 29 de outubro. Agora, o senhor Paul Frischauer voltou e encontrou o país novamente dirigido pelo seu biografado. Fomos encontrá-lo horas depois de uma audiência com o chefe do governo. Ele nos disse:

- Encontrei o Presidente mais jovem e mais forte, com o seu humor característico e aquela mesma risada agradável. Nada diminui a sua extraordinária rapidez de aprender e penetrar nos assuntos. E enquanto conversávamos, lembrava-me do encontro que tivéramos uns seis meses antes da minha viagem à América do Norte. Vargas, a essa época, confessava-se cansado e decidido a abandonar o posto e logo que a situação interna e internacional voltasse à normalidade. As férias na fazenda de Itu redobram-lhe as energias...

- Um amigo meu, alto funcionário do Departamento de Estado, dizia-me em Washington que nunca considerava Getúlio um ditador, naquele sentido clássico, mas “um ditador na defesa da democracia”. Estou na mesma opinião e não estabeleço paradoxos, porque em

tempo de guerra ou de sua preparação, era necessário concentrar os poderes administrativos, como de fez na Inglaterra e nos Estados Unidos.

“NEM UMA LINHA”

- Quer dizer que o senhor não pretende fazer nenhuma retificação no livro sobre o presidente Vargas? – foi a pergunta do repórter.

- Não alterarei nem uma linha. Ratifico tudo e reassino, se for preciso. Fiz tudo completamente documentado. É uma construção sólida. Que não pode mudar como a opinião de alguns dos antigos colaboradores de Getúlio, no dia imediato à sua deposição em 1945... A respeito das críticas, devo acrescentar que as frutas onde vão os bichos nunca são as piores. No seu exterior ou interior há alguma coisa boa que eles procuram devorar...

JOÃO ALBERTO, ESCRITOR.

Paul Frischauer diz ainda:

- Escreverei para G. P. Putnam, de Nova York, e a Editora Casselis, de Londres, um livro intitulado “Sob o Cruzeiro do Sul”. Ele vai mostrar aos americanos e ingleses o que é verdadeiramente, o homem brasileiro e o seu maior representante atual, o presidente Getúlio Vargas. Não recorrerei a estatística ou dados numéricos. Abordarei apenas o Brasil pelo seu aspecto humano, pois considero o brasileiro o tipo mais democrata do mundo. No meu programa literário inclui-se também uma produção de parceria com o Sr. João Alberto. Faremos para a Casa Editora Coward Mc Cann. De Nova York, a história da Coluna Revolucionária, cujo trajeto consideramos como a base moderna, que foi culminar com a vitória de Vargas em 1930.

Acrescenta-se que nessa época ninguém falava em comunismo. Só depois de a coluna emigrar é que uns agentes russos se aproximaram de Prestes para aproveitar-se da marcha heroica. A coluna era integrada por autênticos democratas. Posso dizer, por exemplo, que João Alberto é democrata até os ossos, como muitos poucos.

O BRASIL INDEPENDENTE

A entrevista toma um rumo diferente:

- Os Estados Unidos não consideraram o Brasil somente um arsenal de matérias primas. Eles já anteveem uma revolução industrial, que em muito pouco tempo tornará o Brasil industrialmente independente de todo o mundo, fabricando os seus próprios produtos e elevando o seu nível de vida. O que percebo na escassez de uma ou outra mercadoria é apenas deficiência de distribuição que será sanada com a construção de novas estradas.

O PERIGO BRASILEIRO

Só vejo um perigo sério – acrescenta. – É o fluxo assombroso do interior para as cidades. Rápido e grande demais, vem justamente contrariar um dos princípios pregados por Vargas – a marcha para o Oeste. Nos Estados Unidos há 50 ou 60 anos, a população avançou realmente para o Oeste reconhecendo que o país por dentro é tão bonito e ainda mais produtivo quanto no litoral. O resultado pode ser avaliado pelo que ocorre hoje na grande nação do Norte. Colaborem estreitamente Brasil e América do Norte, fortaleçam o pan-americanismo e terão edificada a maior defesa contra os perigos e um preventivo contra as situações catastróficas do ponto de vista internacional.

A GUERRA

Ao finalizar, S.S. opina:

- Não haverá guerra, nos próximos anos, ao menos, ninguém atacará os Estados Unidos, com temor de seu poderio quase inimaginável e ciente de sua resolução e inquebrantável de não permitir que o mundo seja escravizado. So mesmo quem conhece o potencial industrial dos americanos pode avaliar o poder ofensivo e defensivo.

SPELLMAN, O CARDEAL PERFEITO.

E concluindo:

- Nos Estados Unidos, escrevi apenas. Publiquei um romance – “Tão grande uma rainha” – a “Historia Bíblica de Esther” e “O bastão do Pastor, onde ponho em relevo, sobretudo a luta contra a intolerância de qualquer tipo. Aliás, nesse terreno quero acentuar o extraordinário significado da posição do cardeal Spellman nos Estados Unidos. Esse futuro hóspede do Governo brasileiro, numa viagem que considero de grande importância para o Continente, é realmente um cristão de primeira ordem, que se

empenha a fundo em todos os problemas humanos, sem distinção de credos e longe de qualquer espírito de intolerância. E, falando dessa grande figura do clero norte-americano, lembro-me de Dom Sebastião Leme, uma das primeiras personalidades que avistei no Rio. S. Em., nos encontros que tivemos, com aquele seu ar paternal, dizia-me para nunca esquecer que “o brasileiro é muito inteligente, mas tem, invariavelmente, a cabeça no coração (“Não se arrependeu da Biografia do Senhor Getúlio Vargas”, *O Globo*, 29/10/1951, p. 6).

A entrevista de Frischauer¹²⁴ ao *O Globo* foi uma declaração pública de apoio ao presidente Getúlio Vargas, e ao reafirmar seu vínculo aproximava-se ao mesmo tempo dos objetivos americanos e brasileiros. O periódico, *Tribuna da Imprensa*¹²⁵ mesmo concordando com a política do Departamento Americano para a América Latina, em consonância com o pensamento liberal e contra as direções políticas nacionalistas assumidas pelo novo governo Vargas, não deixou de alfinetar as novas pretensões literárias de Frischauer, como resposta imediata à entrevista concedida ao *O Globo*:

Está de novo no Brasil o Sr. Paul Frischauer, autor de uma biografia pelo antigo DIP. Deu entrevista, autor de uma biografia do Sr. Getúlio Vargas, estipendiada pelo antigo DIP. Deu entrevista falando sobre várias coisas, inclusive prevendo, com ares de pitonisa em atividade, que não haverá guerra nos próximos anos. Mas, o que o Sr. Frischauer vem fazer mesmo é outro livro, sobre “o homem brasileiro e seu representante atual, o Sr. Getúlio Vargas”, a quem considera, citando um anônimo estrangeiro, “um ditador na defesa da Democracia”, quando se refere ao período do Estado Novo: O que o homem quer, de novo, é dinheiro. Gostou do rendimento do primeiro livro, está saudoso daqueles “vales” do DIP. E vemos, agora, impingir nova biografia do Sr. Vargas, cobrada, certamente, a preço mais alto, tendo em vista que o próprio Sr. Vargas se incumbiu de aumentar, no Brasil, o custo de vida. Ministros, presidentes de institutos, tubarões governamentais, negociastas oficiais, atenção! Abri a bolsa. Está aí o biógrafo-taxímetro. Erva haja! (“Dinheiro Haja!”, *Tribuna da Imprensa*, 30/10/1951, p. 4).

¹²⁴ Embora Frischauer tenha afirmado que viera ao Brasil para escrever as memórias de João Alberto, e outros livros, sobre a Guerra e sobre o cardeal D. Sebastião Lemos, em nossas pesquisas não encontramos nenhum vestígio sobre tais informações.

¹²⁵ Em 1962, o periódico foi adquirido por Hélio Fernandes. Em 2 de dezembro de 2008, foi a última edição em papel. No entanto, mantém uma edição online. Carlos Lacerda era jornalista do *Correio da Manhã*, no qual assinava a coluna “Tribuna da Imprensa”, emprestando seu nome ao jornal, fundado por ele. Desde sua origem foi o maior opositor ao governo de Getúlio e a tudo que representava sua herança. O jornal durante o governo de Eurico Gaspar Dutra refletia sobre o longo governo Vargas interrompido em 1945, e insistia em ataques abertos a Vargas, chamando de “um misto de caudilhismo sul-americano e de fascismo europeu”. Nas eleições de 1950, o jornal apoiou as candidaturas daqueles que considerava democrático, ou seja, do brigadeiro Eduardo Gomes. E se opôs veementemente àquele que considerava como candidato “totalitário”, ou seja, Getúlio Vargas. Com a vitória de Vargas o jornal desencadeou uma campanha chamada de “maioria absoluta”, a qual consistia que o candidato para ser considerado vitorioso no pleito eleitoral tinha que atingir a maioria dos votos, ou seja, a metade mais um. Durante todo o governo de Vargas (1951-1954) a *Tribuna da Imprensa* conduziu toda a oposição ao governo (LEAL, s/d).

A partir de 1952, Frischauer passou a ser correspondente especial do jornal *Última Hora* nos Estados Unidos, publicou os seguintes artigos: *Diz Ana Rosenberg a Paul Frischauer, em Washington: “para Roosevelt, Vargas era mais que um Aliado: seu amigo pessoal*, publicado no dia 21 de março de 1952; *Pentágono, Cérebro Militar Dos Estados Unidos*, em 24 de março de 1952; *Droga Miraculosa Para a Cura da Tuberculose*, no dia 25 de março de 1952; *Cuidado com as Drogas Milagrosas: “Ninguém Tem o Direito de Iludir os Doentes!”*; *No Centro de Washington O templo da Democracia*, em 02 de junho de 1952; *Enquanto Stalin pisca um olho: “Quem Tiver mais Fumaça Saindo Das Chaminés Vencerá a Guerra”* p. 7; *No encontro de Roxo Loureiro com os Banqueiros Americanos: Exaltação a Vargas Numa Reunião em “Wall Street”*, no dia 17 de março de 1953. As reportagens de Frischauer pretendiam fortalecer os laços culturais entre Brasil e Estados Unidos. Frischauer circulou como ninguém entre os altos escalões dos governos brasileiro e norte-americano. O fim de sua colaboração como correspondente internacional no *Última Hora*, coincidem com o período em que Samuel Wainer sofreu uma intensa campanha de desmoralização coligada por Carlos Lacerda e Assis Chateaubriand e, provavelmente, isso promoveu o rompimento da colaboração.

Em 1954, com o suicídio de Vargas, Frischauer que já se encontrava nos Estados Unidos acabou por se estabelecer em definitivo em solo americano, e o projeto sobre Vargas não se concretizou. Em 1956, no entanto, surgiu o livro *Ouro Verde*, pela editora Civilização Brasileira S/A, do original *Green Gold*, traduzido por Brenno Silveira, que conta a história do café no Brasil. Ainda nos Estados Unidos publicou em parceria com sua irmã Gina Kaus, o livro *I morgen tidlig Kl. 9*, em 1952 e com Kindler München em 1959, *Die fremder Königin*. Em 1960, Frischauer voltou para a Áustria. Acompanhando as publicações de Paul Frischauer no catálogo da Biblioteca Nacional da Alemanha¹²⁶ percebe-se que neste período as inúmeras publicações

¹²⁶ Procuramos listar as obras levando em consideração o primeiro ano de publicação, após a saída do autor do Brasil: Bertelsmann Lesering [1964], 1963; *Der Mensch macht seine Welt* - Frischauer, Paul. - Gütersloh: Bertelsmann Lesering, [1963]; *Die Heiligen und ihr Traum Longstreet*, Stephen. - München: Droemersch Verlag. Anst Knaur. 1967; *Knaurs Sittengeschichte der Welt/Bd. 1. Vom Paradies bis Pompeji* [1986?], Vom Autor bearb. Taschenbuchausg. 1980; 1978; 1976; 1975; 1974; 1968; *Es steht geschrieben* - Frischauer, Paul - Gütersloh: Bertelsmann [-Lesering], [1968]; *Knaurs Sittengeschichte der Welt/Bd. 2. Von Rom bis zum Rokoko* [1986?], Vom Autor bearb. Taschenbuchausg. 1980; 1978; 1976; 1975; 1974; 1969; *Knaurs Sittengeschichte der Welt Es steht geschrieben* Frischauer, Paul. - Wien: Buchgemeinschaft Donauland, [1969]; *La sexualité dans l'antiquité* Frischauer, Paul. - Verviers: Marabout, 1974, 1969; It / Bd. 3. *Von Paris bis zur Pille* [1986?], : *Knaurs Sittengeschichte der Welt*, 1996, 1994, 1993, 1992, 1987, 1985, 1978, 1975; e *Leonardo da Vinci*, 1996, 1994, 1992,

apareceram em colaboração com outros escritores e não tiveram editoração na Áustria, as editadas em alemão foram publicadas em Frankfurt, na Alemanha.

2.5. De volta à terra natal

Os países no pós-guerra sofreram profundas mudanças. A Alemanha, por exemplo, sofreu transformações estruturais significativas. Seu território foi dividido: em Ocidental e Oriental, o primeiro dividido entre os países vencedores do conflito: Estados Unidos, França e Inglaterra. O segundo, passou a ser domínio da União Soviética. Em 1949, formou-se a República Federal da Alemanha (Ocidental) e a República Democrática Alemã (Oriental). A Áustria desde 1945 ficara livre do domínio alemão, mas a independência política seria obtida somente em 1955, com o Contrato de Estado (*Staatsvertrag*). Com a autonomia, houve a busca pela formação da identidade nacional austríaca. Nesse processo a literatura foi compreendida como um importante instrumento de formação identitária. Os construtores desse ideário austríaco assumiram uma postura tradicional. Ligados à corrente oficial ambicionavam construir uma identidade nacional com vínculos ao passado glorioso austríaco. Diferente do que aconteceu na Alemanha com o *Gruppe 47* (*Grupo 47*), que rompeu e tecia críticas contundentes à ideologia nazista, os literatos austríacos não romperam com essa ideologia, caracterizada pela permanência da herança desse princípio nas obras literárias. A nação assim, concebida era do esquecimento

1987, 1985, 1978, 1975; *Weltgeschichte in Romanen* / Bd. 1. Das Altertum Kurzfassungen, 1960; *Der Sieger* - Frischauer, Paul. e - Gütersloh: *Vom Autor bearb. Taschenbuchausg.*, 1980; 1978; 1977; 1976; 1975; 1970; *Moral und Unmoral der deutschen Frau* Frischauer, Paul. - München: Droemer/Knaur, 1970; *Weltgeschichte in Romanen* - Teil: Bd. 1., *Von den Anfängen der Menschheitsgeschichte bis ins vierte Jahrhundert v. Chr.* [1987?]; 1977; *Weltgeschichte in Romanen*/Bd.2. *Die Zeit nach Alexander dem Grossen bis ins viert Jahrundert n. chr* [1987?]; 1977; *Weltgeschichte in Romanen*/Bd. 3. *Geschichte der Germanen bis zum Spätmittelalter* [1987?]; 1978; *Weltgeschichte in Romanen*/Bd. 4. *Vom Ende des elften Jahrhunderts bis zum Ende des fünfzehnten Jahrhunderts* [1987?]; 1978; *Weltgeschichte in Romanen*/ Bd. 5. *Von der Entdeckung Amerikas bis ins achtzehnte Jahrhundert* [1987?] *Weltgeschichte in Romanen*/Bd. 6. *Von der Mitte des achtzehnten Jahrhunderts bis zur Neuzeit* [1987?] *Die fremde Königin* - Frischauer, Paul. - München: Goldmann, 1982, Ungekürzte Ausg., 1. Aufl.; 1978; *Finale in Wien*. Paul Frischauer. – München, 1982, 1. Aufl. 1979; 1978; *Wirf deinen Schatten Sonne*- Frischauer, Paul. - [Rastatt]: Moewig, 1981, *Genehmigte Taschenbuchausg. Theatergeschichte*/Bd. 1; 1977; *Theatergeschichte*/Bd. 2. 1977; *Theatergeschichte*/Bd. 3, 1977; *Theatergeschichte*/Bd. 4. 1977; *Die Liebessitten der Völker*/Bd.3. Von Paris bis zur Pille [1975]; *Wirf deinen Schatten, Sonne* - Frischauer, Paul. - München: Heyne, 1976, *Genehmigte, ungekürzte Taschenbuchausg. Det st°ar skrevet: banebrydende kildeskifter*/Bd. 1 1974; *Det st°ar skrevet: banebrydende kildeskifter* / Bd. 2 1974; *Ivanhoe*. Scott, Walter. – *Está Escrito* - Paul Frischauer; Stuttgart, München: Dt. Bücherbund, 1972; *Wirf deinen Schatten, Sonne* Frischauer, Paul. - München, Berlin: Herbig, 1974.

das diferenças étnicas. Aqueles que não aceitaram essa vertente ideológica foram rejeitados, outros preferiram emigrar, e os que estavam fora da Áustria optaram em permanecer no exílio (BOHUNOVSKY, 2010).

Frischauer se colocou contrário à escolha da maioria dos literatos austríacos, preferindo permanecer nos Estados Unidos até a década de 1960 e, possivelmente, este posicionamento explique porque não teve suas obras publicadas na Áustria. Em 1962, recebeu o título de professor acadêmico, e em 1973 foi condecorado com a medalha de honra, na cidade de Viena (KESTTER, 2003). Morreu em no dia 07 de maio de 1977 em Viena. Mas suas obras continuam vivas e se constituem como objeto de estudo para muitos historiadores até os dias de hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da biografia como fonte é uma abordagem histórica que está estreitamente vinculada à valorização da investigação em torno do indivíduo, bem como o gênero biográfico, na perspectiva da História Cultural, e certamente, outros trabalhos sobre esse tema virão a lume. Entretanto, essa dissertação de mestrado continuará sendo uma inovação nesse campo, visto que respondeu qual a imagem de homem público construído para Getúlio Vargas a partir do olhar de Paul Frischauer, por meio de uma obra biográfica.

A biografia nos proporcionou uma imagem de Vargas, desenhada a partir da pena do biógrafo, que tal como um artista das artes visuais, traçou linhas, entrelaçou os fios da linguagem como se fossem cores da aquarela e com o jogo de luz e sombra, escondendo e tornado visível, teceu uma trama argumentativa para compor uma obra literária, como se fosse uma tela, construindo uma imagem para Vargas. A imagem construída pelo autor fez do homem público, um personagem heroico, sem vícios, cujas virtudes foram forjadas nas relações sociais e utilizadas para o bem coletivo. A narrativa seguiu o roteiro tradicional das biografias autorizadas, pretendendo apagar a dimensão dos conflitos políticos, especialmente no que diz respeito à imagem de Vargas como traidor, tão presente entre os que viveram a Revolução de 1930 e no combate nas afirmações da influência do fascismo no Estado Novo, difundido pelos seus

opositores, objetivando o desmonte de tais acusações e o distanciamento entre o regime varguista dos demais regimes europeus.

Ademais, essa pesquisa também ampliou o conhecimento sobre o biógrafo, visto que, tínhamos pouquíssimas informações sobre esse autor, ao iniciarmos a pesquisa. Ao concluirmos essa dissertação, podemos afirmar que, Paul Frischauer, possuía uma biografia que deve ser ressaltada. Ao estudarmos as suas origens e como se construiu enquanto autor, percebemos que a sua escolha para a escrita da obra sobre Getúlio Vargas, está intimamente ligada ao reconhecimento por parte do governo brasileiro, da sua notoriedade e prestígio no mercado do livro no âmbito mundial, e com isso corroboraria na redefinição da imagem do presidente na esfera internacional. Embora a escolha do autor pretendesse demonstrar uma neutralidade política, pois, o fato de ser estrangeiro lhe garantiria a isenção necessária para a análise da personalidade biográfica, compreendemos que de fato, havia intenções nessa escolha. Ao chegar ao Brasil, o tratamento que lhe foi concedido pelos jornais, pelos literatos e intelectuais brasileiros, o caracterizaram como uma celebridade internacional. Frischauer era um homem de experiência europeia, um escritor de renome, antecedentes que eram valorizados no Brasil, e, em certa medida, a origem do autor daria um peso à escrita, pois, como estrangeiro, estaria de certa forma, alheio às disputas internas.

Uma das problemáticas que nos inquietou durante as pesquisas foi: como ler uma biografia encomendada? A hipótese inicial era de que se tratava de uma obra feita sob encomenda, como meio de propaganda política, e como tal a biografia perdia sua potência de autonomia e identidade própria. No entanto, durante as análises documentais, percebemos que a escrita e o autor guardaram um livre trânsito, e mesmo obedecendo aos critérios estabelecidos pelos financiadores, a biografia propôs uma interpretação do passado, que visava alinhar a experiência com o relato histórico, negando algumas interpretações dos contemporâneos do biografado, silenciando as memórias incômodas e rememorando outras. Frischauer negociou sua escrita que estava comprometida com a defesa do presidente, entretanto, soube preservar o espaço para que pudesse pesquisar e ouvir os depoentes por ele selecionados, pois, tal percepção poderia propiciar ao leitor a veracidade do trabalho biográfico. Além disso, mesmo que a obra tenha sido encomendada, em nada diminui suas marcas de interpretação do passado, e guardada as devidas ressalvas, nos possibilitou perceber como esses homens compreenderam seu tempo. Concluimos que a obra não se constituísse como uma mera encomenda, pois, para Frischauer as estratégias

usadas para defender Vargas era ao mesmo tempo também defender a posição austríaca na Segunda Guerra.

As ligações de Frischauer com o serviço secreto britânico e o interesse desse governo em restabelecer as relações políticas e econômicas abaladas pelos incidentes envolvendo os navios brasileiros no Atlântico, e ainda, a preocupação com o crescente comércio entre Brasil e Alemanha, podem ter contribuído para que a Inglaterra tenha favorecido e financiado a vinda do escritor ao Brasil. Nesse sentido, aliar-se-ia a escrita biográfica com a influência do escritor junto ao governo Vargas, para que o Brasil se afastasse dos países do Eixo, o que, portanto, caracteriza a obra não como uma mera encomenda propagandística. Entretanto, não podemos negar que houve em certa medida um gerenciamento por parte dos interessados na biografia, e que, muitas vezes indicaram, a quem, o que responder e quais os opositores mais incômodos. Entretanto, algumas abordagens e seleções de assuntos por Frischauer colidiu com a vontade da família Vargas, que, muitas vezes se opôs aos escritos do biógrafo. Mesmo com as oposições, Frischauer souber negociar o espaço necessário para que sua escrita ganhasse certa autonomia:

Um dos biógrafos fora ao Rio Grande do Sul em busca de dados. Entrevistara vários colegas e contemporâneos, descobrira vários documentos inéditos, entre eles o discurso de formatura, e viera conversar comigo para que lhe desse mais informações necessárias à forma definitiva de seu livro. Deu-me os originais do discurso em troca (PEIXOTO, 1960, p.11 e 12).

As informações de Alzira Vargas demonstra a dimensão das negociações em torno da biografia. Ainda de acordo com filha do presidente, o discurso de formatura era recorrentemente lembrado em conversas entre os amigos que participaram de sua elaboração e do evento da colação de grau. Alzira, em seu livro, afirmou que para o presidente, o discurso havia se perdido, entretanto, fora Frischauer que o encontrou, e ao devolver ao acervo familiar, soube negociar informações que lhe faltavam para concluir o livro. A citação é um importante rastro da autonomia de Frischauer, que também encontrou vários documentos inéditos, e que talvez por isso, tenha destacados alguns contextos que receberam algumas objeções da família Vargas, à medida que deu visibilidade a assuntos considerados indesejados por eles. A partir dessas constatações, acreditamos que ao revelar esses assuntos e ao superarem essas contestações, posto

que esses assuntos viessem a lume por meio da biografia, a obra rompe a ignomínia de um produto meramente construído para agradar aos financiadores.

Frischauer dialogou intensamente com os jornais. A biografia privilegiou alguns desses periódicos: *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *Petit Journal*, *O Malho*, *Diário Carioca*, *O País*, *A Federação* e *O Debate*, os cinco primeiros, nitidamente opositores a Getúlio Vargas. Houve ainda algumas citações indiretas ao *Correio da Manhã* e ao *O Globo*. Os diálogos ambicionavam responder às acusações fixadas nesses meios de comunicação, pretendendo negar as imagens que esses desejavam facultar à Vargas. Além disso, havia um acervo pessoal, as matérias guardadas no baú de memórias de Vargas, que possivelmente lhe foram fornecidas e esperavam o momento oportuno para serem respondidas. Seu contato com os homens da imprensa, intelectuais e com pessoas ligadas a máquina pública podem também lhe ter fornecido pistas de assuntos dos ambientes das repartições públicas e políticas que poderiam ser rastros do passado-presente que ainda fervilhava nas mentes e corações dos contemporâneos de Vargas, e não só esse meio intelectual e jornalístico forneceu ingrediente à composição da obra. O autor utilizou também testemunhos colhidos em vários lugares e períodos da vida do biografado, além de vários tipos de documentos retirados dos Anais das Assembleias do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, analisou cartas, discursos, dialogou com historiadores como Pedro Calmon e José Maria da Silva e com o sociólogo Gilberto Freyre, objetivando proporcionar credibilidade aos argumentos da narrativa biográfica e caracterizar a obra como fruto da pena de um historiador.

Desde o início do governo, Vargas, preocupou-se com a construção de sua imagem como homem público. Inúmeras biografias foram escritas por brasileiros. Essas biografias foram consideradas laudatórias. A biografia de Frischauer, também foi considerada por alguns leitores como laudatória, não ficando imunes às críticas, umas elogiosas, outras pejorativas. Entretanto, há um tempo distinto na sua escrita, o contexto da Segunda Guerra. Nesse período, o Brasil assumiu uma posição de proeminência. Os olhos do mundo foram postos sobre o país, quer por sua posição estratégica no Atlântico Sul, quer pelos perigos para um possível apóio aos países do Eixo, ou ainda, sua influência sobre os demais países da América do Sul. Esses fatores, aliados ainda ao fornecimento de matéria prima, colocaram o Brasil em uma situação jamais vivenciada na história mundial. O cerne central dessa dissertação consistiu em compreender como Frischauer lidou com a imagem do homem público em tempos de Guerra.

Ao construir uma teia argumentativa o austríaco, perseguiu os rastros do passado do biografado, vinculando-os em sua escrita, e também o entrelaçando à história do Brasil e o contexto externo. O percurso narrativo retroativo visava vincular o presidente ao passado histórico republicano do Brasil. No âmbito privado sua genealogia ligava-se ao homem da fronteira, que com os esforços solitários defendiam as terras brasileiras. Seus antepassados possuíam, além disso, ligações militares e republicanas vitoriosas. Ao tornar-se um homem público, fazia dos infortúnios uma oportunidade de aprendizagem do homem e na capacidade de lidar com eles, manifestando simpatia pelos adversários e mantendo relacionamento com os inimigos políticos, sendo considerado por esses, digno de confiança. Esse apaziguamento político na biografia, fez com que o Getúlio Vargas construído por Frischauer, fosse um homem predestinado, conceito que percorreu boa parte da obra, essa concepção foi muito criticado pela imprensa. Entretanto, o pan-americanismo também foi um dos fios condutores da narrativa.

No primeiro capítulo da obra, o autor relatou que o seu primeiro contato indireto com o presidente foi na Conferência de Consulta dos Chanceleres das Repúblicas Americanas, ocorrida no dia 15 de janeiro de 1942 (FRISCHAUER, 1944, p. 15). Na ocasião, o Brasil anunciaria seu posicionamento ao lado dos Estados Unidos da América no conflito militar e o rompimento com os países do Eixo, portanto, a consolidação do pan-americanismo e a reafirmação da consolidação das alianças históricas entre os países americanos. Na reunião de chanceleres, o posicionamento do Brasil que até então havia se mantido neutro, era de suma importância, pois, a Argentina e o Chile eram favoráveis de um posicionamento de neutralidade e do não rompimento com os países do Eixo. Frischauer ressaltou a gravidade da situação. Ciente desse jogo político, a ambiguidade política foi assemelhada ao jogo de xadrez. Vargas impusera aos países, movimentos que lhe possibilitasse movimentar as peças necessárias aos interesses brasileiros, para adquirir os recursos financeiros necessários para a construção da indústria de base no Brasil.

A construção de uma nova imagem para Getúlio Vargas era o principal objetivo da biografia. Para tal construção, alguns períodos foram privilegiados na narrativa, a infância do presidente e a influência recebida do pai, líder político e gaúcho ligado à defesa das fronteiras e lutas republicanas; as tentativas do presidente em seguir uma carreira militar, a formação acadêmica que lhe permitiu se destacar pela oratória e pela liderança natural sobre os demais estudantes, que no período da publicação da obra, eram homens públicos de grande envergadura no cenário nacional; pacificador do Rio Grande do Sul, após se tornar líder da maioria na

Câmara, e mais tarde, após assumir a Presidência do Estado, permitindo a diplomação de elementos de outros partidos e atendendo algumas de suas reivindicações políticas. A Revolução de 1930, assegurando a memória de sua liderança do movimento; as justificativas para a implantação do Estado Novo em 1937, como necessidade para a manutenção da unidade territorial da nação e para afastar as ameaças nazistas e comunistas do Brasil. Além de serem ressaltados a calma, o sorriso, a honestidade na gerência dos recursos públicos e a habilidade política de Vargas, de manter seus opositores próximos ao Palácio do Catete, em uma política de conciliador das divergências partidárias.

Embora alguns assuntos recebessem menções especiais, alguns aspectos abordados por Frischauer ainda merecem destaque. Inicialmente, Frischauer abordou as oposições ao governo, a Revolução Constitucionalista, A Intentona Comunista e Integralista, marcas das resistências contra a sua permanência à frente do governo federal. Demarcou a modernização do Brasil, na preocupação do governo com a industrialização, como mola propulsora para a riqueza material do país e sua inserção ao mundo capitalista; a urbanização, higienização das zonas urbanas e na política de integração de regiões antes negligenciadas pelos governos republicanos. Em sua obra ressaltou a legislação social do Brasil. Essa memória foi consagrada pela historiografia brasileira. Getúlio Vargas é reconhecidamente o homem público que mais contribuiu para a consolidação de leis trabalhistas, que garantiu inúmeros benefícios aos trabalhadores urbanos e rurais, inserindo-os ao jogo político, através da criação dos Ministérios do Trabalho e da Educação e Saúde. A percepção do escritor da nova forma de governar inaugurada por Vargas, no contato direto com o povo, ressaltando seus passeios nas ruas, em diligências desacompanhadas de guardas costas, o sorriso, na leitura das charges, das anedotas dos jornais, para medir a popularidade do governo.

Entretanto, o panorama da Guerra proporcionou um novo ambiente interno e externo. Antigos opositores engrossaram fileiras junto ao governo e aplaudiram o apoio do Brasil aos Estados Unidos, jogando temporariamente ao esquecimento algumas oposições. O ambiente de Guerra, por mais paradoxal, trouxe uma nova realidade, o alinhamento entre as forças opositoras ao governo no âmbito interno, se tornando uma mola propulsora para a redefinição da imagem do presidente. Todos os esforços internos deveriam ser dirigidos às questões da Guerra, da defesa do território e do continente. Externamente, havia muitos comentários a serem respondidos. Além das críticas dos detratores que estavam exilados, a interpelação do governo inglês sobre os presos políticos e sobre as possíveis torturas nas prisões brasileiras; explicações sobre o novo governo

para Washington, principalmente pelo fechamento do Congresso Nacional em 1937, o autor afirmou que o país norte-americano, após ter recebido as devidas explicações do governo brasileiro, concedeu a Getúlio Vargas o título de “Ditador em defesa da Democracia” (FRISCHAUER, 1944, p. 354), pois, para os Estados Unidos a política interna brasileira estaria inserida na lógica da soberania nacional, uma vez que esta não prejudicasse as relações externas pró-americanas, não havia necessidade de intervenção militar no Brasil. A soberania brasileira sobrepujou aos próprios interesses dos americanos, uma vez que o presidente Roosevelt, não pretendia a participação efetiva do Brasil no confronto.

Getúlio Vargas contrariou as expectativas norte-americanas e participou ativamente da Guerra, enviando tropas para o *front*, após a criação do Ministério da Aeronáutica e modernização das Forças Armadas. O ideal democrático, segundo Frischauer era um conceito adaptado à realidade brasileira. A verdadeira democracia segundo o autor, era a garantia concedida pelo Estado na igualdade de oportunidades a todos os cidadãos, e a garantia do bem estar social do seu povo, acima dos interesses individuais de grupos.

Toda obra procura leitores, e a atividade de leitura e interpretação escapa ao controle do autor e ganham sentidos diversos. As críticas ao livro em 1943 foram devido ao relato às abordagens de fatos históricos. O principal interlocutor da obra foram os jornais, seguidos, das revistas. As inúmeras citações e menções sobre a obra nos mais variados jornais, demonstram a necessidade de demarcar posicionamentos e defesa da memória em torno dos eventos partilhados pela vivência dos contemporâneos dos acontecimentos. Em geral, os artigos dos cronistas afirmavam que os erros na narrativa biográfica se deviam ao fato do autor ser estrangeiro, e que por isso, alguns assuntos lhe fugiam a compreensão. Novamente o espaço da recordação e das evocações das memórias compartilhadas pelos grupos será o jornal. Havia um projeto de futuro na composição da biografia, a manutenção da permanência da memória de Getúlio Vargas, por meio da construção da imagem do homem público. Ao se constituir como lugar de defesa, a biografia contribuiu para a consolidação da memória de um dos mais contundentes políticos do Brasil contemporâneo.

REFERÊNCIAS

FONTE

FRISCHAUER, Paul: *Getúlio Vargas: Biografia*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944.

BIBLIOGRAFIAS

ABREU, Alzira, [et al.]. *Dicionário histórico biográfico brasileiro*. São Paulo: Siciliano, Rio de Janeiro, FGV, 2001.

ABREU, Luciano Aronne de. *Getúlio Vargas: a construção de um mito: 1928/30*. (Coleção História; 14). Porto Alegre: EDISPU CRS, 1996. 132 p.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Vianna Moog. Disponível: <http://www.academia.org.br/academicos/vianna-moog/biografia>.

A FEDERAÇÃO. *A Atitude do Rio Grande*. 06 de julho de 1921, p.1.

A FEDERAÇÃO. *O Último Discurso pronunciado pelo deputado Getúlio Vargas*. 04 de setembro de 1923, 1ª página.

A FEDERAÇÃO. *Correspondência expedida e recebida pelo dr. Borges de Medeiros, a propósito da escolha dos candidatos a presidência e vice-presidência do Estado, lida na Convenção pelo delegado Othelo Rosa*. 09 de outubro de 1927, p. 3.

A FEDERAÇÃO. *A oração do deputado Alberto de Brito no comício de São João*. 14 de setembro de 1937, p. 5.

A FOLHA DE SÃO PAULO. *O SR. GETÚLIO VARGAS TAMBÉM É ASSASSINO*. 15 de janeiro de 1930.

ALBUQUERQUE, E. P. C. de *Verbetes biográfico*. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/albuquerque-epitacio-pessoa-cavalcanti-de>.

ALIANÇA LIBERAL.

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/AliancaLiberal>

AMADO, Gilberto. *Depois da Política*. Rio de Janeiro, Editor: José Olympio, 1960.

AMARAL, Azevedo. *O Estado autoritário e a realidade nacional*. Rio de Janeiro, Editor: José Olympio, 1938.

A MANHÃ. *Paul Frischauer*. 21 de fevereiro de 1942.

A MANHÃ. *Dias Perigosos da Inglaterra*. 09 de fevereiro, 1943.

ANDRADE, Débora El-Jaick. *Escrita da História e Política no século XIX: Thomas Carlyle e o Culto aos Heróis*. História e Perspectivas, Uberlândia, 2006.

A NOITE. *Uma entrevista do Sr. Borges de Medeiros*. 09 de julho de 1931, 1ª p.

A NOITE. *Os empregados no comercio de Nictheroy ao ministro do Trabalho*. 12 de novembro de 1932, p. 7.

A NOITE. *A Guerra na Europa*. Entrevista: *Lord Beaverbrook*, 15 de maio de 1940, 1ª p.

A NOITE. *Feira Mundial de Nova York: Amostra de arte em comemoração a Independência*. Edição Especial, 07 de setembro de 1940.

A NOITE. *O Presidente Vargas fez um novo Brasil*. 16 de setembro de 1940, 1ª p.

A NOITE. *O Presidente Vargas, nas impressões de Stefan Zweig*. 22 de setembro de 1940.

A NOITE. *Visita de Zweig a Minas*. 19 de janeiro de 1941, 1ª p.

A NOITE. *Achando-se na casa, em visita a Academia, o escritor Paul Frischauer, membro do P.E.N. Clube de Londres e da Academia de Viena, designou o presidente o Sr. Cláudio de Souza para saudá-lo*. 31 de maio de 1941, p. 5.

A NOITE. *Quem é Paul Frischauer, que veio ao Brasil para escrever a biografia do Presidente Vargas*. 28 de junho 1941, p. 3.

A NOITE. *O Brasil é uma poderosa força econômica em movimento. Declarações do escritor Frischauer em Porto Alegre*. 02 de novembro de 1941, p. 6.

A NOITE. *A biografia do presidente Vargas, por Paul Frischauer*. 13 de janeiro de 1942.

A NOITE. *Exhausto*. 24 de fevereiro de 1942, 1ª p.

A NOITE. *Stefan Zweig*. 25 de fevereiro de 1942.

A NOITE. *A primeira vítima da guerra*. 14 de março de 1942, p. 2.

A NOITE. *Aniversários*. 26 de maio de 1942.

A NOITE. *Semana da Pátria*. Edição Especial, 07 de setembro de 1942.

A NOITE. *Garibaldi, Herói de Dois Mundos*. 07 de janeiro de 1943, p.3.

A NOITE. *Vida fantasiosa de um biógrafo realista*. 19 de janeiro de 1943, págs. 15 e 16.

A NOITE. *O pintor de paredes gosta de olhar para o leste*. 27 de fevereiro de 1943, p. 3.

A NOITE. *Quatro Vezes a Áustria*, 26 de março de 1943. págs. 3 e 4.

A NOITE. *A biografia do presidente Vargas pelo escritor Paul Frischauer e as grandes casas editoras de Londres e Nova York*. 03 de setembro de 1943, págs. 1 e 3.

A NOITE. *Um livro que será entregue ao Brasil amanhã*. 06 de setembro de 1943.

A NOITE. *Secção de dedicatórias da Independência*. Edição Especial, 07 de setembro de 1943.

A NOITE. *Os Anos Perigosos da Inglaterra, um livro Magistral*. 22 de setembro de 1943.

A NOITE. *Paul Frischauer, cidadão brasileiro*. 14 de janeiro de 1944, p. 7.

A NOITE. *Homenagem a Zweig*. 24 de setembro de 1948.

ARAUJO, Rubéns Vidal. *Os Vargas*. Rio de Janeiro: O Globo, 1985.

ARÓSTEGUI, Julio. *La historia vivida*. Sobre La historia Del presente. Madrid: Alianza ensayo, 2004.

ASSMANN, Aleida. *Espaço da recordação. Formas e transformações da memória cultural*. São Paulo: Unicamp, 2011, p. 143-158.

BIAVASCHI, Magda Barros. *Departamento de Taquigrafia*. Getúlio Vargas, Porto Alegre, 2014.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOHUNOVSKY, Ruth. *À procura da literatura austríaca: da construção à análise de um mito*. Revista de Estudos Germânicos, nº. 15. São Paulo, 2010.

Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-88372010000100009

BONET, Fernanda dos Santos. *Autoritarismo e Nacionalismo. O discurso oficial sobre o desenvolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, através das páginas da revista "Cultura Política"*. Porto Alegre. 2010.

BONI, Luíz Alberto, (Org.) *A ciência e a organização dos saberes na Idade Média*. Rio Grande do Sul, Ed. PUC, 2000.

BORGES, Vavy Pacheco. Anos trinta e política: História e historiografia. In: FREITAS, Marcos César. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina. (coords.). *Uso e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 183-191.

BUTTURE, Paula Matoski; FERREIRA, Ana Paula Lopes. *O instituto histórico geográfico brasileiro como capital social dos senadores na primeira república*. Anais do V Seminário Nacional Sociologia & Política.

http://www.humanas.ufpr.br/portal/seminariosociologiapolitica/files/2014/08/24758_13978396251.pdf.

BRASIL. *Decreto Lei nº 389*. Diário Oficial da União - Seção 1 - 25/4/1938, p. 7724.

CABRAL, Magaly. *Dedicatórias a Getúlio Vargas. Fragmentos de uma Biblioteca. Museu Da República*. s/d. Disponível em:

<http://museudarepublica.museus.gov.br/exposicoes/dedicatorias/paginas/index.htm>.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil, um refúgio nos trópicos - Brasilien, Fluchtpunkt in den Tropen*. São Paulo: Editora: Estação Liberdade Ltda., 1996.

CARRAZZONI, André. *Getúlio Vargas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

_____. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O Brasil Republicano*. v. 2 - O tempo do nacional – estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

CATÁLAGO da Biblioteca Nacional da Alemanha. Disponível: <https://portal.dnb.de/opac.htm?method=showSearchForm&selectedCategory=dnb.dbism>:

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

CHAVES, Luís Guilherme Bacellar. *Verbete*. S/d.

<http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/amaral-azevedo-do>

COLUSSI, Eliane Lucia. *Violência política e cisão no PRR de São Borja*. História Unisinos, vol. 11, 2007.

CORREIO DA MANHÃ. *O Ministro da Fazenda vai renunciar a pasta*. 19 de abril de 1927, p. 2.

CORREIO DA MANHÃ. *Sr. Washington Luis e a sucessão presidencial*. Publicações Especiais, 08 de agosto de 1929, p. 3.

CORREIO DA MANHÃ. *Como o Sr. Getúlio Vargas pensava em 10 de maio*. 08 de agosto de 1929, 1ª p.

CORREIO DA MANHÃ. *A legislação sobre as caixas de pensão e aposentadorias*. 02 de outubro de 1931, 1ª p.

CORREIO DA MANHÃ. *Annaes da Assembleia, Sala das Sessões*. 03 de março de 1936.

CORREIO DA MANHÃ. *Na secção Permanente do legislativo: Uma Comissão de Inquerito para apurar as Violencias attribuidas à Polícia*. 04 de março de 1936, p. 3.

CORREIO DA MANHÃ. *A Prisão de Luís Carlos Prestes*. 07 de março de 1936, p. 3.

CORREIO DA MANHÃ. *O empolgante discurso Hontem, na Esplanada do Castello*. 01 de agosto de 1937, p. 8.

CORREIO DA MANHÃ. *Casa do pobre. Crítica de Armando Salles*. 03 de agosto de 1937, p. 4.

CORREIO DA MANHÃ. *O Dinheiro*. 04 de agosto de 1937, p. 04.

CORREIO DA MANHÃ. *A situação política*. 27 de agosto de 1937, p. 2.

CORREIO DA MANHÃ. *A interpretação authentica do discurso do Sr. Getúlio Vargas*. dia 14 de junho de 1940, 1. Página.

CORREIO DA MANHÃ. *Achando-se na casa, em visita a Academia, o escritor Paul Frischauer, membro do P.E.N. Clube de Londres e da Academia de Viena, designou o presidente o Sr. Cláudio de Souza para saudá-lo*. 31 de maio de 1941, p. 5.

CORREIO DA MANHÃ. *Literatura da Áustria*. 09 de junho de 1941, p. 11.

CORREIO DA MANHÃ. *Os milhões de Zweig*. 06 de agosto de 1941, p.2.

CORREIO DA MANHÃ. *Uma Carta de José Américo*. 21 de setembro de 1943, 1ª p.

CORREIO DA MANHÃ. *AMICUS PLATO*. 15 de setembro de 1943, p.2.

CORREIO DA MANHÃ. *A Neve Russa*. 29 de outubro de 1944, p. 8.

CORREIO DA MANHÃ. *Retrato do DIP*. 11 de março de 1945, p. 3.

CORREIO DA MANHÃ. *Uma conversa ao pé da lareira*. 25 de junho de 1945, 1ª p.

CORREIO DA MANHÃ. *Muita sede ao pote*. 27 de agosto de 1946.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. *Entrevista com Sr. Frischauer*. 05 de setembro de 1943.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. *Algumas Diversas*. 10 de setembro de 1943, 1ª p.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. *O livro de sr. Frischauer está suscitando comentários*. 24 de setembro de 1943, p.2.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. *Livros Novos*. 26 de setembro de 1943.

CORREIO PAULISTANO. *Notas Bibliographia*. 11 de outubro de 1934, p. 8.

CORREIO PAULISTANO. *Pelo navio britânico “leighton” chegou ao rio o escultor Paul Frischauer. Outros passageiros desembarcaram na Guanabara – viagem acidentada – várias*. 31 de dezembro de 1940, p. 2.

D’ARAUJO, Celina Maria. *Getúlio Vargas – Câmara dos Deputados*, Edições Câmara, 2011, Brasília- DF (Séries Perfis Parlamentares, n. 72).

DIAS, Carlos Alberto Ungaretti. *Verbete*. Política dos Governadores.

<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/POL%C3%8DTICA%20DOS%20GOVERNADORES.pdf>

DIÁRIO CARIOCA. *Cócegas e Impertinências*. 10 de setembro de 1943.

DIÁRIO DA NOITE. *Academia Brasileira de Letras*. 24 de junho de 1941, p. 4.

DIÁRIO DA NOITE. *Um livro que será entregue ao Brasil amanhã*. 06 de setembro de 1943.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. *Um jantar pan-americano em honra dos jornalistas estrangeiros*. 13 de janeiro de 1942, p.4.

DINES, Alberto. *Morte no Paraíso: A tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

DOMENACH, Jean-Marie. *A propaganda política*. Livro Eletrônico, 2001. Disponível<www.ebooksbrasil.org/eLibris/proppol.html>. Acessado em junho de 2013.

DOSSE, François. *O desafio Biográfico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ECKL, Marlen. “A flor do exílio” – A amizade de Stefan Zweig e Ernst Feder vista a partir do 'Diário Brasileiro' de Feder. In: WebMosaica. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre, vol. 2, jul-dez. 2012. Disponível em:
file:///C:/Users/marli/Downloads/37709-149792-1-PB.pdf

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Verbetes*. Diário de Notícias. CPDOC/FGV. s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-noticias-rio-de-janeiro>

_____. *Getúlio Vargas – uma memória em disputa*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1592.pdf

_____. *Verbetes*. Reação Pernambucana. <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/REA%C3%87%C3%83O%20REPUBLICANA.pdf>

FILHO, Firmino Paim. *Correspondência de Firmino Paim Filho a Getúlio Vargas*. Classificação: GV c 1914.02.24. CPDOC. FGV.

FOLHA DA MANHÃ. O SR. GETÚLIO VARGAS TAMBÉM É ASSASSINO! 15 de janeiro de 1930, 1ª p.

FONTOURA, João Neves da. *Memórias – Borges de Medeiros e Seu Tempo*. Rio Grande do Sul, Editora: Globo, 1957.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: _____. *Ditos e escritos III*. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Tradução de Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edusc, 1996.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. *Verbetes*. *Tenentismo*. CPDOC/FGV. s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tenentismo>

FRIELE, Berent. Correspondência. Development Division; Conselho de defesa nacional-Washington. Arquivo Getúlio Vargas. Classificação GV 1941. 05.21. CPDOC. FGV.

FRISCHAUER, Paul. Correspondência interceptada por Filinto Müller. CPDOC/FGV. Arquivo: Getúlio Vargas. Classificação: GV c 1943.00.00/1.

GAUZ, Valéria. Dedicatórias a Getúlio Vargas, fragmentos de uma Biblioteca, 2015. <http://meseudarepublica.museus.gov.br/exposições/dedicatórias/paginas.htm>.

GAY, Peter. O traço comum. In: *O coração desvelado: a Experiência Burguesa da Rainha Vitória à Fred*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 337-376.

GAZETA DE NOTÍCIAS. *Presidente Vargas*, 09 de agosto de 1943, 1ª p.

GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. A política cultural do Estado Novo. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. *A invenção do trabalhismo*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

_____. Vargas: para além da vida > O mito Vargas. Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/AlemDaVida/MitoVargas>

GOULART, Silvana. *Sob a Verdade oficial*. São Paulo, Editora: Marco Zero, 1990.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

JÚNIOR, Antônio Manoel Elíbio. *A Revolução desde o Sul: Getúlio Vargas e o “caso paulista” (1930-1932)*. Diálogos (Maringá. Online), v. 17, n.1, p. 255-278, jan.-abr./2013. <http://www.redalyc.org/html/3055/305528853010/>

KELLER, Vilma. *Verbete*. CHERMONT, ABEL. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CHERMONT,%20Abel.pdf>

KESTLE, Izabela Maria Furtado. *Exílio e Literatura: Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. trad. Karola Zimmer, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

LAVOURA E COMÉRCIO. *Tomará posse hoje na Academia Brasileira de Letras o Sr. Getúlio Vargas*. 29 de dezembro de 1943.

LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. *Verbete*. O Globo. CPDOC/FGV. s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/globo-o>

LEAL, Carlos Eduardo; SANDRONI, Cícero. *Verbetes*. Jornal do Comercio. CPDOC/FGV. s/d. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/JORNAL%20DO%20COM%20%89RCIO.pdf>

LEAL, Carlos Eduardo. *Verbete*. Correio do Correio. CPDOC/FGV. s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha>

_____. *Verbete*. Gazeta de Notícias. CPDOC/FGV. s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias>

_____. *Verbete*. Última hora. CPDOC/FGV. s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ultima-hora>

_____. *Verbete*. Tribuna da Imprensa. CPDOC/FGV. s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tribuna-da-imprensa>

_____. *Verbete*. Jornal do Brasil. CPDOC/FGV. s/d. Disponível em: <HTTP://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionario/verbete-tematico/jornal-do-brasil>

LEMES, Renato. *Dicionário histórico-biográfico*. PRIMEIRA REPUBLICA (1889-1930). 1984.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Editora Papirus Unicamp. São Paulo, 1986.

LIGA DAS NAÇÕES. *Verbete*. Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia/LigaDasNacoes>

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In REVEL, Jaques (org.). *Jogos de escalas*. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LUCA, Tânia Regina de. A revista do Brasil (1916-1944): notas de pesquisa. In: *O historiador e seu tempo: encontros com a historiografia*/ Celso Ferreira, Holien Gonçalves Bezerra, Tânia de Luca (orgs). São Paulo: Editora UNEP: ANPUH, 2007.

_____. *Produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em acervos norte-americanos: estudo de caso*. Revista Brasileira de História, vol. 31, nº 61. Indústria e trabalho na História do Brasil. São Paulo: Contexto, 2011.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Trad. Antonio Caruccio-Caporale. São Paulo: L&PM Editores: Porto Alegre, 2011.

MARTINS, Carlos. Correspondência. CPDOC/FGV. Arquivo Alzira Vargas.

MOOG, Vianna. *A Biografia, o Biografado, o Biógrafo e Eu*. Revista Dom Casmurro. 28 de novembro de 1942, p. 2.

MOOG, Vianna. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: WWW.academia.org.br/academicos/vianna-moog/biografia.

MOREIRA, Maria Ester Lopes. *Verbete*. Diário da Noite. CPDOC/FGV. s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-da-noite>

MOREIRA, Regina da Luz. *Verbete*. Joaquim Francisco de Assis. CPDOC/FGV. s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joaquim-francisco-de-assis-brasil>

_____. *Verbete*. Primeira República. CPDOC/FGV. s/d. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/PACTO%20DE%20PEDRAS%20ALTAS.pdf>

_____. *Verbete*. Joaquim Francisco de Assis Brasil. CPDOC/ FGV. s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joaquim-francisco-de-assis-brasil>

_____. *Verbete*. Maurício de Cardoso. CPDOC/FGV. s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joaquim-francisco-de-assis-brasil>

MOSES, Hebert. s/d. Disponível em: <http://www.abi.org.br/institucional/historia/herbert-moses-1931-1964/>

MOURA, Gerson. *Autonomia na Dependência*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

NETO, Lira. *Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)*. 1ª Edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

_____. *Getúlio: Do Governo Provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)*. 1ª Edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

NEW YORK TIMES. *ACORDO COM KRUPP ESTUDADO PELO BRASIL*. CPDOC/FGV-Arquivo: Alzira Vargas.

NOLL, Izabel. *Verbete*. Fernando Abbott. s/d.

<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/1%20Verbetes%20letra%20A.pdf>

NORA, Pierre. *Entre história e memória*. A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo: PUC, vol.10, n. 10, p. 7-28, dez/1993. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>

O CORREIO DO POVO. *A Biografia, o Biografado, o Biógrafo e Eu*. 28 de novembro de 1942, p. 2.

O GLOBO. *Como pensava o Sr. Getúlio Vargas em 10 de maio*. 10 de agosto de 1929.

O GLOBO. *A Guerra atual será ganha pelo Brasil*. 15 de julho de 1941, p. 4.

O GLOBO. *Estudando o Brasil e o Sr. Getúlio Vargas*. 19 de fevereiro de 1943.

O GLOBO. *A biografia do presidente Vargas pelo escritor Paul Frischauer e as grandes casas de Londres e Nova York*. 03 de agosto de 1943, 1ª p. e p. 3.

O GLOBO. *Getúlio Vargas num retrato sem molduras*. 30 de agosto de 1943.

O GLOBO. *Não se arrependeu da Biografia do Senhor Getúlio Vargas*. 29 de outubro de 1951, p. 6.

OLIVEIRA, Maria da Glória. Fazer história, escrever a história: sobre as figurações do historiador no Brasil oitocentista. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, nº 59, p. 37-52 – 2010.

_____. Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850). *HISTÓRIA*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 154-178, 2007.

OLIVEIRA, Suellen Mayara de. A querela de Clio: As tensões e os diálogos entre os Institutos Histórico e Geográficos e da região do Prata (1838-1852). *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, a. 173 (454): 115-156, jan./mar. 2012, p. 115 – 183. Disponível em:

<http://drive.google.com/file/d/0B52TfDyGHoA1UFRkZU5aNExCmN/view>

O MALHO. *Como eles se entendem*. 24 de agosto de 1929, s/p.

O RADICAL. *O Presidente Cidadão*. 08 de janeiro de 1942, p. 7.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*; traduzido por Eni Puccinelli Orlandi. – 4ª ed. Campinas, São Paulo, Editora da Unicamp, 2009.

PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. *Getúlio Vargas, meu pai*. Rio de Janeiro: Globo, 1960.

_____. Correspondência de Alzira Vargas para Getúlio Vargas. Classificação: GV c 1943.00.00/1. CPDOC/FGV.

_____. Arquivo: Alzira Vargas do Amaral Peixoto. Classificação: AVAP gv acgv 1944.05.05. Data: 05/05/1944 até 19/09/1990. Dear Father Confessor. CPDOC. FGV.

_____. Arquivo: Alzira Vargas do Amaral Peixoto. Classificação AVAP gv acgv 1944.05.05. G. P. PUTNAM'S SONS. CPDOC. FGV.

_____. Arquivo: Alzira Vargas. Classificação AVAP gv acgv 1944.05.05. FRISCHAUER, Paul. Carta para Alzira Vargas. CPDOC/FGV.

_____. Arquivo Alzira Vargas do Amaral Peixoto. Classificação: AVAP gv acgv. 28.09.1951. FRISCHAUER, Paul. Carta para Lourival Fontes. CPDOC. FGV.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 03-15.

PONTES, Eloy. *Notas de Bibliographia*. Correio Paulistano, 11 de outubro de 1934.

PRUTSCH, Ursula; ZEYRINGER, Klaus. *Die Welten Des Paul Frischauer*. Ein "literarischer Abenteurer" im historischen Kontext. Wien – Londres – Rio – New York – Wien. ISBN. 1997.

PURDY, Theodoro M. Carta de Purdy a Lourival Fontes (1951). In: PRUTSCH, Ursula; ZEYRINGER, Klaus. *Die Welten Des Paul Frischauer*. Ein "literarischer Abenteurer" im historischen Kontext. Wien – Londres – Rio – New York – Wien. ISBN. 1997.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *Os exilados brasileiros no Prata: entre a revolução e a ordem (1930-1935)*. Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC- Belo Horizonte – 2000 - ISBN 85-903587-1-2. Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/Constituicao1934>

REHDER, Elke. *Livro de endereços Stefan Zweig*. 2015. Disponível em: [//www.elke-rehder.de/stefan-zweig/stefan-zweig-address-book.htm](http://www.elke-rehder.de/stefan-zweig/stefan-zweig-address-book.htm)s

REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In:_____. *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora UFPR, 2010, p. 235-264.

REVISTA CARETA. *Lá no Palácio das Águias*. Rio de Janeiro. 30 de janeiro de 1937.

REVISTA DA MANHÃ. *Os anos perigosos da Inglaterra*. 1942, p. 8.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO BRASILEIRO (RIHB), 1839.
Disponível em:
<https://ihgb.org.br/ihgb/historico.html>

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas. São Paulo. Unicamp, 2010.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*. Brasília: UnB, 2001.

SANDES, Noé Freire. *A invenção da nação: entre a monarquia e a república*. Goiânia: UFG, 2000.

_____. *O tempo revolucionário e outros tempos - o jornalista Costa Rego e a representação do passado (1930-1937)*. Goiânia: UFG, 2012.

_____. *O passado como negócio. O tempo revolucionário (1930)*. In: Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 43, 2009, p. 125-140.

SENNETT, Richard. *O declínio do Homem Público*. Traduzido por Lygia Araujo, 1ª ed., Watanabe – Rio de Janeiro: Record, 2014.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. *Biografia como gênero e problema*. História Social. Revista do Programa em História, São Paulo, UNICAMP, n. 24, 2013, p. 45-58.

SCHMIDT, Benito. *O Biográfico. Perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2000.

SILVA, Izabel Pimentel. *Verbete*. Júlio de Castilhos. s/d.

<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/CASTILHOS,%20J%C3%BAlio%20de.pdf>

_____. *Verbete*. José Gomes Pinheiro Machado. S/d.

<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/MACHADO,%20Pinheiro.pdf>.

SODRÉ, N. História. *O MALHO*: Encic. Larrouse Cultural; Grande encic. Delta; Malho (1902 e 1952). <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MALHO,%20O.pdf>

STEFFENS, Marcelo Hornos. *Getúlio Vargas biografado: análise de biografias publicadas entre 1939 e 1988*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2008.

TEIXEIRA, Batista. Delegacia Especial da Política e Social. CPDOC/FGV. Arquivo: Alzira Vargas.

THE HEMISPHERE. *Abalado por crise o Gabinete Ministerial Brasileiro*, 1º de março de 1940. CPDOC/FGV. Arquivo: Alzira Vargas.

THE HEMISPHERE. *Vargas com um vulcão por baixo*, 8 de março de 1940. CPDOC/FGV. Arquivo: Alzira Vargas.

THE HEMISPHERE. *À procura do aço brasileiro*, dia 15 de março de 1940. CPDOC/FGV. Arquivo: Alzira Vargas.

TOTA, Antônio Pedro. *O amigo Americano – Nelson Rockefeller e o Brasil*. Editora Companhia das Letras. São Paulo. 2014.

TRIBUNA DA IMPRENSA – LEMBRAI-VOS DE 1937! 12 de junho de 1950. 1ª p.

TRIBUNA DA IMPRENSA. *Dinheiro Haja!* 30 de outubro de 1951, p. 4.

TRIBUNA DA IMPRENSA. *Verbete*. S/d.

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tribuna-da-imprensa->

VARGAS, Protásio. *Carta de Protásio Vargas a Getúlio Vargas*. Vol. XXXVI/58, confidencial. São Borja, 08 de novembro de 1941. CPDOC. FGV.

VARGAS, Getúlio. *Diário* (1930-1942). São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

VARGAS, Getúlio. Telegrama para o embaixador Carlos Martins, 18 de janeiro de 1940. CPDOC /FGV. Arquivo: Alzira Vargas. CPDOC. FGV.

VARGAS, Getúlio. Petrópolis. Correspondência, 28 de março de 1940. CPDOC/FGV. Arquivo: Alzira Vargas.

VIANNA, Oliveira. *O idealismo da Constituição*. 2 ed. Companhia Editora Nacional, 1939.

VICTOR, Rogério Lustosa. *O labirinto integralista: o conflito de memórias* (1938 – 1962). Goiânia: IFITEG, 2013.

ANEXOS

ANEXO I - Perguntas feitas pelo Sr. Paul Frischauer

Questões suplementares ao questionário nº 1

1. Qual o itinerário seguido pelo Presidente, quando de viagem de S. Borja a Ouro Preto?
2. Quais eram, naquela época, e são, hoje em dia, os meios de comunicação, estradas, vias férreas, etc., existente em S. Borja?
3. De que maneira foi recebida na casa Vargas a mudança do sistema governamental no ano de 1889?
4. Era já o pai do Presidente republicano, ou tornou-se ele republicano somente depois, durante o decorrer dos acontecimentos?
5. Como e onde passou o presidente o princípio do 20º século?
6. Tinha ele o sentimento de que com o novo século começa uma nova época?
7. Tinha ele, como tantos notáveis personagens históricos – como por exemplo Napoleão – uma crença ou superstição relativa a datas? (retorno cíclico de acontecimentos, aniversários como dias de especial importância).
8. Fez o presidente questão de comemoração do seu aniversário?
9. Existia realmente uma superstição, que o impressionava? (Como é tão frequente com gente que nasce e vive nos campos).
10. Qual era sua atitude religiosa com relação à elucidação sempre em crescimento devido à leitura? (ficou-leh, a – pesar da elucidação, a base, religiosa, - esse sentimento indelével, do qual nem Voltaire podia livrar-se).
11. Sentia-se o presidente, na ocasião do seu serviço militar, humilhado, pelo de ter que servir, - êle, que tinha sido excluído da Escola Militar, quando também sem culpa – como simples soldado?
12. Como reagiu o Presidente no tocante à diferença do ambiente social, a qual, sem dúvida, deve ter sido enorme?
13. Compreendeu talvez o Presidente, já naquela época, quão importante é para um estadista conhecer o seu povo? E que o mais adequado ambiente para esse fim é a caserna, onde se é

obrigado a viver na maior comunidade possível? E que um estadista só se torna um estadista na verdadeira significação da palavra quando conhece a fundo o caráter e as particularidades do seu povo? Lembra-se, por acaso, o presidente de camaradas do 25º Batalhão de Infantaria? Facilitaria muitíssimo a tarefa do autor, se lhe fosse possível descrever, de tal maneira, como eram vistos pelo presidente, o caráter do povo e seus tipos, que êle conheceu durante o seu serviço militar.

14. Qual a atitude do presidente para com os oficiais?

15. Havia no presidente, como seria completamente natural e compreensível, um sentimento de oposição contra a classe de oficiais, a qual, apesar de tudo, era a sua própria classe?

16. Esteve o presidente, antes de sua convocação do serviço militar, em Porto Alegre? Como filho de fazendeiro, ou como jovem cavaleiro de boa família ou somente como simples soldado?

17. Cumpriu o presidente com os seus penosos deveres de vulgar soldado de Infantaria, com rancor ou com atitude de resignação e superioridade? Em que consistia o serviço? Especializou-se o presidente?

18. De que maneira foi o presidente convocado ao serviço militar? Ou alistou-se ele voluntariamente?

19. Qual era o ambiente em que vivia o presidente durante as suas horas vagas? Como Promotor Público.

20. Confere que o presidente fugiu da caserna afim de matricular-se na faculdade? Que faculdade?

21. Como é possível, que um soldado se matricule? (pois assim o foi alegado por um dos biógrafos?)

22. Quando e aonde acabou o presidente o seu curso de humanidades, o qual lhe possibilitou a sua matrícula na universidade?

23. Qual a cultura e literatura e de que país, atraia mais o presidente? (naquela época).

24. Quais eram os escritores, poetas e filósofos, que o impressionavam mais? (prediletos naquela época).

25. Quais os personagens históricos que o presidente estudou, e que deles o impressionavam mais?

26. Quem eram os seus amigos, com os quais discutiu em Porto Alegre, durante as horas vagas, literatura, poesia e ciência?

27. Tinha a compreensão de que conduzia naquela época uma vida de duas faces, de um lado como simples soldado, do outro lado com amigo de literatos e estudantes?
28. Porto Alegre já era, nos principais deste século uma cidade próspera e progressiva. Reconheceu o Presidente, naquele período já, a suma importância dessa cidade como porto de exa importância? Ele provavelmente esta falando da pensão Medeiros.
29. Travou o Presidente conhecimento e teve êle relações com os elementos imigrantes italianos e alemães? (Já em grande número ali);
30. Preocupou-se o Presidente com a situação social resp. econômica dos operários portuários?
31. Preocupou-se êle já, realmente, com o problema social ou voava o seu intellecto ainda no abstracto dos problemas?
32. Era ao Presidente o conceito “Brasil”, apesar de sua imensa extensão e das difficilimas possibilidades de comunicação, mais concreto ainda que na sua tenra juventude?
33. Visitava o Presidente frequentemente seus pais? Ou visitaram-no esses?
34. Qual a attitude dos pais para com êle, na sua qualidade de simples soldado?
35. Que fez a sua família naquela época? Seus irmãos resp. irmãs? Qual a attitude d’esses? Tinham os seus irmãos cumprido com o serviço militar?
36. Tinha ele, ou um de seus amigos, ideias separatistas?
37. Existia no Rio Grande, um sentimento, de rivalidade, de inveja, contra o Rio de Janeiro, a tão distante capital?
38. Gostou o Presidente de declamar? Fez ele, por acaso, exercícios oratórios?
39. Reconheceu ele, Já naquela época, na alta oratória, a futura poderosa arma do vigésimo século?
40. Perseguia o Presidente os acontecimentos da guerra dos Boers? – esse primeiro indício, o prelúdio das primeiras perigosas divergências anglogermánicas, as quais afinal, conduziram à guerra mundial de 1914. Essa questão tem a sua significação, porque crises políticas, exatamente como terremotos, se propagam pelo mundo inteiro, engendrando uma atmosfera belicosa, contágios, mesmo em nações pacíficas, e no ano de 1903, a crise política entre a Bolívia e o Brasil, quase conduziu à guerra.
41. Perseguia o Presidente o desenvolvimento diplomático e político d’esse crise, pelos jornais, em conversas?

42. Alistou-se o Presidente voluntariamente para a expedição militar ou foi todo o seu regimento mandado para lá? (Mato Grosso).

43. Que recordações tem o Presidente de marcha resp. do transporte das tropas para o Mato Grosso?

Essas recordações poderiam talvez possibilitar a descrição das condições de transporte daquela época em comparação ao progresso atual. E, ainda além disso, o pitoresco quadro da paisagem.

44. O primeiro conflito armado contra uma nação estrangeira produz quase sempre um robustecimento sentimento patriótico, especialmente na classe armada. Sentiu o Presidente essa onda de vivo patriotismo? Teve ela alguma influência sobre ele? Era nele o conceito de “brasilidade”, naquela época, já mais acentuado?

45. Foi durante a sua estadia em Corumbá, que o Presidente se encontrou pela primeira vez com os garimpeiros e cavadores de ouro? Foi ele impressionado pela atmosfera aventureiros d’esses bandeirantes e aventureiros nesse, e até aquele momento, desconhecido interior? Impressionou-o o fato de que cavadores sem autorização podiam apoderar-se dos tesouros da terra, descobrir minas e explorá-las com utensílios primitivos?

46. Pensou o presidente já naquela época, no ulterior plano da maravilhosamente organizada exploração das riquezas do sub-solo brasileiro?

47. Constitue a vida do campo, do soldado, uma recordação agradável ou desagradável ao Presidente?

48. Sentiu o Presidente, como todo cultivado soldado do front, esta repugnância ante o primeiro derramamento de sangue? Ou esteve ele tão cheio de um temperamento belicoso o qual o deixou desejar ardentemente a batalha, que ele conhecia através das narrações do pai?

49. Sentia o Presidente um sentimento de animosidade para com os soldados do outro lado do rio Paraguai? Ou concordou ele com o Barão do Rio Branco, que preferiu ao infrutífero derramamento de sangue a solução pacífica do incidente?

50. Sentiu-se o Presidente satisfeito ao saber da solução pacífica ou esteve ele decepcionado por não pode prover o seu ímpeto juvenil?

51. Qual a atitude dos soldados em geral para com o conflito? De que maneira consideraram eles o desfecho do incidente? Cumprimentaram-no ou deploraram-no?

52. Tornou-se lhe a baixa do exército, a despedida da vida militar, o retorno à vida civil, fácil ou difícil?

53. Que fez o Presidente no primeiro dia, resp. na primeira noite, como civil?

54. Voltou o Presidente para São Borja ou ficou ele em Porto Alegre?

ANEXO II - LISTA DOS ENTREVISTADOS POR FRISCHAUER

Nome	Capítulo	Profissão	Relação com Vargas
Manuel do Nascimento Vargas	II	General Honorário de Brigada; Estancieiro.	Pai de Getúlio Vargas. Chefe do PRR em São Borja; intendente de São Borja.
Manuel do Nascimento Vargas Neto	II XVII	Escritor	Sobrinho, filho de Protásio Vargas.
D. Sebastião Lemes	II	Cardeal do Rio de Janeiro	Responsável em estudar a linhagem dos Vargas.
Periando Mota (Periandro Dornelles Vargas)	III XII XVIII	Secretário e Auxiliar	Amigo de infância, estudaram juntos na escola de Francisco Braga; secretário de Getúlio Vargas, mas continuou em São Borja. Na biografia não é mencionado que é tio de Getúlio Vargas;
Cipriano Aragão	III	Comerciante (Armazém) em São Borja.	Amigo de infância do general Manuel do Nascimento Vargas.
Negro Amaro	III	Funcionário da estância, Santos Reis.	Trabalha para os Vargas, desde a infância de Getúlio; negro alforriado.
Gedeão do Nascimento	III	Peão na estância, Santos Reis.	Afilhado de Getúlio Vargas, amigo desde a infância.
Vicente Goulart.	IV	Estancieiro.	Amigo de infância; estudaram juntos na escola de Francisco Braga.

Genaro Bejarano	IV	Estancieiro	Amigo de Manuel do Nascimento Vargas.
Viriato Vargas	V XIV	Estancieiro; Prefeito de São Borja; Comerciante.	Irmão do Presidente; sócios em escritório de advocacia em São Borja.
Antônio Augusto Borges de Medeiros	IV VII VIII IX X XV XIX	Político; Chefe do PRR.	Primeiro chefe político; oferece o cargo de Deputado Estadual e Federal; chefia da de polícia do Rio Grande do Sul; predecessor na Presidência do Rio Grande do Sul; afastamento político dos Vargas; reaproximação política com os Vargas; apoia a Revolução de 1930; apoia os paulistas na Revolução Constitucionalista em 1932; concorre nas eleições em 1934 contra Getúlio; é exilado em Recife; volta para o Rio Grande do Sul, mas foi afastado da política.
Godofredo Camargo Bandeira	VI	Não foi possível descobrir.	Companheiro de Caserna, na Escola de Cadete de Rio Pardo; passou a ser segurança pessoal do presidente.
Coronel Antunes da Graça	VI	Militar	Companheiro de turno do serviço militar; Quando entrevistado, Comandante da Escola de Cadetes de Rio Pardo.
Emílio Carlucci	VI	Serviço Público: Arquivo Público de Porto Alegre.	Morava em casa de aluguel do tenente-coronel Mesquita; acompanhou Getúlio Vargas, desde os tempos de Preparatório do concurso para a Faculdade. Guardou documento sobre a vida pública de Getúlio como Segundo Promotor Público, e depois quando foi Presidente do Estado e do Brasil.

Manuel Duarte	VI XII XVI	Político	Amigo de mocidade; trabalharam juntos no jornal <i>O Debate</i> ; moraram juntos na Pensão Medeiros e cursaram o Direito em Porto Alegre; apoiou a Revolução de 1930; fornece documentos (correspondência) para Frischauer.
Ademar de Melo	VII	Comerciante em São Borja.	Estudou com Getúlio, na escola Francisco Braga.
Otelo Rosa	VII XIV XIX	Biógrafo de Júlio de Castilhos; Político; Secretário de Borges Medeiros.	Corresponde-se com o Ministro da Fazenda; Líder da Assembleia Riograndense; diretor de A Federação; foi contrário a Revolução de 1930; foi preso com Rebelde; é exonerados das funções públicas.
Germano Petersen	VII	Alfaiate	Costurou os primeiros ternos para o Presidente.
Odon Cavalcante	VII VIII X XI XIV	Político; Militar.	Amigo da Pensão Medeiros; na época da entrevista era Prefeito da cidade de Nova Hamburgo (RS); estudante da Escola Militar de Porto Alegre; testemunha sobre as preferências literárias de Getúlio; Redator de <i>O Debate</i> ; foi Deputado Estadual.
João Neves da Fontoura	VII VIII IX X XI XIII XIV	Político; Escritor; Jornalista	Participou do Bloco Acadêmico Castilhistas; redator de <i>A Federação</i> ; Deputado Estadual; vice-presidente da República do Rio Grande do Sul; líder gaúcho na Câmara Federal; articulador político do lançamento da candidatura de Getúlio Vargas; faz propaganda da Aliança Liberal no norte do Brasil; consultor jurídico do Banco do Brasil; participa da Revolução Constitucionalista de 1932;

	XV XVI XVII XVIII XXI		é exilado; reata amizade com Vargas e passa opõe-se à candidatura de Armando Sales.
André Carrazzoni	II VII XVII	Biógrafo de Vargas; Jornalista	Era partidário de Assis Brasil, secretário de Getúlio Vargas.
Jacinto Godoy	VIII	Médico	Redator do jornal <i>O Debate</i> ; Participou do Bloco Acadêmico Castilhistas.
Espártaco Vargas	IX XIII	Funcionário Público em Porto Alegre; Tenente do Corpo Provisório	Irmão de Getúlio.
Milton G. Dias.	X	Comerciante de lã, morava em Cachoeira	Cliente de Getúlio.
Protásio Vargas	XI	Político; Estancieiro.	Irmão e sócio, arrendaram a fazenda Santos Reis do pai.
João Floriano de	XI	Ex-funcionário da Câmara dos Deputados, na ocasião da	Era primo do presidente, filho de Deoclésio Dornelles Mota, delegado responsável em apurar a morte de Benjamim Torres; foi tesoureiro do

Souza Rocha		entrevista: DIP.	Banco Pelotense.
Paulino Morais	XI	Militar aposentado	Era estancieiro e correligionário do PRR; participou de todas as guerras civis ao lado dos Vargas.
Valder Sarmanho	XIII	Funcionário Público	Sobrinho e secretário particular.
João Batista Luzardo	XIV	Médico; Deputado Federal	Partidário de Assis Brasil e opositor do PRR; Foi um dos fundadores do Partido Libertador (PL); foi um dos articuladores da Frente única Gaúcha (FUG), que lançou Vargas à presidência; apoiou a Revolução de 1930; foi nomeado chefe da Polícia do Distrito Federal; demitiu-se do posto devido o empastelamento do Diário Carioca, apoiou a Constitucionalização no movimento liderado por São Paulo em 1932; foi exilado no Uruguai; volta ao Brasil em 1934 é eleito Deputado Federal; reaproxima-se de Vargas e apoia o Golpe de Estado em 1937; Ministro das Relações Exteriores em Buenos Aires.
Altino Arantes	XII	Deputado Federal	Paulista amigo de Getúlio e de Frischauer.
João Daudt de Oliveira	XIV	Advogado; Farmacêutico; Industrial	Estudou com Getúlio na Escola de Tática e de Tiro do Rio Pardo; estudou Direito em Porto Alegre na mesma turma do presidente; participou do Bloco Acadêmico Castilhistas; foi um dos articuladores da aliança entre Minas Gerais e Rio Grande do Sul, apoiou a Revolução de 1930; Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), fundação que foi muito importante para acordos

			comerciais em 1942 no período da Guerra.
Lord Beaverbrook	XIV	Proprietário de Jornais: Dally Express; Ministro da Produção Aeronáutica.	Testemunha sobre Flores da Cunha.
Andrade de Queiroz	XIV	Funcionário Público	Assessor do Presidente.
Luiza Aranha	XVII	Do lar	Mãe de Oswaldo Aranha, as reuniões sobre a Aliança Liberal eram realizadas em sua casa.
Lindolfo Collor	XVII XVIII	Farmacêutico; Jornalista; Deputado Federal; Ministro do Trabalho	Publicou os primeiros discursos; Apoiou a Revolução de 1930; Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio; contrário à participação dos tenentes no governo; demitiu-se devido ao empastelamento do Diário Carioca, apoiou a reconstitucionalização e a Revolução Constitucionalista de São Paulo de 1932; é exilado na Argentina; trabalho para os Diários Associados, publicou artigos contrários ao governo; em 1934, voltou ao Brasil; apoiou Armando Sales para a presidência; em 1937 foi novamente exilado; volta em 1941 e morreu em 1942.
Darci Lima Pinto	XVIII	Gerente do Banco do Comércio em São Borja	Gerente que cuida das aplicações da família Vargas.
Rubem Machado Rosa	XVII	Presidente do Tribunal de Contas	Auxiliou a Revolução de 1930 em Porto Alegre, na ocupação do 7.º Batalhão dos Caçadores. Na época era

			secretário particular de Oswaldo Aranha.
Moisés Velinho	XVII XX	Funcionário Público	Auxiliou na Revolução de 1930 em Porto Alegre, ajudou a ocupar o edifício do Correio; Secretário do Presidente.
Roberto Carneiro de Mendonça	XVIII	Major; Militar	Participou da Revolução de 1930 e na pacificação do Norte, foi interventor no Pará e no Maranhão.
Garçom do Restaurante Lido	XVIII	Garçom	Testemunha sobre a conversa ocorrida em 1932 entre os Ministros do governo e o jornalista J. E. de Macedo.
Mr. J. M. Bell	XXII	Presidente da Cia estrangeira Light & Power	Relações de Diplomáticas.
Benjamim Vargas	XXII	Deputado Estadual; Chefe da Guarda Pessoal do Presidente	Irmão de Getúlio Vargas, narrou a invasão do Palácio Guanabara pelos Integralistas.
Luis Vergara	XXII	Funcionário Público	Secretário do Presidente.
Mr. Jean Desy	XXIII	Ministro Plenipotenciário do Canadá	Relações Diplomáticas.
Jefferson Caffery	XXIII	Embaixador dos Estados Unidos da América	Relações Diplomáticas.
Sumner Welles	XXIII	Secretário de Estado norte-americano	Relações Diplomáticas.

Lourival Fontes	XXIII	Diretor do DIP	Amigo do Presidente.
Getúlio Vargas	I XX XXIII	Presidente do Brasil	Primeiro encontro: 3. ^a Conferência dos Chanceleres das Repúblicas Americanas; último encontro em 29 de janeiro de 1942.